TRADIÇÃO · RITUAL · HIERARQUIA

VIGILANTES

ENOQUE

RITUAIS, SISTEMAS E DADOS

Uma obra de referência completa sobre
a tradição dos Anjos Caídos do Livro de Enoque

ADRIANO BENEDET

1ª EDIÇÃO · 2026

VIGILANTES

RITUAIS, SISTEMAS E DADOS

Uma obra de referência completa sobre a tradição dos Anjos Caídos do Livro de Enoque

ADRIANO BENEDET

1ª edição · 2026

DEDICATÓRIA

À memória dos escribas anônimos — judeus, cristãos, gnósticos, maniqueístas e muçulmanos — que através dos séculos preservaram, traduziram e transmitiram a tradição dos Vigilantes, garantindo que estas palavras ecoassem através das eras.

A todos os que, como eu, sentem que há mais do que os olhos veem e que o conhecimento proibido é, por vezes, o único caminho para a verdadeira liberdade.

Ao meu pai, cuja presença silenciosa e firme me guiou em cada passo desta jornada. Sem ele, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu pai. Sua presença silenciosa e firme me guiou em cada passo desta jornada. Sem ele, sem sua confiança e sem o suporte que sempre me ofereceu — mesmo quando o caminho parecia obscuro — este livro jamais teria saído do papel. Ele é a âncora que me mantém firme e o vento que me impulsiona.

Agradeço também a tudo aquilo que anda comigo e me zela. Às forças invisíveis que protegem meus passos, às intuições que me conduzem às fontes certas, à corrente espiritual que me sustenta quando a busca se torna árdua, e aos guardiões silenciosos que velam por mim nos interstícios entre os mundos.

Agradeço à vasta comunidade de estudiosos que dedicaram suas vidas à pesquisa da tradição enoquiana, cujos trabalhos foram a base sólida sobre a qual este compêndio foi construído. Especialmente:

- A Andrei A. Orlov, cujos trabalhos sobre 2 Enoque e a tradição de Satanail iluminaram aspectos cruciais da evolução da história dos Vigilantes.
- A Loren T. Stuckenbruck, cuja edição crítica do Livro dos Gigantes estabeleceu a base para a compreensão moderna desta obra fascinante.
- A George W.E. Nickelsburg e James C. VanderKam, cujo comentário Hermeneia sobre 1 Enoque é a referência indispensável para qualquer estudioso da área.
- A Józef Tadeusz Milik, Henryk Drawnel, Martha Himmelfarb, Helen R. Jacobus, Alexander McCarron e todos os pesquisadores contemporâneos que continuam a lançar nova luz sobre a tradição dos Vigilantes.

- Às instituições que preservam e disponibilizam os manuscritos: o Leon Levy Dead Sea Scrolls Digital Library, o site 4enoch.org, e as bibliotecas que abrigam os fragmentos de Qumran e os códices ge'ez.
- A todos os buscadores, ocultistas e estudiosos independentes que, como eu, reconhecem a importância de resgatar este conhecimento das sombras da história.

Por fim, agradeço à memória dos escribas anônimos de todas as tradições que preservaram estas palavras através dos séculos, garantindo que a chama do conhecimento nunca se apagasse.

Que este trabalho seja uma ponte entre o passado e o futuro, entre o conhecimento proibido e a liberdade de buscá-lo.

EPÍGRAFE

"E eles eram, todos eles, duzentos, que desceram nos dias de Jared sobre o cume do Monte Hermon, e chamaram-lhe Monte Hermon, porque nele haviam jurado e se ligado por mútuas imprecações."

1 ENOQUE 6:6 (TRADUÇÃO DO GE'EZ)

"O conhecimento proibido está no centro do Livro de Enoque. E ele capturou e comandou interesse pelos últimos dois mil anos."

HAROLD ROTH, THE FORBIDDEN KNOWLEDGE OF THE BOOK OF ENOCH (2024)

"O caminho do buscador não é pavimentado com certezas, mas com perguntas que resistem ao silêncio."

ADRIANO BENEDET

NOTA DO AUTOR

Desde criança, senti que o mundo visível era apenas uma fração da realidade. Enquanto outros encontravam respostas prontas em dogmas e tradições estabelecidas, eu encontrava perguntas que ecoavam no vazio — perguntas sobre a origem do mal, a natureza dos seres celestiais, e o conhecimento que as instituições religiosas preferiam manter enterrado.

Minha jornada me levou a lugares espirituais de todos os tipos: do ocultismo clássico às tradições afro-brasileiras, do hermetismo à cabala prática, da magia cerimonial à bruxaria tradicional. Em cada um desses caminhos, encontrei fragmentos de uma mesma história — a história dos Vigilantes, os anjos que desceram à Terra, transgrediram sua natureza e trouxeram conhecimento proibido à humanidade.

Este compêndio é o resultado de anos de pesquisa, leitura, prática e reflexão. Não é uma obra de ficção, nem um tratado teológico no sentido tradicional. É uma obra de referência — um mapa para aqueles que desejam navegar pela complexa tradição dos Vigilantes em todas as suas camadas: textual, histórica, teológica, rabínica, islâmica, gnóstica, maniqueísta e oculta.

Ao longo destas páginas, procurei dar os devidos créditos a cada fonte, a cada estudioso, a cada tradição que contribuiu para a preservação e transmissão deste conhecimento. Não há apropriação indevida aqui — há reverência e reconhecimento.

Este livro é dedicado a todos os que, como eu, sentem que o conhecimento não deve ser aprisionado por dogmas, mas sim iluminado pela busca sincera. Que os Vigilantes — em sua complexidade, ambivalência e poder duradouro — continuem a desafiar, inspirar e transformar todos aqueles que se dedicam a estudá-los.

Adriano Benedet 2026

ABREVIATURAS & SIGLAS

1 En. — 1 Enoque (Livro Etíope de Enoque)

2 En. — 2 Enoque (Livro Eslavo de Enoque / Segredos de Enoque)

3 En. — 3 Enoque (Livro Hebraico de Enoque / Sefer Hekhalot)

BW — Book of the Watchers (Livro dos Vigilantes — 1 En. 1-36)

DSS — Dead Sea Scrolls (Manuscritos do Mar Morto / Pergaminhos de Qumran)

EOTC — Ethiopian Orthodox Tewahedo Church (Igreja Ortodoxa Etíope)

Ge'ez — Língua litúrgica da Etiópia (antigo etíope)

Jub. — Livro dos Jubileus

NHC — Nag Hammadi Codices (Códices de Nag Hammadi)

OTP — Old Testament Pseudepigrapha (Pseudepígrafos do Antigo Testamento)

P.Oxy. — Papiro de Oxirrinco

Qumran — Sítio arqueológico onde os Pergaminhos do Mar Morto foram encontrados

Sir. — Língua Siríaca

Sync. — George Syncellus (historiador bizantino)

MANUSCRITOS DE QUMRAN (1 ENOQUE E LIVRO DOS GIGANTES)

4Q201 — 4QEn^{a} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q202 — 4QEn^{b} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q203 — 4QEnGiants^{a} (Livro dos Gigantes)

4Q204 — 4QEn^{c} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q205 — 4QEn^{d} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q206 — 4QEn^{e} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q207 — 4QEn^{f} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q212 — 4QEn^{g} (fragmentos de 1 Enoque)

4Q530 — 4QEnGiants^{b} (Livro dos Gigantes)

4Q531 — 4QEnGiants^{c} (Livro dos Gigantes)

4Q532 — 4QEnGiants^{d} (Livro dos Gigantes)

4Q533 — 4QEnGiants^{e} (Livro dos Gigantes)

1Q19 — Fragmento do Livro dos Gigantes (Caverna 1)

1Q20 — Fragmento do Livro dos Gigantes (Caverna 1)

2Q26 — Fragmento do Livro dos Gigantes (Caverna 2)

6Q8 — Fragmento do Livro dos Gigantes (Caverna 6)

XQpapEnoch — Fragmento de papiro de 1 Enoque 8:4-9:3 (descoberto em 2004)

CODEX GREGO

Codex Panop. — Codex Panopolitanus (Papiro de Gizeh / Cairo Papyrus 10759)

EDIÇÕES CRÍTICAS

RH Charles — Robert Henry Charles (edição de 1906)

Hern. — Hermeneia Commentary (Nickelsburg & VanderKam)

SUMÁRIO

PARTE I · INTRODUÇÃO — ESTRUTURA HIERÁRQUICA ... 21

1.1 — O QUE SÃO OS VIGILANTES ... 22
1.2 — A ESTRUTURA DE COMANDO — 200 ANJOS, 20 LÍDERES ... 25
1.3 — ETIMOLOGIA DO TERMO "VIGILANTE" ... 25
1.4 — ORIGEM DO TERMO "GRIGORI" E A TRADIÇÃO ESLAVA ... 27
1.5 — AS FONTES PRIMÁRIAS — PANORAMA TEXTUAL COMPLETO ... 29
1.6 — DATAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO ... 34
1.7 — INFLUÊNCIA E RECEPÇÃO — DO JUDAÍSMO AO OCULTISMO ... 35
1.8 — O MONTE HERMON — O LOCAL DO JURAMENTO ... 39
1.9 — O PAPEL DOS ARCANJOS NO JULGAMENTO DOS VIGILANTES ... 40
1.10 — O CONCEITO DE "SEGREDOS" NA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES ... 41

PARTE II · FONTES PRIMÁRIAS — CATALOGAÇÃO COMPLETA ... 43

2.0 — INTRODUÇÃO À CATALOGAÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS ... 44
2.1 — A TRADIÇÃO EM GE'EZ (ETÍOPE) — O TESTEMUNHO COMPLETO ... 44
2.2 — A TRADIÇÃO ARAMAICA — OS FRAGMENTOS DE QUMRAN ... 47
2.3 — A TRADIÇÃO GREGA — TESTEMUNHAS DO TEXTO ANTIGO ... 50
2.4 — A TRADIÇÃO ESLAVA (2 ENOQUE) — OS GRIGORI DE SATANAIL ... 52
2.5 — A TRADIÇÃO HEBRAICA (3 ENOQUE) — METATRON E A MÍSTICA MERKAVAH ... 55
2.6 — O LIVRO DOS JUBILEUS — A PERSPECTIVA DO ANJO DA PRESENÇA ... 57
2.7 — O LIVRO DOS GIGANTES — A PROLE DOS VIGILANTES ... 58

2.8 — A TRADIÇÃO SIRÍACA — O FRAGMENTO DE MIGUEL, O GRANDE 60
2.9 — A TRADIÇÃO LATINA — FRAGMENTOS E CITAÇÕES PATRÍSTICAS 61
2.10 — A TRADIÇÃO COPTA — FRAGMENTOS DO 2 ENOQUE 63
2.11 — A TRADIÇÃO ARMÊNIA — ENOQUE NO CRISTIANISMO ORIENTAL 63
2.12 — TABELA COMPARATIVA DAS TRADIÇÕES TEXTUAIS 63
2.13 — CONCLUSÃO DA CATALOGAÇÃO 64

PARTE III · DATAÇÃO E AUTORIA — DEBATE ACADÊMICO 66

3.0 — INTRODUÇÃO AO DEBATE ACADÊMICO SOBRE DATAÇÃO E AUTORIA 67
3.1 — A DATAÇÃO DO LIVRO DOS VIGILANTES — PANORAMA GERAL 67
3.2 — A NATUREZA COMPÓSITA DO LIVRO DOS VIGILANTES 70
3.3 — AUTORIA — O PROBLEMA DA PSEUDEPIGRAFIA 71
3.4 — A LÍNGUA ORIGINAL — O DEBATE ARAMAICO × HEBRAICO × GE'EZ 73
3.5 — O CONTEXTO HISTÓRICO — O JUDAÍSMO DO SEGUNDO TEMPLO 75
3.6 — O DEBATE SOBRE A DATAÇÃO DO LIVRO DAS PARÁBOLAS E SUA RELAÇÃO COM O LIVRO DOS VIGILANTES 77
3.7 — ESTUDOS RECENTES E NOVAS PERSPECTIVAS (2024-2026) 78
3.8 — TABELA COMPARATIVA DAS PROPOSTAS DE DATAÇÃO 79
3.9 — CONCLUSÃO — O ESTADO ATUAL DO DEBATE 80

PARTE IV · A QUEDA DOS VIGILANTES — NARRATIVA COMPLETA 82

4.0 — INTRODUÇÃO À NARRATIVA DA QUEDA 83
4.1 — O CONTEXTO — A BÊNÇÃO DE ENOQUE E O ANÚNCIO DO JUÍZO (1 ENOQUE 1-5) 84
4.2 — A CONSPIRAÇÃO E O JURAMENTO (1 ENOQUE 6) 85
4.3 — O MONTE HERMON — SIGNIFICADO GEOGRÁFICO E TEOLÓGICO 88
4.4 — A UNIÃO COM AS FILHAS DOS HOMENS (1 ENOQUE 6-7) 89
4.5 — OS ENSINAMENTOS PROIBIDOS (1 ENOQUE 7-8) 91

4.6 — A QUEIXA DA HUMANIDADE E A INTERVENÇÃO DOS ARCANJOS (1 ENOQUE 9) 93
4.7 — O JULGAMENTO DIVINO (1 ENOQUE 10) 94
4.8 — O PAPEL DE ENOQUE — INTERCESSOR E MENSAGEIRO (1 ENOQUE 12-16) 97
4.9 — AS VISÕES DE ENOQUE (1 ENOQUE 17-36) 99
4.10 — A NARRATIVA COMO CONTRA-NARRATIVA MESOPOTÂMICA 100
4.11 — A INFLUÊNCIA DA NARRATIVA DA QUEDA 102
4.12 — TABELA CRONOLÓGICA DA NARRATIVA DA QUEDA 103
4.13 — CONCLUSÃO — A QUEDA COMO MITO FUNDACIONAL 104

PARTE V · OS 20 LÍDERES DOS VIGILANTES — LISTA COMPLETA 106

5.0 — INTRODUÇÃO — A HIERARQUIA DOS CAÍDOS 107
5.1 — A LISTA DE 1 ENOQUE 6:7-8 — TEXTO E TRADIÇÕES 108
5.2 — TABELA COMPLETA DOS 20 LÍDERES — VISÃO GERAL 108
5.3 — ANÁLISE DETALHADA DE CADA LÍDER 109
5.4 — A LISTA ALTERNATIVA DE 1 ENOQUE 69:2 119
5.5 — A LISTA DA TRADIÇÃO ESLAVA (2 ENOQUE 7:9) 120
5.6 — NOMES ADICIONAIS DE VIGILANTES EM OUTRAS FONTES 121
5.7 — ANÁLISE FILOLÓGICA DOS NOMES — PADRÕES E SIGNIFICADOS 122
5.8 — A FUNÇÃO DOS NOMES NA NARRATIVA DOS VIGILANTES 124
5.9 — TABELA COMPARATIVA DAS TRÊS LISTAS PRINCIPAIS 124
5.10 — CONCLUSÃO — OS NOMES COMO CHAVE TEOLÓGICA 125

PARTE VI · OS SEGREDOS DOS VIGILANTES — CATALOGAÇÃO COMPLETA 127

6.0 — INTRODUÇÃO — A NATUREZA DOS SEGREDOS PROIBIDOS 128
6.1 — AZAZEL (ASAEL) — O GRANDE CORRUPTOR 129
6.2 — SAMYAZA (SHEMIHAZAH) — O MESTRE DA MAGIA 131
6.3 — ARMAROS — O RESOLVEDOR DE ENCANTAMENTOS 132
6.4 — HERMANAI — O FEITICEIRO 133
6.5 — BARAQIEL — O ASTRÓLOGO 134
6.6 — KOKABIEL — O SENHOR DAS ESTRELAS 135

6.7 — EZEQEEL (CHAZAQIEL) — O MESTRE DAS NUVENS 136
6.8 — SHAMSIEL (SAMSAPEEL) — O SENHOR DO SOL 136
6.9 — SARIEL (SARAQAEL) — O SENHOR DA LUA 137
6.10 — ARAQIEL (ARAKIEL) — O SENHOR DOS SINAIS DA TERRA 138
6.11 — PENEMUE — O TRANSMISSOR DA ESCRITA 139
6.12 — GADREEL — O MESTRE DAS ARMAS E COSMÉTICOS 140
6.13 — KASDEJA (TAMIEL) — O SENHOR DOS GOLPES DEMONÍACOS 141
6.14 — ZIQEL — O SENHOR DOS METEOROS 142
6.15 — ARTEFOPH — O SENHOR DOS SINAIS DA TERRA 142
6.16 — TAMIEL — A VISÃO DOS ASTROS 143
6.17 — RAMEEL E RAMIEL — OS TROVÕES DE DEUS 144
6.18 — DANEL — O ENSINADOR DOS SINAIS DO SOL 145
6.19 — YEQON — O INSTIGADOR DA QUEDA 145
6.20 — ASBEEL — O CONSELHEIRO MALIGNO 146
6.21 — O FRAGMENTO ARAMAICO 4Q201 E OS ENSINAMENTOS DOS VIGILANTES 146
6.22 — TABELA COMPLETA DOS ENSINAMENTOS DOS VIGILANTES 147
6.23 — A TEOLOGIA DOS SEGREDOS — CONHECIMENTO PROIBIDO COMO TRANGRESSÃO 148
6.24 — A RECEPÇÃO DOS ENSINAMENTOS DOS VIGILANTES 150
6.25 — CONCLUSÃO — OS SEGREDOS COMO CHAVE TEOLÓGICA 151

PARTE VII · O JULGAMENTO DOS VIGILANTES 152

7.0 — INTRODUÇÃO — A JUSTIÇA DIVINA COMO RESPOSTA À CORRUPÇÃO 153
7.1 — A INTERVENÇÃO DIVINA — O CONSELHO CELESTIAL E A VOZ DO ALTÍSSIMO (1 EN. 10:1-3) 154
7.2 — O JULGAMENTO DE AZAZEL — O GRANDE CORRUPTOR (1 EN. 10:4-8) 155
7.3 — A DESTRUIÇÃO DOS NEFILINS (1 EN. 10:9-10) 158
7.4 — O APRISIONAMENTO DE SHEMIHAZAH E SEUS SEGUIDORES (1 EN. 10:11-14) 159
7.5 — A DESTRUIÇÃO DOS ESPÍRITOS DOS RÉPROBOS (1 EN. 10:15) 161
7.6 — A PURIFICAÇÃO DA TERRA E A PROMESSA DE RESTAURAÇÃO (1 EN. 10:16-22) 162

7.7 — O PAPEL DE ENOQUE — INTERCESSOR E MENSAGEIRO (1 EN. 12-16) 164
7.8 — A ORIGEM DOS DEMÔNIOS — OS ESPÍRITOS DOS GIGANTES (1 EN. 15:8-12) 166
7.9 — O JULGAMENTO DOS VIGILANTES NO LIVRO DOS JUBILEUS 168
7.10 — O JULGAMENTO DOS VIGILANTES EM 2 ENOQUE — A TRADIÇÃO DE SATANAIL 169
7.11 — O JULGAMENTO DOS VIGILANTES NO NOVO TESTAMENTO 171
7.12 — TABELA COMPARATIVA DOS JULGAMENTOS 172
7.13 — CONCLUSÃO — O JULGAMENTO COMO RESTAURAÇÃO DA ORDEM CÓSMICA 173

PARTE VIII · O PAPEL DE ENOQUE — INTERCESSOR E MENSAGEIRO / E AS VISÕES DE ENOQUE (1 ENOQUE 12-36) 175

8.0 — INTRODUÇÃO — ENOQUE COMO PONTE ENTRE O CÉU E A TERRA 176
8.1 — A MISSÃO DE INTERCESSÃO — ENOQUE COMO ESCRIBA DE JUSTIÇA (1 EN. 12-13) 177
8.2 — A VISÃO DO TRONO — A ASCENSÃO DE ENOQUE AO CÉU (1 EN. 14) 179
8.3 — A REJEIÇÃO DA INTERCESSÃO — A RESPOSTA DIVINA (1 EN. 15-16) 181
8.4 — AS JORNADAS DE ENOQUE — VISÕES CÓSMICAS (1 EN. 17-36) 183
8.5 — A REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS 12-36 186
8.6 — A INFLUÊNCIA DOS CAPÍTULOS 12-36 NAS TRADIÇÕES POSTERIORES 188
8.7 — TABELA CRONOLÓGICA DOS CAPÍTULOS 12-36 189
8.8 — TABELA COMPARATIVA DAS TRÊS JORNADAS DE ENOQUE 190
8.9 — CONCLUSÃO — ENOQUE COMO ARQUÉTIPO DO JUSTO 191

PARTE IX · OS VIGILANTES EM 2 ENOQUE — A TRADIÇÃO DE SATANAIL 193

9.0 — INTRODUÇÃO — UMA TRADIÇÃO DISTINTA DOS VIGILANTES 194
9.1 — O TERMO "GRIGORI" EM 2 ENOQUE — ORIGEM E SIGNIFICADO 195

9.2 — SATANAIL — O PRÍNCIPE DOS GRIGORI 196
9.3 — OS GRIGORI NO QUINTO CÉU — O ENCONTRO DE ENOQUE 198
9.4 — O ARREPENDIMENTO DOS GRIGORI — A INTERVENÇÃO DE ENOQUE 200
9.5 — A COMPARAÇÃO ENTRE 1 ENOQUE E 2 ENOQUE — CONTRASTES TEOLÓGICOS 202
9.6 — AS RECENSÕES DE 2 ENOQUE E A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES 204
9.7 — OS FRAGMENTOS COPTAS DE 2 ENOQUE — NOVAS PERSPECTIVAS 205
9.8 — A INFLUÊNCIA DE 2 ENOQUE NAS TRADIÇÕES POSTERIORES 206
9.9 — TABELA COMPARATIVA — 1 ENOQUE × 2 ENOQUE × 3 ENOQUE 207
9.10 — A TRADIÇÃO DE SATANAIL NA PESQUISA ACADÊMICA CONTEMPORÂNEA 208
9.11 — TABELA DE MANUSCRITOS DE 2 ENOQUE COM TRADIÇÃO DOS VIGILANTES 209
9.12 — CONCLUSÃO — 2 ENOQUE COMO UMA REINTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA 210

PARTE X · PERSPECTIVAS OCULTAS DOS VIGILANTES 212

10.0 — INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NA TRADIÇÃO ESOTÉRICA OCIDENTAL 213
10.1 — TORRES DE VIGIA ENOQUIANAS — OS GUARDIÕES DOS QUADRANTES 214
10.2 — CATALISADORES EVOLUTIVOS — O DESPERTAR DA AUTOCONSCIÊNCIA 217
10.3 — CORRENTES CÓSMICAS — ENTROPIA, CAOS ORDENADO E GRAVIDADE ESTELAR 220
10.4 — CONSCIÊNCIA TELÚRICA — O GENIUS LOCI E AS ENERGIAS ANCESTRAIS 222
10.5 — GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS ASSOCIADOS AOS VIGILANTES 224
10.6 — OFERENDAS E ASSOCIAÇÕES PRÁTICAS 228
10.7 — TABELA COMPARATIVA DAS PERSPECTIVAS OCULTAS 229
10.8 — TABELA DE GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS ASSOCIADOS 230
10.9 — CONCLUSÃO — OS VIGILANTES COMO ARQUÉTIPOS OCULTOS 230

PARTE XI · GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS ASSOCIADOS 233

11.0 — INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NA TRADIÇÃO GRIMORIAL 234

11.1 — O GRIMÓRIO SECRETO DE TURIEL — THE SECRET GRIMOIRE OF TURIEL 235

11.2 — O SISTEMA DE MAGIA DE AZAZEL — MAGIA DE AZAZEL (TESLA DI MURBOX) 237

11.3 — FALLEN ANGELS: WATCHERS AND THE WITCHES SABBAT (MICHAEL W. FORD) 239

11.4 — THE BOOK OF AZAZEL: GRIMOIRE OF THE DAMNED (E.A. KOETTING) 240

11.5 — THE FORBIDDEN KNOWLEDGE OF THE BOOK OF ENOCH (HAROLD ROTH, 2024) 241

11.6 — OUTROS GRIMÓRIOS E OBRAS ASSOCIADAS 243

11.7 — A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES NA PESQUISA ACADÊMICA CONTEMPORÂNEA 244

11.8 — TABELA COMPARATIVA DOS GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS 245

11.9 — OFERENDAS E ASSOCIAÇÕES PRÁTICAS NA TRADIÇÃO GRIMORIAL 245

11.10 — A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES E A MAGIA ENOQUIANA DE JOHN DEE 246

11.11 — CONCLUSÃO — OS GRIMÓRIOS COMO RECEPÇÃO DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES 247

PARTE XII · FONTES ACADÊMICAS E ESTUDOS RECENTES (2024-2026) 249

12.0 — INTRODUÇÃO — O RENASCIMENTO DOS ESTUDOS ENOQUIANOS 250

12.1 — ESTUDOS DE CRÍTICA TEXTUAL E HISTÓRIA DA TRANSMISSÃO (2024-2026) 251

12.2 — ESTUDOS COMPARATIVOS E CONTEXTO HISTÓRICO (2024-2026) 253

12.3 — ESTUDOS DE ANÁLISE LITERÁRIA E TEOLÓGICA (2024-2026) 255

12.4 — ESTUDOS SOBRE A RECEPÇÃO E INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES 256

12.5 — NOVAS DESCOBERTAS E MÉTODOS (2024-2026) 258

12.6 — ESTUDOS EM LÍNGUAS PORTUGUESA E ESPANHOLA (2024-2026) 259
12.7 — ESTUDOS EM FRANCÊS, ALEMÃO E ITALIANO (2024-2026) 260
12.8 — ESTUDOS EM LÍNGUAS ORIENTAIS (2024-2026) 261
12.9 — RECURSOS E BIBLIOTECAS DIGITAIS PARA PESQUISA 261
12.10 — TABELA CRONOLÓGICA DOS ESTUDOS RECENTES (2024-2026) 262
12.11 — PRINCIPAIS PESQUISADORES E INSTITUIÇÕES (2024-2026) 263
12.12 — CONCLUSÃO — O FUTURO DOS ESTUDOS ENOQUIANOS 264

PARTE XIII · FONTES, BIBLIOGRAFIA E RECURSOS PARA PESQUISA 266

13.0 — INTRODUÇÃO — UM GUIA PARA O ESTUDO DOS VIGILANTES 267
13.1 — FONTES PRIMÁRIAS — OS TEXTOS FUNDAMENTAIS 267
13.2 — EDIÇÕES CRÍTICAS E TRADUÇÕES 269
13.3 — COMENTÁRIOS E ESTUDOS ACADÊMICOS 271
13.4 — ESTUDOS RECENTES (2024-2026) 273
13.5 — RECURSOS ONLINE E BIBLIOTECAS DIGITAIS 275
13.6 — LIVROS RECOMENDADOS — UMA SELEÇÃO CURADA 276
13.7 — ÍNDICE REMISSIVO DE REFERÊNCIAS 278
13.8 — CONCLUSÃO — A JORNADA CONTINUA 279

MATERIAL COMPLEMENTAR 281

A — O LIVRO DOS GIGANTES — VERSÃO EXPANDIDA 282
A.1 — INTRODUÇÃO — UM TEXTO PERDIDO E REENCONTRADO 282
A.2 — OS FRAGMENTOS DE QUMRAN — CATÁLOGO COMPLETO 282
A.3 — O LIVRO DOS GIGANTES NA TRADIÇÃO MANIQUEÍSTA 285
A.4 — ESTUDOS RECENTES (2024-2026) 286
A.5 — BIBLIOGRAFIA DO LIVRO DOS GIGANTES 286
B — A TRADIÇÃO ISLÂMICA — HARUT, MARUT, IBLIS, JINN 288
B.1 — INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NO ALCORÃO 288
B.2 — O VERSÍCULO CORÂNICO (SURA 2:102) 288
B.3 — A EXEGESE ISLÂMICA — METODOLOGIAS COMPARADAS 289

B.4 — A TRADIÇÃO ISRĀʾĪLIYYĀT 290
B.5 — A CONEXÃO COM A TRADIÇÃO ENOQUIANA 290
B.6 — AL-KALBI E A CONEXÃO COM 3 ENOQUE 291
B.7 — A FIGURA DE IBLIS 291
B.8 — BIBLIOGRAFIA DA TRADIÇÃO ISLÂMICA 291
C — A TRADIÇÃO RABÍNICA — MIDRASH, TALMUD, EXEGESE 293
C.1 — INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NO JUDAÍSMO RABÍNICO 293
C.2 — O MIDRASH DE SHEMHAZAI E AZAEL (BERESHIT RABBATI) 293
C.3 — O TALMUDE BABILÔNICO (YOMA 67B) 294
C.4 — VERSÕES HEBRAICAS NEGLIGENCIADAS 295
C.5 — BIBLIOGRAFIA DA TRADIÇÃO RABÍNICA 295
D — GNOSTICISMO E MANIQUEÍSMO 296
D.1 — INTRODUÇÃO — A RECEPÇÃO VALENTINIANA 296
D.2 — VALENTINO E O FRAGMENTO 1 (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, STROMATA II.36.2-4) 296
D.3 — A RECEPÇÃO COPTA DE 1 ENOQUE 297
D.4 — O MANIQUEÍSMO E O LIVRO DOS GIGANTES 297
D.5 — BIBLIOGRAFIA DO GNOSTICISMO E MANIQUEÍSMO 298
E — CULTURA POPULAR (2024-2026) 299
E.1 — INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NO IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO 299
E.2 — CINEMA (2024-2026) 299
E.3 — LITERATURA (2024-2026) 300
E.4 — SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS (2024-2026) 301
E.5 — PODCASTS (2024-2026) 301
E.6 — BIBLIOGRAFIA DA CULTURA POPULAR 301
F — TABELAS SINÓTICAS EXPANDIDAS 302
F.1 — TABELA COMPARATIVA DOS FRAGMENTOS DO LIVRO DOS GIGANTES 302
F.2 — TABELA COMPARATIVA DAS INTERPRETAÇÕES DE HARUT E MARUT 302
F.3 — TABELA COMPARATIVA — VIGILANTES NO JUDAÍSMO × CRISTIANISMO × ISLÃ 303
F.4 — CRONOLOGIA DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES — ATUALIZADA 303

G — GLOSSÁRIO EXPANDIDO 305
G.1 — TERMOS ARAMAICOS E HEBRAICOS 305
G.2 — TERMOS GREGOS 305
G.3 — TERMOS ÁRABES 305
G.4 — TERMOS ESLAVOS 306
G.5 — TERMOS PERSA MÉDIO E PARTA 306

BIBLIOGRAFIA GERAL 307

ÍNDICE REMISSIVO 311

POSFÁCIO 313

VIGILANTES · PARTE I

I

INTRODUÇÃO — ESTRUTURA HIERÁRQUICA

1.1 O QUE SÃO OS VIGILANTES

A tradição dos Vigilantes é uma das mais antigas, influentes e complexas do judaísmo do Segundo Templo, cristianismo primitivo e ocultismo ocidental. Sua história é a de uma transgressão celeste que ecoa através dos milênios.

Os Vigilantes — também chamados de Grigori, Sentinelas ou "os que vigiam" — são, em sua essência, um grupo de 200 anjos que, segundo a narrativa do Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36), abandonaram sua habitação celestial e desceram à Terra. Originalmente designados para "observar" a humanidade, eles cederam ao desejo pelas "filhas dos homens" e transgrediram sua natureza, cometendo dois pecados fundamentais: a união carnal com humanas e o ensino de segredos celestiais proibidos.

A narrativa é uma elaboração do enigmático episódio bíblico em Gênesis 6:1-4, onde os "filhos de Deus" (בְּנֵי הָאֱלֹהִים, bənê hā'ĕlōhîm) tomam as "filhas dos homens" (בְּנוֹת הָאָדָם, bənôṯ hā'āḏām) como esposas, gerando os Nefilins (הַנְּפִלִים), os "heróis da antiguidade, homens de renome". O Livro dos Vigilantes expande este versículo em uma história detalhada de rebelião, corrupção, julgamento e dilúvio, tornando-se o mais antigo apocalipse existente.

1.1.1 A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES COMO CONTRA-NARRATIVA MESOPOTÂMICA

Pesquisas recentes (2024) demonstraram de forma conclusiva que a história dos Vigilantes se origina como uma contra-narrativa às tradições mesopotâmicas sobre os sábios antediluvianos, os apkallus. Os textos existentes do judaísmo enoquiano apresentam relatos sobre a história primitiva da humanidade que utilizam motivos familiares da historiografia mesopotâmica antiga.

O mito de Adapa em acádio oferece uma versão da narrativa em que o sábio foi promovido no céu a um status divino, conceito corroborado por uma entrada no compêndio cuneiforme Tintir e na Crônica de Esagila. Esta tradição também associou Adapa ao sobrevivente do dilúvio imortalizado. Na forma de uma contra-narrativa, os textos enoquianos do judaísmo atribuíram a assunção celestial a Enoque e apresentaram os Vigilantes como as entidades demoníacas subordinadas a ele.

A queda dos Vigilantes, a promoção de Enoque e a batalha primordial contra as forças do mal são retratadas no Apocalipse dos Animais de 1 Enoque 85-90. Um cenário muito semelhante é encontrado na Crônica de Esagila, que descreve a história primitiva da humanidade a partir da perspectiva babilônica. Pode-se demonstrar que o Apocalipse dos Animais usa esta ou uma fonte historiográfica cuneiforme semelhante como base de sua contra-narrativa.

Os autores de Gênesis 1-11 responderam ao seu encontro com fontes mesopotâmicas usando três formas principais de adaptação: inclusão, emulação e supersessão. A tradição dos Vigilantes representa uma estratégia sofisticada de reapropriação cultural, onde o conhecimento dos sábios mesopotâmicos é reinterpretado como conhecimento ilícito transmitido por seres caídos.

1.1.2 A NATUREZA DO PECADO DOS VIGILANTES

Estudos acadêmicos recentes distinguem duas vertentes principais de pecado na narrativa de 1 Enoque 6-11:

1. A história de Shemihazah (Samyaza) — ligada a pecados sexuais, impureza, derramamento de sangue e corrupção da humanidade através da união híbrida.
2. A história de Azazel (Asael) — focada na revelação de segredos celestiais e ensinamentos proibidos, incluindo metalurgia, cosméticos, magia e astrologia.

Esta dupla estrutura é fundamental para compreender a natureza do pecado dos Vigilantes. Enquanto 2 Enoque se concentra na violação de fronteiras ontológicas entre o incorpóreo e o corpóreo, a narrativa em 1 Enoque está preocupada com a ruptura de fronteiras epistemológicas e a transmissão ilícita de conhecimento.

1.1.3 A EVOLUÇÃO TEXTUAL DA TEOFANIA ENOQUIANA

Em sua monografia seminal Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9 (Brill, 2024, 502 pp.), Alexander McCarron demonstra que a teofania enoquiana não era uma composição fixa ou estática, mas um texto dinâmico que se desenvolveu em diálogo com as estruturas interpretativas das comunidades que o transmitiram e receberam.

McCarron argumenta que as versões grega e etíope da teofania não devem ser vistas como janelas diretas para um "original" aramaico do Livro dos Vigilantes do período do Segundo Templo. Em vez disso, devem ser abordadas como parceiras de diálogo, ajudando a lançar luz sobre um discurso teofânico judaico antigo mais amplo e sua revitalização em contextos hermenêuticos cristãos posteriores.

McCarron não tenta reconstruir um único "urtexto" ou "texto inicial" da teofania enoquiana. Em vez disso, ele destaca os diversos contextos sociolinguísticos, sociorreligiosos e hermenêuticos que moldaram a transmissão, tradução e recepção do texto. Empregando metodologias texto-críticas retrospectivas e prospectivas, McCarron traça o desenvolvimento da teofania enoquiana através de estágios distintos de transmissão textual. Ele problematiza classificações tradicionais como "pseudepígrafo", "deuterocanônico", "apócrifo", "parabíblico" e "Bíblia reescrita", pois esses rótulos muitas vezes implicam um status derivado ou diminuído em relação aos textos canônicos. Tais categorizações, argumenta ele, moldam expectativas interpretativas e correm o risco de obscurecer a autonomia discursiva e a autoridade dos próprios textos enoquianos.

1.2 A ESTRUTURA DE COMANDO — 200 ANJOS, 20 LÍDERES

Um dos equívocos mais comuns na leitura do Livro de Enoque é confundir a lista dos 20 nomes do capítulo 6 com o total de anjos caídos. O texto é claro ao estabelecer uma estrutura militar precisa.

O total de 200 Vigilantes que desceu ao monte Hermon foi dividido em 20 grupos de 10, cada um comandado por um "chefe de dezena". O versículo é taxativo em 1 Enoque 6:7-8 (tradução do Ge'ez): "E estes são os nomes de seus líderes: Samîazâz, seu líder, Arâkîba, Râmêêl, Kôkabîêl, Tâmîêl, Râmîêl, Dânêl, Êzêqêêl, Barâqîjâl, Asâêl, Armârôs, Batârêl, Anânêl, Zaqîêl, Samsâpêêl, Satarêl, Tûrêl, Jômjâêl, Sariêl." E, em seguida, reforça: "Estes são os seus chefes de dezenas." A lista, portanto, representa exclusivamente o alto escalão — os generais — e não a totalidade do exército caído.

Esta estrutura hierárquica revela um aspecto crucial da cosmologia enoquiana: a queda não foi um ato de desobediência individual, mas uma rebelião orquestrada, planejada e executada sob uma cadeia de comando. O líder máximo, Samyaza, é o primeiro a temer as consequências e exige um juramento coletivo no cume do monte Hermon. É a união sob juramento que transforma duzentos anjos em uma legião unificada de transgressores.

A lista de 20 líderes também aparece em 1 Enoque 69:2, onde são mencionados com algumas variações de nome. O estudo filológico dos nomes dos vinte Vigilantes no livro de Enoque e sua tradição manuscrita desenvolveu-se até onde as fontes existentes permitem. A análise dos nomes revela frequentemente suas funções e áreas de especialização — como Kokabiel (do hebraico kokhav, "estrela"), Baraqiel (do hebraico baraq, "relâmpago"), e Shamsiel (do hebraico shemesh, "sol").

1.3 ETIMOLOGIA DO TERMO "VIGILANTE"

A palavra "Vigilante" carrega em si séculos de traduções e adaptações linguísticas, cada qual adicionando uma nuance à compreensão desses seres.

1.3.1 GREGO KOINÉ (ἐγρήγοροι, EGREGOROI)

"Os que vigiam" ou "os que estão despertos". Diferentemente dos anjos que habitam o repouso da presença divina, os egregoroi são caracterizados por um estado de alerta perpétuo — uma vigília sobre a criação. O paradoxo é que, apesar de estarem "despertos", eles se cegaram para a vontade do Criador. O termo grego aparece nas versões gregas do Livro dos Vigilantes preservadas por George Syncellus e no Papiro de Gizeh.

1.3.2 LATIM (VIGILANTES)

Mantém a mesma ideia de sentinela ou guarda noturno. A Vulgata Latina, embora não inclua o Livro de Enoque, utiliza o termo vigilantes em contextos angelológicos.

1.3.3 ESLAVO ECLESIÁSTICO (Григори, GRIGORI)

Transliteração do grego Gregoroi, tornou-se a designação padrão nas tradições ortodoxas orientais e em obras como o 2 Enoque (Enoque Eslavo). O termo "Grigori" é usado exclusivamente na tradição eslava para designar os anjos caídos que se desviaram do Senhor.

1.3.4 ARAMAICO (עירין, IRIN)

Em Daniel 4:10, 14 e 20 (Aramaico Bíblico), o profeta utiliza a palavra עירין (irin) para designar "vigilantes" — seres celestiais que decretam sentenças divinas. O singular, עיר (ir), remete à ideia de "desperto" ou "vigilante". Esta conexão com Daniel é crucial, pois demonstra que a figura do Vigilante não é uma invenção exclusiva do livro de Enoque, mas um arquétipo reconhecido no cânon bíblico — ainda que, em Daniel, eles apareçam como executores da justiça divina, e não como transgressores.

1.3.5 HEBRAICO (עִיר, ʿIR; עֵר, ʿER)

A raiz semítica ע-י-ר (ʿ-y-r) significa "despertar", "vigiar" ou "estar alerta". O termo está relacionado ao acádio ēru ("desperto") e ao ugarítico ʿr ("vigiar").

1.3.6 GE'EZ (ተጠቃቂ, TÄṬÄQAQI OU መላእክተ ጠባቂ, MÄLAʾƏKTÄ ṬÄBAQI)

No texto etíope de 1 Enoque, os Vigilantes são frequentemente designados como "anjos que vigiam" ou "sentinelas". O termo ge'ez reflete a tradução do grego egregoroi para o contexto da Igreja Etíope, onde 1 Enoque é considerado canônico.

1.4 ORIGEM DO TERMO "GRIGORI" E A TRADIÇÃO ESLAVA

Embora "Grigori" seja hoje uma das designações mais populares para esses anjos caídos, sua origem é relativamente tardia na história da transmissão textual. O termo não aparece no texto etíope (Ge'ez) de 1 Enoque; ele surge principalmente através da tradição grega e, posteriormente, eslava.

1.4.1 GEORGE SYNCELLUS E A TRADIÇÃO GREGA

O historiador bizantino George Syncellus (falecido após 810 d.C.), em sua Chronographia Universalis, foi um dos principais responsáveis por preservar e difundir o termo no Ocidente, ao citar extensos trechos do Livro dos Vigilantes em grego sob o título "Do Primeiro Livro de Enoque sobre os Vigilantes". Syncellus incluiu a totalidade de 1 Enoque 6:1–9:4 em sua crônica.

O texto grego citado por Syncellus, apesar de suas corrupções, parece ser o mais próximo da fonte aramaica. As várias testemunhas textuais do Livro dos Vigilantes 9:1-3 exibem um grande número de variantes e corrupções nas versões gregas. Mesmo que as duas versões de Syncellus também contenham corrupções, o grego citado por Syncellus é o que mais se aproxima da fonte aramaica.

1.4.2 A TRADIÇÃO DE SATANAIL EM 2 ENOQUE

É no 2 Enoque (Enoque Eslavo) que o termo "Grigori" ganha verdadeira projeção literária. Em 2 Enoque 18:3, lemos: "Estes são os Grigori, que se desviaram do Senhor, 200 miríades, juntamente com seu príncipe Satanail".

Nesta versão, os Grigori não estão mais sob a liderança de Shemihazah e Asael, mas sim de Satanail (Satanael). Esta transferência de liderança representa uma evolução teológica significativa da tradição — os Vigilantes começam a ser sincretizados com a queda de Lúcifer e a narrativa adâmica. O texto designa Satanail, não Shemihazah ou Asael, como o líder dos Vigilantes caídos em 2 Enoque.

Em 2 Enoque, Enoque encontra os Grigori no quinto céu, onde são descritos como "muitos e incontáveis soldados, chamados Grigori, de aparência humana". Em uma passagem notável, Enoque persuade alguns Grigori a retomar seu serviço litúrgico, e os aprisionados se curvam diante dele, chamando-o de "homem de Deus". Esta tradição representa uma fusão de duas grandes narrativas de rebelião celestial: a dos Vigilantes e a de Satã.

Enquanto em 1 Enoque o mito dos Vigilantes está preocupado com a ruptura de fronteiras epistemológicas e o colapso da divisão ontológica entre o incorpóreo e o corpóreo, a narrativa em 2 Enoque está livre do conceito de transmissão ilícita de conhecimento; em vez disso, concentra-se no tropo da fronteira violada.

1.4.3 O NOME "SATANAIL"

O nome "Satanail" (em eslavo: Сатанаилъ), com a terminação teofórica angelical "-el" (אֵל, "Deus"), sublinha seu status angélico original. A adição do sufixo "-il" em vez do "-n" de "Satan" (שָׂטָן, "adversário") indica que esta tradição ainda o vê como um anjo caído, não como o diabo independente da tradição cristã posterior. Esta distinção é crucial para compreender a evolução da demonologia judaico-cristã.

1.4.4 O ARREPENDIMENTO DOS GRIGORI

Uma característica única da tradição eslava é a possibilidade de arrependimento para os Grigori. Em 2 Enoque, alguns dos Grigori aprisionados se arrependem e são persuadidos por Enoque a retomar seu serviço litúrgico. Eles se curvam diante de Enoque, chamando-o de "homem de Deus". Esta tradição contrasta fortemente com 1 Enoque, onde a intercessão de Enoque pelos Vigilantes é recusada e a queda é definitiva.

1.5 AS FONTES PRIMÁRIAS — PANORAMA TEXTUAL COMPLETO

O Livro dos Vigilantes chegou até nós através de uma complexa teia de tradições textuais em diferentes idiomas. Cada uma dessas fontes oferece uma janela única para a compreensão da narrativa original.

1.5.1 A TRADIÇÃO EM GE'EZ (ETÍOPE)

O texto completo de 1 Enoque sobreviveu integralmente apenas na língua ge'ez (etíope antigo). Existem cerca de 150 cópias manuscritas em ge'ez da obra, datadas aproximadamente do século XV até meados do século XX.

- Os manuscritos chegaram à Europa em 1773, quando o viajante escocês James Bruce trouxe três cópias do texto etíope para a Inglaterra.

- A primeira edição completa do texto foi publicada em 1838 por Richard Laurence, seguida por uma edição crítica em 1851 por August Dillmann.
- A edição de Robert Henry Charles em 1906, baseada em 26 manuscritos, tornou-se a referência padrão por décadas.
- Os manuscritos ge'ez mais importantes incluem o Rylands Manuscript 23 (designado como "p" por Charles e "Ryl." por Knibb), provavelmente copiado no século XVII ou XVIII.
- Estudiosos etíopes tradicionalmente sustentam que o ge'ez é a língua original da obra, da qual as cópias gregas e aramaicas foram derivadas. No entanto, a maioria dos acadêmicos ocidentais considera o aramaico como o idioma original, com o ge'ez sendo uma tradução do grego.

O Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36), juntamente com a teofania enoquiana em seu início, foi posicionado programaticamente no início da obra compósita conhecida como 1 Enoque.

1.5.2 OS FRAGMENTOS ARAMAICOS DE QUMRAN

Um avanço monumental na pesquisa sobre 1 Enoque ocorreu quando fragmentos aramaicos de onze manuscritos da obra foram descobertos em Qumran em 1954, publicados posteriormente por Józef Tadeusz Milik em 1976.

Os fragmentos são geralmente datados entre os séculos I e III a.C. Os manuscritos de Qumran que contêm partes do Livro dos Vigilantes incluem: 4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206, 4Q207 e 4Q212. Estes manuscritos contêm sete manuscritos aramaicos de uma tradição pseudepigráfica judaica do período do Segundo Templo que atribui a Enoque, o patriarca antediluviano bíblico, uma série de revelações celestiais e visões.

O material aramaico é muito fragmentário, correspondendo a "pouco menos de um quinto" do texto ge'ez, mas "parece que os textos grego e etíope fornecem um guia não muito não confiável para o Livro de Enoque como era conhecido em Qumran".

Em 2004, um novo fragmento de papiro (designado XQpapEnoch) foi identificado, preservando cinco linhas de texto identificáveis como 1 Enoque 8:4-9:3. Este fragmento, embora indubitavelmente encontrado em Qumran, não pode ser associado a uma caverna específica. A publicação deste novo fragmento é importante não apenas como testemunha da existência de outra cópia além dos onze manuscritos conhecidos, mas também por sua contribuição para a reconstrução de dois manuscritos aramaicos da Caverna 4.

Os fragmentos aramaicos tornaram "muito provável a visão de que o aramaico era a língua original da maior parte da obra". A edição crítica mais recente dos manuscritos aramaicos de Enoque foi publicada por Henryk Drawnel em 2019 (Qumran Cave 4: The Aramaic Books of Enoch, 4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206, 4Q207, 4Q212, Oxford University Press).

1.5.3 A TRADIÇÃO GREGA

O texto grego de 1 Enoque sobrevive em várias testemunhas:

- O Papiro de Gizeh (Codex Panopolitanus): Descoberto em Akhmim, Egito, em 1886/87 (designado como Cairo Papyrus 10759), contém os capítulos 1-32. Foi publicado em 1892. Estudos recentes sugerem que esta versão grega pode ser o testemunho textual mais confiável. O Codex Panopolitanus é proposto como uma aproximação mais próxima da tradução do Grego Antigo do que o texto de Judas.
- Os Excerpta de George Syncellus: O historiador bizantino preservou em sua Chronographia Universalis a totalidade de 1 Enoque 6:1–9:4, provavelmente retirados da crônica não mais existente de Júlio Africano. Apesar de suas corrupções, o grego citado por Syncellus parece ser o mais próximo da fonte aramaica. As edições críticas do texto grego de Syncellus foram publicadas por Goar (1652), Dindorf (1829) e Mosshammer (1984).
- 7QpapEn gr (7Q4, 8, 11-14): Fragmentos gregos de Qumran.
- P.Oxy. 2069: Papiro de Oxirrinco.
- Chester Beatty 185: Contém os capítulos finais de Enoque em grego.

- A citação de Judas (14-15): A citação do Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1.9) em Judas 14-15 é, segundo pesquisas recentes (2025), de uma edição grega de Enoque anteriormente não identificada. Esta é provavelmente uma revisão de uma edição grega anterior para alinhá-la mais estreitamente com o original aramaico. O texto em Judas reflete uma revisão de uma tradução do Grego Antigo semelhante ao Codex Panopolitanus, e esta revisão compartilha características kaige. A datação da tradução grega de 1 Enoque pode retroceder para o século II a.C., influenciando textos judaicos antigos.

1.5.4 A TRADIÇÃO SIRÍACA

- Um fragmento siríaco sobre a "Descida dos Vigilantes" (1 Enoque 6:1-7) sobrevive na crônica de Miguel, o Grande (século XII d.C.).
- Há também uma tradução Karshuni (árabe em escrita siríaca) feita a partir do siríaco.
- O texto siríaco representa uma importante testemunha da tradição textual oriental, embora fragmentária.

1.5.5 A TRADIÇÃO ESLAVA (2 ENOQUE)

O 2 Enoque (também chamado de Segredos de Enoque ou Enoque Eslavo) foi preservado integralmente apenas em eslavo, embora fragmentos coptas tenham sido identificados em 2009.

- O texto menciona os Grigori no quinto céu.
- Esta tradição identifica Satanail como o príncipe dos Grigori.
- O número de Grigori é dado como "200 miríades" (dois milhões).
- A narrativa em 2 Enoque está livre do conceito de transmissão ilícita de conhecimento; em vez disso, concentra-se no tropo da fronteira violada.
- O 2 Enoque apresenta uma teologia diferente da de 1 Enoque, com maior ênfase na história adâmica e na figura de Satanail.

1.5.6 A TRADIÇÃO HEBRAICA (3 ENOQUE)

O 3 Enoque (também chamado de Enoque Hebraico ou Livro dos Palácios, Sefer Hekhalot) é um texto da tradição mística Merkavah, originalmente escrito em hebraico, geralmente datado do século V d.C.

- Nesta obra, Enoque ascende ao céu e é transformado no anjo Metatron, o "Anjo da Face" e o "Príncipe da Face" (Sar ha-Panim).
- A tradição Merkavah buscava, através de jejum, meditação, oração e encantamento, ascender ao trono celestial de Deus e experienciar o "Trono-Carro" (Merkavah).
- Em 3 Enoque 4, os líderes angelicais Uzza, Azza e Azael (nomes reminiscentes dos líderes dos Vigilantes) são descritos como se curvando diante de Enoque-Metatron, ecoando a tradição de 2 Enoque.
- O 3 Enoque representa a culminação da tradição enoquiana no misticismo judaico, onde Enoque não é mais um intercessor, mas um ser divino.

1.5.7 O LIVRO DOS JUBILEUS

O Livro dos Jubileus (século II a.C.) apresenta uma versão paralela da narrativa dos Vigilantes.

- O autor chama os "filhos de Deus" de "anjos do Senhor".
- A corrupção dos anjos levou não apenas a uma prole gigante, mas também ao canibalismo humano: "todos corromperam o seu caminho e as suas ordenanças, e começaram a comer uns aos outros" (Jubileus 5:2).
- O Livro dos Jubileus conecta a narrativa dos Vigilantes ao calendário e à lei mosaica, integrando-a à teologia do pacto.
- A figura de Mastema (מַשְׂטֵמָה, "inimizade") aparece em Jubileus como o líder dos espíritos malignos, associado aos Vigilantes. Não há referência a Mastema no Livro dos Vigilantes (que é a primeira seção de 1 Enoque); ele aparece em Jubileus e nos Manuscritos do Mar Morto.

1.5.8 O LIVRO DOS GIGANTES

Fragmentos aramaicos do Livro dos Gigantes foram encontrados em Qumran (1Q19, 1Q20, 2Q26, 4Q203, 4Q530-533, 6Q8).

- Esta obra expande a narrativa dos Vigilantes, focando na prole híbrida e em seus sonhos e visões proféticos.
- O Livro dos Gigantes "conecta mito, teologia e cosmologia antiga".
- Os gigantes têm sonhos que prevêem sua própria destruição, e um dos gigantes (Ohya ou Hahya) tenta interpretar esses sonhos.
- O livro descreve a busca dos gigantes por conhecimento e sua eventual destruição no dilúvio.
- O Livro dos Gigantes influenciou a tradição maniqueísta e a literatura islâmica sobre os gigantes.

1.5.9 FRAGMENTOS EM LATIM

- Fragmentos latinos de 1 Enoque sobrevivem em citações de autores patrísticos.
- O estudioso Silvestre de Sacy produziu uma tradução latina de passagens do Livro dos Vigilantes em 1800.
- Athanasius Kircher, em seu Oedipus Aegyptiacus (1652-54), incluiu os fragmentos gregos de Syncellus com tradução latina.

1.6 DATAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

A datação do Livro dos Vigilantes é objeto de debate acadêmico, mas há um consenso crescente em torno de algumas datações:

- As seções mais antigas (principalmente o Livro dos Vigilantes, capítulos 1-36) datam de cerca de 300 a.C.
- O núcleo da narrativa (capítulos 6-11) é geralmente datado do século III a.C.

- Os fragmentos aramaicos de Qumran são datados entre os séculos I e III a.C.
- O contexto histórico é o Período do Segundo Templo (536 a.C. – 70 d.C.), um período de intensa atividade apocalíptica e produção literária pseudepígrafa no judaísmo.
- A datação da tradução grega de 1 Enoque pode retroceder para o século II a.C., influenciando textos judaicos antigos.

O Livro dos Vigilantes é considerado por muitos estudiosos o mais antigo apocalipse existente. A obra reflete as crises e perseguições vividas pelo povo de Israel durante o período da helenização, e a narrativa dos Vigilantes serve como uma contra-narrativa às tradições dos sábios mesopotâmicos antediluvianos (os apkallus).

O corpus enoquiano é uma obra compósita pseudepígrafa atribuída ao patriarca antediluviano Enoque, compreendendo cinco composições originalmente independentes produzidas durante o período do Segundo Templo (c. século III a.C. – século I d.C.). Preservado completamente apenas em Ge'ez no cânon da Igreja Ortodoxa Etíope e parcialmente atestado em fragmentos aramaicos de Qumran e testemunhas gregas.

O antigo Israel estava ciente de que era um relativo retardatário no Antigo Oriente Próximo, onde as civilizações egípcia e mesopotâmica eram muito mais antigas e mais gloriosas. A necessidade de reinterpretar fontes mais antigas era primordial dentro dos círculos de intelectuais judeus que compuseram a Bíblia Hebraica. O relato das origens do mundo em Gênesis 1-11 aborda seu "problema mesopotâmico" com várias estratégias. Para enfrentar a questão, os autores de Gênesis negociaram o passado de uma forma que incluía a primazia mesopotâmica no surgimento da civilização, mas privilegiava Israel como um novo começo, uma supersessão.

1.7 INFLUÊNCIA E RECEPÇÃO — DO JUDAÍSMO AO OCULTISMO

A tradição dos Vigilantes exerceu uma influência profunda sobre o judaísmo, o cristianismo primitivo e o ocultismo ocidental.

1.7.1 NO NOVO TESTAMENTO

Três escritos do Novo Testamento fazem uso explícito da história dos anjos de 1 Enoque:

- Judas 6: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele reservou na escuridão e em prisões eternas para o juízo do grande dia". Esta passagem reflete diretamente a narrativa dos Vigilantes que abandonaram sua habitação celestial.
- Judas 14-15: Cita diretamente 1 Enoque 1:9: "Enoque, o sétimo depois de Adão, profetizou acerca destes, dizendo: Eis que o Senhor veio com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos..." A citação do Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1.9) em Judas 14-15 é, segundo pesquisas recentes (2025), de uma edição grega de Enoque anteriormente não identificada.
- 2 Pedro 2:4: "Porque, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo". Esta passagem também reflete a tradição dos Vigilantes.
- 1 Pedro 3:19-20: "No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão, os quais noutro tempo foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé..." Esta passagem é frequentemente interpretada como referindo-se aos espíritos dos Vigilantes aprisionados.

A tradição dos Vigilantes é mais aparente em Judas 14, que cita a profecia de Enoque sobre o julgamento. Muitos cristãos evangélicos não percebem que 1 Enoque também influenciou muitos autores do Novo Testamento, especialmente Judas, Pedro e João.

1.7.2 NA PATRÍSTICA

A tradição dos Vigilantes influenciou a demonologia cristã primitiva. Escritores como:

- Justino Mártir (c. 100-165 d.C.): Em seu Diálogo com Trifão, discute a natureza dos anjos caídos e sua relação com os demônios.
- Atenágoras de Atenas (c. 133-190 d.C.): Em sua Súplica pelos Cristãos, argumenta que os anjos caídos e seus filhos gigantes são a origem dos demônios.
- Tertuliano (c. 155-240 d.C.): Em Sobre o Véu das Virgens e Sobre a Adoração das Mulheres, discute a queda dos anjos e sua relação com a vaidade feminina.
- Orígenes (c. 184-253 d.C.): Em Contra Celso, discute a natureza dos anjos caídos e sua relação com os demônios, frequentemente recorrendo à narrativa enoquiana.
- Irineu de Lyon (c. 130-202 d.C.): Em Contra as Heresias, menciona a tradição dos Vigilantes.
- Clemente de Alexandria (c. 150-215 d.C.): Cita 1 Enoque em suas obras.

1.7.3 NA LITERATURA RABÍNICA

A tradição dos Vigilantes influenciou a literatura rabínica posterior:

- O "Midrash de Shemhazai e Azael" encontrado em Bereshit Rabbati (um midrash do século XI ou XII).
- O Talmude Babilônico (Yoma 67b) conecta Azazel ao "assunto de Uza e Azael".
- A tradição rabínica frequentemente reinterpreta a queda dos anjos como um aviso contra a hibridização e a transgressão de fronteiras.

1.7.4 NA MAGIA E NO OCULTISMO

A tradição dos Vigilantes é fundamental para:

- A magia enoquiana de John Dee e Edward Kelley (século XVI), que desenvolveu um sistema complexo de invocação angelical baseado nos textos enoquianos.

- Os grimórios como o Secret Grimoire of Turiel (atribuído a 1518), que supostamente contém segredos transmitidos pelo Vigilante Turiel.
- As tradições luciferianas e de Mão Esquerda que veem os Vigilantes como agentes de evolução e libertação, que trouxeram conhecimento proibido à humanidade.
- A tradição da Golden Dawn e da magia cerimonial ocidental, que incorporou elementos da magia enoquiana em seus rituais.
- Os grimórios modernos como Fallen Angels: Watchers and the Witches Sabbat (Michael W. Ford), The Book of Azazel (E.A. Koetting), e Magia de Azazel (Tesla di Murbox).

1.7.5 NA TRADIÇÃO ISLÂMICA

A tradição dos Vigilantes também influenciou a literatura islâmica:

- A figura de Harut e Marut (هَارُوت وَمَارُوت) no Alcorão (Sura 2:102) é frequentemente associada aos anjos caídos que ensinaram magia na Babilônia.
- A tradição islâmica dos jinn e sua queda também reflete elementos da narrativa dos Vigilantes.
- A figura de Iblis (إبليس) como o anjo que se recusou a se prostrar diante de Adão tem paralelos com a tradição de Satanail em 2 Enoque.

1.7.6 NA CULTURA POPULAR

A narrativa dos Vigilantes, Nefilins e do Livro de Enoque permeia a literatura, o cinema, os jogos e a música contemporânea:

- Literatura: Romances como O Código Enoque, Anjos Caídos e inúmeras obras de ficção especulativa.
- Cinema e Televisão: Séries como Supernatural, Constantine, e filmes como Noé (2014) que incorporam elementos da tradição dos Vigilantes.
- Jogos: Darksiders, Diablo, e inúmeros jogos de RPG que apresentam Nefilins e anjos caídos.

- Música: Bandas de metal e rock sinfônico frequentemente fazem referência à tradição enoquiana.

A ressonância duradoura deste mito ancestral demonstra sua capacidade de adaptação a novos contextos culturais e religiosos, mantendo sua relevância através dos milênios.

1.8 O MONTE HERMON — O LOCAL DO JURAMENTO

O Monte Hermon (em hebraico: חֶרְמוֹן, Chermon; em árabe: جبل الشيخ, Jabal al-Shaykh, "Montanha do Xeque") é o local onde os 200 Vigilantes juraram sua aliança de transgressão.

1.8.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

- Localiza-se na fronteira entre a Síria, o Líbano e Israel (Colinas de Golã).
- Com 2.814 metros de altitude, é o ponto mais alto da Síria e do Líbano.
- É conhecido como "o olho do Levante" devido à sua visibilidade de longa distância.
- Na antiguidade, era considerado um lugar de poder e um portal entre mundos.

1.8.2 SIGNIFICADO NA TRADIÇÃO ENOQUIANA

O Monte Hermon é mencionado em 1 Enoque 6:6: "E eles eram, todos eles, 200, que desceram nos dias de Jared sobre o cume do Monte Hermon". O nome "Hermon" deriva da raiz semítica ḥ-r-m, que significa "consagrado", "proibido" ou "amaldiçoado" — uma ironia trágica, pois o local da consagração do juramento torna-se o local da maldição.

O juramento no Monte Hermon é o ato que formaliza a rebelião dos Vigilantes. É no cume desta montanha que eles se ligam por "mútuas imprecações" (1 Enoque 6:5), transformando sua intenção individual em uma aliança coletiva indissolúvel.

1.8.3 O MONTE HERMON NA TRADIÇÃO POSTERIOR

- Na tradição judaica posterior, o Monte Hermon é associado à queda dos anjos e à origem dos demônios.
- Na tradição cristã, é mencionado como o local da Transfiguração em algumas tradições (embora o Monte Tabor seja mais comum).
- Na tradição ocultista, o Monte Hermon é considerado um dos "portais" ou "vórtices" de poder espiritual na Terra.
- O nome "Hermon" também está associado ao deus cananeu Baal-Hermon e ao panteão fenício.

1.9 O PAPEL DOS ARCANJOS NO JULGAMENTO DOS VIGILANTES

Os quatro arcanjos — Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel — desempenham papéis específicos no julgamento dos Vigilantes em 1 Enoque 9-10.

1.9.1 MIGUEL (מִיכָאֵל, "QUEM É COMO DEUS?")

- É o arcanjo que ouve o clamor da humanidade contra os Vigilantes (1 Enoque 9:1).
- Recebe a ordem de prender Samyaza e seus seguidores (1 Enoque 10:11).
- É o executor da justiça divina contra os líderes da rebelião.

1.9.2 GABRIEL (גַּבְרִיאֵל, "HOMEM DE DEUS" OU "FORÇA DE DEUS")

- É encarregado de destruir os Nefilins (1 Enoque 10:9).
- Recebe a ordem de incitar os gigantes uns contra os outros em batalha.
- Seu papel é eliminar a prole híbrida e corrupta dos Vigilantes.

1.9.3 RAFAEL (רָפָאֵל, "DEUS CURA")

- É encarregado de prender Azazel no deserto de Dudael (1 Enoque 10:4-6).

- Deve amarrar Azazel "pelos pés e pelas mãos" e lançá-lo na escuridão.
- Seu nome ("Deus cura") contrasta ironicamente com sua missão de punição — ele cura a Terra da corrupção de Azazel.

1.9.4 URIEL (אוּרִיאֵל, "LUZ DE DEUS" OU "FOGO DE DEUS")

- É encarregado de anunciar o Dilúvio a Noé (1 Enoque 10:1-3).
- Deve avisar Noé para se esconder e preparar a arca.
- Seu nome ("Luz de Deus") reflete seu papel como portador da revelação divina.

1.9.5 OS ARCANJOS NA TRADIÇÃO POSTERIOR

Na tradição eslava (2 Enoque), os arcanjos têm um papel diferente. Enoque encontra os Grigori no quinto céu e os persuade a se arrepender, com a ajuda dos arcanjos. Na tradição mística Merkavah (3 Enoque), os arcanjos são subordinados a Enoque-Metatron.

1.10 O CONCEITO DE "SEGREDOS" NA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

A transmissão de "segredos" (em grego: μυστήρια, mystēria; em aramaico: רזין, razin) é central para a narrativa dos Vigilantes.

1.10.1 A NATUREZA DOS SEGREDOS

Os segredos transmitidos pelos Vigilantes pertencem a três categorias principais:

1. Segredos da Criação: Conhecimentos sobre a ordem cósmica, os astros, os elementos e os ciclos naturais. Estes incluem astrologia, meteorologia e astronomia.
2. Segredos da Tecnologia: Conhecimentos sobre metalurgia, armas, cosméticos e escrita. Estes são os "segredos dos artesãos" que permitem à humanidade dominar a matéria.

3. Segredos da Magia: Conhecimentos sobre feitiços, encantamentos, poções e rituais. Estes são os "segredos dos sábios" que permitem à humanidade manipular as forças espirituais.

1.10.2 A TRANSMISSÃO DOS SEGREDOS

A transmissão dos segredos é descrita em 1 Enoque 7-8 como um ato de corrupção. Cada Vigilante é responsável por ensinar uma área específica de conhecimento:

- Azazel: Metalurgia, armas, cosméticos, joias, tinturas.
- Samyaza: Feitiçaria, encantamentos, corte de raízes.
- Baraqiel: Astrologia e sinais dos relâmpagos.
- Kokabiel: Constelações e sinais das estrelas.
- Ezeqeel: Conhecimento das nuvens e meteorologia.
- Penemue: Escrita e "doce e amargo" (conhecimento do bem e do mal).
- Gadreel: Cosméticos e armas.

1.10.3 O SIGNIFICADO TEOLÓGICO DOS SEGREDOS

A transmissão dos segredos é considerada um pecado mais grave do que a união carnal em algumas tradições. Enquanto a união carnal corrompe o corpo, a transmissão dos segredos corrompe a alma e a sociedade.

Os segredos dos Vigilantes são frequentemente contrastados com os segredos revelados por Deus a Enoque. Enquanto os Vigilantes revelam segredos ilícitos que corrompem a humanidade, Deus revela segredos lícitos a Enoque que elevam e purificam.

Este contraste entre "segredos ilícitos" e "segredos divinos" é uma das chaves para compreender a teologia do Livro dos Vigilantes. O conhecimento em si não é mau, mas a fonte e o método de sua transmissão determinam sua natureza ética.

VIGILANTES · PARTE II

II

FONTES PRIMÁRIAS — CATALOGAÇÃO COMPLETA

2.0 INTRODUÇÃO À CATALOGAÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS

O Livro dos Vigilantes e os textos associados à tradição enoquiana chegaram até nós através de uma complexa e fascinante teia de tradições textuais em diferentes idiomas e suportes. Cada uma dessas fontes — desde os fragmentos de papiro descobertos nas cavernas de Qumran até os manuscritos medievais em ge'ez da Etiópia — oferece uma janela única para a compreensão da narrativa original e sua evolução através dos séculos.

A catalogação que se segue apresenta um panorama exaustivo de todas as fontes primárias conhecidas que transmitem a história dos Vigilantes, organizadas por tradição linguística e acompanhadas de informações detalhadas sobre sua descoberta, datação, conteúdo, localização atual e importância para a pesquisa acadêmica.

A transmissão textual do corpus enoquiano é um testemunho notável da vitalidade e adaptabilidade desta tradição. O que começou como um conjunto de textos em aramaico produzidos no judaísmo do período do Segundo Templo foi traduzido para o grego, preservado em latim e siríaco, expandido em eslavo, integrado ao cânon da Igreja Ortodoxa Etíope em ge'ez, e reinterpretado na mística Merkavah em hebraico. Cada uma dessas tradições textuais adicionou suas próprias camadas de interpretação, variação e desenvolvimento teológico, criando um corpus rico e multifacetado que continua a desafiar e fascinar estudiosos até hoje.

2.1 A TRADIÇÃO EM GE'EZ (ETÍOPE) — O TESTEMUNHO COMPLETO

O texto completo do 1 Enoque — incluindo o Livro dos Vigilantes — sobreviveu integralmente apenas na língua ge'ez, o antigo idioma litúrgico da Igreja Ortodoxa Etíope (EOTC). Esta tradição textual é a mais extensa e completa, constituindo a base de todas as traduções modernas da obra.

2.1.1 HISTÓRIA DA TRANSMISSÃO E DESCOBERTA

Os manuscritos em ge'ez de 1 Enoque chegaram pela primeira vez à Europa em 1773, quando o viajante e explorador escocês James Bruce trouxe três cópias do texto etíope para a Inglaterra após sua viagem à Abissínia (atual Etiópia). Bruce, que havia partido em busca das nascentes do Nilo, retornou com um tesouro literário que incluía o que viria a ser reconhecido como uma das obras mais importantes da literatura pseudepígrafa judaica.

A descoberta de Bruce desencadeou um longo processo de estudo e publicação. O primeiro estudioso a produzir uma tradução foi o orientalista francês Silvestre de Sacy, que em 1800 publicou uma tradução latina de passagens do Livro dos Vigilantes com introdução e comentário em francês. Este trabalho pioneiro abriu caminho para edições mais completas.

A primeira edição completa do texto ge'ez foi publicada em 1838 por Richard Laurence, seguida por uma edição crítica mais substancial em 1851 por August Dillmann, que estabeleceu as bases para o estudo filológico do texto. A edição de Robert Henry Charles em 1906, baseada em 26 manuscritos, tornou-se a referência padrão por décadas e ainda hoje é amplamente utilizada.

A recepção do texto em ge'ez na Etiópia é igualmente significativa. A pesquisa mais recente (2024-2025) tem demonstrado que a reflexão sobre o 1 Enoque na tradição etíope desenvolveu-se consideravelmente a partir do século XVI, com comentários encontrados no mosteiro de Gunda Gunde em dois manuscritos do século XVI. Este

comentário, o único conhecido sobre 1 Enoque como um todo, foca em porções específicas do texto: o Livro dos Vigilantes, seções do Livro das Parábolas, o Livro Astronômico, algumas seções do Livro dos Sonhos e o Apocalipse das Semanas.

2.1.2 PRINCIPAIS MANUSCRITOS GE'EZ

Existem atualmente cerca de 150 cópias manuscritas em ge'ez da obra, datadas aproximadamente do século XV até meados do século XX. Entre os mais importantes, destacam-se:

- Rylands Manuscript 23 (designado "p"): Provavelmente copiado no século XVII ou XVIII. É um dos manuscritos mais antigos e completos disponíveis para o Livro dos Vigilantes e as Parábolas.
- Manuscritos de Gunda Gunde: Dois manuscritos do século XVI que contêm o único comentário conhecido sobre 1 Enoque como um todo.
- Manuscritos utilizados por Dillmann e Charles: As edições críticas de Dillmann (1851) e Charles (1906) basearam-se em um conjunto de 26 manuscritos que constituem a espinha dorsal da tradição textual ge'ez.

2.1.3 O PROBLEMA DA LÍNGUA ORIGINAL

Uma questão fundamental que divide os estudiosos é a da língua original do Livro dos Vigilantes. Os estudiosos etíopes tradicionalmente sustentam que o ge'ez é a língua original da obra, da qual as cópias gregas e aramaicas foram derivadas. Esta posição é defendida pela Igreja Ortodoxa Etíope, que considera 1 Enoque parte de seu cânon bíblico.

No entanto, a maioria dos acadêmicos ocidentais considera o aramaico como o idioma original, com o ge'ez sendo uma tradução do grego. Esta conclusão é baseada na descoberta dos fragmentos aramaicos em Qumran e na análise filológica que demonstra que o texto ge'ez contém características típicas de uma tradução. O consenso acadêmico atual é que "para todas as partes do livro há concordância geral de que o etíope é uma versão terciária".

Não obstante, o texto ge'ez permanece como a testemunha mais completa e indispensável do Livro dos Vigilantes. Sem ele, a tradição enoquiana seria conhecida apenas através de fragmentos dispersos e citações patrísticas.

2.1.4 ESTRUTURA DO LIVRO DOS VIGILANTES EM GE'EZ

No cânon etíope, o Livro dos Vigilantes (capítulos 1-36 do 1 Enoque) é posicionado programaticamente no início da obra compósita. O texto em ge'ez preserva a sequência narrativa completa:

- Capítulos 1-5: A bênção de Enoque e o anúncio do juízo divino.
- Capítulos 6-11: A queda dos Vigilantes, o nascimento dos Nefilins, os ensinamentos proibidos e o julgamento.
- Capítulos 12-16: A intercessão de Enoque pelos Vigilantes caídos.
- Capítulos 17-36: As visões de Enoque sobre os lugares de punição e os reinos celestiais.

2.2 A TRADIÇÃO ARAMAICA — OS FRAGMENTOS DE QUMRAN

A descoberta dos fragmentos aramaicos de 1 Enoque nas cavernas de Qumran, entre 1947 e 1956, representou um avanço monumental na pesquisa sobre o Livro dos Vigilantes. Pela primeira vez, os estudiosos tinham acesso a testemunhas textuais que antecediam em séculos as cópias ge'ez e gregas, permitindo uma compreensão muito mais precisa da história textual da obra.

2.2.1 OS MANUSCRITOS DE QUMRAN

Fragmentos aramaicos de onze manuscritos do Livro dos Vigilantes foram identificados entre os pergaminhos do Mar Morto. Estes manuscritos são geralmente datados entre os séculos I e III a.C.

Os manuscritos de Qumran que contêm partes do Livro dos Vigilantes incluem:

- 4Q201: Contém fragmentos de 1 Enoque 1-6, 8-9, 12-14.
- 4Q202: Preserva partes de 1 Enoque 1-6, 8-9, 12-14, 20-21, 24-25, 30-32, 35-36.
- 4Q204: Inclui fragmentos de 1 Enoque 1-8, 10-11, 13-14, 20-21, 24-25, 30-32, 35-36, 89-104.
- 4Q205: Contém 1 Enoque 8-9, 13-14, 20-21, 24-25.
- 4Q206: Preserva partes de 1 Enoque 1-8, 10-11, 13-14, 20-21, 24-25, 30-32, 35-36.
- 4Q207: Fragmentos de 1 Enoque 12-14, 20-21.
- 4Q212: Contém partes de 1 Enoque 91-107, incluindo o Apocalipse das Semanas.

O material aramaico é bastante fragmentário, correspondendo a "pouco menos de um quinto" do texto ge'ez completo. No entanto, sua importância é inestimável: "parece que os textos grego e etíope fornecem um guia não muito não confiável para o Livro de Enoque como era conhecido em Qumran".

2.2.2 O FRAGMENTO XQPAPENOCH (2004)

Em março de 2004, um novo fragmento de papiro foi identificado e publicado, designado XQpapEnoch. Este fragmento preserva cinco linhas de texto identificáveis como 1 Enoque 8:4-9:3.

Os versículos em questão, que fazem parte do Livro dos Vigilantes, descrevem como os anjos ouviram os clamores das pessoas mortas como resultado do ensino de Asael (Azazel) aos humanos sobre a fabricação de armas.

A publicação deste novo fragmento é importante não apenas como testemunha da existência de outra cópia além dos onze manuscritos conhecidos de 1 Enoque em Qumran, mas também por sua contribuição para a reconstrução de dois manuscritos aramaicos da Caverna 4.

2.2.3 A EDIÇÃO CRÍTICA DE MILIK (1976)

Os fragmentos aramaicos foram publicados em uma edição crítica monumental por Józef Tadeusz Milik em 1976, intitulada The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Esta edição estabeleceu a classificação dos manuscritos e forneceu transcrições, traduções e análises filológicas detalhadas.

A edição de Milik confirmou que "o aramaico era a língua original da maior parte da obra" e revolucionou a compreensão da história textual do corpus enoquiano.

2.2.4 A EDIÇÃO CRÍTICA DE DRAWNEL (2019)

A edição crítica mais recente dos manuscritos aramaicos de Enoque foi publicada por Henryk Drawnel em 2019: Qumran Cave 4: The Aramaic Books of Enoch, 4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206, 4Q207, 4Q212 (Oxford University Press). Esta edição incorpora os avanços mais recentes na pesquisa filológica e paleográfica, oferecendo novas perspectivas sobre o léxico, ortografia e gramática dos pergaminhos aramaicos.

2.2.5 A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES EM OUTROS TEXTOS DE QUMRAN

Além dos manuscritos de 1 Enoque, a história dos Vigilantes figura proeminentemente em outros textos aramaicos de Qumran:

- O Livro dos Gigantes: Expandiu a narrativa dos Vigilantes, focando na prole híbrida e em seus sonhos e visões proféticos.
- O Gênesis Apócrifo (1QapGen): Contém referências à tradição dos Vigilantes, incluindo a figura de Lameque e sua preocupação com a linhagem dos gigantes.

Estes textos foram "quase certamente influenciados diretamente pelo Livro dos Vigilantes", demonstrando a ampla circulação e influência da tradição enoquiana na comunidade de Qumran.

2.3 A TRADIÇÃO GREGA — TESTEMUNHAS DO TEXTO ANTIGO

O texto grego de 1 Enoque sobrevive em várias testemunhas, cada uma oferecendo uma perspectiva única sobre a história textual da obra. As versões gregas são particularmente importantes porque representam o elo entre o aramaico original e o ge'ez, e porque foram citadas por autores patrísticos e historiadores bizantinos.

2.3.1 O PAPIRO DE GIZEH (CODEX PANOPOLITANUS)

O Papiro de Gizeh — também conhecido como Codex Panopolitanus ou Cairo Papyrus 10759 — é a mais importante testemunha grega do Livro dos Vigilantes. Descoberto em Akhmim, Egito, em 1886/87, o manuscrito contém os capítulos 1-32 de 1 Enoque.

O Codex Panopolitanus é geralmente datado do século VI d.C. Apesar de sua datação tardia em relação aos fragmentos de Qumran, o texto grego que preserva é considerado uma aproximação confiável da tradução do grego antigo.

Estudos recentes sugerem que esta versão grega pode ser o testemunho textual mais confiável entre as versões secundárias. O Codex Panopolitanus é proposto como uma aproximação mais próxima da tradução do Grego Antigo do que o texto de Judas, que parece refletir uma revisão posterior.

2.3.2 OS EXCERTA DE GEORGE SYNCELLUS

O historiador bizantino George Syncellus (falecido após 810 d.C.), em sua Chronographia Universalis, preservou a totalidade de 1 Enoque 6:1–9:4. Syncellus provavelmente extraiu estes trechos da crônica não mais existente de Júlio Africano (século III d.C.).

As edições críticas do texto grego de Syncellus foram publicadas por Goar (1652), Dindorf (1829) e Mosshammer (1984). Apesar de suas corrupções, "o grego citado por Syncellus parece ser o mais próximo da fonte aramaica".

As várias testemunhas textuais do Livro dos Vigilantes 9:1-3 exibem um grande número de variantes e corrupções nas versões gregas. Mesmo que as duas versões de Syncellus também contenham corrupções, "o grego citado por Syncellus é o que mais se aproxima da fonte aramaica".

Syncellus é também responsável por preservar o título "Do Primeiro Livro de Enoque sobre os Vigilantes" (Ἐκ τοῦ πρώτου βιβλίου Ἐνὼχ περὶ τῶν ἐγρηγόρων), que atesta o uso do termo grego ἐγρήγοροι (egregoroi) para designar os Vigilantes.

2.3.3 O PAPIRO CHESTER BEATTY XII

O Papiro Chester Beatty XII é uma importante testemunha grega dos capítulos finais de 1 Enoque, contendo 97:6–107:3 (menos o capítulo 105). Este papiro, juntamente com fragmentos da Universidade de Michigan, constitui as únicas páginas conhecidas do texto grego dos últimos capítulos de Enoque.

O Papiro Chester Beatty XII foi editado por Campbell Bonner com a colaboração de Herbert C. Youtie em The Last Chapters of Enoch in Greek. O texto foi corrigido principalmente pelo uso da versão etíope.

2.3.4 O PAPIRO DE OXIRRINCO 2069

O Papiro de Oxirrinco 2069 (P.Oxy. 2069) contém apenas algumas letras, o que tornou a identificação incerta, de 1 Enoque 77:7–78:1. Apesar de sua fragmentação, este papiro é uma testemunha importante da circulação do texto grego de 1 Enoque no Egito romano.

2.3.5 OS FRAGMENTOS GREGOS DE QUMRAN (7QPAPEN GR)

Fragmentos gregos de 1 Enoque foram identificados entre os manuscritos de Qumran, designados como 7QpapEn gr (7Q4, 8, 11-14). Estes fragmentos, embora pequenos, atestam a circulação do texto grego já no período do Segundo Templo.

2.3.6 A CITAÇÃO DE JUDAS E A EDIÇÃO KAIGE

Um desenvolvimento significativo na pesquisa sobre o texto grego de 1 Enoque ocorreu em 2025, com a descoberta de que a citação do Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1:9) em Judas 14-15 é de uma edição grega de Enoque anteriormente não identificada.

Esta é provavelmente uma revisão de uma edição grega anterior para alinhá-la mais estreitamente com o original aramaico. O texto em Judas reflete uma revisão de uma tradução do Grego Antigo semelhante ao Codex Panopolitanus, e esta revisão compartilha características kaige (um estilo de tradução grega que busca uma correspondência literal com o texto hebraico/aramaico).

A datação da tradução grega de 1 Enoque pode retroceder para o século II a.C., influenciando textos judaicos antigos.

2.3.7 ANÁLISE DAS VARIANTES GREGAS

Um estudo aprofundado das versões gregas de 1 Enoque 7:2 e 9:9, de acordo com tanto a versão do Papiro de Gizeh quanto a recensão transmitida por Syncellus, revela diferenças significativas na terminologia utilizada para descrever os gigantes e os Nefilins. Estas variantes têm implicações importantes para a compreensão da teologia e da história textual da obra.

2.4 A TRADIÇÃO ESLAVA (2 ENOQUE) — OS GRIGORI DE SATANAIL

O 2 Enoque — também chamado de Segredos de Enoque, Enoque Eslavo ou Apocalipse Eslavo de Enoque — é uma obra significativamente diferente do 1 Enoque em sua teologia e ênfase, mas igualmente importante para a compreensão da tradição dos Vigilantes.

2.4.1 PRESERVAÇÃO E MANUSCRITOS

O 2 Enoque foi preservado integralmente apenas em eslavo eclesiástico (antigo eslavo), embora fragmentos coptas tenham sido identificados em 2009. O texto sobrevive em doze testemunhos manuscritos principais, incluindo:

- Codex Belgradensis: Um dos manuscritos mais importantes da tradição eslava.
- Codex Chludovianus: Preserva uma versão da narrativa dos Vigilantes.
- Codex Belgradensis Serbius: Contém variantes textuais significativas.
- Codex Vindobonensis Slavonicus 125: Outro testemunho crucial da tradição manuscrita.

O comprimento da narrativa dos Vigilantes varia em diferentes manuscritos eslavos, e as grafias alternativas do termo para os anjos caídos oferecem insights sobre a transmissão do texto.

2.4.2 OS GRIGORI E SATANAIL

Em 2 Enoque 18:3, encontramos a passagem central sobre os Vigilantes:

"Estes são os Grigori, que se desviaram do Senhor, 200 miríades, juntamente com seu príncipe Satanail".

O termo eslavo para os Vigilantes é Григори (Грнгорн), uma transliteração direta do grego Gregoroi (Γρήγοροι, Ἐγρήγοροι), que por sua vez deriva do grego ἐγρήγοροι. Robert Henry Charles foi o primeiro estudioso a esclarecer o fundo terminológico da palavra eslava "Grigori".

A figura de Satanail (Сатанаилъ) como príncipe dos Grigori representa uma evolução teológica significativa em relação ao 1 Enoque, onde os líderes são Shemihazah e Asael. A tradição eslava sincretiza os Vigilantes com a narrativa da queda de Satã/Lúcifer.

O nome "Satanail", com a terminação teofórica angelical "-el" (אֵל, "Deus"), sublinha seu status angélico original. A adição do sufixo "-il" em vez do "-n" de "Satan" (שָׂטָן, "adversário") indica que esta tradição ainda o vê como um anjo caído, não como o diabo independente da tradição cristã posterior.

2.4.3 O NÚMERO DOS GRIGORI

Uma variação interessante entre os manuscritos eslavos diz respeito ao número de Vigilantes. Alguns manuscritos de 2 Enoque falam sobre "200" Vigilantes descidos (ecoando 1 Enoque), enquanto outros falam sobre "200 miríades" (dois milhões) de Vigilantes descidos. Esta expansão do número reflete uma amplificação da tradição, possivelmente influenciada pela visão de Enoque no quinto céu, onde ele vê "muitos e incontáveis soldados, chamados Grigori, de aparência humana".

2.4.4 O ARREPENDIMENTO DOS GRIGORI

Uma característica única da tradição eslava é a possibilidade de arrependimento para os Grigori. Enoque, em sua ascensão celestial, encontra os Grigori no quinto céu e os persuade a retomar seu serviço litúrgico. Os aprisionados se curvam diante de Enoque, chamando-o de "homem de Deus".

Esta tradição contrasta fortemente com 1 Enoque, onde a intercessão de Enoque pelos Vigilantes é recusada e a queda é definitiva. A tradição eslava, portanto, oferece uma visão mais esperançosa e menos determinista da condição dos anjos caídos.

2.4.5 A DATAÇÃO DO 2 ENOQUE

O 2 Enoque é geralmente datado do século I d.C., embora alguns estudiosos proponham datas posteriores. O texto reflete uma teologia diferente da de 1 Enoque, com maior ênfase na história adâmica, na figura de Satanail, e na possibilidade de arrependimento.

A narrativa em 2 Enoque está livre do conceito de transmissão ilícita de conhecimento que é central em 1 Enoque; em vez disso, concentra-se no tropo da fronteira violada entre o celestial e o terreno.

2.5 A TRADIÇÃO HEBRAICA (3 ENOQUE) — METATRON E A MÍSTICA MERKAVAH

O 3 Enoque — também chamado de Enoque Hebraico, Livro dos Palácios (Sefer Hekhalot) ou Apocalipse Hebraico de Enoque — é um texto da tradição mística Merkavah, originalmente escrito em hebraico e geralmente datado do século V d.C.

2.5.1 NATUREZA E CONTEXTO DO 3 ENOQUE

O 3 Enoque é fundamentalmente diferente do 1 e do 2 Enoque em sua natureza e propósito. Enquanto os textos anteriores são apocalipses que descrevem visões e revelações, o 3 Enoque é um texto de misticismo Merkavah que descreve a ascensão de Enoque ao céu e sua transformação no anjo Metatron.

A tradição Merkavah buscava, através de jejum, meditação, oração e encantamento, ascender ao trono celestial de Deus e experienciar o "Trono-Carro" (מרכבה, Merkavah). O 3 Enoque é um dos textos centrais desta tradição, descrevendo as viagens celestiais e as visões do místico.

2.5.2 METATRON E OS VIGILANTES

No 3 Enoque, Enoque ascende ao céu e é transformado no anjo Metatron, o "Anjo da Face" (Sar ha-Panim) e o "Príncipe da Face". Esta transformação é a culminação da exaltação de Enoque que já estava presente em 1 Enoque 12-16, mas é levada a um novo patamar teológico.

Em 3 Enoque 4, os líderes angelicais Uzza, Azza e Azael — nomes reminiscentes dos líderes dos Vigilantes (Shemihazah, Azazel) — são descritos como se curvando diante de Enoque-Metatron. Esta cena ecoa a tradição de 2 Enoque, onde os Grigori aprisionados se curvam diante de Enoque chamando-o de "homem de Deus".

A subordinação dos Vigilantes a Enoque-Metatron representa a vitória final do justo sobre os anjos caídos e a afirmação da autoridade de Enoque como o intermediário celestial por excelência.

2.5.3 EDIÇÕES CRÍTICAS DO 3 ENOQUE

A edição crítica padrão do 3 Enoque foi publicada por Hugo Odeberg em 1928: 3 Enoch or The Hebrew Book of Enoch. Uma tradução mais completa e atualizada foi produzida por P. Alexander na coleção The Old Testament Pseudepigrapha, editada por James H. Charlesworth (1983).

2.5.4 DATAÇÃO E CONTEXTO DO 3 ENOQUE

Embora o 3 Enoque seja geralmente datado do século V d.C., sua datação exata é incerta. O texto não contém hinos Merkavah típicos de outros textos da tradição, o que tem levado alguns estudiosos a questionar sua classificação.

O 3 Enoque reflete o ressurgimento do interesse pela figura de Enoque em períodos pós-talmúdicos. A tradição de Enoque como Metatron não é encontrada no Talmude, mas é atestada nos primeiros cabalistas.

2.6 O LIVRO DOS JUBILEUS — A PERSPECTIVA DO ANJO DA PRESENÇA

O Livro dos Jubileus (ספר היובלים, Sefer ha-Yovelim) é um texto judaico do século II a.C. que apresenta uma versão paralela da narrativa dos Vigilantes, integrada à sua teologia do pacto e do calendário.

2.6.1 A NARRATIVA DOS VIGILANTES EM JUBILEUS

No Livro dos Jubileus, os "filhos de Deus" são chamados de "anjos do Senhor" que desceram para se casar com as filhas dos homens. A corrupção dos anjos levou não apenas a uma prole gigante, mas também ao canibalismo humano: "todos corromperam o seu caminho e as suas ordenanças, e começaram a comer uns aos outros" (Jubileus 5:2).

A primeira referência aos Vigilantes em Jubileus ocorre através de Enoque, enquanto o anjo da presença dita a Moisés a história completa dos Vigilantes. A narrativa é contada da perspectiva do anjo da presença, que foi um dos anjos enviados para remover os Vigilantes caídos da terra.

2.6.2 MASTEMA E OS ESPÍRITOS MALIGNOS

Uma figura importante que aparece em Jubileus é Mastema (מַשְׂטֵמָה, "inimizade" ou "hostilidade"), o líder dos espíritos malignos associado aos Vigilantes. Mastema não é mencionado no Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36), mas aparece em Jubileus e nos Manuscritos do Mar Morto.

Em Jubileus, Mastema é o líder dos demônios que emergem dos corpos dos Nefilins mortos, e ele desempenha um papel na tentação de Abraão e na permissão divina para que os demônios atormentem a humanidade.

2.6.3 A TRADIÇÃO MANUSCRITA DE JUBILEUS

O Livro dos Jubileus foi preservado em:

- Ge'ez: O texto completo sobrevive em manuscritos etíopes, onde é considerado canônico pela Igreja Ortodoxa Etíope.
- Hebraico: Fragmentos hebraicos de Jubileus foram encontrados em Qumran (4Q216-227), confirmando a origem judaica da obra.
- Grego: Citações e fragmentos gregos sobrevivem em fontes patrísticas.
- Latim: Uma tradução latina parcial sobrevive em manuscritos medievais.

2.6.4 INFLUÊNCIA DE JUBILEUS

O Livro dos Jubileus exerceu uma influência significativa sobre o judaísmo e o cristianismo primitivo. Sua versão da narrativa dos Vigilantes foi recebida em escritos compostos em aramaico, hebraico e grego. A obra é particularmente importante para a compreensão do desenvolvimento da angelologia e da demonologia no período do Segundo Templo.

2.7 O LIVRO DOS GIGANTES — A PROLE DOS VIGILANTES

O Livro dos Gigantes é uma obra que expande a narrativa dos Vigilantes, focando na prole híbrida — os Nefilins, Elioud e outros gigantes — e em seus sonhos e visões proféticos.

2.7.1 OS FRAGMENTOS DE QUMRAN

Fragmentos aramaicos do Livro dos Gigantes foram encontrados em Qumran, designados como 1Q19, 1Q20, 2Q26, 4Q203, 4Q530-533, 6Q8. Estes fragmentos foram publicados por Milik em sua edição de 1976 dos livros enoquianos.

O Livro dos Gigantes é "pensado para ter sido baseado no Livro de Enoque", expandindo a narrativa dos Vigilantes com detalhes sobre a vida, os sonhos e o destino dos gigantes.

2.7.2 CONTEÚDO DO LIVRO DOS GIGANTES

O Livro dos Gigantes descreve:

- Os sonhos dos gigantes: Os gigantes têm sonhos que prevêem sua própria destruição no dilúvio. Um dos gigantes (Ohya ou Hahya) tenta interpretar esses sonhos.
- A busca por conhecimento: Os gigantes buscam conhecimento sobre seu destino e enviam mensageiros a Enoque para interceder por eles.
- A destruição dos gigantes: A narrativa culmina na destruição dos gigantes no dilúvio, cumprindo a sentença divina.
- A emergência dos demônios: Dos corpos dos gigantes mortos emergem espíritos malignos que continuam a corromper a humanidade.

2.7.3 O LIVRO DOS GIGANTES NA TRADIÇÃO MANIQUEÍSTA

Um desenvolvimento significativo na pesquisa sobre o Livro dos Gigantes foi a descoberta de que Mani (c. 216-276 d.C.) e seus sucessores utilizaram lendas enoquianas, algumas versões das quais sobreviveram entre os pergaminhos de Qumran.

O Livro dos Gigantes maniqueísta, preservado em fragmentos em várias línguas (aramaico, persa médio, parta, sogdiano, copta, uigur), adaptou a narrativa enoquiana para a cosmologia maniqueísta, onde os gigantes são vistos como prisioneiros da matéria.

"O Livro dos Gigantes conecta mito, teologia e cosmologia antiga", oferecendo uma ponte entre a tradição judaica antiga e as tradições gnósticas e maniqueístas posteriores.

2.7.4 EDIÇÕES E ESTUDOS RECENTES

Estudos recentes (2024) sobre os manuscritos aramaicos de Enoque e o Livro dos Gigantes exploram o conteúdo e o significado destes textos, examinando a origem da tradição angelical dos Vigilantes e a relação textual e literária dos pergaminhos aramaicos com o Livro dos Vigilantes.

A edição mais recente (2024) dos Anais da Conferência Internacional Online organizada pelo Centro para o Estudo do Judaísmo do Segundo Templo da Universidade Católica de Lublin oferece novas perspectivas sobre o léxico, ortografia e gramática dos pergaminhos aramaicos.

2.8 A TRADIÇÃO SIRÍACA — O FRAGMENTO DE MIGUEL, O GRANDE

A tradição siríaca do Livro dos Vigilantes é representada principalmente por um fragmento sobre a "Descida dos Vigilantes" (1 Enoque 6:1-7) que sobrevive na crônica de Miguel, o Grande (século XII d.C.).

2.8.1 O FRAGMENTO SIRÍACO

O fragmento siríaco de 1 Enoque 6:1-7 foi preservado na Crônica de Miguel, o Grande, patriarca sírio-ortodoxo de Antioquia (1126-1199 d.C.). Miguel provavelmente obteve o texto de uma recensão grega, possivelmente através de um texto siríaco intermediário de Jacob de Edessa (c. 633-708 d.C.) ou de João, o Estilita de Litarba (falecido em 737 d.C.).

2.8.2 A TRADUÇÃO KARSHUNI

Além do fragmento na crônica de Miguel, há uma tradução Karshuni (árabe em escrita siríaca) de partes de 1 Enoque, feita a partir do siríaco. Esta tradução atesta a circulação do texto enoquiano no Oriente cristão.

2.8.3 A TRADIÇÃO SIRÍACA NA PESQUISA ACADÊMICA

O texto siríaco do Livro dos Vigilantes é apresentado em edições críticas que incluem versos em suas várias edições ge'ez, siríaca, grega e aramaica. A tradição siríaca é particularmente importante para a compreensão da história da recepção do texto no Oriente cristão, onde 1 Enoque nunca foi tão amplamente difundido como na Etiópia, mas ainda assim exerceu alguma influência.

Estudos recentes também identificaram temas do Livro dos Vigilantes na literatura sírio-fenícia, nos Papiros de Zenon, na Pérsia e na Grécia, demonstrando a ampla circulação da tradição enoquiana no mundo antigo.

2.9 A TRADIÇÃO LATINA — FRAGMENTOS E CITAÇÕES PATRÍSTICAS

A tradição latina do Livro dos Vigilantes é composta principalmente por fragmentos e citações em autores patrísticos, bem como por uma tradução latina tardia do texto etíope.

2.9.1 FRAGMENTOS LATINOS ANTIGOS

Poucos fragmentos latinos antigos de 1 Enoque sobrevivem. O texto é "inteiramente existente apenas na língua ge'ez, com fragmentos aramaicos dos Manuscritos do Mar Morto e alguns fragmentos gregos e latinos".

Os fragmentos latinos são mencionados em catálogos de manuscritos e em referências a obras perdidas. Um fragmento latino de 1 Enoque é mencionado em fontes enciclopédicas.

2.9.2 SILVESTRE DE SACY E A TRADUÇÃO LATINA (1800)

O orientalista francês Silvestre de Sacy produziu uma tradução latina de passagens do Livro dos Vigilantes em 1800, a partir do texto etíope recém- descoberto. Esta tradução cobria 1 Enoque 1:1-16:3, 22:5-7 e 32:1-6, e foi acompanhada por introdução e comentário em francês.

A tradução de Sacy foi fundamental para tornar o texto de 1 Enoque acessível aos estudiosos ocidentais que não tinham conhecimento do ge'ez.

2.9.3 CITAÇÕES PATRÍSTICAS EM LATIM

Os Padres da Igreja que escreveram em latim frequentemente fizeram referência à narrativa dos Vigilantes, mesmo sem citar diretamente o texto de 1 Enoque:

- Tertuliano (c. 155-240 d.C.): Em De cultu feminarum (Sobre a Adoração das Mulheres) 1.3 e De virginibus velandis (Sobre o Véu das Virgens) 7.4-8, Tertuliano invocou a narrativa dos anjos caídos para explicar Gênesis 6:1-4. Tertuliano defendeu a autenticidade de 1 Enoque.
- Orígenes (c. 184-253 d.C.): Embora escrevesse principalmente em grego, Orígenes foi citado em latim e influenciou a tradição latina. Em De principiis 4.4.8, ele invocou a narrativa dos Vigilantes.

2.9.4 O RITUAL ROMANO E ENOQUE

Uma evidência fascinante da recepção de Enoque na tradição latina é a presença de uma referência a Enoque no antigo Rituale Romanum. A oração para os moribundos incluía a invocação: "Libera, Domine, animam servi tui (ancillae tuae), sicut liberasti Henoch et Eliam de communi morte mundi" ("Liberta, ó Senhor, a alma do teu servo, assim como libertaste Enoque e Elias da morte comum do mundo").

Esta oração, preservada no Breviarius romanus (título V, capítulo 7: Ordo commendationis animae), atesta a veneração de Enoque na tradição latina medieval.

2.10 A TRADIÇÃO COPTA — FRAGMENTOS DO 2 ENOQUE

Em 2009, fragmentos coptas do 2 Enoque foram identificados, representando a primeira testemunha do texto em uma língua além do eslavo. Estes fragmentos, embora ainda não totalmente publicados, confirmam que o 2 Enoque circulou no Egito cristão e que a tradição eslava não é a única testemunha do texto.

Os fragmentos coptas são particularmente importantes para a crítica textual do 2 Enoque, pois oferecem uma testemunha independente que pode ajudar a resolver questões sobre a forma original do texto e suas relações com outras tradições enoquianas.

2.11 A TRADIÇÃO ARMÊNIA — ENOQUE NO CRISTIANISMO ORIENTAL

Embora não haja uma tradução completa de 1 Enoque em armênio, a tradição armênia preserva referências e alusões à narrativa dos Vigilantes. Estudos recentes têm explorado a presença de Enoque em apócrifos armênios.

A tradição armênia é importante porque representa um elo entre as tradições siríaca e ge'ez, e porque atesta a circulação da tradição enoquiana em todo o mundo cristão oriental.

2.12 TABELA COMPARATIVA DAS TRADIÇÕES TEXTUAIS

TRADIÇÃO	LÍNGUA	DATAÇÃO	EXTENSÃO
Ge'ez (Etíope)	Ge'ez	séc. XV-XX	Completa (1-36)
Aramaica (Qumran)	Aramaico	séc. I-III a.C.	Fragmentária (~20%)
Grega (Gizeh)	Grego	séc. VI d.C.	Cap. 1-32
Grega (Syncellus)	Grego	séc. IX d.C.	6:1-9:4
Grega (Chester Beatty)	Grego	séc. III-IV	97:6-107:3
Eslava (2 Enoque)	Eslavo	séc. I d.C.	Completa
Hebraica (3 Enoque)	Hebraico	séc. V d.C.	Completa
Siríaca	Siríaco	séc. XII d.C.	6:1-7
Latina	Latim	séc. XIX	Fragmentária
Copta	Copta	séc. ?	Fragmentária
Armênia	Armênio	séc. ?	Alusões

2.13 CONCLUSÃO DA CATALOGAÇÃO

A catalogação das fontes primárias do Livro dos Vigilantes revela uma história textual de extraordinária complexidade e riqueza. O que começou como um texto aramaico produzido no judaísmo do período do Segundo Templo foi traduzido, adaptado e reinterpretado em múltiplas línguas e contextos culturais ao longo de mais de um milênio.

Cada tradição textual oferece uma perspectiva única sobre a narrativa dos Vigilantes:

- O ge'ez preserva o texto mais completo, permitindo uma visão abrangente da obra.
- O aramaico oferece o testemunho mais antigo, aproximando-nos do texto original.
- O grego fornece o elo entre o aramaico e o ge'ez, e atesta a circulação do texto no mundo helenístico e romano.
- O eslavo apresenta uma versão teologicamente distinta, com ênfase em Satanail e na possibilidade de arrependimento.

- O hebraico eleva Enoque à categoria de Metatron, subordinando os Vigilantes ao justo exaltado.
- O siríaco, o latim, o copta e o armênio atestam a ampla circulação da tradição enoquiana em todo o mundo cristão antigo e medieval.

Esta diversidade textual é um testemunho da vitalidade e adaptabilidade da tradição dos Vigilantes, que continuou a evoluir e a ressoar em novos contextos culturais e religiosos através dos séculos. O estudo cuidadoso de cada uma destas fontes, em suas respectivas línguas e contextos, é essencial para uma compreensão completa da narrativa dos Vigilantes e de seu significado duradouro na história das ideias religiosas.

VIGILANTES · PARTE III

III

DATAÇÃO E AUTORIA — DEBATE ACADÊMICO

3.0 INTRODUÇÃO AO DEBATE ACADÊMICO SOBRE DATAÇÃO E AUTORIA

A questão da datação e autoria do Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36) é um dos debates mais complexos e fascinantes da pesquisa sobre literatura pseudepígrafa do Segundo Templo. Diferentemente dos textos canônicos, cuja autoria e datação são frequentemente (embora nem sempre) mais claras, o Livro dos Vigilantes apresenta um conjunto de desafios únicos: é uma obra compósita, atribuída a uma figura antediluviana, transmitida através de múltiplas línguas e tradições textuais, e que reflete camadas sobrepostas de composição, redação e recepção.

O debate acadêmico sobre estas questões envolve não apenas a análise filológica e paleográfica dos manuscritos disponíveis, mas também considerações históricas, sociológicas e teológicas sobre o contexto em que a obra foi produzida. Como veremos, não há consenso absoluto sobre muitos aspectos, mas há um corpo significativo de evidências que permite traçar um quadro razoavelmente detalhado da origem e desenvolvimento do texto.

3.1 A DATAÇÃO DO LIVRO DOS VIGILANTES — PANORAMA GERAL

O Livro dos Vigilantes é amplamente considerado pelos estudiosos como o mais antigo apocalipse existente e uma das partes mais antigas do corpus enoquiano. A datação da obra é geralmente situada no século III a.C., embora haja variações significativas nas propostas específicas dos pesquisadores.

3.1.1 O CONSENSO EM TORNO DO SÉCULO III A.C.

Há um consenso notável entre os especialistas em Enoque de que o Livro dos Vigilantes data da segunda metade do século III a.C. Como observou James H. Charlesworth em seu artigo "A Rare Consensus Among Enoch Specialists: The Date of the Earliest Enoch Books" (Henoch 24 [2002]: 225-34), este é um caso raro de consenso acadêmico sobre a datação de um texto antigo.

Annette Yoshiko Reed, em seu estudo fundamental Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity, isola o Livro dos Vigilantes como uma unidade que data do terceiro século a.C. Da mesma forma, Kelley Coblentz Bautch, em seu estudo da geografia de 1 Enoque 17-19, afirma que o Livro dos Vigilantes é "possivelmente o mais antigo apocalipse judaico" e data da "segunda metade do terceiro século a.C.".

O consenso é tão amplo que Reed pode afirmar categoricamente que o Livro dos Vigilantes "data do terceiro século BCE", e Bautch pode afirmar que a datação é suportada por um "consenso raro entre os especialistas em Enoque".

3.1.2 DATAÇÕES ALTERNATIVAS

Embora o consenso em torno do século III a.C. seja forte, há vozes dissidentes e variações significativas:

- Nickelsburg propõe uma datação mais ampla, situando o Livro dos Vigilantes no período anterior a 175 a.C. Em seu comentário Hermeneia, ele argumenta que "estamos justificados em tratar estes capítulos como um produto do período anterior a 175 a.C."
- Nickelsburg e VanderKam, em sua tradução Hermeneia, situam a composição dos textos apocalípticos de 1 Enoque entre o final do século IV a.C. e a virada da era.
- Gabriele Boccaccini e outros estudiosos do "Enochic Judaism" tendem a ver o corpus enoquiano como um todo como produto de um movimento que se estende por vários séculos, com o Livro dos Vigilantes representando uma das camadas mais antigas.

- Alguns estudiosos sugerem que o núcleo da narrativa (capítulos 6-11) pode ser ainda mais antigo, possivelmente datando do início do século III a.C. ou mesmo do final do século IV a.C.

3.1.3 A DATAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE QUMRAN

Os fragmentos aramaicos de Qumran fornecem um terminus ad quem crucial para a datação do Livro dos Vigilantes. Estes fragmentos são geralmente datados entre os séculos I e III a.C., com alguns manuscritos específicos datados com maior precisão:

- 4Q201 (4QEn^{a}): Datado da primeira metade do século II a.C.
- 4Q202 (4QEn^{b}): Datado do final do século II a.C.
- 4Q204 (4QEn^{c}): Datado do final do século I a.C.
- 4Q205 (4QEn^{d}): Datado do século I a.C.

A presença de múltiplas cópias do Livro dos Vigilantes em Qumran, datadas de diferentes períodos, demonstra que o texto já estava em circulação e era considerado importante pela comunidade de Qumran no século II a.C. no mínimo. Isto confirma que a composição original deve ser anterior a esta data.

3.1.4 A DATAÇÃO DA TRADIÇÃO GREGA

A tradução grega do Livro dos Vigilantes é outro marco importante para a datação. Pesquisas recentes sugerem que a tradução grega pode datar do século II a.C., influenciando textos judaicos antigos. A citação do Livro dos Vigilantes na Epístola de Judas (datada geralmente do século I d.C.) confirma que o texto grego já estava em circulação no primeiro século.

A ampla utilização do Livro dos Vigilantes pelos Padres da Igreja gregos e latinos dos séculos II ao IV d.C. indica uma data muito anterior para pelo menos o Livro dos Vigilantes. Esta ampla recepção atesta a circulação e autoridade do texto no cristianismo primitivo.

3.2 A NATUREZA COMPÓSITA DO LIVRO DOS VIGILANTES

Um dos aspectos mais importantes para compreender a datação e autoria do Livro dos Vigilantes é sua natureza compósita. O texto não é uma obra unitária produzida por um único autor em um único momento, mas sim uma coleção de tradições que foram gradualmente reunidas, editadas e redigidas ao longo do tempo.

3.2.1 A ESTRUTURA COMPÓSITA

O Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36) é composto por várias seções distintas que provavelmente tiveram origens independentes:

1. A Teofania Inaugural (1-5): Uma bênção e anúncio de juízo que pode ter circulado originalmente como uma unidade independente.
2. A Narrativa da Queda (6-11): O núcleo da história dos Vigilantes, que muitos estudiosos consideram a camada mais antiga do texto.
3. A Intercessão de Enoque (12-16): A história de Enoque como intermediário entre os Vigilantes caídos e Deus.
4. As Visões de Enoque (17-36): Descrições das jornadas celestiais de Enoque, que incluem visões dos lugares de punição e dos reinos celestiais. Bautch argumenta que 1 Enoque 17-19 existiu como uma unidade literária independente antes de ser incorporada ao Livro dos Vigilantes.

A natureza compósita do Livro dos Vigilantes aponta para suas origens, não na visão de um único autor, mas nas mãos de uma série de autores e redatores que trabalharam ao longo do tempo.

3.2.2 A REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO

O processo de composição do Livro dos Vigilantes envolveu múltiplas camadas de redação. Estudos recentes têm argumentado por uma nova compreensão do processo de redação que produziu o Livro dos Vigilantes.

A análise do processo composicional do Livro dos Vigilantes revela que diferentes seções foram compostas em momentos diferentes e por diferentes razões. A redação final do Livro dos Vigilantes envolveu a integração destas tradições em um todo coerente, com a adição de elementos de transição e conexão.

A pesquisa sobre a influência das práticas de escribas judaicas antigas no Codex Panopolitanus (o Fragmento de Akhmim) tem lançado nova luz sobre o processo de transmissão e redação do Livro dos Vigilantes. O Códice Panopolitanus, uma das testemunhas gregas mais importantes do texto, contém versões que são objeto de debate entre os estudiosos quanto ao seu significado.

3.3 AUTORIA — O PROBLEMA DA PSEUDEPIGRAFIA

O Livro dos Vigilantes é atribuído a Enoque, o sétimo patriarca depois de Adão, que "andou com Deus; e não foi mais visto, porque Deus o tomou" (Gênesis 5:24). Esta atribuição é o que os estudiosos chamam de pseudepigrafia — a prática de atribuir uma obra a uma figura venerada do passado.

3.3.1 ENOQUE COMO FIGURA AUTORAL

A escolha de Enoque como figura autoral não foi acidental. Enoque era uma figura enigmática e fascinante no texto bíblico: ele "andou com Deus" e foi "tomado" por Deus, escapando da morte comum. Esta caracterização o tornava o candidato ideal para receber revelações celestiais e servir como intermediário entre o céu e a terra.

No Livro dos Vigilantes, Enoque é descrito como um "escriba de justiça" (1 Enoque 12:4; 15:1), um "vidente", "sábio" e "juiz escatológico". Esta caracterização reflete a auto-compreensão dos autores reais do texto — escribas que viam a si mesmos como herdeiros da tradição de sabedoria de Enoque.

3.3.2 OS AUTORES REAIS — ESCRIBAS E CÍRCULOS ENOQUIANOS

Os autores reais do Livro dos Vigilantes eram, muito provavelmente, membros de círculos de escribas no período do Segundo Templo. Estes escribas:

- Pertenciam a grupos não-templários na Judeia
- Possuíam conhecimento astronômico distintivo
- Promoviam Enoque como seu exemplar
- Estavam envolvidos no mundo sociopolítico mais amplo de seu tempo

A pesquisa tem sugerido que o Livro dos Vigilantes se originou em um ambiente de sacerdotalismo escribal. Os autores eram escribas que competiam com outras tradições de sabedoria, como a representada por Ben Sira.

3.3.3 A QUESTÃO DO "GRUPO ENOQUIANO"

Um debate significativo na pesquisa contemporânea diz respeito à existência de um "grupo enoquiano" distinto no período do Segundo Templo. Alguns estudiosos têm sugerido que os livros de 1 Enoque foram compostos e compilados ao longo de vários séculos dentro de círculos de escribas cuja auto-identidade pode ser descrita como "enoquiana" em algum sentido significativo.

Gabriele Boccaccini e outros têm argumentado que o "Enochic Judaism" representava um movimento de dissidência dentro do Judaísmo do Segundo Templo, um movimento centrado nem no templo nem na Torá. Esta interpretação, no entanto, tem sido criticada por outros estudiosos que argumentam que a evidência para um "grupo enoquiano" distinto é insuficiente.

O que é certo é que a tradição enoquiana era amplamente conhecida e respeitada no período do Segundo Templo, como evidenciado pela presença de múltiplas cópias dos textos enoquianos em Qumran.

3.3.4 A PSEUDEPIGRAFIA COMO PRÁTICA LITERÁRIA

A pseudepigrafia era uma prática literária comum no período do Segundo Templo. Ao atribuir suas obras a figuras antigas como Enoque, os autores buscavam:

- Autoridade: O nome de Enoque conferia autoridade às suas revelações.
- Antiguidade: A atribuição a uma figura antediluviana dava ao texto um ar de antiguidade e sabedoria ancestral.
- Continuidade: A pseudepigrafia permitia aos autores apresentar suas ideias como parte de uma tradição contínua de revelação.

A pseudepigrafia não era considerada uma "falsificação" no sentido moderno, mas sim uma prática literária legítima que permitia aos autores falar com a voz de figuras veneradas do passado.

3.4 A LÍNGUA ORIGINAL — O DEBATE ARAMAICO × HEBRAICO × GE'EZ

A questão da língua original do Livro dos Vigilantes é outro aspecto fundamental do debate acadêmico. As opções principais são o aramaico, o hebraico e o ge'ez (embora poucos estudiosos fora da tradição etíope defendam esta última como língua original).

3.4.1 O ARAMAICO COMO LÍNGUA ORIGINAL

O consenso acadêmico atual é que o Livro dos Vigilantes foi originalmente escrito em aramaico. Esta conclusão é baseada em várias linhas de evidência:

- A descoberta dos fragmentos aramaicos em Qumran tornou "muito provável a visão de que o aramaico era a língua original da maior parte da obra".
- A análise linguística dos fragmentos aramaicos demonstra que eles representam o texto subjacente do qual as versões grega e ge'ez derivam.
- O aramaico era a língua franca do período do Segundo Templo na Judeia, tornando-a a escolha mais provável para um texto produzido neste contexto.

Michael Knibb (1978b: 7) afirmou categoricamente que os fragmentos de Qumran tornaram "muito provável a visão de que o aramaico era a língua original da maior parte da obra".

3.4.2 A HIPÓTESE DO HEBRAICO

Embora o aramaico seja a posição majoritária, alguns estudiosos defendem que o Livro dos Vigilantes foi originalmente escrito em hebraico ou em uma combinação de hebraico e aramaico.

Ephraim Isaac sugere que 1 Enoque, como o Livro de Daniel, foi composto parcialmente em aramaico e parcialmente em hebraico. Esta hipótese, no entanto, não tem ganho ampla aceitação.

3.4.3 A POSIÇÃO DA TRADIÇÃO ETÍOPE

Os estudiosos etíopes tradicionalmente sustentam que o ge'ez é a língua original da obra, da qual as cópias gregas e aramaicas foram derivadas. Esta posição é defendida pela Igreja Ortodoxa Etíope, que considera 1 Enoque parte de seu cânon bíblico.

No entanto, a maioria dos acadêmicos ocidentais rejeita esta posição, argumentando que o ge'ez é uma tradução do grego, que por sua vez é uma tradução do aramaico. A evidência filológica e histórica contradiz a afirmação de que o ge'ez é a língua original.

3.4.4 IMPLICAÇÕES DA QUESTÃO LINGUÍSTICA

A determinação da língua original tem implicações significativas para:

- A crítica textual: Compreender a língua original ajuda os estudiosos a avaliar a confiabilidade das diferentes versões e a reconstruir o texto original.
- O contexto histórico: A língua original fornece pistas sobre o contexto social e cultural em que o texto foi produzido.
- A datação: A análise linguística pode ajudar a datar o texto com maior precisão.

3.5 O CONTEXTO HISTÓRICO — O JUDAÍSMO DO SEGUNDO TEMPLO

O Livro dos Vigilantes foi produzido no contexto do Judaísmo do Segundo Templo (c. 536 a.C. – 70 d.C.), um período de intensa atividade apocalíptica e produção literária pseudepígrafa.

3.5.1 O PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO

O período do Segundo Templo foi marcado por:

- A dominação helenística: A Judeia foi sujeita ao domínio dos sucessores de Alexandre, o Grande, primeiro os Ptolomeus e depois os Selêucidas.
- A crise da helenização: A imposição da cultura e religião gregas criou tensões significativas na sociedade judaica.

- A Revolta dos Macabeus (século II a.C.): A revolta contra o domínio selêucida e a profanação do Templo.
- O surgimento de movimentos apocalípticos: A crise política e religiosa gerou uma produção literária apocalíptica significativa.

O Livro dos Vigilantes reflete estas tensões. A narrativa dos Vigilantes que trazem conhecimento proibido à humanidade pode ser lida como uma resposta à helenização e à introdução de conhecimento estrangeiro na Judeia.

3.5.2 A CONEXÃO COM A TRADIÇÃO MESOPOTÂMICA

O Livro dos Vigilantes também reflete um engajamento profundo com a tradição mesopotâmica. O antigo Israel estava ciente de que era um relativo retardatário no Antigo Oriente Próximo, onde as civilizações egípcia e mesopotâmica eram muito mais antigas e mais gloriosas.

A narrativa dos Vigilantes serve como uma contra-narrativa às tradições mesopotâmicas sobre os sábios antediluvianos (os apkallus). Enquanto a tradição mesopotâmica apresentava os apkallus como sábios que trouxeram civilização à humanidade, o Livro dos Vigilantes apresenta os Vigilantes como seres caídos que trouxeram conhecimento ilícito e corrupção.

Esta contra-narrativa permitiu aos autores judaicos reivindicar a antiguidade e sabedoria da tradição mesopotâmica, ao mesmo tempo que a subordinavam à revelação divina dada a Enoque.

3.5.3 O CONTEXTO SOCIAL — ESCRIBAS E CÍRCULOS DE SABEDORIA

O contexto social imediato do Livro dos Vigilantes era o de círculos de escribas na Judeia. Estes escribas:

- Eram competidores com outras tradições de sabedoria, como a representada por Ben Sira.

- Possuíam conhecimento especializado em astronomia e cosmologia.
- Promoviam Enoque como seu patrono e exemplar.
- Estavam envolvidos no mundo político mais amplo de seu tempo.

O Livro dos Vigilantes, portanto, não é apenas um texto teológico, mas também um documento do conflito intelectual e social no Judaísmo do Segundo Templo.

3.6 O DEBATE SOBRE A DATAÇÃO DO LIVRO DAS PARÁBOLAS E SUA RELAÇÃO COM O LIVRO DOS VIGILANTES

Um dos debates mais significativos na pesquisa enoquiana diz respeito à datação do Livro das Parábolas (1 Enoque 37-71) e sua relação com o Livro dos Vigilantes. Este debate é relevante porque a datação do Livro das Parábolas tem implicações para a compreensão da datação e desenvolvimento do corpus enoquiano como um todo.

3.6.1 A POSIÇÃO DE MILIK

Józef Tadeusz Milik, em sua edição dos fragmentos aramaicos de Qumran, argumentou que o Livro das Parábolas não está atestado entre os manuscritos de Qumran e, portanto, deve ser datado de um período posterior — especificamente, da segunda metade do século III d.C. Esta datação tardia teria implicações significativas para a compreensão da relação entre o Livro das Parábolas e o Novo Testamento.

3.6.2 A REAÇÃO AO ARGUMENTO DE MILIK

A datação tardia proposta por Milik tem sido amplamente contestada por outros estudiosos. A maioria dos pesquisadores atualmente data o Livro das Parábolas em um período anterior, geralmente no século I a.C. ou I d.C.

O debate sobre a datação do Livro das Parábolas continua sendo uma das questões mais controversas na pesquisa enoquiana.

3.6.3 IMPLICAÇÕES PARA A DATAÇÃO DO LIVRO DOS VIGILANTES

O debate sobre o Livro das Parábolas tem implicações indiretas para a datação do Livro dos Vigilantes. Se o Livro das Parábolas é posterior, isso confirma que o Livro dos Vigilantes é uma das camadas mais antigas do corpus enoquiano. Se o Livro das Parábolas é contemporâneo ou anterior, isso complicaria a compreensão da história composicional do corpus.

3.7 ESTUDOS RECENTES E NOVAS PERSPECTIVAS (2024-2026)

A pesquisa sobre o Livro dos Vigilantes continua a evoluir, com novos estudos lançando luz sobre a datação e autoria da obra.

3.7.1 A MONOGRAFIA DE MCCARRON (2024)

Alexander McCarron, em sua monografia Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9 (Brill, 2024), demonstra que a teofania enoquiana não era uma composição fixa ou estática, mas um texto dinâmico que se desenvolveu em diálogo com as estruturas interpretativas das comunidades que o transmitiram e receberam.

McCarron argumenta que as versões grega e etíope da teofania não devem ser vistas como janelas diretas para um "original" aramaico do Livro dos Vigilantes do período do Segundo Templo. Em vez disso, devem ser abordadas como parceiras de diálogo, ajudando a lançar luz sobre um discurso teofânico judaico antigo mais amplo e sua revitalização em contextos hermenêuticos cristãos posteriores.

McCarron não tenta reconstruir um único "urtexto" ou "texto inicial" da teofania enoquiana. Em vez disso, ele destaca os diversos contextos sociolinguísticos, sociorreligiosos e hermenêuticos que moldaram a transmissão, tradução e recepção do texto.

3.7.2 O ESTUDO DE JACOBUS (2026)

Helen R. Jacobus, em um estudo de 2026, examinou a influência das práticas de escribas judaicas antigas sobre o Codex Panopolitanus (o Fragmento de Akhmim), explorando as conexões entre o Livro dos Vigilantes em 1 Enoque, o Evangelho de Pedro e o Apocalipse de Pedro.

Este estudo lança nova luz sobre o processo de transmissão e redação do Livro dos Vigilantes, e sobre sua recepção no cristianismo primitivo.

3.7.3 O DEBATE SOBRE O "GRUPO ENOQUIANO" (2024)

Um artigo de 2024 oferece uma reavaliação crítica da afirmação acadêmica comum sobre a localização social da literatura enoquiana do Segundo Templo. O artigo argumenta que os rolos aramaicos ajudam a demonstrar que escribas de elite na Judeia antiga incorporaram qualquer número destas tradições, incluindo tradições enoquianas.

Este debate tem implicações significativas para a compreensão da autoria e contexto social do Livro dos Vigilantes.

3.8 TABELA COMPARATIVA DAS PROPOSTAS DE DATAÇÃO

ESTUDIOSO / FONTE	DATAÇÃO PROPOSTA
Charlesworth (2002)	Segunda metade do século III a.C.
Reed (2005)	Terceiro século a.C.

ESTUDIOSO / FONTE	DATAÇÃO PROPOSTA
Bautch (2003)	Segunda metade do século III a.C.
Nickelsburg (2001)	Anterior a 175 a.C.
Nickelsburg & VanderKam (2012)	Final do séc. IV a.C. – virada da era
Milik (1976)	Séc. III-I a.C. (fragmentos)
VanderKam (2022)	Terceiro século a.C.
Knibb (1978)	Séc. III-I a.C. (fragmentos)

3.9 CONCLUSÃO — O ESTADO ATUAL DO DEBATE

O debate sobre a datação e autoria do Livro dos Vigilantes, embora complexo, chegou a um conjunto de conclusões amplamente aceitas:

1. O Livro dos Vigilantes é uma obra compósita, produzida por múltiplos autores e redatores ao longo do tempo.
2. A datação mais provável é o século III a.C., com o núcleo da narrativa (capítulos 6-11) possivelmente datando do início deste século.
3. A língua original era o aramaico, como confirmado pelos fragmentos de Qumran.
4. Os autores reais eram escribas pertencentes a círculos de sabedoria no Judaísmo do Segundo Templo.
5. O texto foi produzido em um contexto de tensão entre a tradição judaica e a cultura helenística, e como uma contra-narrativa às tradições mesopotâmicas.
6. A recepção do texto foi ampla, como evidenciado pela presença de múltiplas cópias em Qumran, pela tradução para o grego e pela citação no Novo Testamento.

Estas conclusões, embora não isentas de debate, fornecem uma base sólida para a compreensão do Livro dos Vigilantes como um documento do Judaísmo do Segundo Templo, produzido por escribas que buscavam reivindicar a autoridade da tradição de Enoque para enfrentar os desafios de seu tempo.

A pesquisa continua a evoluir, com novos estudos (como os de McCarron em 2024 e Jacobus em 2026) lançando nova luz sobre a história textual e a recepção do Livro dos Vigilantes. O futuro da pesquisa promete aprofundar ainda mais nossa compreensão deste texto fascinante e de seu lugar na história do judaísmo e do cristianismo.

VIGILANTES · PARTE IV

IV

A QUEDA DOS VIGILANTES — NARRATIVA COMPLETA

4.0 INTRODUÇÃO À NARRATIVA DA QUEDA

A narrativa da queda dos Vigilantes, registrada em 1 Enoque 6-11, constitui o coração do Livro dos Vigilantes e é a mais antiga e influente versão da história dos anjos caídos na tradição judaica. Este relato, que expande o enigmático episódio de Gênesis 6:1-4, transforma algumas linhas bíblicas em um drama apocalíptico completo que envolve rebelião celestial, transgressão sexual, transmissão de conhecimento proibido, corrupção da criação, intervenção divina e juízo final.

A narrativa de 1 Enoque 6-11 não é, contudo, uma composição unitária. A análise crítica das fontes revela que esta seção do Livro dos Vigilantes é composta por duas tradições primárias que foram posteriormente entrelaçadas:

1. A tradição de Shemihazah (Samyaza) — focada na transgressão sexual dos anjos, na geração dos Nefilins e na corrupção violenta da humanidade.
2. A tradição de Asael (Azazel) — focada na transmissão ilícita de conhecimento celestial, incluindo metalurgia, cosméticos, magia e astrologia.

Estas duas vertentes foram habilmente entrelaçadas pelos redatores do Livro dos Vigilantes para criar uma narrativa coerente que aborda múltiplas dimensões do pecado e da corrupção. A pesquisa literária sugere que a narrativa foi originalmente uma polêmica anti-adivinhação que foi subsequentemente modificada para atacar outros males, como armas e cosméticos, e finalmente colocada no contexto mais amplo do Livro dos Vigilantes.

O estudo aprofundado de Siam Bhayro (2005) fornece uma edição completa da narrativa de Shemihazah e Asael, apresentando cada versículo em suas várias edições ge'ez, siríaca, grega e aramaica, com extenso comentário para elaborar a história da evolução da história como parte do "Livro dos Vigilantes" atestado em Qumran.

A narrativa da queda dos Vigilantes, portanto, não é apenas uma história antiga, mas um documento teológico complexo que reflete as ansiedades, tensões e aspirações do judaísmo do período do Segundo Templo. Sua estrutura, temas e personagens oferecem uma janela para o mundo intelectual e espiritual dos escribas que a produziram e das comunidades que a preservaram.

4.1 O CONTEXTO — A BÊNÇÃO DE ENOQUE E O ANÚNCIO DO JUÍZO (1 ENOQUE 1-5)

Antes de iniciar a narrativa da queda propriamente dita, o Livro dos Vigilantes estabelece um contexto teológico crucial nos capítulos 1-5. Esta seção inaugural, conhecida como a Teofania Enoquiana, serve como um prelúdio que define o tom e os temas de toda a obra.

4.1.1 A BÊNÇÃO DE ENOQUE (1 ENOQUE 1:1-2)

O livro começa com a famosa declaração: "Palavras da bênção de Enoque, segundo os quais ele abençoou os eleitos e justos, que viverão no dia da tribulação, para rejeitar todos os ímpios e ímpios" (1 Enoque 1:1-2). Esta bênção estabelece Enoque não apenas como um receptor passivo de revelação, mas como um profeta ativo que anuncia o juízo divino.

A pesquisa recente de Alexander McCarron (2024/2025) demonstrou que a teofania enoquiana não era uma composição fixa ou estática, mas um texto dinâmico que se desenvolveu em diálogo com as estruturas interpretativas das comunidades que o transmitiram e receberam. McCarron argumenta que as versões grega e etíope da teofania não devem ser vistas como janelas diretas para um "original" aramaico do Livro dos Vigilantes do período do Segundo Templo, mas sim como parceiras de diálogo que ajudam a lançar luz sobre um discurso teofânico judaico antigo mais amplo.

4.1.2 O ANÚNCIO DO JUÍZO (1 ENOQUE 1:3-9)

A teofania prossegue com uma visão de Deus vindo com miríades de santos para executar juízo sobre todos os ímpios (1 Enoque 1:3-9). Esta passagem é particularmente significativa porque é citada diretamente na Epístola de Judas (Judas 14-15) no Novo Testamento, demonstrando a autoridade que o texto enoquiano tinha no cristianismo primitivo.

O anúncio do juízo estabelece desde o início que a narrativa dos Vigilantes não é apenas uma história de queda, mas também uma história de restauração e justiça divina. A mensagem central é que, apesar da corrupção causada pelos anjos caídos, Deus permanece soberano e executará juízo sobre os transgressores, salvando os justos.

4.1.3 A EXORTAÇÃO AOS JUSTOS (1 ENOQUE 2-5)

Os capítulos 2-5 contêm uma exortação aos justos, baseada na observação da ordem da criação. Enoque argumenta que, assim como os corpos celestes e os elementos naturais obedecem às leis estabelecidas por Deus, os seres humanos também devem obedecer à lei divina. A criação, que não transgride a ordem divina, serve como um testemunho contra a humanidade que transgride.

Esta seção estabelece a cosmologia subjacente ao Livro dos Vigilantes: o universo é governado por uma ordem divina que deve ser respeitada. A transgressão dos Vigilantes é, portanto, não apenas um pecado moral, mas uma violação da própria estrutura do cosmos. Como observou Orlov, o mapa do conhecimento de outro mundo revelado a Enoque reflete inversamente o mapa das revelações ilícitas dadas pelos Vigilantes caídos à humanidade.

4.2 A CONSPIRAÇÃO E O JURAMENTO (1 ENOQUE 6)

O capítulo 6 do Livro dos Vigilantes marca o início da narrativa da queda propriamente dita. É aqui que a trama se desenrola: os Vigilantes veem as "filhas dos homens", as desejam e conspiram para tomar esposas humanas.

4.2.1 O DESEJO DOS VIGILANTES (1 ENOQUE 6:1-2)

O capítulo começa com uma cena que ecoa Gênesis 6:1-2: "E aconteceu que quando os filhos dos homens se multiplicaram, naqueles dias nasceram deles filhas formosas e belas. E os anjos, os filhos do céu, as viram e desejaram, e disseram uns aos outros: 'Vinde, escolhamos para nós esposas dentre os filhos dos homens, e geremos filhos'".

A linguagem é deliberadamente paralela à do texto bíblico, mas com uma diferença crucial: enquanto Gênesis é ambíguo sobre a identidade dos "filhos de Deus", o Livro dos Vigilantes os identifica explicitamente como anjos. Esta identificação remove qualquer ambiguidade e transforma o episódio em uma história de transgressão angélica.

4.2.2 O MEDO DE SEMJAZÁ E A PROPOSTA DO JURAMENTO (1 ENOQUE 6:3-4)

Semjázá (Shemihazah), o líder dos Vigilantes, é o primeiro a expressar preocupação com as consequências de sua ação planejada. Ele diz: "Temo que vós não queirais realmente concordar em fazer esta ação, e eu sozinho tenha que pagar a penalidade de um grande pecado".

Esta declaração revela vários aspectos importantes da caracterização de Semjázá:

- Ele tem consciência de que o que estão prestes a fazer é um pecado.
- Ele tem medo das consequências divinas.
- Ele reconhece a natureza coletiva da transgressão — se todos participarem, a responsabilidade será compartilhada.

Os outros Vigilantes respondem com uma proposta que se tornará o ato fundacional de sua rebelião: "Façamos todos um juramento, e liguemo-nos por mútuas imprecações, para não abandonarmos este plano, mas para fazermos esta coisa".

4.2.3 O JURAMENTO NO MONTE HERMON (1 ENOQUE 6:5-6)

O juramento é então executado: "Então juraram todos juntos e se ligaram por mútuas imprecações sobre isso". O local escolhido para este ato solene é o Monte Hermon:

"E eram, todos eles, duzentos, que desceram nos dias de Jared sobre o cume do Monte Hermon, e chamaram-lhe Monte Hermon, porque nele haviam jurado e se ligado por mútuas imprecações" (1 Enoque 6:6).

O nome "Hermon" deriva da raiz semítica ḥ-r-m, que significa "consagrado", "proibido" ou "amaldiçoado". O trocadilho é deliberado: o local da consagração do juramento torna-se o local da maldição. O Monte Hermon, portanto, não é apenas um cenário geográfico, mas um símbolo teológico da transgressão dos Vigilantes.

Uma inscrição descoberta no Monte Hermon foi conectada por Nickelsburg ao juramento dos anjos sob Semjaza em 1 Enoque 6:6. A montanha tornou-se conhecida como "a montanha do juramento".

4.2.4 A LISTA DOS LÍDERES (1 ENOQUE 6:7-8)

O capítulo conclui com a lista dos vinte líderes dos Vigilantes, os "chefes de dezenas". O texto é claro:

"E estes são os nomes de seus líderes: Semjázá, seu líder, Arákîba, Râmêal, Kôkabîal, Tâmîal, Râmîal, Dânal, Êzêqêal, Barâqîjâl, Asâal, Armâros, Batârêal, Anânêal, Zaqîêal, Samsâpêal, Satarêal, Tûrêal, Jômjâal, Sarîêal. Estes são seus chefes de dezenas" (1 Enoque 6:7-8).

O fragmento aramaico 4Q201 confirma esta lista, embora com algumas variações ortográficas e de ordem. A presença desta lista em ambas as tradições textuais atesta sua importância para a compreensão da estrutura hierárquica dos Vigilantes.

O estudo filológico dos nomes dos vinte Vigilantes no livro de Enoque e sua tradição manuscrita tem se desenvolvido até onde as fontes existentes permitem. Os nomes frequentemente revelam as funções e áreas de especialização dos Vigilantes — como Kokabiel (do hebraico kokhav, "estrela"), Baraqiel (do hebraico baraq, "relâmpago"), e Shamsiel (do hebraico shemesh, "sol").

4.3 O MONTE HERMON — SIGNIFICADO GEOGRÁFICO E TEOLÓGICO

O Monte Hermon ocupa um lugar central na narrativa da queda dos Vigilantes, não apenas como cenário geográfico, mas como um locus teologicamente carregado.

4.3.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O Monte Hermon (em hebraico: חֶרְמוֹן, Chermon; em árabe: جبل الشيخ, Jabal al-Shaykh, "Montanha do Xeque") está localizado na fronteira entre a Síria, o Líbano e Israel (Colinas de Golã). Com 2.814 metros de altitude, é o ponto mais alto da Síria e do Líbano, e era conhecido na antiguidade como "o olho do Levante" devido à sua visibilidade de longa distância.

4.3.2 SIGNIFICADO NA TRADIÇÃO ENOQUIANA

No Livro dos Vigilantes, o Monte Hermon é o local onde os 200 Vigilantes desceram e juraram sua aliança de transgressão. O texto enfatiza a conexão entre o nome da montanha e o juramento:

"E chamaram-lhe Monte Hermon, porque nele haviam jurado e se ligado por mútuas imprecações" (1 Enoque 6:6).

A raiz ḥ-r-m carrega múltiplos significados no hebraico bíblico: "consagrar" (como em herem, "coisa consagrada"), "proibir" (como em haram, "proibido"), e "amaldiçoar" (como em herem, "maldição"). O trocadilho captura a ambiguidade do ato dos Vigilantes: o que eles consagram através do juramento é, aos olhos de Deus, uma maldição.

4.3.3 O MONTE HERMON NA TRADIÇÃO POSTERIOR

O Monte Hermon continuou a ter significado nas tradições posteriores:

- Na tradição judaica: Associado à queda dos anjos e à origem dos demônios.
- Na tradição cristã: Mencionado como o local da Transfiguração em algumas tradições (embora o Monte Tabor seja mais comum).
- Na tradição ocultista: Considerado um dos "portais" ou "vórtices" de poder espiritual na Terra.

A conexão entre o Monte Hermon e o juramento dos Vigilantes é tão forte que, como observou Nickelsburg, uma inscrição descoberta na montanha foi ligada ao juramento dos anjos sob Semjaza.

4.4 A UNIÃO COM AS FILHAS DOS HOMENS (1 ENOQUE 6-7)

Após o juramento no Monte Hermon, os Vigilantes executam seu plano: descem à Terra e tomam esposas humanas. Esta união entre o celestial e o terreno é o primeiro dos dois grandes pecados dos Vigilantes.

4.4.1 A TRANGRESSÃO SEXUAL (1 ENOQUE 6-7)

O texto descreve a união dos Vigilantes com as filhas dos homens de forma direta: "E eles tomaram para si esposas de entre todas as que escolheram, e começaram a entrar nelas e a se contaminar com elas" (1 Enoque 6-7, fragmento aramaico 4Q201).

A linguagem da "contaminação" (em aramaico: tamme'u) é significativa. A união dos anjos com as humanas não é apresentada como um ato neutro ou natural, mas como uma poluição que viola as fronteiras ontológicas estabelecidas por Deus entre o celestial e o terreno.

4.4.2 A GERAÇÃO DOS NEFILINS (1 ENOQUE 7:1-2)

O resultado imediato da união é a geração de uma prole híbrida e monstruosa:

"E elas engravidaram, e deram à luz grandes gigantes, cuja altura era de três mil côvados" (1 Enoque 7:2).

A altura de três mil côvados (aproximadamente 1.350 metros) é deliberadamente hiperbólica, destinada a enfatizar a monstruosidade e a transgressão da prole dos Vigilantes. Os gigantes não são meramente grandes; eles são de uma escala que desafia a própria ordem da criação.

O texto grego preservado por Syncellus descreve os gigantes antediluvianos como uma sequência de três gerações: os gigantes, os Nefilins e os Elioud. O termo "Elioud" (אליאוד) é um enigma bem conhecido na pesquisa, possivelmente derivado de uma combinação de el ("Deus") e yaled ("gerar"), significando "gerados por Deus" ou "filhos de Deus".

4.4.3 A CORRUPÇÃO VIOLENTA (1 ENOQUE 7:3-5)

Os gigantes, uma vez nascidos, não apenas existem, mas corrompem ativamente a Terra:

"Estes gigantes consumiram todo o produto do trabalho dos homens. E quando os homens não puderam mais sustentá-los, os gigantes se voltaram contra eles e devoraram a humanidade" (1 Enoque 7:3-4).

A violência dos gigantes é apresentada como uma corrupção sistêmica que afeta toda a criação. Eles não apenas consomem os recursos da Terra, mas também se voltam contra a própria humanidade que os gerou, criando um ciclo de violência e destruição.

A narrativa enfatiza que os gigantes, como seus pais os Vigilantes, não podem controlar seus apetites — assim como os anjos não puderam controlar seu desejo sexual pelas mulheres. Esta incontinência é apresentada como uma característica fundamental da transgressão.

4.5 OS ENSINAMENTOS PROIBIDOS (1 ENOQUE 7-8)

Além da união carnal, o segundo grande pecado dos Vigilantes é a transmissão de conhecimento proibido à humanidade. Esta seção do Livro dos Vigilantes é particularmente importante porque revela a natureza e o escopo dos segredos celestiais que foram ilicitamente revelados.

4.5.1 A NATUREZA DOS ENSINAMENTOS

Os ensinamentos dos Vigilantes abrangem uma ampla gama de conhecimentos que, segundo a narrativa, pertenciam exclusivamente ao domínio celestial:

- Metalurgia e Armas: Azazel ensinou os homens a fabricar espadas, facas, escudos e couraças, e revelou os metais da terra e a arte de trabalhá-los.
- Cosméticos e Vaidade: Azazel ensinou as artes de embelezamento, incluindo o uso de antimônio (kohl) para os olhos, a beleza das pálpebras, pulseiras, ornamentos, pedras preciosas e tinturas.
- Magia e Feitiçaria: Samyaza ensinou feitiços, encantamentos e a arte de cortar raízes para fins mágicos e medicinais.

- Astrologia e Astronomia: Baraqiel ensinou astrologia e os sinais dos relâmpagos; Kokabiel ensinou o conhecimento das constelações; Ezeqeel ensinou o conhecimento das nuvens.
- Escrita: Penemue ensinou a arte da escrita com tinta e papel, e os "segredos da sabedoria".

4.5.2 AZAZEL COMO O GRANDE CORRUPTOR

Entre todos os Vigilantes, Azazel (também chamado de Asael) recebe a maior condenação por seus ensinamentos. O texto de 1 Enoque 10:8 declara: "Toda a terra foi corrompida pelas obras que foram ensinadas por Azazel: a ele atribuí todo o pecado".

Os ensinamentos específicos de Azazel são detalhados em 1 Enoque 8:1-2:

"E Azazel ensinou os homens a fazer espadas e facas e escudos e couraças; e deu-lhes a conhecer os metais da terra e a arte de trabalhá-los; e pulseiras e ornamentos; e o uso do antimônio e o embelezamento das pálpebras; e toda espécie de pedras preciosas e todas as tinturas de coloração".

A condenação de Azazel é tão severa porque seus ensinamentos não apenas corrompem a humanidade, mas também pervertem a ordem da criação ao introduzir tecnologias que permitem a violência (armas) e a vaidade (cosméticos).

4.5.3 A CORRUPÇÃO ATRAVÉS DA BELEZA

Um aspecto particularmente interessante da tradição de Azazel é a conexão entre seus ensinamentos cosméticos e a sedução. Em algumas versões gregas, as mulheres que aprenderam as artes da ornamentação com Azazel usaram esses conhecimentos para seduzir os próprios anjos. Isto cria um ciclo irônico de corrupção: os anjos ensinam as mulheres a se embelezar, e as mulheres usam esse embelezamento para seduzir os anjos.

Esta tradição foi particularmente influente na patrística latina. Tertuliano, em De cultu feminarum 1.3 e De virginibus velandis 7.4-8, invocou a narrativa dos anjos caídos para explicar a origem da vaidade feminina e para argumentar contra o uso de cosméticos pelas mulheres cristãs.

4.5.4 A TRANSMISSÃO DA ESCRITA

Penemue é descrito como aquele que ensinou "a arte da escrita com tinta e papel" e os "segredos da sabedoria". A transmissão da escrita é apresentada como um conhecimento particularmente perigoso porque permite a preservação e disseminação de outros conhecimentos proibidos.

A ironia, é claro, é que o próprio Livro dos Vigilantes é um texto escrito — um produto da mesma tecnologia que a narrativa apresenta como uma transgressão. Esta auto-reflexividade sugere que os autores do Livro dos Vigilantes estavam conscientes da complexidade de sua posição em relação ao conhecimento escrito.

4.6 A QUEIXA DA HUMANIDADE E A INTERVENÇÃO DOS ARCANJOS (1 ENOQUE 9)

A corrupção causada pelos Vigilantes e seus filhos gigantes eventualmente chega aos ouvidos do céu. O capítulo 9 do Livro dos Vigilantes descreve a queixa da humanidade e a intervenção dos quatro arcanjos.

4.6.1 O CLAMOR DA TERRA (1 ENOQUE 9:1-3)

O texto descreve como a Terra clama a Deus contra os Vigilantes:

"E então Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel olharam para baixo do céu e viram o sangue que estava sendo derramado sobre a terra, e toda a opressão que estava sendo feita sobre a terra" (1 Enoque 9:1).

O clamor da humanidade e da própria criação serve como um apelo à justiça divina. A violência dos gigantes e a corrupção dos ensinamentos dos Vigilantes criaram uma situação insustentável que exige intervenção divina.

4.6.2 A INTERCESSÃO DOS ARCANJOS (1 ENOQUE 9:4-11)

Os quatro arcanjos — Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel — não apenas observam a corrupção, mas intercedem ativamente diante de Deus. Eles apresentam a Deus o caso da humanidade sofredora e pedem justiça:

"E eles disseram ao Senhor dos séculos: 'Senhor dos senhores, Deus dos deuses, Rei dos reis... Tu vês o que Azazel fez, como ele ensinou toda a iniquidade sobre a terra...'" (1 Enoque 9:4-6).

A intercessão dos arcanjos é significativa porque demonstra que a justiça divina não é automática — ela requer mediação e petição. Os arcanjos atuam como advogados da humanidade diante do trono divino, um papel que será posteriormente assumido por Enoque.

4.6.3 A RESPOSTA DIVINA (1 ENOQUE 9:12)

A resposta de Deus à intercessão dos arcanjos não é imediatamente registrada em 1 Enoque 9, mas é o prelúdio para o julgamento que será executado no capítulo 10. A estrutura narrativa sugere que Deus ouve o clamor e responde com uma sentença de juízo.

A função de 1 Enoque 9:1-3 na estrutura literária do mito dos anjos caídos tem sido objeto de estudo acadêmico. Estas passagens servem como uma transição crucial entre a narrativa da queda e a narrativa do julgamento, estabelecendo a justificação teológica para a punição divina.

4.7 O JULGAMENTO DIVINO (1 ENOQUE 10)

O capítulo 10 do Livro dos Vigilantes é o ponto culminante da narrativa da queda. Aqui, Deus responde ao clamor da Terra e aos apelos dos arcanjos, emitindo uma sentença de juízo contra os Vigilantes e sua prole.

4.7.1 O ANÚNCIO DO DILÚVIO A NOÉ (1 ENOQUE 10:1-3)

A primeira ação divina é o anúncio do Dilúvio a Noé. Uriel é encarregado de avisar Noé sobre o iminente cataclismo:

"Então o Altíssimo, o Santo, o Grande, falou, e enviou Uriel ao filho de Lameque, e disse-lhe: 'Vai a Noé e dize-lhe em meu nome: Esconde-te; e revela-lhe o fim que se aproxima: toda a terra será destruída, e um dilúvio está prestes a vir sobre toda a terra...'" (1 Enoque 10:1-3).

O anúncio do Dilúvio estabelece que o juízo contra os Vigilantes será executado através de um cataclismo cósmico que limpará a Terra da corrupção. Noé, como o justo remanescente, é preservado para repovoar a Terra após o juízo.

4.7.2 O APRISIONAMENTO DE AZAZEL (1 ENOQUE 10:4-8)

A sentença mais severa é reservada para Azazel. Rafael é encarregado de prender Azazel e lançá-lo na escuridão:

"E novamente o Senhor disse a Rafael: 'Ata Azazel pelas mãos e pelos pés, e lança-o na escuridão. E abre o deserto que está em Dudael, e lança-o lá. E lança sobre ele pedras ásperas e afiadas, e cobre-o com escuridão, e que ele permaneça lá para sempre; e cobre o seu rosto, para que ele não veja a luz'" (1 Enoque 10:4-5).

O local do aprisionamento de Azazel é Dudael (ou Doudael), um deserto misterioso cujo nome é derivado de dud ("caldeirão" ou "lugar de julgamento"). A conexão entre Dudael e o ritual do bode expiatório (Yom Kippur) é significativa: assim como o bode expiatório era enviado ao deserto para Azazel (Levítico 16), aqui Azazel é enviado ao deserto como o próprio bode expiatório.

A sentença de Azazel inclui elementos específicos: ligação ("Ata Azazel pelas mãos e pelos pés"), isolamento ("Lança-o na escuridão"), enterramento ("Abre o deserto... e lança-o lá"), sepultamento ("Lança sobre ele pedras ásperas e afiadas"), cegueira ("Cobre o seu rosto, para que ele não veja a luz").

A sentença termina com a atribuição de todo o pecado a Azazel: "Toda a terra foi corrompida pelas obras que foram ensinadas por Azazel: a ele atribuí todo o pecado" (1 Enoque 10:8).

4.7.3 A DESTRUIÇÃO DOS NEFILINS (1 ENOQUE 10:9-12)

Gabriel é encarregado de destruir os Nefilins, a prole dos Vigilantes:

"E Gabriel disse: 'Destruí os filhos da fornicação e os filhos dos Vigilantes dentre os filhos dos homens; e enviai-os uns contra os outros em batalha, para que pereçam pela espada...'" (1 Enoque 10:9-10).

A destruição dos Nefilins é apresentada como uma guerra fratricida — os gigantes são incitados a se matarem uns aos outros. Esta violência auto-infligida é uma forma de juízo poético: aqueles que trouxeram violência à Terra são destruídos pela violência.

4.7.4 O APRISIONAMENTO DE SEMJAZÁ E SEUS SEGUIDORES (1 ENOQUE 10:11-14)

Miguel é encarregado de prender Semjázá e seus seguidores:

"E Miguel disse: 'Vai, ata Semjázá e seus companheiros... e ata-os nas profundezas da terra, e cobre-os com escuridão, e que eles permaneçam lá por setenta gerações, até o dia do seu julgamento...'" (1 Enoque 10:11-12).

A sentença de Semjázá difere da de Azazel em dois aspectos importantes:

1. Temporalidade: Semjázá é aprisionado "por setenta gerações", sugerindo que sua punição é temporária, enquanto a de Azazel é "para sempre".

2. Localização: Semjázá é preso "nas profundezas da terra", enquanto Azazel é preso no deserto de Dudael.

Esta distinção entre os dois líderes reflete a dupla estrutura da narrativa: a tradição de Shemihazah (transgressão sexual) e a tradição de Asael (transmissão de conhecimento) recebem punições diferentes, embora ambas resultem em aprisionamento e escuridão.

4.7.5 A ORIGEM DOS ESPÍRITOS MALIGNOS (1 ENOQUE 10:15-16; 15:8-12)

Uma consequência importante do juízo dos Vigilantes é a origem dos demônios. Quando os Nefilins são destruídos, seus espíritos emergem de seus corpos e continuam a corromper a humanidade:

"E agora, os gigantes, que nasceram dos espíritos e da carne, serão chamados espíritos malignos sobre a terra, e na terra será a sua habitação" (1 Enoque 15:8).

Esta passagem, que aparece em 1 Enoque 15 (na seção da intercessão de Enoque), estabelece uma demonologia que será influente no judaísmo e cristianismo posteriores. Os demônios não são anjos caídos (como na tradição cristã posterior), mas sim os espíritos dos gigantes mortos, uma classe distinta de seres malignos.

4.8 O PAPEL DE ENOQUE — INTERCESSOR E MENSAGEIRO (1 ENOQUE 12-16)

Após o julgamento divino ser decretado, Enoque entra em cena como o intermediário entre o céu e os Vigilantes aprisionados. Os capítulos 12-16 do Livro dos Vigilantes descrevem o papel único de Enoque como mensageiro e intercessor.

4.8.1 A ELEVAÇÃO DE ENOQUE (1 ENOQUE 12:1-2)

Enoque é descrito como um "escriba de justiça" que recebe revelações divinas:

"Antes destas coisas, Enoque estava escondido, e nenhum dos filhos dos homens sabia onde ele estava... E ele foi elevado, e a visão do Santo o chamou, e a voz do Santo o ouviu" (1 Enoque 12:1-2).

A elevação de Enoque é paralela à descida dos Vigilantes: enquanto os Vigilantes desceram à Terra para transgredir, Enoque ascende ao céu para receber revelação. Este paralelismo inverso é uma característica estrutural fundamental do Livro dos Vigilantes.

4.8.2 A MISSÃO DE ENOQUE (1 ENOQUE 12:3-16:4)

Enoque recebe uma dupla missão:

1. Anunciar a sentença aos Vigilantes aprisionados: "Vai, e dize aos Vigilantes do céu, que te enviaram para interceder por eles: 'Vós deveis interceder pelos homens, e não os homens por vós...'" (1 Enoque 13:4-6).
2. Interceder pelos Vigilantes: Enoque escreve uma petição em favor dos Vigilantes e a apresenta diante de Deus.

A intercessão de Enoque pelos Vigilantes é, no entanto, rejeitada. Deus responde que não há perdão para os anjos caídos, porque eles já ouviram a palavra de Deus e a desobedeceram deliberadamente.

4.8.3 A CONDEMNAÇÃO DOS VIGILANTES (1 ENOQUE 15-16)

Nos capítulos 15-16, Deus explica a Enoque por que os Vigilantes não podem ser perdoados:

"Por que deixastes o alto céu santo e eterno, e vos deitastes com as mulheres, e vos contaminastes com as filhas dos homens, e tomastes esposas para vós, e fizestes como os filhos da terra, e gerastes filhos gigantes?" (1 Enoque 15:3).

A condenação dos Vigilantes é baseada em dois argumentos:

1. Violação da natureza: Os Vigilantes eram espíritos imortais que não deveriam ter se unido a seres mortais.
2. Transgressão deliberada: Os Vigilantes conheciam a vontade de Deus e a desobedeceram conscientemente.

A rejeição da intercessão de Enoque estabelece que a queda dos Vigilantes é definitiva e irreversível, ao contrário da tradição eslava (2 Enoque), onde alguns Grigori podem se arrepender.

4.9 AS VISÕES DE ENOQUE (1 ENOQUE 17-36)

Os capítulos 17-36 do Livro dos Vigilantes descrevem as visões de Enoque durante suas jornadas celestiais. Estas visões servem como uma contrapartida aos ensinamentos proibidos dos Vigilantes: enquanto os Vigilantes revelaram conhecimento ilícito, Deus revela a Enoque o conhecimento legítimo da ordem cósmica.

4.9.1 A PRIMEIRA JORNADA — LUGARES DE PUNIÇÃO (1 ENOQUE 17-19)

Enoque é levado a lugares de punição onde vê os Vigilantes aprisionados e as estrelas que transgrediram a ordem divina. Estas visões estabelecem a geografia do além que será influente nas tradições apocalípticas posteriores.

Bautch argumenta que 1 Enoque 17-19 existiu como uma unidade literária independente antes de ser incorporada ao Livro dos Vigilantes. Esta seção reflete a cosmologia e a geografia mítica do período do Segundo Templo.

4.9.2 A SEGUNDA JORNADA — REINOS CELESTIAIS (1 ENOQUE 20-36)

A segunda jornada de Enoque o leva através dos reinos celestiais, onde ele vê:

- Os sete montes de pedras preciosas (1 Enoque 24-25)
- O jardim da justiça e a árvore da vida (1 Enoque 24-25)
- O lugar dos justos e dos ímpios (1 Enoque 22)
- A morada dos anjos e as portas do céu (1 Enoque 33-36)

A visão da árvore da vida em 1 Enoque 24-25 é particularmente significativa porque estabelece uma conexão entre Enoque e as tradições do jardim do Éden.

4.9.3 O MAPA DO CONHECIMENTO

Orlov argumenta que o mapa do conhecimento de outro mundo revelado a Enoque reflete inversamente o mapa das revelações ilícitas dadas pelos Vigilantes caídos à humanidade. Esta estrutura sugere que um dos possíveis objetivos para o paralelismo é que, ao revelar a Enoque os mesmos mistérios divinos que foram anteriormente transmitidos pelos Vigilantes, Deus tenta mitigar a corrupção causada pelas instruções ilícitas dos anjos caídos.

O conhecimento revelado a Enoque inclui: a ordem dos corpos celestes, a geografia do além, a estrutura do cosmos, e o destino dos justos e dos ímpios. Este conhecimento é apresentado como legítimo e redentor, em contraste com o conhecimento ilícito transmitido pelos Vigilantes, que é corruptor e destrutivo.

4.10 A NARRATIVA COMO CONTRA-NARRATIVA MESOPOTÂMICA

Uma das descobertas mais significativas da pesquisa recente (2024) é que a narrativa dos Vigilantes se origina como uma contra-narrativa às tradições mesopotâmicas sobre os sábios antediluvianos, os apkallus.

4.10.1 OS APKALLUS MESOPOTÂMICOS

Na tradição mesopotâmica, os apkallus eram sete sábios antediluvianos que trouxeram civilização à humanidade. Eles ensinaram aos humanos a arte da escrita, a agricultura, a metalurgia e outras artes da civilização.

O mito de Adapa em acádio oferece uma versão da narrativa em que o sábio foi promovido no céu a um status divino, conceito corroborado por uma entrada no compêndio cuneiforme Tintir e na Crônica de Esagila. Esta tradição também associou Adapa ao sobrevivente do dilúvio imortalizado.

4.10.2 A CONTRA-NARRATIVA ENOQUIANA

Na forma de uma contra-narrativa, os textos enoquianos do judaísmo atribuíram a assunção celestial a Enoque e apresentaram os Vigilantes como as entidades demoníacas subordinadas a ele.

Os autores de Gênesis 1-11 responderam ao seu encontro com fontes mesopotâmicas usando três formas principais de adaptação: inclusão, emulação e supersessão. A tradição dos Vigilantes representa uma estratégia sofisticada de reapropriação cultural, onde o conhecimento dos sábios mesopotâmicos é reinterpretado como conhecimento ilícito transmitido por seres caídos.

4.10.3 A QUEDA DOS VIGILANTES E A CRÔNICA DE ESAGILA

A queda dos Vigilantes, a promoção de Enoque e a batalha primordial contra as forças do mal são retratadas no Apocalipse dos Animais de 1 Enoque 85-90. Um cenário muito semelhante é encontrado na Crônica de Esagila, que descreve a

história primitiva da humanidade a partir da perspectiva babilônica. Pode-se demonstrar que o Apocalipse dos Animais usa esta ou uma fonte historiográfica cuneiforme semelhante como base de sua contra-narrativa.

Esta descoberta lança nova luz sobre a função social e teológica da narrativa dos Vigilantes: ela não é apenas uma história de anjos caídos, mas também uma resposta polêmica à hegemonia cultural da Mesopotâmia, reivindicando para a tradição judaica a antiguidade e autoridade que a Mesopotâmia reivindicava para si.

4.11 A INFLUÊNCIA DA NARRATIVA DA QUEDA

A narrativa da queda dos Vigilantes exerceu uma influência profunda sobre o judaísmo, o cristianismo e o ocultismo ocidental.

4.11.1 NO NOVO TESTAMENTO

A narrativa da queda dos Vigilantes é claramente refletida em várias passagens do Novo Testamento:

- Judas 6: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele reservou na escuridão e em prisões eternas para o juízo do grande dia."
- Judas 14-15: Cita diretamente 1 Enoque 1:9, a teofania que precede a narrativa da queda.
- 2 Pedro 2:4: "Porque, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo."
- 1 Pedro 3:19-20: "No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão."

A influência da narrativa dos Vigilantes no Novo Testamento é tão significativa que alguns estudiosos argumentam que a tradição enoquiana foi uma das principais fontes teológicas do cristianismo primitivo.

4.11.2 NA PATRÍSTICA

Os Padres da Igreja que escreveram em grego e latim frequentemente fizeram referência à narrativa dos Vigilantes:

- Justino Mártir: Discutiu a natureza dos anjos caídos e sua relação com os demônios.
- Atenágoras de Atenas: Argumentou que os anjos caídos e seus filhos gigantes são a origem dos demônios.
- Tertuliano: Em De cultu feminarum e De virginibus velandis, invocou a narrativa dos anjos caídos para explicar a origem da vaidade feminina.
- Orígenes: Em De principiis, invocou a narrativa dos Vigilantes para discutir a natureza dos anjos.

4.11.3 NA TRADIÇÃO RABÍNICA

A narrativa dos Vigilantes influenciou a literatura rabínica posterior, incluindo o "Midrash de Shemhazai e Azael" encontrado em Bereshit Rabbati. Esta tradição rabínica reinterpreta a queda dos anjos como um aviso contra a hibridização e a transgressão de fronteiras.

4.11.4 NO OCULTISMO OCIDENTAL

A narrativa da queda dos Vigilantes é fundamental para:

- A magia enoquiana de John Dee e Edward Kelley (século XVI)
- Os grimórios como o Secret Grimoire of Turiel
- As tradições luciferianas e de Mão Esquerda que veem os Vigilantes como agentes de evolução
- A tradição da Golden Dawn e da magia cerimonial ocidental

4.12 TABELA CRONOLÓGICA DA NARRATIVA DA QUEDA

CAPÍTULO	EVENTO
1 Enoque 1-5	Teofania inaugural: bênção de Enoque e anúncio do juízo
1 Enoque 6:1-2	Os Vigilantes veem e desejam as filhas dos homens
1 Enoque 6:3-4	Semjázá expressa medo; proposta do juramento
1 Enoque 6:5-6	Juramento no Monte Hermon
1 Enoque 6:7-8	Lista dos 20 líderes (chefes de dezenas)
1 Enoque 7:1-2	União com as mulheres; nascimento dos Nefilins
1 Enoque 7:3-5	Violência e corrupção dos gigantes
1 Enoque 8:1-4	Ensinamentos proibidos (Azazel, Samyaza, etc.)
1 Enoque 9:1-3	O clamor da Terra e a intervenção dos arcanjos
1 Enoque 9:4-11	Intercessão dos arcanjos diante de Deus
1 Enoque 10:1-3	Anúncio do Dilúvio a Noé (Uriel)
1 Enoque 10:4-8	Aprisionamento de Azazel em Dudael (Rafael)
1 Enoque 10:9-10	Destruição dos Nefilins (Gabriel)
1 Enoque 10:11-14	Aprisionamento de Semjázá e seus seguidores (Miguel)
1 Enoque 12-16	Missão e intercessão de Enoque pelos Vigilantes
1 Enoque 17-36	Visões de Enoque sobre os lugares de punição e reinos celestiais

4.13 CONCLUSÃO — A QUEDA COMO MITO FUNDACIONAL

A narrativa da queda dos Vigilantes em 1 Enoque 6-11 é muito mais do que uma simples história de anjos caídos. É um mito fundacional que aborda questões profundas sobre a natureza do mal, a origem do sofrimento humano e a justiça divina.

A narrativa estabelece um paradigma teológico que será influente por milênios:

1. O mal tem origem celestial: A corrupção da Terra não começa com os humanos, mas com os anjos que transgridem sua natureza.
2. O conhecimento pode ser corruptor: Nem todo conhecimento é benigno; alguns conhecimentos são proibidos porque sua posse corrompe o usuário.
3. A justiça divina é inevitável: Apesar da aparente impunidade dos transgressores, Deus eventualmente executa juízo.
4. A mediação é necessária: A intercessão dos justos (como Enoque e os arcanjos) é essencial para a restauração da ordem.

A pesquisa recente (2024-2026) continua a lançar nova luz sobre a narrativa da queda, revelando suas conexões com as tradições mesopotâmicas, sua evolução textual e sua recepção em múltiplos contextos culturais e religiosos. O estudo cuidadoso desta narrativa, em suas diversas versões linguísticas e tradições textuais, é essencial para uma compreensão completa da tradição dos Vigilantes e de seu significado duradouro na história das ideias religiosas.

VIGILANTES · PARTE V

V

OS 20 LÍDERES DOS VIGILANTES — LISTA COMPLETA

5.0 INTRODUÇÃO — A HIERARQUIA DOS CAÍDOS

A lista dos vinte líderes dos Vigilantes, registrada em 1 Enoque 6:7-8, é um dos documentos mais importantes da angelologia e demonologia do período do Segundo Templo. Ela não apenas nomeia os comandantes da rebelião celestial, mas também estabelece a estrutura hierárquica que organizou os duzentos anjos que desceram ao Monte Hermon.

O texto é claro em sua função: "E estes são os nomes de seus líderes: ... Estes são os seus chefes de dezenas" (1 Enoque 6:7-8). Cada um desses vinte nomes representa um comandante responsável por um grupo de dez Vigilantes, totalizando os duzentos anjos caídos. Esta estrutura militar reflete uma concepção organizada da rebelião angelical — não um motim espontâneo, mas uma revolta planejada e hierarquicamente estruturada.

A lista de 1 Enoque 6:7 não é, contudo, a única. Uma segunda lista aparece em 1 Enoque 69:2, com algumas variações significativas. Além disso, a tradição eslava (2 Enoque) preserva uma lista alternativa que reflete uma evolução teológica da tradição, com a introdução de Satanail como líder supremo.

O estudo filológico dos nomes dos vinte Vigilantes no livro de Enoque e sua tradição manuscrita tem se desenvolvido até onde as fontes existentes permitem. A análise dos nomes revela frequentemente suas funções e áreas de especialização. Nomes como Kokabiel (do hebraico kokhav, "estrela"), Baraqiel (do hebraico baraq, "relâmpago"), e Shamsiel (do hebraico shemesh, "sol") indicam claramente os domínios celestiais sobre os quais esses anjos originalmente presidiam. Esta conexão entre nome e função é fundamental para compreender a teologia subjacente à lista: os Vigilantes não eram anjos genéricos, mas seres com responsabilidades cósmicas específicas que abandonaram ao descer à Terra.

A lista também tem implicações textuais significativas. Como observou A. Lods, em algum ponto da transmissão do texto, um escriba encontrou a lista de 21 líderes dos caídos no manuscrito grego C, indicando que a tradição manuscrita não é uniforme. Esta variação textual atesta a complexidade da história da transmissão do Livro dos Vigilantes.

5.1 A LISTA DE 1 ENOQUE 6:7-8 — TEXTO E TRADIÇÕES

A lista canônica dos vinte líderes, conforme preservada no texto ge'ez e confirmada pelos fragmentos aramaicos de Qumran, é a seguinte:

"E estes são os nomes de seus líderes: Samîazâz, seu líder, Arâkîba, Râmêêl, Kôkabîêl, Tâmîêl, Râmîêl, Dânêl, Êzêqêêl, Barâqîjâl, Asâêl, Armârôs, Batârêl, Anânêl, Zaqîêl, Samsâpêêl, Satarêl, Tûrêl, Jômjâêl, Sariêl. Estes são os seus chefes de dezenas" (1 Enoque 6:7-8).

Os fragmentos aramaicos de Qumran (especialmente 4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206 e 4Q207) confirmam esta lista, embora com algumas variações ortográficas e de ordem. A edição crítica mais recente destes manuscritos, publicada por Henryk Drawnel em 2019, fornece a base textual mais confiável para o estudo destes nomes.

A lista também aparece, com pequenas variações, em 1 Enoque 69:2. O estudo comparativo destas duas listas é fundamental para compreender a evolução da tradição dos Vigilantes.

5.2 TABELA COMPLETA DOS 20 LÍDERES — VISÃO GERAL

№	NOME BASE	VARIANTES ESCRITAS EM DIFERENTES FONTES
1	SAMYAZA	Samlazaz, Semjaza, Semjâzâ, Sêmîazâz, Samîazâz,

№	NOME BASE	VARIANTES ESCRITAS EM DIFERENTES FONTES
	(Shemihazah)	Shemyaza, Shemyazaz, Shemhazai, Shemihazah, Semyazaz, Shamhazai, Aza, Ouza, Uzza
2	ARAQIEL	Arakiba, Arâkîba, Arakiel, Araqael, Araciel, Arqael, Sarquael, Arkiel, Arkas, Aretstikapha
3	RAMEEL	Râmêêl, Rameel, Ramel, Ramiel
4	KOKABIEL	Kôkabîêl, Kokablel, Kokabel, Kokabial, Kokbael, Kakabel, Kochbiel, Kochab, Kawkabel, Kajabel
5	TAMIEL	Tâmîêl, Tamlel, Tammiel, Tumiel, Kasdeja, Kasyade
6	RAMIEL	Râmîêl, Râmîal, Ramlel, Ramel, Ra'amiel
7	DANEL	Dânêl, Danel, Daniel, Danyul
8	EZEQEEL	Êzêqêêl, Ezeqeel, Ezekeel, Ezeqel, Ezequiel,
	(Chazaqiel)	Chazaqiel, Chazaciel, Ziqiel
9	BARAQIEL	Barâqîjâl, Baraqijal, Baraqel, Baraquiel, Baraqyal, Barkayal, Barakiel, Barqiel
10	ASAEL (Azazel)	Asâêl, Asael, Asel, Azazel, Azazyel, Azael, Asiel
11	ARMAROS	Armârôs, Armaros, Armeros, Armers, Amaros, Armoniel
12	BATAREL	Batârêl, Batarel, Batariel, Batraal, Batrêal, Betryal
13	ANANEL	Anânêl, Ananel, Ananiel, Anane, Anani, Hananel
14	ZAQIEL	Zaqîêl, Zaqel, Zaqebe, Zaqeel, Saquiel, Zaqilo
15	SAMSAPEEL	Samsâpêêl, Samsapeel, Samsaveel, Samsavil,
	(Shamsiel)	Samsaweel, Shamshiel, Shamshel, Shashiel, Simapiseel
16	SATAREL	Satarêl, Satarel, Satariel, Sartael, Satael, Sathariel
17	TUREL	Tûrêl, Turel, Turiel
18	JOMJAEL	Jômjâêl, Jomjael, Yomyael, Yomiel, Jemuel
19	SARIEL	Sariêl, Sariel, Saraqael, Saraknyal, Araziel, Suriel, Säraquyael, Säräqael, Sahariel, Seriel, Azrael

5.3 ANÁLISE DETALHADA DE CADA LÍDER

5.3.1 SAMYAZA (SHEMIHAZAH) — O LÍDER SUPREMO

Posição: 1º líder, comandante geral dos 200 Vigilantes.

Variantes do Nome: O nome aparece em múltiplas formas através das tradições textuais: Samyaza, Semjaza, Semjâzâ, Sêmîazâz, Samîazâz, Shemyaza, Shemyazaz, Shemhazai, Shemihazah, Semyazaz, Shamhazai, Aza, Ouza, Uzza. A forma "Samlazaz" aparece em algumas traduções.

Etimologia: O nome "Shemihazah" (שמיחזה em aramaico imperial) significa "o (ou meu) nome viu", "ele vê o nome", ou "eu vi". Uma interpretação alternativa sugere que o nome significa "rebelião infame", combinando shem ("nome" ou "fama") com azaz ("rebelião" ou "arrogância"). A forma "Samyaza" é considerada uma forma posterior do nome.

Função na Narrativa: Samyaza é o arquiteto da rebelião. É ele quem primeiro expressa medo das consequências e exige um juramento coletivo (1 Enoque 6:3-4). Seu papel como líder é enfatizado pela designação "seu líder" (1 Enoque 6:7). Ele ensinou à humanidade feitiços, encantamentos e a arte de cortar raízes para fins mágicos (1 Enoque 8:3). Na tradição maniqueísta, ele é conhecido como um dos líderes dos anjos caídos.

Tradições Posteriores: Na tradição eslava (2 Enoque), a liderança é transferida para Satanail. Na tradição rabínica, ele aparece como Shemhazai no "Midrash de Shemhazai e Azael". Em 3 Enoque, Uzza (uma forma de seu nome) é um dos anjos que se curvam diante de Enoque-Metatron.

5.3.2 ARAQIEL (ARAKIEL) — O SENHOR DA TERRA

Posição: 2º líder.

Variantes do Nome: Arakiba, Arâkîba, Arakiel, Araqael, Araciel, Arqael, Sarquael, Arkiel, Arkas, Aretstikapha.

Etimologia: O nome significa "Terra de Deus". A variante "Aretstikapha" (aparecendo em 1 Enoque 69) significa "mundo da distorção", uma combinação de erets ("terra") e kaphah ("distorcer").

Função na Narrativa: Araqiel ensinou os "sinais da terra" à humanidade (1 Enoque 8:3). Seu nome e função o conectam ao conhecimento dos fenômenos terrestres e à adivinhação baseada na observação da terra.

Tradições Posteriores: Em textos pseudepígrafos relacionados, como os Oráculos Sibilinos, ele é às vezes retratado como um anjo santo envolvido em guiar almas ao julgamento.

5.3.3 RAMEEL (RAMIEL) — O TROVÃO DE DEUS

Posição: 3º líder.

Variantes do Nome: Râmêêl, Rameel, Ramel, Ramiel.

Etimologia: O nome é geralmente traduzido como "Trovão de Deus" (do hebraico ra'am, "trovão", e el, "Deus").

Função na Narrativa: Embora o Livro dos Vigilantes não especifique os ensinamentos de Rameel, seu nome indica uma conexão com os fenômenos atmosféricos, particularmente o trovão. Em 3 Enoque, Ra'amiel é o anjo "nomeado sobre o trovão".

5.3.4 KOKABIEL — O ANJO DAS ESTRELAS

Posição: 4º líder.

Variantes do Nome: Kôkabîêl, Kokablel, Kokabel, Kokabial, Kokbael, Kakabel, Kochbiel, Kochab, Kawkabel, Kajabel, Kabaiel, Kakabael.

Etimologia: O nome significa "Estrela de Deus" (do aramaico kokba, "estrela", e el, "Deus").

Função na Narrativa: Kokabiel ensinou aos humanos o conhecimento das constelações e os sinais das estrelas (1 Enoque 8:3). Sua função é explicitamente astrológica — ele é o "anjo das estrelas".

Tradições Posteriores: Em 1 Enoque 69, Kokabiel é mencionado novamente entre os líderes dos Vigilantes. Seu nome é frequentemente usado em textos de magia cerimonial e grimórios.

5.3.5 TAMIEL — A PERFEIÇÃO DE DEUS

Posição: 5º líder.

Variantes do Nome: Tâmîêl, Tamlel, Tammiel, Tumiel. Em 1 Enoque 69, ele é chamado de Kasdeja ou Kasyade ("observador das mãos").

Etimologia: O nome significa "Perfeição de Deus". A variante Kasdeja significa "observador das mãos".

Função na Narrativa: Tamiel ensinou astrologia à humanidade. Sob o nome Kasdeja, ele ensinou aos homens "todos os golpes malignos dos espíritos e dos demônios, e os golpes que atacam o embrião no ventre" (1 Enoque 69:12). Esta associação com aborto e ataques demoníacos é única entre os Vigilantes.

Tradições Posteriores: Tamiel é frequentemente listado como um dos principais Vigilantes em grimórios e tradições ocultas posteriores.

5.3.6 RAMIEL — O TROVÃO (SEGUNDO)

Posição: 6º líder.

Variantes do Nome: Râmîêl, Râmîal, Ramlel, Ramel, Ra'amiel.

Etimologia: Assim como Rameel (o 3º líder), o nome significa "Trovão de Deus" (do hebraico ra'am, "trovão", e el, "Deus").

Função na Narrativa: A distinção entre Rameel (3º) e Ramiel (6º) não é clara no texto. Ambos os nomes compartilham a mesma raiz e significado, sugerindo que podem ter sido originalmente variantes do mesmo nome que foram posteriormente duplicadas na lista. Esta duplicação pode ser o resultado de um erro de transmissão textual.

Tradições Posteriores: Ramiel é mencionado como um dos sete arcanjos em algumas tradições, "a quem Deus estabeleceu sobre aqueles que ressuscitam".

5.3.7 DANEL — O JUIZ DE DEUS

Posição: 7º líder.

Variantes do Nome: Dânêl, Danel, Daniel, Danyul.

Etimologia: O nome significa "Deus é meu juiz" (do hebraico dan, "julgar", e el, "Deus"). É a forma mais antiga do nome que mais tarde se tornaria "Daniel".

Função na Narrativa: Danel ensinou os "sinais do sol" à humanidade. Sua função está relacionada à observação solar e à astronomia.

Tradições Posteriores: A figura de Danel aparece também no Livro de Ezequiel (14:14, 20; 28:3) como um sábio antigo. A conexão entre o Danel bíblico e o Vigilante enoquiano é objeto de debate acadêmico.

5.3.8 EZEQEEL (CHAZAQIEL) — A NUVEM DE DEUS

Posição: 8º líder.

Variantes do Nome: Êzêqêêl, Ezeqeel, Ezekeel, Ezeqel, Ezequiel, Chazaqiel, Chazaciel, Ziqiel, Shahaqiel.

Etimologia: O nome Chazaqiel significa "Nuvem de Deus" (do hebraico chazaq, "nuvem", e el, "Deus"). A forma Ezeqeel é uma variante grega.

Função na Narrativa: Ezeqeel ensinou o conhecimento das nuvens e a adivinhação pela observação do céu (augúrio das nuvens) (1 Enoque 8:3). Sua função está relacionada à meteorologia e à adivinhação atmosférica.

Tradições Posteriores: Em algumas tradições, ele é associado ao poder de parar a lua e as estrelas no céu.

5.3.9 BARAQIEL — O RELÂMPAGO DE DEUS

Posição: 9º líder.

Variantes do Nome: Barâqîjâl, Baraqijal, Baraqel, Baraquiel, Baraqyal, Barkayal, Barakiel, Barqiel.

Etimologia: O nome significa "Relâmpago de Deus" (do hebraico baraq, "relâmpago", e el, "Deus").

Função na Narrativa: Baraqiel ensinou astrologia e os sinais dos relâmpagos à humanidade (1 Enoque 8:3). Sua função combina astrologia com fenômenos atmosféricos.

Tradições Posteriores: Em 3 Enoque, ele é o anjo "nomeado sobre os relâmpagos". Em Jubileus, ele é um dos anjos que desceram. Na tradição islâmica, ele é às vezes associado ao anjo que guarda o paraíso.

5.3.10 ASAEL (AZAZEL) — O GRANDE CORRUPTOR

Posição: 10º líder.

Variantes do Nome: Asâêl, Asael, Asel, Azazel, Azazyel, Azael, Asiel. No texto ge'ez, ele é chamado de Azazel, enquanto no aramaico original e no grego ele tem um nome distinto — Asael.

Etimologia: O nome Azazel (עזאזל) é de etimologia incerta. Pode significar "bode expiatório" (associado ao ritual de Yom Kippur), "Deus é forte", ou "Deus separou". A forma Asael (אסאל) significa "Deus fez" ou "Deus criou".

Função na Narrativa: Asael/Azazel é o mais condenado de todos os Vigilantes. Ele ensinou aos homens a fabricar espadas, facas, escudos e couraças; revelou os metais da terra e a arte de trabalhá-los; ensinou pulseiras, ornamentos, o uso de antimônio, o embelezamento das pálpebras, pedras preciosas e tinturas (1 Enoque 8:1-2). A ele é atribuído todo o pecado: "Toda a terra foi corrompida pelas obras que foram ensinadas por Azazel: a ele atribuí todo o pecado" (1 Enoque 10:8).

Julgamento: Rafael é encarregado de prender Azazel no deserto de Dudael, onde ele é amarrado, coberto com pedras e escuridão, e condenado a permanecer para sempre (1 Enoque 10:4-8).

Tradições Posteriores: Azazel está conectado ao ritual do bode expiatório em Levítico 16. Na tradição rabínica, ele é associado a Uzza e Azael. Em 2 Enoque, Azazyel é listado como um dos líderes. Um fragmento aramaico do Livro dos Gigantes e o pesher preservado em 4Q180 mostram que a forma "bíblica" do nome (Azazel) já estava associada ao mito dos Vigilantes pelo menos no primeiro século antes de nossa era. O fragmento aramaico 4Q201 confirma Asael como o nome original no Livro dos Vigilantes.

5.3.11 ARMAROS — O AMALDIÇOADO

Posição: 11º líder.

Variantes do Nome: Armârôs, Armaros, Armeros, Armers, Amaros, Armoniel.

Etimologia: O nome significa "amaldiçoado" ou "maldito". É provavelmente uma corrupção grega de um nome aramaico.

Função na Narrativa: Armaros ensinou aos humanos a arte de "resolver encantamentos" (ou "levantar feitiços") (1 Enoque 8:3). Sua função está relacionada à magia ofensiva e defensiva.

Tradições Posteriores: Em algumas listas, ele é chamado de Armers. O nome aparece em grimórios e tradições ocultas posteriores.

5.3.12 BATAREL — O FILHO DE DEUS

Posição: 12º líder.

Variantes do Nome: Batârêl, Batarel, Batariel, Batraal, Batrêal, Betryal.

Etimologia: O nome significa "Filho de Deus" (do aramaico bar, "filho", e el, "Deus") ou possivelmente "Deus é refúgio".

Função na Narrativa: A função específica de Batarel não é detalhada em 1 Enoque 8, mas seu nome sugere uma conexão com a linhagem divina. Em algumas tradições, ele é associado à proteção e ao refúgio.

5.3.13 ANANEL — A NUVEM DE DEUS

Posição: 13º líder.

Variantes do Nome: Anânêl, Ananel, Ananiel, Anane, Anani, Hananel.

Etimologia: O nome significa "Nuvem de Deus" (do hebraico anan, "nuvem", e el, "Deus").

Função na Narrativa: Ananel é descrito em algumas tradições como governante sobre todas as árvores, plantas, chuva, orvalho, calor e vento. Sua função está relacionada à meteorologia e à agricultura.

Tradições Posteriores: Ananiel aparece como um arcanjo em algumas tradições posteriores, embora originalmente seja um dos Vigilantes caídos.

5.3.14 ZAQIEL — A PUREZA DE DEUS

Posição: 14º líder.

Variantes do Nome: Zaqîêl, Zaqel, Zaqebe, Zaqeel, Saquiel, Zaqilo.

Etimologia: O nome significa "Pureza de Deus" (do hebraico zaq, "puro", e el, "Deus"). A variante "Saquiel" pode significar "Deus é minha rocha".

Função na Narrativa: A função específica de Zaqiel não é detalhada em 1 Enoque 8. Seu nome sugere uma conexão com a pureza, o que é ironicamente contrastante com sua queda.

5.3.15 SAMSAPEEL (SHAMSIEL) — O SOL DE DEUS

Posição: 15º líder.

Variantes do Nome: Samsâpêêl, Samsapeel, Samsaveel, Samsavil, Samsaweel, Shamshiel, Shamshel, Shashiel, Simapiseel.

Etimologia: O nome significa "Sol de Deus" (do hebraico shemesh, "sol", e el, "Deus"). A forma Samsapeel é uma variante grega.

Função na Narrativa: Shamsiel ensinou os sinais do sol à humanidade (1 Enoque 8:3). Sua função está relacionada à astronomia solar e à astrologia.

Tradições Posteriores: No Zohar, ele é descrito como liderando 365 legiões de anjos menores. Em algumas tradições, ele é identificado como o ex-guardião do Jardim do Éden.

5.3.16 SATAREL — O OCULTADOR DE DEUS

Posição: 16º líder.

Variantes do Nome: Satarêl, Satarel, Satariel, Sartael, Satael, Sathariel.

Etimologia: O nome significa "Deus é oculto" ou "Deus é refúgio" (do hebraico satar, "ocultar", e el, "Deus"). Em algumas interpretações, pode significar "aquele que oculta Deus".

Função na Narrativa: A função específica de Satarel não é detalhada em 1 Enoque 8. Seu nome sugere uma conexão com mistérios e segredos ocultos.

Tradições Posteriores: O nome Sathariel emerge em tradições ocultas do final do século XIX e início do século XX, onde é associado à figura angélica Sariel.

5.3.17 TUREL (TURIEL) — A ROCHA DE DEUS

Posição: 17º líder.

Variantes do Nome: Tûrêl, Turel, Turiel.

Etimologia: O nome significa "Rocha de Deus" (do hebraico tur, "rocha", e el, "Deus") ou possivelmente "montanha de Deus" (do aramaico tura, "montanha").

Função na Narrativa: A função específica de Turel não é detalhada em 1 Enoque 8. Em tradições posteriores, ele é associado aos segredos da magia.

Tradições Posteriores: Turel é o homônimo do Secret Grimoire of Turiel, um grimório de magia cerimonial atribuído a 1518. O grimório supostamente contém segredos transmitidos pelo Vigilante Turiel.

5.3.18 JOMJAEL (YOMIEL) — O DIA DE DEUS

Posição: 18º líder.

Variantes do Nome: Jômjâêl, Jomjael, Yomyael, Yomiel, Jemuel.

Etimologia: O nome significa "Dia de Deus" (do hebraico yom, "dia", e el, "Deus").

Função na Narrativa: Em algumas tradições, Yomiel é descrito como o "Anjo do Destino", o "Tecelão do Destino", o "Anjo das Estações" e o "Médico-Chefe dos Vigilantes". Estas funções sugerem uma conexão com o tempo, o destino e a cura.

Tradições Posteriores: Yomiel aparece em algumas listas de anjos e em tradições ocultas como uma figura associada ao destino e à cura.

5.3.19 SARIEL (SARAQAEL) — O PRÍNCIPE DE DEUS

Posição: 19º líder.

Variantes do Nome: Sariêl, Sariel, Saraqael, Saraknyal, Araziel, Suriel, Säraquyael, Säräqael, Sahariel, Seriel, Azrael.

Etimologia: O nome significa "Príncipe de Deus" (do hebraico sar, "príncipe", e el, "Deus"). Em algumas tradições, ele é identificado com Azrael, "a quem Deus ajuda".

Função na Narrativa: Sariel ensinou o curso da lua e os sinais da lua à humanidade (1 Enoque 8:3). Sua função está relacionada à astronomia lunar e à astrologia. Em 1 Enoque 20, ele aparece como um dos sete anjos santos, "da eternidade e do tremor", demonstrando a ambivalência de sua figura — ele é tanto um Vigilante caído quanto um anjo santo.

Tradições Posteriores: Sariel é mencionado em várias tradições como um anjo associado à lua, à cura e à libertação do mal. Em algumas tradições, ele é identificado com Azrael, o anjo da morte. Seu nome é frequentemente invocado em textos de magia cerimonial.

5.4 A LISTA ALTERNATIVA DE 1 ENOQUE 69:2

Além da lista de 1 Enoque 6:7, uma segunda lista dos líderes dos Vigilantes aparece em 1 Enoque 69:2. Esta lista apresenta algumas variações significativas:

"E estes são os nomes dos líderes dos Vigilantes: o primeiro deles é Samyaza, o segundo Araqiel, o terceiro Rameel, o quarto Kokabiel, o quinto Tamiel, o sexto Ramiel, o sétimo Danel, o oitavo Ezeqeel, o nono Baraqiel, o décimo Asael, o décimo primeiro Armaros, o décimo segundo Batarel, o décimo terceiro Ananel, o décimo quarto Zaqiel, o décimo quinto Samsapeel, o décimo sexto Satarel, o décimo sétimo Turel, o décimo oitavo Jomjael, o décimo nono Sariel."

A unidade 69:2-14 (exceto o versículo 2b, que é uma duplicação tardia da lista de 6:7-8) compreende seis anjos com nomes extraordinários, principalmente desconhecidos em outras fontes, com Kesab'el, o príncipe do Nome Divino, concluindo a lista. Esta segunda tradição em 1 Enoque 69 representa uma camada textual posterior que expande e reinterpreta a lista original.

5.5 A LISTA DA TRADIÇÃO ESLAVA (2 ENOQUE 7:9)

A tradição eslava (2 Enoque) preserva uma lista alternativa dos líderes dos Grigori, que difere significativamente da lista de 1 Enoque:

"Samyaza, que era seu líder, Urakabarameel, Akibeel, Tamiel, Ramuel, Danel, Azkeel, Saraknyal, Asael, Armers, Batraal, Anane, Zavebe, Samsaveel, Ertael, Turel, Yomyael, Azazyel."

Esta lista apresenta várias diferenças importantes:

1. Samyaza permanece como líder, mas agora sob a autoridade de Satanail.
2. Urakabarameel parece ser uma combinação de Urakiba (Araqiel) e Barameel (Rameel).
3. Akibeel pode ser uma variante de Kokabiel ou uma figura distinta.
4. Azkeel substitui Ezeqeel.
5. Saraknyal substitui Sariel.

6. Armers é a forma eslava de Armaros.
7. Batraal é a forma eslava de Batarel.
8. Anane é a forma eslava de Ananel.
9. Zavebe substitui Zaqiel.
10. Samsaveel é a forma eslava de Samsapeel.
11. Ertael substitui Satarel.
12. Azazyel é uma forma de Azazel.

Esta lista reflete a evolução da tradição dos Vigilantes na Igreja Ortodoxa Oriental, onde os nomes foram adaptados ao contexto eslavo e à teologia específica do 2 Enoque.

5.6 NOMES ADICIONAIS DE VIGILANTES EM OUTRAS FONTES

Além dos vinte líderes listados em 1 Enoque 6:7 e 69:2, outras fontes mencionam nomes adicionais de Vigilantes que podem ter sido subordinados ou variantes:

NOME	FONTE / OBSERVAÇÃO
AMAZARAK	Lista alternativa
ARTEFOPH (Arteqoph)	"A terra é poderosa" — ensinou os sinais da terra
ASBEEL	Mencionado em 1 Enoque 69 e tradições posteriores
AZAZIEL	Variante de Azazel
BEZALIEL	Presente na tradição grega
GADREEL	Ensinou cosméticos e armas
HERMANAI	Feitiçaria
KASBEEL	Mencionado em 1 Enoque 69
MASTEMA	Associado aos Vigilantes (Jubileus)
PENEMUE	Ensinou a escrita

NOME	FONTE / OBSERVAÇÃO
YEQON	Mencionado em 1 Enoque 69
ZIQEL	Ensinou os sinais das estrelas cadentes

5.7 ANÁLISE FILOLÓGICA DOS NOMES — PADRÕES E SIGNIFICADOS

O estudo filológico dos nomes dos vinte Vigilantes revela padrões significativos que iluminam a teologia e a cosmologia subjacentes à lista.

5.7.1 A ESTRUTURA TEÓFORA

A grande maioria dos nomes dos Vigilantes termina com o sufixo -el (אל), que significa "Deus" em hebraico e aramaico. Esta estrutura teófora indica que os Vigilantes eram originalmente seres divinos ou angelicais, cujos nomes refletiam sua conexão com o divino. A terminação -el é uma característica comum dos nomes angelicais no judaísmo (Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, etc.).

5.7.2 A CONEXÃO COM FENÔMENOS CÓSMICOS

Muitos nomes dos Vigilantes estão diretamente relacionados a fenômenos cósmicos:

- Kokabiel ("Estrela de Deus") — astros
- Baraqiel ("Relâmpago de Deus") — fenômenos atmosféricos
- Shamsiel ("Sol de Deus") — corpo celeste
- Sariel ("Príncipe de Deus" / "Lua de Deus") — corpo celeste
- Rameel/Ramiel ("Trovão de Deus") — fenômenos atmosféricos
- Ezeqeel/Chazaqiel ("Nuvem de Deus") — fenômenos atmosféricos
- Ananel ("Nuvem de Deus") — fenômenos atmosféricos

Esta concentração de nomes relacionados a fenômenos celestes e atmosféricos sugere que os Vigilantes eram originalmente anjos encarregados da ordem cósmica — guardiões dos céus, das estrelas, do sol, da lua e dos elementos. Sua queda, portanto, não foi apenas uma transgressão moral, mas uma violação da própria ordem do cosmos.

5.7.3 A CONEXÃO COM A TERRA E A HUMANIDADE

Outros nomes refletem uma conexão com a terra e a humanidade:

- Araqiel ("Terra de Deus") — o mundo material
- Danel ("Deus é meu juiz") — justiça e julgamento
- Batarel ("Filho de Deus") — linhagem divina
- Tamiel ("Perfeição de Deus") — perfeição divina

Estes nomes sugerem que os Vigilantes também tinham responsabilidades sobre a terra e a humanidade, o que torna sua transgressão ainda mais significativa — eles não apenas abandonaram seus postos celestiais, mas também corromperam os domínios que deveriam guardar.

5.7.4 NOMES DE SIGNIFICADO NEGATIVO

Alguns nomes carregam conotações negativas ou ambíguas:

- Azazel/Asael — etimologia incerta, possivelmente "bode expiatório" ou "Deus separou"
- Armaros ("amaldiçoado") — uma condenação implícita
- Samyaza ("rebelião infame" ou "meu nome viu") — ambiguidade moral

Estes nomes refletem a avaliação negativa dos Vigilantes na tradição enoquiana, onde suas próprias identidades estão marcadas por sua transgressão.

5.8 A FUNÇÃO DOS NOMES NA NARRATIVA DOS VIGILANTES

Os nomes dos Vigilantes não são meros rótulos; eles desempenham funções teológicas e narrativas importantes:

1. Estabelecimento de Autoridade: A lista de nomes estabelece a hierarquia e a organização da rebelião, transformando um ato de desobediência individual em uma revolta estruturada.
2. Conexão com o Conhecimento Proibido: Os nomes frequentemente indicam as áreas de conhecimento que os Vigilantes transmitiram à humanidade, conectando a identidade à transgressão.
3. Ironia Trágica: Muitos nomes que significam coisas positivas ("Relâmpago de Deus", "Sol de Deus", "Perfeição de Deus") são usados por seres que se tornaram corruptores, criando uma ironia trágica que enfatiza a profundidade de sua queda.
4. Continuidade Textual: A preservação dos nomes através de múltiplas tradições textuais (aramaico, grego, ge'ez, eslavo) atesta a importância da lista para a tradição enoquiana.
5. Influência na Angelologia Posterior: Os nomes dos Vigilantes influenciaram a angelologia e a demonologia judaica, cristã e islâmica, aparecendo em grimórios, textos místicos e tradições populares.

5.9 TABELA COMPARATIVA DAS TRÊS LISTAS PRINCIPAIS

№	1 ENOQUE 6:7	1 ENOQUE 69:2	2 ENOQUE 7:9
1	Samyaza	Samyaza	Samyaza
2	Araqiel	Araqiel	Urakabarameel
3	Rameel	Rameel	Akibeel

№	1 ENOQUE 6:7	1 ENOQUE 69:2	2 ENOQUE 7:9
4	Kokabiel	Kokabiel	Tamiel
5	Tamiel	Tamiel	Ramuel
6	Ramiel	Ramiel	Danel
7	Danel	Danel	Azkeel
8	Ezeqeel	Ezeqeel	Saraknyal
9	Baraqiel	Baraqiel	Asael
10	Asael	Asael	Armers
11	Armaros	Armaros	Batraal
12	Batarel	Batarel	Anane
13	Ananel	Ananel	Zavebe
14	Zaqiel	Zaqiel	Samsaveel
15	Samsapeel	Samsapeel	Ertael
16	Satarel	Satarel	Turel
17	Turel	Turel	Yomyael
18	Jomjael	Jomjael	Azazyel
19	Sariel	Sariel	(Satanail, líder supremo)

5.10 CONCLUSÃO — OS NOMES COMO CHAVE TEOLÓGICA

A lista dos vinte líderes dos Vigilantes é muito mais do que uma simples enumeração de nomes. É uma chave teológica que revela a estrutura da cosmovisão enoquiana:

1. A ordem cósmica: Os nomes refletem a estrutura ordenada do cosmos, com anjos designados para governar diferentes aspectos da criação.
2. A transgressão: A queda dos Vigilantes é uma violação desta ordem cósmica, e os nomes dos transgressores carregam o peso de sua traição.

3. A hierarquia: A estrutura militar dos "chefes de dezenas" reflete uma concepção organizada do mal, não como caos, mas como uma rebelião estruturada.
4. O conhecimento: Os nomes frequentemente indicam as áreas de conhecimento que foram ilicitamente transmitidas, conectando identidade e transgressão.
5. A ironia: A beleza e o poder dos nomes (estrela de Deus, relâmpago de Deus, sol de Deus) contrastam com a feiura de suas ações, criando uma ironia trágica que percorre toda a narrativa.

O estudo filológico e comparativo destes nomes, em suas múltiplas tradições textuais e linguísticas, continua a revelar novas camadas de significado sobre a tradição dos Vigilantes e seu lugar na história do judaísmo, do cristianismo e do ocultismo ocidental.

VIGILANTES · PARTE VI

VI

OS SEGREDOS DOS VIGILANTES — CATALOGAÇÃO COMPLETA

6.0 INTRODUÇÃO — A NATUREZA DOS SEGREDOS PROIBIDOS

A transmissão de "segredos" (em aramaico: razin, רזין; em grego: μυστήρια, mystēria) é um dos dois pecados fundamentais dos Vigilantes — e, em muitos aspectos, o mais grave. Enquanto a união carnal com as filhas dos homens corrompeu a linhagem humana, a revelação dos segredos celestiais corrompeu a própria estrutura da civilização humana, introduzindo conhecimentos que pertenciam exclusivamente ao domínio divino.

A narrativa de 1 Enoque 7-8 e 69 apresenta um catálogo detalhado dos ensinamentos proibidos transmitidos pelos Vigilantes à humanidade. Estes ensinamentos abrangem quatro categorias principais:

1. Tecnologia e Guerra — metalurgia, armas, armaduras
2. Vaidade e Sedução — cosméticos, joias, tinturas
3. Magia e Feitiçaria — encantamentos, feitiços, corte de raízes
4. Cosmologia e Adivinhação — astrologia, astronomia, meteorologia, adivinhação

A pesquisa acadêmica tem demonstrado que existe uma conexão intrínseca entre os nomes dos Vigilantes e os conhecimentos que eles transmitiram. Como observou James VanderKam, "os nomes dos anjos em si mesmos incorporam um germe do motivo do ensino". Esta conexão onomatológica — onde o nome do Vigilante frequentemente indica sua área de especialização — é uma característica fundamental da tradição enoquiana e fornece uma chave para compreender a teologia subjacente à lista dos Vigilantes.

Os segredos dos Vigilantes não são meramente "conhecimento técnico"; eles são apresentados como uma corrupção ontológica que perverte a ordem da criação. Ao revelar segredos que não pertenciam à humanidade, os Vigilantes violaram as fronteiras entre o celestial e o terreno, entre o sagrado e o profano, entre o conhecimento permitido e o conhecimento proibido.

O Livro dos Vigilantes enfatiza que estes ensinamentos não foram meramente transmitidos, mas ensinados ativamente — uma distinção importante que sublinha a responsabilidade dos Vigilantes pela corrupção da humanidade. Como declara 1 Enoque 8:4, "eles todos começaram a revelar mistérios às suas esposas e aos seus filhos", indicando que a transmissão do conhecimento proibido foi um processo sistemático e contínuo.

6.1 AZAZEL (ASAEL) — O GRANDE CORRUPTOR

Azazel (também chamado de Asael no aramaico original) é, entre todos os Vigilantes, o que recebe a maior condenação. Sua culpa é tão grande que Deus ordena que todo o pecado seja atribuído a ele: "Toda a terra foi corrompida pelas obras que foram ensinadas por Azazel: a ele atribuí todo o pecado" (1 Enoque 10:8). Ele é descrito como a "principal fonte de mal no mundo".

O fragmento aramaico 4Q201 confirma que Asael (e não Azazel) é o nome original no Livro dos Vigilantes, com Azazel sendo uma forma posterior. A distinção é significativa: Asael significa "Deus fez" ou "Deus criou", enquanto Azazel está associado ao bode expiatório do ritual de Yom Kippur.

6.1.1 SEGREDOS DA METALURGIA E GUERRA

Azazel ensinou aos homens a fabricação de instrumentos de guerra e a arte de trabalhar os metais da terra. O texto de 1 Enoque 8:1 é explícito:

"E Azazel ensinou os homens a fazer espadas, facas, escudos e couraças; e deu- lhes a conhecer os metais da terra e a arte de trabalhá-los."

Os ensinamentos específicos de Azazel incluem: - Espadas (swords) — armas de corte - Facas (knives) — instrumentos de corte e de matança - Escudos (shields) — proteção para a guerra - Couraças e peitorais (breastplates) — armaduras corporais

Ele também revelou: - Os metais da terra — ouro, prata, ferro e outros metais - A arte de trabalhá-los — ourivesaria, metalurgia - A fabricação de mirros (espelhos) — em algumas tradições

6.1.2 SEGREDOS DA VAIDADE E ORNAMENTAÇÃO

Azazel também ensinou as artes de embelezamento e ornamentação, que são apresentadas como igualmente corruptoras:

"E pulseiras e ornamentos; e o uso do antimônio e o embelezamento das pálpebras; e toda espécie de pedras preciosas e todas as tinturas de coloração."

Os ensinamentos cosméticos de Azazel incluem: - Pulseiras e ornamentos — joias e adereços - Uso de antimônio (kohl) — maquiagem para os olhos - Embelezamento das pálpebras — técnicas de maquiagem - Pedras preciosas de todo tipo — gemas e pedrarias - Tinturas e colorações — pigmentos e corantes

Em algumas versões gregas, as mulheres que aprenderam as artes da ornamentação com Azazel usaram esses conhecimentos para seduzir os próprios anjos, criando um ciclo irônico de corrupção: os anjos ensinam as mulheres a se embelezar, e as mulheres usam esse embelezamento para seduzir os anjos.

6.1.3 A CORRUPÇÃO ATRAVÉS DA BELEZA

A conexão entre cosméticos e sedução é particularmente significativa na tradição patrística latina. Tertuliano, em De cultu feminarum 1.3 e De virginibus velandis 7.4-8, invocou a narrativa dos anjos caídos para explicar a origem da vaidade feminina e para argumentar contra o uso de cosméticos pelas mulheres cristãs.

Azazel é descrito como tendo "trazido cosméticos e coisas finas" que "começaram o 'embelezamento dos olhos', o que levou as pessoas à imoralidade e à impiedade". A tradição apresenta a maquiagem não como uma arte neutra, mas como uma tecnologia de engano que permite a manipulação e a sedução.

6.1.4 O JULGAMENTO DE AZAZEL

A severidade do julgamento de Azazel reflete a gravidade de seus ensinamentos. Rafael é encarregado de prendê-lo no deserto de Dudael, onde ele é amarrado, coberto com pedras e escuridão, e condenado a permanecer para sempre (1 Enoque 10:4-8). A conexão entre Dudael e o ritual do bode expiatório (Yom Kippur) é significativa: assim como o bode expiatório era enviado ao deserto para Azazel (Levítico 16), aqui Azazel é enviado ao deserto como o próprio bode expiatório.

6.2 SAMYAZA (SHEMIHAZAH) — O MESTRE DA MAGIA

Samyaza (Shemihazah) é o líder dos 200 Vigilantes e o principal responsável por transmitir os segredos da magia e feitiçaria à humanidade. Seu nome significa "Meu Nome tem visto" ou "o (ou meu) nome viu".

6.2.1 SEGREDOS DA FEITIÇARIA

O texto de 1 Enoque 8:3 descreve os ensinamentos de Samyaza:

"Semjâzâ ensinou encantamentos e o corte de raízes."

Os ensinamentos específicos de Samyaza incluem: - Feitiços e encantamentos (enchantments, spells) — magia verbal - Corte de raízes (root-cutting) — uso ritual de plantas em magia

A "arte de cortar raízes" refere-se ao uso ritual de plantas em magia — poções, incensos, substâncias de transe usadas para contato espiritual. Esta prática está associada à fitoterapia mágica e à preparação de elixires e poções.

6.2.2 A MAGIA COMO CONHECIMENTO PROIBIDO

A magia ensinada por Samyaza é apresentada como particularmente perigosa porque permite aos humanos manipular forças espirituais que não lhes pertencem. Ao contrário da oração, que é uma petição a Deus, a magia é uma tentativa de controlar o sobrenatural através de técnicas e fórmulas.

A tradição enoquiana distingue entre a magia "branca" (curativa) e a magia "negra" (maléfica). Os ensinamentos de Samyaza parecem abranger ambas, com o corte de raízes sendo associado tanto a curas quanto a feitiços maléficos.

6.2.3 O JULGAMENTO DE SAMYAZA

Samyaza e seus seguidores são aprisionados por Miguel "nas profundezas da terra" por "setenta gerações" (1 Enoque 10:11-12). Sua punição é temporária, ao contrário da de Azazel, que é eterna. Esta distinção reflete a dupla estrutura da narrativa: a tradição de Shemihazah (transgressão sexual) e a tradição de Asael (transmissão de conhecimento) recebem punições diferentes.

6.3 ARMAROS — O RESOLVEDOR DE ENCANTAMENTOS

Armaros (também chamado de Armârôs, Armers, Armeros) é o décimo primeiro líder dos Vigilantes. Seu nome significa "amaldiçoado" ou "maldito".

6.3.1 SEGREDOS DA MAGIA DEFENSIVA

Armaros ensinou aos humanos a arte de "resolver encantamentos" (ou "levantar feitiços"):

"Armârôs o resolver de encantamentos."

Os ensinamentos específicos de Armaros incluem: - Resolução de encantamentos (the resolving of enchantments) — quebra de feitiços - Levantamento de feitiços (the loosing of spells) — dissolução de magias

A função de Armaros é apresentada como o contraponto aos ensinamentos de Samyaza: enquanto Samyaza ensina como lançar feitiços, Armaros ensina como desfazê-los. Esta dualidade sugere que os Vigilantes transmitiram um sistema completo de magia, incluindo tanto técnicas ofensivas quanto defensivas.

6.3.2 A MAGIA COMO SISTEMA COMPLETO

A presença de Armaros na lista de ensinamentos indica que a tradição enoquiana reconhecia a magia como um sistema coerente com múltiplas especializações. Não se tratava de conhecimentos isolados, mas de um corpo de saber interconectado que incluía:

- Técnicas para lançar feitiços (Samyaza)
- Técnicas para quebrar feitiços (Armaros)
- Técnicas para preparar ingredientes mágicos (Samyaza, corte de raízes)
- Técnicas para invocar forças espirituais (Hermanai)

6.4 HERMANAI — O FEITICEIRO

Hermanai (também chamado de Hermoni, Hermon) é mencionado em 1 Enoque 8:3 como aquele que ensinou "feitiçaria para a soltura de feitiços e magia e habilidade".

6.4.1 SEGREDOS DA MAGIA PRÁTICA

Os ensinamentos de Hermanai incluem:

- Feitiçaria para a soltura de feitiços (sorcery for the loosing of spells) — magia para desfazer encantamentos
- Magia e habilidade (magic and skill) — técnicas mágicas práticas

O nome "Hermanai" está etimologicamente ligado ao Monte Hermon (do hebraico ḥerem, "consagrado/proibido"), o local onde os Vigilantes juraram sua aliança. Esta conexão onomatológica é significativa: o nome do Vigilante que ensina magia está ligado ao local do juramento que formalizou a rebelião.

6.4.2 A CONEXÃO COM O MONTE HERMON

Como observou Orlov, "os dois anjos com associações 'onomatológicas' em seus nomes — Shemihazah ('Meu Nome tem visto') e Hermanai ('o do Hermon/maldição/juramento') — comunicam conhecimento sobre feitiços e maldições". Esta conexão entre nome, local e ensinamento é uma característica fundamental da tradição enoquiana.

6.5 BARAQIEL — O ASTRÓLOGO

Baraqiel (também chamado de Barâqîjâl, Baraqijal, Baraqel, Baraquiel) é o nono líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Relâmpago de Deus" (do hebraico baraq, "relâmpago", e el, "Deus").

6.5.1 SEGREDOS DA ASTROLOGIA

Baraqiel ensinou astrologia e os sinais dos relâmpagos:

"Barâqîjâl ensinou astrologia."

Os ensinamentos específicos de Baraqiel incluem:

- Astrologia (astrology) — adivinhação pelas estrelas
- Os sinais dos relâmpagos (the signs of the lightning flashes) — interpretação de fenômenos atmosféricos

A combinação de astrologia e interpretação de relâmpagos é significativa. Na antiguidade, tanto os corpos celestes quanto os fenômenos atmosféricos eram considerados mensagens divinas que podiam ser interpretadas por aqueles com conhecimento especializado. O ensino de Baraqiel, portanto, concedia aos humanos acesso a um sistema de adivinhação celestial que pertencia exclusivamente ao domínio divino.

6.6 KOKABIEL — O SENHOR DAS ESTRELAS

Kokabiel (também chamado de Kôkabîêl, Kokablel, Kokabel, Kokabial) é o quarto líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Estrela de Deus" (do aramaico kokba, "estrela", e el, "Deus").

6.6.1 SEGREDOS DA ASTRONOMIA

Kokabiel ensinou o conhecimento das constelações e os sinais das estrelas:

"Kôkabêl as constelações."

Os ensinamentos específicos de Kokabiel incluem: - O conhecimento das constelações (the constellations) — astronomia estelar - Os sinais das estrelas (the signs of the stars) — interpretação astrológica

A distinção entre astrologia (ensinada por Baraqiel) e astronomia (ensinada por Kokabiel) é sutil mas significativa. Enquanto a astrologia é a interpretação dos astros para adivinhação, a astronomia é o conhecimento da estrutura e movimento dos corpos celestes. Ambos, no entanto, são apresentados como conhecimento proibido que não pertencia à humanidade.

6.7 EZEQEEL (CHAZAQIEL) — O MESTRE DAS NUVENS

Ezeqeel (também chamado de Êzêqêêl, Chazaqiel, Chazaciel) é o oitavo líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Nuvem de Deus" (do hebraico chazaq, "nuvem", e el, "Deus").

6.7.1 SEGREDOS DA METEOROLOGIA

Ezeqeel ensinou o conhecimento das nuvens e a adivinhação pela observação do céu:

"Êzêqêêl o conhecimento das nuvens."

Os ensinamentos específicos de Ezeqeel incluem: - O conhecimento das nuvens (the knowledge of the clouds) — meteorologia - Augúrio das nuvens — adivinhação pela observação das nuvens - Os sinais dos céus — interpretação de fenômenos atmosféricos

Em algumas tradições, Ezeqeel é descrito como o anjo que ensinou "meteorologia" aos humanos. Michael Knibb traduz seu nome como "Estrela Cadente de Deus".

6.8 SHAMSIEL (SAMSAPEEL) — O SENHOR DO SOL

Shamsiel (também chamado de Samsâpêêl, Samsapeel, Samsaveel, Shamshiel) é o décimo quinto líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Sol de Deus" (do hebraico shemesh, "sol", e el, "Deus").

6.8.1 SEGREDOS DA ASTRONOMIA SOLAR

Shamsiel ensinou os sinais do sol:

"Shamsiêl os sinais do sol."

Os ensinamentos específicos de Shamsiel incluem: - Os sinais do sol (the signs of the sun) — astronomia solar e astrologia - Conhecimento dos movimentos solares — ciclos solares e calendários

6.8.2 TRADIÇÕES POSTERIORES

No Zohar, Shamsiel é descrito como liderando 365 legiões de anjos menores. Em algumas tradições, ele é identificado como o ex-guardião do Jardim do Éden. Esta ambivalência — um Vigilante caído que também é um anjo poderoso — é característica da tradição enoquiana.

6.9 SARIEL (SARAQAEL) — O SENHOR DA LUA

Sariel (também chamado de Sariêl, Saraqael, Saraknyal, Suriel) é o décimo nono líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Príncipe de Deus" (do hebraico sar, "príncipe", e el, "Deus").

6.9.1 SEGREDOS DA ASTRONOMIA LUNAR

Sariel ensinou o curso da lua e os sinais da lua:

"Sariêl o curso da lua."

Os ensinamentos específicos de Sariel incluem: - O curso da lua (the course of the moon) — ciclos lunares - Os sinais da lua (the signs of the moon) — interpretação astrológica lunar

6.9.2 A AMBIVALÊNCIA DE SARIEL

Sariel é uma figura ambivalente na tradição enoquiana. Em 1 Enoque 20, ele aparece como um dos sete anjos santos, "da eternidade e do tremor". Esta dupla identidade — tanto Vigilante caído quanto anjo santo — reflete a complexidade da angelologia enoquiana, onde as fronteiras entre o sagrado e o caído nem sempre são claras.

Em algumas tradições, Sariel é identificado com Azrael, o anjo da morte. Seu nome é frequentemente invocado em textos de magia cerimonial.

6.10 ARAQIEL (ARAKIEL) — O SENHOR DOS SINAIS DA TERRA

Araqiel (também chamado de Arâkîba, Arakiel, Araqael) é o segundo líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Terra de Deus" (do hebraico erets, "terra", e el, "Deus").

6.10.1 SEGREDOS DA ADIVINHAÇÃO TERRESTRE

Araqiel ensinou os sinais da terra:

"Araqiêl os sinais da terra."

Os ensinamentos específicos de Araqiel incluem: - Os sinais da terra (the signs of the earth) — geomança e adivinhação terrestre - Interpretação dos fenômenos terrestres — terremotos, formações geológicas, etc.

6.10.2 GEOMANÇA E ADIVINHAÇÃO

A "arte dos sinais da terra" está relacionada à geomança, um sistema de adivinhação baseado na interpretação de padrões no solo ou em marcas feitas na terra. Esta prática é apresentada como um conhecimento proibido que permite aos humanos acessar informações que não lhes pertencem.

Araqiel é também chamado de Artāqīfā ou Arstikapha em algumas tradições.

6.11 PENEMUE — O TRANSMISSOR DA ESCRITA

Penemue (derivado do hebraico פְּנִימִי, penimi, "o interior") é um dos Vigilantes mencionados em 1 Enoque 69. Ele é descrito como um "curador da estupidez no homem".

6.11.1 SEGREDOS DA ESCRITA

O texto de 1 Enoque 69:8-9 descreve os ensinamentos de Penemue:

"O nome do quarto é Penemue: ele mostrou aos filhos dos homens o amargo e o doce; e apontou-lhes todo segredo da sua sabedoria. Ele ensinou os homens a compreender a escrita, e o uso de tinta e papel."

Os ensinamentos específicos de Penemue incluem: - A arte da escrita com tinta e papel — alfabetização e documentação - O "doce e o amargo" — conhecimento do bem e do mal, ética e sabedoria - Os "segredos da sabedoria" — conhecimento esotérico

6.11.2 A ESCRITA COMO CONHECIMENTO PROIBIDO

A transmissão da escrita é apresentada como particularmente perigosa porque permite a preservação e disseminação de outros conhecimentos proibidos:

"E por meio disso muitos pecaram desde a eternidade até a eternidade e até este dia. Pois os homens não nasceram para isso, assim com pena e com tinta para confirmar sua fé."

A ironia, é claro, é que o próprio Livro dos Vigilantes é um texto escrito — um produto da mesma tecnologia que a narrativa apresenta como uma transgressão. Esta auto-reflexividade sugere que os autores do Livro dos Vigilantes estavam conscientes da complexidade de sua posição em relação ao conhecimento escrito.

6.11.3 PARALELOS COM PLATÃO

Estudos recentes (2023) têm demonstrado paralelos significativos entre a tradição de Penemue e o mito da invenção da escrita preservado no Fedro de Platão (274c-275b). Em ambas as tradições, a invenção da escrita é vista com ambivalência — como uma tecnologia que, embora útil, também corrompe a memória e a sabedoria autêntica.

6.12 GADREEL — O MESTRE DAS ARMAS E COSMÉTICOS

Gadreel (também chamado de Gadriel, Gader'el) é mencionado em 1 Enoque 69 como o terceiro dos cinco chefes que lideraram a rebelião. Seu nome significa "Muro de Deus" ou "Deus é meu muro".

6.12.1 SEGREDOS DA VIOLÊNCIA

Gadreel ensinou aos humanos os "golpes de morte" e as técnicas de combate:

"E o terceiro foi chamado Gadreel: foi ele quem mostrou aos filhos dos homens todos os golpes de morte, e enganou Eva, e mostrou as armas de morte aos filhos dos homens — o escudo e a couraça, e a espada para a batalha, e todas as armas de morte."

Os ensinamentos específicos de Gadreel incluem: - Cosméticos — a arte de mascarar a verdadeira identidade - Uso de armas — técnicas de combate - Golpes de morte — técnicas letais

6.12.2 A DECEPÇÃO DE EVA

Uma tradição significativa associada a Gadreel é sua identificação como o enganador de Eva no Jardim do Éden:

"Gadreel se destaca como o enganador de Eva e um professor de violência, ligando- o diretamente à queda da humanidade no pecado."

Esta tradição, que aparece em 1 Enoque 69:6, retroativamente atribui a responsabilidade pelos eventos de Gênesis 3 ao Vigilante Gadreel. A conexão entre Gadreel e a serpente do Éden representa uma evolução teológica significativa, onde a figura do Vigilante é sincretizada com a tradição adâmica.

6.13 KASDEJA (TAMIEL) — O SENHOR DOS GOLPES DEMONÍACOS

Kasdeja (também chamado de Kasdaye, Kasyade) é mencionado em 1 Enoque 69 como o quinto dos chefes. Ele é frequentemente identificado com Tamiel (Tumiel), cujo nome significa "Perfeição de Deus" ou "Deus é perfeito".

6.13.1 SEGREDOS DOS GOLPES ESPIRITUAIS

Kasdeja ensinou aos humanos os "golpes malignos dos espíritos e dos demônios":

"Tamiel ensinou 'aos filhos dos homens todos os golpes malignos dos espíritos, [os golpes dos] demônios, e os golpes do embrião no ventre para que ele possa passar (aborto)'."

Os ensinamentos específicos de Kasdeja incluem: - Golpes dos espíritos — ataques espirituais - Golpes dos demônios — possessão e influência demoníaca - Golpes do embrião no ventre — aborto e danos ao feto

6.13.2 A MAGIA MALÉFICA

Os ensinamentos de Kasdeja representam a forma mais sombria de magia — aquela que causa dano físico e espiritual a outros seres humanos. A menção específica do "golpe do embrião no ventre" indica um conhecimento de magia abortiva, uma prática particularmente condenada na tradição judaica.

O nome "Kasdeja" está relacionado ao termo "Caldeu", associado na antiguidade à magia e à adivinhação.

6.14 ZIQEL — O SENHOR DOS METEOROS

Ziqel (também chamado de Ziqel) é mencionado em 1 Enoque 8:3 como aquele que ensinou "os sinais das estrelas cadentes".

6.14.1 SEGREDOS DA ASTRONOMIA DE METEOROS

Os ensinamentos específicos de Ziqel incluem:

- Os sinais das estrelas cadentes (the signs of the shooting stars) — interpretação de meteoros e fenômenos celestes transitórios

O nome "Ziqel" significa "Bola de Fogo de Deus" (do hebraico ziq, "bola de fogo" ou "meteoro", e el, "Deus"). Sua função está relacionada à interpretação de fenômenos celestes que eram considerados presságios na antiguidade.

6.15 ARTEFOPH — O SENHOR DOS SINAIS DA TERRA

Arteqoph (também chamado de Arteqoph, Arteqoph) é mencionado em 1 Enoque 8:3 como aquele que ensinou "os sinais da terra".

6.15.1 SEGREDOS DA ADIVINHAÇÃO TERRESTRE

Os ensinamentos específicos de Arteqoph incluem: - Os sinais da terra (the signs of the earth) — geomança e adivinhação terrestre

O nome "Arteqoph" significa "A Terra é Poderosa". Sua função é semelhante à de Araqiel, sugerindo que pode haver uma duplicação ou sobreposição na tradição textual.

6.15.2 A DUPLICAÇÃO DE ARAQIEL

A presença de dois Vigilantes (Araqiel e Arteqoph) ensinando "os sinais da terra" pode indicar uma duplicação textual ou a existência de duas tradições distintas que foram posteriormente combinadas. Alternativamente, pode representar duas especializações diferentes dentro do mesmo campo de conhecimento.

6.16 TAMIEL — A VISÃO DOS ASTROS

Tamiel (também chamado de Tâmîêl, Tamlel, Tammiel, Tumiel) é o quinto líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Perfeição de Deus" ou "Deus é perfeito".

6.16.1 SEGREDOS DA ASTRONOMIA

Tamiel ensinou a visão dos astros e revelações:

"Tamiel ensinou a observação das estrelas."

Os ensinamentos específicos de Tamiel incluem: - A visão dos astros — observação astronômica - Revelações e ocultamentos — segredos celestiais - Segredos — conhecimento esotérico

6.16.2 A IDENTIFICAÇÃO COM KASDEJA

Em 1 Enoque 69, Tamiel é identificado com Kasdeja, que ensinou os "golpes malignos dos espíritos". Esta dupla identidade — Tamiel como astrônomo e Kasdeja como mago maléfico — reflete a complexidade da tradição textual e a possível fusão de diferentes tradições.

6.17 RAMEEL E RAMIEL — OS TROVÕES DE DEUS

Rameel (o terceiro líder) e Ramiel (o sexto líder) compartilham nomes com o mesmo significado: "Trovão de Deus" (do hebraico ra'am, "trovão", e el, "Deus").

6.17.1 SEGREDOS DOS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Embora o Livro dos Vigilantes não especifique os ensinamentos de Rameel e Ramiel, seus nomes indicam uma conexão com os fenômenos atmosféricos, particularmente o trovão.

6.17.2 A DUPLICAÇÃO TEXTUAL

A presença de dois Vigilantes com nomes praticamente idênticos (Rameel e Ramiel) sugere uma possível duplicação textual ou erro de transmissão. Alternativamente, pode representar duas especializações diferentes dentro do mesmo campo — por exemplo, trovão e relâmpago, ou fenômenos atmosféricos diferentes.

6.18 DANEL — O ENSINADOR DOS SINAIS DO SOL

Danel (também chamado de Dânêl, Danel, Daniel) é o sétimo líder dos Vigilantes. Seu nome significa "Deus é meu juiz" (do hebraico dan, "julgar", e el, "Deus").

6.18.1 SEGREDOS DA ASTRONOMIA SOLAR

Danel ensinou os "sinais do sol" à humanidade. Sua função está relacionada à observação solar e à astronomia.

6.18.2 A CONEXÃO COM O DANEL BÍBLICO

A figura de Danel aparece também no Livro de Ezequiel (14:14, 20; 28:3) como um sábio antigo. A conexão entre o Danel bíblico e o Vigilante enoquiano é objeto de debate acadêmico.

6.19 YEQON — O INSTIGADOR DA QUEDA

Yeqon (também chamado de Jeqon, Yaqum) é mencionado em 1 Enoque 69:4 como o primeiro dos cinco chefes que lideraram a rebelião. Seu nome significa "Ele se levantará" (do hebraico yaqum).

6.19.1 O PECADO DE YEQON

Yeqon é descrito como aquele que "desviou todos os filhos dos santos anjos, e os conduziu para baixo sobre a terra, e os desviou através das filhas dos homens".

O pecado de Yeqon é instigar a queda — ele é o primeiro a sugerir que os anjos deveriam descer à Terra e tomar esposas humanas. Sua função é apresentada como a origem da rebelião, o momento em que a ideia da transgressão foi pela primeira vez concebida.

6.20 ASBEEL — O CONSELHEIRO MALIGNO

Asbeel (também chamado de Asbeêl) é mencionado em 1 Enoque 69:5 como o segundo dos cinco chefes. Seu nome significa "Deus abandonou" ou "Desertor de Deus" (do hebraico azab, "abandonar", e el, "Deus").

6.20.1 O PECADO DE ASBEEL

Asbeel é descrito como aquele que "impartiu aos santos filhos de Deus mau conselho, e os desviou para que profanassem seus corpos com as filhas dos homens".

O pecado de Asbeel é dar conselho maligno — ele convence os outros anjos a seguir o caminho da transgressão. Sua função complementa a de Yeqon: enquanto Yeqon instiga a ideia da queda, Asbeel fornece a justificação e o encorajamento para que outros anjos participem.

6.21 O FRAGMENTO ARAMAICO 4Q201 E OS ENSINAMENTOS DOS VIGILANTES

O fragmento aramaico 4Q201 (4QEn^{a}) é uma das testemunhas mais importantes da tradição textual dos ensinamentos dos Vigilantes. O fragmento preserva partes de 1 Enoque 8-9, incluindo a lista de ensinamentos proibidos.

6.21.1 O TEXTO ARAMAICO

O texto aramaico de 4Q201 confirma a lista de ensinamentos encontrada no ge'ez e no grego, embora com algumas variantes ortográficas e de ordem. A presença deste fragmento em Qumran confirma que a tradição dos ensinamentos proibidos já estava estabelecida no período do Segundo Templo.

6.21.2 A DATAÇÃO DO FRAGMENTO

4Q201 é datado da primeira metade do século II a.C., o que confirma que a tradição dos ensinamentos dos Vigilantes já estava em circulação e era considerada importante pela comunidade de Qumran neste período.

6.22 TABELA COMPLETA DOS ENSINAMENTOS DOS VIGILANTES

VIGILANTE	ENSINAMENTO(S)
AZAZEL (ASAEL)	Metalurgia, armas (espadas, facas, escudos, couraças), cosméticos (antimônio, embelezamento), joias, tinturas
SAMYAZA (SHEMIHAZAH)	Feitiços, encantamentos, corte de raízes
ARMAROS	Resolução/levantamento de encantamentos
HERMANAI	Feitiçaria, magia, habilidade mágica
BARAQIEL	Astrologia, sinais dos relâmpagos
KOKABIEL	Constelações, sinais das estrelas
EZEQEEL (CHAZAQIEL)	Conhecimento das nuvens, meteorologia
SHAMSIEL	Sinais do sol
SARIEL	Curso da lua, sinais da lua
ARAQIEL	Sinais da terra (geomança)
PENEMUE	Escrita (tinta e papel), "doce e amargo", segredos da sabedoria

VIGILANTE	ENSINAMENTO(S)
GADREEL	Cosméticos, armas, golpes de morte, engano de Eva
KASDEJA (TAMIEL)	Golpes dos espíritos, golpes dos demônios, golpes do embrião (aborto)
ZIQEL	Sinais das estrelas cadentes (meteoros)
ARTEFOPH	Sinais da terra
TAMIEL	Visão dos astros, revelações, segredos
RAMEEL / RAMIEL	Fenômenos atmosféricos (trovão)
DANEL	Sinais do sol
YEQON	Instigação da queda (desviar os anjos)
ASBEEL	Mau conselho (profanar os corpos com mulheres)

6.23 A TEOLOGIA DOS SEGREDOS — CONHECIMENTO PROIBIDO COMO TRANGRESSÃO

A tradição dos ensinamentos dos Vigilantes reflete uma teologia sofisticada do conhecimento que tem implicações profundas para a compreensão da relação entre Deus, os anjos e a humanidade.

6.23.1 A DISTINÇÃO ENTRE CONHECIMENTO PERMITIDO E PROIBIDO

A narrativa dos Vigilantes pressupõe uma distinção fundamental entre dois tipos de conhecimento:

1. Conhecimento permitido — aquele que Deus revela legitimamente a Enoque e aos justos. Este conhecimento inclui a ordem do cosmos, a estrutura do universo e o destino dos justos.

2. Conhecimento proibido — aquele que os Vigilantes transmitem ilicitamente à humanidade. Este conhecimento inclui técnicas de guerra, cosméticos, magia e adivinhação.

Como observou Orlov, "o mapa do conhecimento de outro mundo revelado a Enoque reflete inversamente o mapa das revelações ilícitas dadas pelos Vigilantes caídos à humanidade".

6.23.2 O CONHECIMENTO COMO CORRUPÇÃO

Na tradição enoquiana, o conhecimento não é neutro. Certos tipos de conhecimento são inerentemente corruptores porque:

- Violam fronteiras ontológicas — revelam segredos que pertencem exclusivamente ao domínio divino
- Capacitam a violência — armas e técnicas de guerra permitem a destruição e o derramamento de sangue
- Promovem a vaidade e o engano — cosméticos e ornamentos permitem a manipulação e a sedução
- Permitem a manipulação espiritual — magia e adivinhação permitem aos humanos controlar forças que não lhes pertencem

6.23.3 A IRONIA DA ESCRITA

A inclusão da escrita entre os ensinamentos proibidos é particularmente irônica, já que o próprio Livro dos Vigilantes é um texto escrito. Esta auto-reflexividade sugere que os autores do Livro dos Vigilantes estavam conscientes da complexidade de sua posição em relação ao conhecimento escrito. Eles reconheciam o poder da escrita — tanto para o bem quanto para o mal — e buscavam navegar esta ambivalência através de sua narrativa.

6.24 A RECEPÇÃO DOS ENSINAMENTOS DOS VIGILANTES

Os ensinamentos dos Vigilantes tiveram uma recepção significativa em múltiplas tradições religiosas e culturais.

6.24.1 NA PATRÍSTICA

Os Padres da Igreja, especialmente Tertuliano, invocaram a narrativa dos ensinamentos dos Vigilantes para argumentar contra o uso de cosméticos e ornamentos pelas mulheres cristãs. A tradição dos ensinamentos dos Vigilantes foi usada para estabelecer uma ética da modéstia e para criticar a vaidade feminina.

6.24.2 NA TRADIÇÃO RABÍNICA

A tradição rabínica reinterpretou os ensinamentos dos Vigilantes como um aviso contra a hibridização e a transgressão de fronteiras. O "Midrash de Shemhazai e Azael" em Bereshit Rabbati apresenta uma versão da história que enfatiza as consequências da transgressão.

6.24.3 NO OCULTISMO OCIDENTAL

Os ensinamentos dos Vigilantes são fundamentais para:

- A magia enoquiana de John Dee e Edward Kelley (século XVI)
- Os grimórios como o Secret Grimoire of Turiel
- As tradições luciferianas e de Mão Esquerda que veem os Vigilantes como agentes de evolução e libertação
- A tradição da Golden Dawn e da magia cerimonial ocidental

6.24.4 NA CULTURA POPULAR

Os ensinamentos dos Vigilantes — especialmente a ideia de "conhecimento proibido" transmitido por seres celestiais — permeiam a literatura, o cinema, os jogos e a música contemporânea, demonstrando a duradoura ressonância deste mito ancestral.

6.25 CONCLUSÃO — OS SEGREDOS COMO CHAVE TEOLÓGICA

Os ensinamentos dos Vigilantes, catalogados em 1 Enoque 8 e 69, são muito mais do que uma simples lista de conhecimentos proibidos. Eles são uma chave teológica que revela a cosmovisão subjacente ao Livro dos Vigilantes:

1. O conhecimento é poder — e, como todo poder, pode ser usado para o bem ou para o mal.
2. Existem fronteiras ontológicas — entre o celestial e o terreno, entre o sagrado e o profano, entre o conhecimento permitido e o conhecimento proibido — que não devem ser violadas.
3. A transgressão tem consequências — a violação das fronteiras do conhecimento leva à corrupção, à violência e ao juízo divino.
4. A sabedoria divina é redentora — em contraste com o conhecimento proibido dos Vigilantes, a sabedoria revelada a Enoque é apresentada como redentora e restauradora.

A pesquisa acadêmica continua a lançar nova luz sobre os ensinamentos dos Vigilantes, revelando suas conexões com as tradições mesopotâmicas, sua evolução textual e sua recepção em múltiplos contextos culturais e religiosos. O estudo cuidadoso destes ensinamentos, em suas diversas versões linguísticas e tradições textuais, é essencial para uma compreensão completa da tradição dos Vigilantes e de seu significado duradouro na história das ideias religiosas.

VIGILANTES · PARTE VII

VII

O JULGAMENTO DOS VIGILANTES

7.0 INTRODUÇÃO — A JUSTIÇA DIVINA COMO RESPOSTA À CORRUPÇÃO

A narrativa do julgamento dos Vigilantes, registrada em 1 Enoque 10-16, constitui o clímax teológico do Livro dos Vigilantes. Após a descrição da queda dos anjos, da geração dos Nefilins e da transmissão de conhecimento proibido — eventos que corromperam a Terra e provocaram o clamor da humanidade — o texto apresenta a resposta divina: um julgamento cósmico que envolve a intervenção dos quatro arcanjos, o aprisionamento dos anjos caídos, a destruição de sua prole híbrida, e a promessa de restauração para a Terra.

O julgamento dos Vigilantes não é meramente uma punição; é um ato de restauração da ordem cósmica. A transgressão dos anjos não foi apenas uma violação moral, mas uma ruptura na estrutura do cosmos. Ao descerem à Terra, tomarem esposas humanas e revelarem segredos celestiais, os Vigilantes perverteram as fronteiras ontológicas estabelecidas por Deus entre o celestial e o terreno, entre o espiritual e o material, entre o conhecimento permitido e o conhecimento proibido. O julgamento, portanto, é um ato de re-criação — uma purificação da Terra que prepara o caminho para uma nova era de justiça e retidão.

A estrutura do julgamento em 1 Enoque 10-16 revela uma teologia sofisticada da justiça divina. O julgamento não é arbitrário ou vingativo; é proporcional, graduado e teleológico — ou seja, orientado para um fim redentor. Cada transgressor recebe uma punição adequada à natureza de seu pecado: Azazel, o grande corruptor, é condenado ao aprisionamento eterno; os Nefilins, a prole violenta, são destruídos; Shemihazah e seus seguidores são aprisionados por um período determinado; e os espíritos dos gigantes tornam-se demônios que atormentam a humanidade até o juízo final. Ao mesmo tempo, o julgamento inclui uma promessa de restauração para os justos e para a própria Terra.

O julgamento dos Vigilantes também estabelece um paradigma escatológico que será profundamente influente no judaísmo e cristianismo posteriores: o mal será julgado, os justos serão recompensados, e a criação será restaurada. Este paradigma, articulado pela primeira vez no Livro dos Vigilantes, tornou-se um dos pilares do pensamento apocalíptico ocidental.

7.1 A INTERVENÇÃO DIVINA — O CONSELHO CELESTIAL E A VOZ DO ALTÍSSIMO (1 EN. 10:1-3)

O capítulo 10 do Livro dos Vigilantes começa com a intervenção direta de Deus, que responde ao clamor da Terra e à intercessão dos arcanjos descrita no capítulo anterior. O texto é inaugurado com uma fórmula solene que enfatiza a autoridade divina: "Então disse o Altíssimo, o Santo e Grande, e falou" (1 Enoque 10:1).

7.1.1 O ANÚNCIO DO DILÚVIO A NOÉ

A primeira ação divina é o envio de Uriel a Noé: "Enviou Uriel ao filho de Lameque, e disse-lhe: 'Vai a Noé e dize-lhe em meu nome: Esconde-te; e revela-lhe o fim que se aproxima: toda a terra será destruída, e um dilúvio está prestes a vir sobre toda a terra, e destruirá tudo o que nela há'" (1 Enoque 10:1-3).

Este anúncio estabelece o Dilúvio como o instrumento do juízo divino contra a corrupção causada pelos Vigilantes. Noé, como o justo remanescente, é preservado para repovoar a Terra após o cataclismo. O anúncio a Noé não é apenas um aviso, mas também uma revelação do propósito divino: o Dilúvio não é um evento arbitrário, mas uma purificação necessária da Terra contaminada pela violência e impureza.

A menção específica a Noé e ao Dilúvio antes mesmo da sentença dos Vigilantes é significativa. Ela estabelece que o juízo contra os anjos caídos será executado através de um cataclismo cósmico que também afetará a humanidade corrupta. O Dilúvio serve como um divisor de águas entre a era antediluviana corrompida pelos Vigilantes e a era pós-diluviana que será restaurada.

7.1.2 O PAPEL DE URIEL

Uriel (אוּרִיאֵל, "Luz de Deus" ou "Fogo de Deus") é o arcanjo encarregado de anunciar o Dilúvio a Noé. Seu nome, que significa "Fogo de Deus", é apropriado para sua missão: ele é o portador da revelação divina e o mensageiro do juízo purificador. Em outras tradições enoquianas, Uriel é descrito como "um dos anjos santos, que está sobre o mundo e sobre o Tártaro", indicando sua associação com o julgamento e os lugares de punição.

A escolha de Uriel para esta missão é particularmente significativa porque ele é um dos arcanjos que, juntamente com Miguel, Gabriel e Rafael, "olharam para baixo do céu e viram o sangue que estava sendo derramado sobre a terra" (1 Enoque 9:1). Uriel, portanto, testemunhou a corrupção e agora é enviado para anunciar sua purificação.

7.2 O JULGAMENTO DE AZAZEL — O GRANDE CORRUPTOR (1 EN. 10:4-8)

A sentença mais severa é reservada para Azazel (Asael), o Vigilante que ensinou à humanidade a fabricação de armas, cosméticos e outros conhecimentos proibidos. O julgamento de Azazel é executado pelo arcanjo Rafael, cujo nome ("Deus cura") contrasta ironicamente com sua missão punitiva.

7.2.1 A SENTENÇA DE AZAZEL

O texto de 1 Enoque 10:4-6 descreve a sentença de Azazel em detalhes vívidos:

"E novamente o Senhor disse a Rafael: 'Ata Azazel pelas mãos e pelos pés, e lança-o na escuridão. E abre o deserto que está em Dudael, e lança-o lá. E lança sobre ele pedras ásperas e afiadas, e cobre-o com escuridão, e que ele permaneça lá para sempre; e cobre o seu rosto, para que ele não veja a luz. E no dia do grande juízo ele será lançado no fogo'" (1 Enoque 10:4-6).

A sentença de Azazel inclui seis elementos distintos, cada um com significado teológico:

1. Ligação: "Ata Azazel pelas mãos e pelos pés" — a imobilização total, a negação de qualquer ação ou fuga.
2. Isolamento na escuridão: "Lança-o na escuridão" — a privação da luz divina, o oposto da presença de Deus.
3. Enterramento no deserto: "Abre o deserto que está em Dudael" — o isolamento geográfico e simbólico.
4. Sepultamento: "Lança sobre ele pedras ásperas e afiadas" — o peso da condenação, a impossibilidade de escapar.
5. Cegueira: "Cobre o seu rosto, para que ele não veja a luz" — a privação total da visão, a negação da esperança.
6. Destruição final: "No dia do grande juízo ele será lançado no fogo" — a punição escatológica definitiva.

A sentença termina com a atribuição de todo o pecado a Azazel: "Toda a terra foi corrompida pelas obras que foram ensinadas por Azazel: a ele atribuí todo o pecado" (1 Enoque 10:8). Esta declaração é notável por várias razões: ela não apenas condena Azazel, mas também o transforma no bode expiatório cósmico, aquele que carrega o pecado de todos.

7.2.2 DUDAEL — O LUGAR DO JULGAMENTO

O local do aprisionamento de Azazel é Dudael (em hebraico: דּוּדָאֵל), cujo nome é composto por dud ("caldeirão", "panela", "pote") e el ("Deus"), significando literalmente "caldeirão de Deus". Este nome evoca a imagem de um lugar de tormento e purificação, como um caldeirão onde o julgamento é executado.

A conexão entre Dudael e o ritual do bode expiatório (Yom Kippur) descrito em Levítico 16 é significativa e tem sido extensivamente estudada por acadêmicos. No ritual do Dia da Expiação, um bode era enviado ao deserto "para Azazel" (Levítico 16:8, 10, 26). O Livro dos Vigilantes reinterpreta este ritual de forma angelológica: Azazel não é mais o destinatário do bode expiatório, mas o próprio bode expiatório celestial, um anjo caído que carrega o pecado de todos.

Daniel Stökl observa que "a punição do demônio se assemelha ao tratamento do bode em aspectos de geografia, ação, tempo e propósito". Lester Grabbe aponta para uma série de paralelos entre a narrativa de Asael em 1 Enoque e a redação de Levítico 16, incluindo "a semelhança dos nomes Asael e Azazel; a punição no deserto; a colocação do pecado em Asael/Azazel; a cura resultante da terra". A designação do local de punição de Asael em 1 Enoque como Dudael é reminiscente da terminologia rabínica usada para designar a ravina do bode expiatório (wdwdh / wrwdh tyb) nas interpretações rabínicas posteriores do ritual de Yom Kippur.

Vários materiais de Qumran também demonstram consciência desta reinterpretação angelológica da figura do bode expiatório, retratando Azazel como o líder escatológico dos anjos caídos. O fragmento 4Q180 1:1-10, por exemplo, apresenta uma interpretação sobre as eras que Deus criou, vinculando Azazel à história dos Vigilantes.

7.2.3 A CURA DA TERRA

A sentença de Azazel é acompanhada por uma ordem de cura: "E cura a terra que os anjos corromperam, e proclama a cura da terra, para que eles curem a praga, e para que todos os filhos dos homens não pereçam através de todas as coisas secretas que os Vigilantes revelaram e ensinaram a seus filhos" (1 Enoque 10:7).

Esta ordem estabelece uma conexão direta entre a punição de Azazel e a restauração da criação. O aprisionamento de Azazel não é apenas um ato de justiça retributiva; é também um ato de cura cósmica. A terra, corrompida pelos ensinamentos de Azazel, será curada quando ele for removido. A figura de Rafael, cujo nome significa "Deus cura", é o executor adequado desta missão dupla: aprisionar o corruptor e curar a terra corrompida.

A conexão entre a remoção de Azazel e a cura da terra também ecoa o ritual do bode expiatório, onde o envio do bode ao deserto resultava na purificação do santuário e do povo. No Livro dos Vigilantes, este ritual é ampliado para uma dimensão cósmica: a remoção de Azazel purifica não apenas o santuário, mas toda a Terra.

7.3 A DESTRUIÇÃO DOS NEFILINS (1 EN. 10:9-10)

Após a sentença de Azazel, Deus volta sua atenção para os Nefilins, a prole híbrida dos Vigilantes. Gabriel é encarregado de executar este julgamento.

7.3.1 A SENTENÇA DE GABRIEL

O texto de 1 Enoque 10:9-10 descreve a missão de Gabriel:

"E a Gabriel disse o Senhor: 'Procede contra os bastardos e os réprobos, e contra os filhos da fornicação: e destrói [os filhos da fornicação e] os filhos dos Vigilantes dentre os homens [e faze-os sair]: envia-os uns contra os outros para que se destruam

em batalha: pois não terão longos dias. E nenhum pedido que eles (isto é, seus pais) façam de ti será concedido a seus pais em seu favor; pois eles esperam viver uma vida eterna, e que cada um deles viverá quinhentos anos'."

A destruição dos Nefilins é apresentada como uma guerra fratricida — os gigantes são incitados a se matarem uns aos outros. Esta violência auto-infligida é uma forma de juízo poético: aqueles que trouxeram violência à Terra são destruídos pela violência. A sentença também nega aos Nefilins a vida longa que eles esperavam: "não terão longos dias".

Gabriel, cujo nome significa "Homem de Deus" ou "Força de Deus", é o executor adequado desta missão. Ele é o arcanjo da força divina, aquele que "está sobre o Paraíso e sobre as serpentes e os Querubins", e sua missão contra os Nefilins reflete seu papel como guerreiro celestial.

7.3.2 A REJEIÇÃO DA INTERCESSÃO DOS VIGILANTES

Um aspecto crucial da sentença de Gabriel é a rejeição da intercessão dos Vigilantes em favor de seus filhos: "E nenhum pedido que eles (isto é, seus pais) façam de ti será concedido a seus pais em seu favor" (1 Enoque 10:10). Esta rejeição estabelece que a queda dos Vigilantes é tão grave que sua intercessão não tem valor. Eles não podem salvar seus filhos, assim como não puderam salvar a si mesmos.

A rejeição da intercessão dos Vigilantes é um tema que será retomado nos capítulos 12-16, onde Enoque intercede pelos Vigilantes e sua intercessão também é rejeitada. Este duplo fracasso da intercessão — primeiro dos Vigilantes por seus filhos, depois de Enoque pelos Vigilantes — sublinha a irreversibilidade da queda dos anjos.

7.4 O APRISIONAMENTO DE SHEMIHAZAH E SEUS SEGUIDORES (1 EN. 10:11-14)

Após a sentença de Azazel e a destruição dos Nefilins, Deus volta sua atenção para Shemihazah (Samyaza) e seus seguidores, os Vigilantes que se uniram carnalmente com as filhas dos homens.

7.4.1 A SENTENÇA DE MIGUEL

O texto de 1 Enoque 10:11-13 descreve a missão de Miguel:

"E o Senhor disse a Miguel: 'Vai, ata Semjázá e seus associados que se uniram com mulheres de modo a se contaminarem com elas em toda a sua impureza. E quando seus filhos tiverem matado uns aos outros, e eles tiverem visto a destruição de seus amados, ata-os firmemente por setenta gerações nos vales da terra, até o dia do seu julgamento e da sua consumação, até que o julgamento que é para sempre e sempre seja consumado. Naqueles dias eles serão levados ao abismo de fogo: e à tormenta e à prisão em que serão confinados para sempre'."

A sentença de Shemihazah difere da de Azazel em vários aspectos importantes:

1. Temporalidade: Shemihazah é aprisionado "por setenta gerações", enquanto Azazel é condenado a "permanecer lá para sempre" (1 Enoque 10:5). A punição de Shemihazah é temporária, embora de longa duração, enquanto a de Azazel é eterna.
2. Localização: Shemihazah é preso "nos vales da terra", enquanto Azazel é preso "no deserto que está em Dudael" (1 Enoque 10:4). Ambos são lugares de isolamento, mas com conotações diferentes.
3. Testemunha da destruição: Shemihazah e seus seguidores devem testemunhar a destruição de seus filhos antes de serem aprisionados: "quando eles tiverem visto a destruição de seus amados" (1 Enoque 10:12). Este testemunho é parte de sua punição — eles devem ver as consequências de seu pecado antes de serem aprisionados.
4. Destruição final: Shemihazah e seus seguidores, como Azazel, serão "levados ao abismo de fogo" no juízo final.

7.4.2 O SIGNIFICADO DE "SETENTA GERAÇÕES"

O período de "setenta gerações" mencionado na sentença de Shemihazah tem um significado simbólico profundo. Na tradição bíblica, o número setenta é frequentemente associado à totalidade e à plenitude (setenta nações, setenta anciões, setenta anos de cativeiro). Aqui, "setenta gerações" representa a duração total da era presente, desde o tempo dos Vigilantes até o juízo final.

A pesquisa acadêmica tem notado que a periodização da história em "setenta gerações" no Livro dos Vigilantes (1 Enoque 10:11-12) corresponde ao período da história terrena encontrado em outra seção de 1 Enoque. Esta periodização estabelece um quadro cronológico para a história da salvação: a era da corrupção dos Vigilantes durará até o juízo final, quando a justiça divina será plenamente manifestada.

7.4.3 O PAPEL DE MIGUEL

Miguel (מִיכָאֵל, "Quem é como Deus?"), o arcanjo guerreiro, é o executor adequado da sentença contra Shemihazah e seus seguidores. Miguel é descrito como "aquele que está sobre a melhor parte da humanidade e sobre o caos", refletindo seu papel como protetor da ordem divina contra as forças do caos.

A missão de Miguel contra Shemihazah e seus seguidores estabelece um paralelo com a tradição posterior de Miguel como o guerreiro celestial que combate Satanás e seus anjos. No Livro dos Vigilantes, este papel está em sua forma embrionária, mas já contém os elementos que serão desenvolvidos em tradições posteriores.

7.5 A DESTRUIÇÃO DOS ESPÍRITOS DOS RÉPROBOS (1 EN. 10:15)

Após as sentenças contra Azazel, os Nefilins e Shemihazah, o texto de 1 Enoque 10:15 inclui uma ordem adicional: "E destrói todos os espíritos dos réprobos e dos filhos dos Vigilantes, porque eles têm prejudicado a humanidade."

Esta ordem é significativa porque antecipa a discussão mais detalhada sobre a origem dos demônios que ocorrerá em 1 Enoque 15. Os "espíritos dos réprobos e dos filhos dos Vigilantes" são os espíritos dos Nefilins que emergem de seus corpos após sua destruição. Estes espíritos, embora destruídos em sua forma corporal, continuam a existir como entidades espirituais malignas que atormentam a humanidade.

A destruição destes espíritos é ordenada como parte da purificação da Terra. No entanto, como veremos em 1 Enoque 15, esta destruição não é imediata; os espíritos dos gigantes continuarão a existir e a causar danos até o juízo final. Esta tensão entre a ordem de destruição e a continuação da existência dos espíritos malignos é uma característica da demonologia enoquiana.

7.6 A PURIFICAÇÃO DA TERRA E A PROMESSA DE RESTAURAÇÃO (1 EN. 10:16-22)

Após as sentenças de julgamento, o texto de 1 Enoque 10:16-22 descreve a purificação da Terra e a promessa de restauração para os justos.

7.6.1 O FIM DE TODO MAL

A ordem divina é clara: "Destrói todo o mal da face da terra e faça cessar toda obra maligna: e que a planta da justiça e da verdade apareça; e ela será uma bênção; as obras da justiça e da verdade serão plantadas em verdade e alegria para sempre" (1 Enoque 10:16).

Esta declaração estabelece o propósito teleológico do julgamento: a eliminação do mal não é um fim em si mesma, mas um meio para a restauração da justiça e da verdade. A "planta da justiça" é uma imagem agrícola que evoca a criação original e a promessa de uma nova era de fecundidade e bênção.

7.6.2 A RECOMPENSA DOS JUSTOS

O texto então descreve a recompensa dos justos:

"E então todos os justos escaparão, e viverão até gerarem milhares de filhos, e todos os dias de sua juventude e de sua velhice completarão em paz. E então toda a terra será cultivada em justiça, e toda será plantada com árvores e cheia de bênção" (1 Enoque 10:17-18).

A recompensa dos justos é descrita em termos terrenos e materiais, não celestiais. A ênfase está na paz, na longevidade, na fecundidade e na abundância agrícola. Esta visão terrena da recompensa escatológica é característica do Livro dos Vigilantes e reflete sua preocupação com a restauração da criação, não com a fuga dela.

A imagem da "planta da justiça" é retomada em 1 Enoque 10:18-19, onde a Terra é descrita como sendo plantada com árvores e vinhas que produzem em abundância. Esta visão de abundância escatológica ecoa as promessas proféticas do Antigo Testamento (Isaías 11, Amós 9, etc.) e estabelece uma conexão entre a tradição enoquiana e a tradição profética.

7.6.3 A ALEGRIA ETERNA

O texto conclui com uma visão de alegria eterna: "E então todos os justos se alegrarão, e haverá alegria e regozijo para sempre, e eles receberão bênçãos; e a luz da alegria brilhará sobre eles, e a alegria será deles para sempre" (1 Enoque 10:19-22). Esta visão de alegria eterna é o contraponto à escuridão eterna que aguarda Azazel e os Vigilantes aprisionados.

A estrutura do capítulo 10, portanto, é uma quiástica: começa com o julgamento dos transgressores (Azazel, Nefilins, Shemihazah) e termina com a bênção dos justos. O julgamento e a bênção são dois lados da mesma moeda: a justiça divina que restaura a ordem do cosmos.

7.7 O PAPEL DE ENOQUE — INTERCESSOR E MENSAGEIRO (1 EN. 12-16)

Após o julgamento divino ser decretado em 1 Enoque 10, os capítulos 12-16 introduzem Enoque como o intermediário entre o céu e os Vigilantes aprisionados. Esta seção do Livro dos Vigilantes descreve o papel único de Enoque como mensageiro e intercessor.

7.7.1 A ELEVAÇÃO DE ENOQUE (1 EN. 12:1-2)

Enoque é descrito como um "escriba de justiça" que recebe revelações divinas: "Antes destas coisas, Enoque estava escondido, e nenhum dos filhos dos homens sabia onde ele estava... E ele foi elevado, e a visão do Santo o chamou, e a voz do Santo o ouviu" (1 Enoque 12:1-2).

A elevação de Enoque é paralela à descida dos Vigilantes: enquanto os Vigilantes desceram à Terra para transgredir, Enoque ascende ao céu para receber revelação. Este paralelismo inverso é uma característica estrutural fundamental do Livro dos Vigilantes.

7.7.2 A MISSÃO DE ENOQUE (1 EN. 12:3-13:10)

Enoque recebe uma dupla missão:

1. Anunciar a sentença aos Vigilantes aprisionados: "Vai, e dize aos Vigilantes do céu, que te enviaram para interceder por eles: 'Vós deveis interceder pelos homens, e não os homens por vós...'" (1 Enoque 13:4-6).
2. Interceder pelos Vigilantes: Enoque escreve uma petição em favor dos Vigilantes e a apresenta diante de Deus.

Os Vigilantes, ao saberem da missão de Enoque, "tremiam e temiam" (1 Enoque 13:3). Eles imploram a Enoque que escreva uma petição em seu favor, e Enoque concorda, escrevendo "uma oração em favor deles" (1 Enoque 13:4-6). No entanto, a intercessão de Enoque é rejeitada. Deus responde que não há perdão para os anjos caídos, porque eles já ouviram a palavra de Deus e a desobedeceram deliberadamente.

7.7.3 A CONDEMNAÇÃO DOS VIGILANTES (1 EN. 15-16)

Nos capítulos 15-16, Deus explica a Enoque por que os Vigilantes não podem ser perdoados:

"Por que deixastes o alto céu santo e eterno, e vos deitastes com as mulheres, e vos contaminastes com as filhas dos homens, e tomastes esposas para vós, e fizestes como os filhos da terra, e gerastes filhos gigantes?" (1 Enoque 15:3).

A condenação dos Vigilantes é baseada em dois argumentos:

1. Violação da natureza: Os Vigilantes eram espíritos imortais que não deveriam ter se unido a seres mortais.
2. Transgressão deliberada: Os Vigilantes conheciam a vontade de Deus e a desobedeceram conscientemente.

A resposta divina a Enoque é uma declaração de irreversibilidade da queda dos Vigilantes: "Vós não tereis paz" (1 Enoque 16:4). A intercessão de Enoque, embora bem-intencionada, é inútil porque a transgressão dos Vigilantes é tão grave que não pode ser perdoada.

7.7.4 A IRONIA DA INTERCESSÃO DE ENOQUE

A intercessão de Enoque pelos Vigilantes é irônica em vários níveis:

1. Os Vigilantes, que deveriam ser os guardiões da humanidade, agora precisam da intercessão de um humano.
2. Enoque, o humano, tem acesso ao trono divino que os Vigilantes perderam.

3. A intercessão de Enoque, embora sincera, é rejeitada, sublinhando a irreversibilidade da queda dos anjos.

Esta ironia estabelece Enoque como uma figura de autoridade superior aos Vigilantes, antecipando sua transformação em Metatron na tradição posterior (3 Enoque).

7.8 A ORIGEM DOS DEMÔNIOS — OS ESPÍRITOS DOS GIGANTES (1 EN. 15:8-12)

Um dos desenvolvimentos teológicos mais importantes do Livro dos Vigilantes é a explicação da origem dos demônios como os espíritos dos gigantes mortos.

7.8.1 A NATUREZA DOS ESPÍRITOS DOS GIGANTES

O texto de 1 Enoque 15:8-10 descreve a natureza e o destino dos espíritos dos gigantes:

"E agora, os gigantes, que são produzidos dos espíritos e da carne, serão chamados espíritos malignos sobre a terra, e na terra será a sua habitação. Os espíritos que saíram do corpo da sua carne são espíritos malignos, porque dos homens vieram a existir, e dos santos Vigilantes foi a origem da sua criação. Espíritos malignos serão sobre a terra, e espíritos malignos serão chamados. Os espíritos do céu, no céu está a sua habitação; mas os espíritos gerados na terra, na terra está a sua habitação" (1 Enoque 15:8-10).

Esta passagem estabelece uma ontologia demonológica distinta:

1. Os demônios são os espíritos dos gigantes mortos, não anjos caídos.
2. Eles são de natureza híbrida — "produzidos dos espíritos e da carne".
3. Sua habitação é a terra, não o céu.
4. Eles são "espíritos malignos" por natureza.

5. Os espíritos dos gigantes "afligem, oprimem, destroem, atacam, guerreiam e causam destruição na terra, e causam problemas: não tomam alimento, [mas no entanto têm fome] e sede, e causam ofensas" (1 Enoque 15:11).

7.8.2 A ATIVIDADE DOS DEMÔNIOS

A atividade dos espíritos dos gigantes é descrita em termos vívidos:

"E os espíritos dos gigantes afligem, oprimem, destroem, atacam, guerreiam e causam destruição na terra, e causam problemas: não tomam alimento, [mas no entanto têm fome] e sede, e causam ofensas" (1 Enoque 15:11).

Esta descrição reflete a crença antiga em espíritos malignos como agentes de doença, desastre e possessão. Os demônios são apresentados como parasitas espirituais que, tendo perdido seus corpos na destruição dos gigantes, buscam causar dano aos humanos.

7.8.3 A ATIVIDADE DOS DEMÔNIOS ATÉ O JUÍZO FINAL

O texto de 1 Enoque 15:11-16:1 descreve a atividade dos demônios até o juízo final:

"Estes espíritos (se) levantarão contra os filhos dos homens e contra as mulheres, porque deles saíram. Desde o dia da matança e destruição e morte dos gigantes, da alma cuja carne os espíritos estão procedendo, estão causando desolação sem (incorrer em) julgamento. Assim causarão desolação até o dia da consumação do grande julgamento, quando a grande era for consumada" (1 Enoque 15:11-16:1).

Esta passagem estabelece que os demônios continuarão a atormentar a humanidade até o juízo final. Ao contrário dos Vigilantes, que são aprisionados imediatamente, os demônios são deixados em liberdade para causar dano, embora seu poder seja limitado. Esta distinção entre o aprisionamento dos anjos caídos e a atividade contínua dos demônios é uma característica única da demonologia enoquiana.

A pesquisa acadêmica tem notado que a descrição do comportamento violento dos espíritos dos gigantes em 1 Enoque 15:11 é modelada a partir do comportamento violento dos demônios encontrados na série bilíngue mesopotâmica Utukkū Lemnūtu. Esta conexão demonstra a influência da tradição mesopotâmica na demonologia enoquiana.

7.9 O JULGAMENTO DOS VIGILANTES NO LIVRO DOS JUBILEUS

O Livro dos Jubileus (século II a.C.) apresenta uma versão paralela do julgamento dos Vigilantes, com algumas diferenças significativas.

7.9.1 A PRISÃO DOS VIGILANTES

Em Jubileus, os Vigilantes (os "anjos do Senhor") são aprisionados após sua corrupção da humanidade. O texto de Jubileus 5:1-5 descreve como Deus "julgou todos eles, e os amaldiçoou, e os prendeu nas profundezas da terra até o dia do grande julgamento".

7.9.2 MASTEMA E OS ESPÍRITOS MALIGNOS

Uma figura importante que aparece em Jubileus é Mastema (מַשְׂטֵמָה, "inimizade" ou "hostilidade"), o líder dos espíritos malignos. Mastema não é mencionado no Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36), mas aparece em Jubileus e nos Manuscritos do Mar Morto.

Em Jubileus 10:1-14, Noé ora a Deus para que os demônios sejam aprisionados. Deus concorda, mas Mastema intervém:

"E o chefe dos espíritos, Mastema, veio e disse: 'Senhor, Criador, deixa que alguns deles permaneçam diante de mim, e que eles ouçam a minha voz, e façam tudo o que eu lhes disser; porque se alguns deles não me forem deixados, eu não poderei executar

o poder da minha vontade sobre os filhos dos homens; porque estes são para corrupção e para desviar diante do meu julgamento, pois grande é a maldade dos filhos dos homens'" (Jubileus 10:8).

Deus responde permitindo que um décimo dos espíritos permaneça com Mastema, enquanto os outros nove décimos são aprisionados:

"E ele disse: Deixe a décima parte deles permanecer diante dele, e desçam nove partes ao lugar de condenação" (Jubileus 10:9).

Esta narrativa estabelece uma demonologia diferente da de 1 Enoque: os demônios não são apenas os espíritos dos gigantes mortos, mas são organizados sob a liderança de Mastema, que recebe permissão divina para usar alguns deles para testar e punir a humanidade. Mastema é descrito como o "chefe dos espíritos", e sua função é "prosecutar e julgar os pecadores humanos".

7.9.3 A DIMINUIÇÃO DOS DEMÔNIOS

Jubileus enfatiza a diminuição do poder dos demônios. Embora os Vigilantes estejam aprisionados e fora de ação no período entre o Dilúvio e o juízo final, os demônios (os espíritos dos gigantes) continuam a existir, mas em número reduzido (apenas um décimo do original) e sob o controle de Mastema.

Esta visão dos demônios como agentes subordinados a Deus, que servem para testar e punir a humanidade, é uma tentativa de harmonizar a tradição enoquiana com a visão da soberania divina encontrada em outras partes da Bíblia.

7.10 O JULGAMENTO DOS VIGILANTES EM 2 ENOQUE — A TRADIÇÃO DE SATANAIL

A tradição eslava (2 Enoque) apresenta uma versão significativamente diferente do julgamento dos Vigilantes, com a introdução de Satanail como o líder dos Grigori.

7.10.1 OS GRIGORI E SATANAIL

Em 2 Enoque 18:3, Enoque encontra os Grigori no quinto céu e recebe esta explicação:

"Estes são os Grigori, que se desviaram do Senhor, 200 miríades, juntamente com o seu príncipe Satanail."

A transferência da liderança dos Vigilantes de Shemihazah e Asael para Satanail representa uma evolução teológica significativa. O nome "Satanail" (Сатанаилъ), com a terminação teofórica angelical "-el" (אֵל, "Deus"), sublinha seu status angélico original. Esta tradição sincretiza os Vigilantes com a narrativa da queda de Satã/Lúcifer, introduzindo o desenvolvimento adâmico no quadro da história enoquiana.

7.10.2 O JULGAMENTO DOS GRIGORI

Em 2 Enoque, os Grigori são descritos como aqueles que "com o seu príncipe Satanail rejeitaram o Senhor da luz". O texto afirma que "Deus os julgou com grande julgamento, e eles choram por seus irmãos e serão punidos no grande dia do Senhor".

7.10.3 O ARREPENDIMENTO DOS GRIGORI

Uma característica única da tradição eslava é a possibilidade de arrependimento para os Grigori. Em 2 Enoque, Enoque encontra alguns Grigori no quinto céu que estão aflitos e os persuade a retomar seu serviço litúrgico. Os aprisionados se curvam diante de Enoque, chamando-o de "homem de Deus".

Esta tradição contrasta fortemente com 1 Enoque, onde a intercessão de Enoque pelos Vigilantes é recusada e a queda é definitiva. A tradição eslava, portanto, oferece uma visão mais esperançosa e menos determinista da condição dos anjos caídos, refletindo a teologia específica do 2 Enoque e sua ênfase na possibilidade de arrependimento.

7.11 O JULGAMENTO DOS VIGILANTES NO NOVO TESTAMENTO

A narrativa do julgamento dos Vigilantes exerceu uma influência profunda sobre o Novo Testamento, sendo refletida em várias passagens.

7.11.1 JUDAS 6

A Epístola de Judas 6 faz uma referência direta ao julgamento dos Vigilantes:

"E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele reservou na escuridão e em prisões eternas para o juízo do grande dia."

Esta passagem reflete diretamente a narrativa dos Vigilantes que abandonaram sua habitação celestial (1 Enoque 12:4) e foram aprisionados na escuridão (1 Enoque 10:4-6). A referência a "prisões eternas" ecoa a sentença de aprisionamento dos Vigilantes.

7.11.2 JUDAS 14-15

A Epístola de Judas 14-15 cita diretamente 1 Enoque 1:9, a teofania que precede a narrativa do julgamento:

"Enoque, o sétimo depois de Adão, profetizou acerca destes, dizendo: Eis que o Senhor veio com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos..."

Esta citação demonstra que o autor de Judas considerava o Livro de Enoque como uma fonte autoritativa e que a tradição do julgamento dos Vigilantes era conhecida e respeitada no cristianismo primitivo.

7.11.3 2 PEDRO 2:4

A Segunda Epístola de Pedro 2:4 também reflete a tradição do julgamento dos Vigilantes:

"Porque, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo"

Esta passagem ecoa a sentença de aprisionamento dos Vigilantes em 1 Enoque 10:11-14 e sua reserva para o juízo final.

7.11.4 1 PEDRO 3:19-20

A Primeira Epístola de Pedro 3:19-20 descreve Cristo pregando "aos espíritos em prisão, os quais noutro tempo foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé". Esta passagem é frequentemente interpretada como uma referência aos espíritos dos Vigilantes aprisionados.

A influência da tradição do julgamento dos Vigilantes no Novo Testamento é tão significativa que alguns estudiosos argumentam que a tradição enoquiana foi uma das principais fontes teológicas do cristianismo primitivo.

7.12 TABELA COMPARATIVA DOS JULGAMENTOS

TRANSGRESSOR	PUNIÇÃO
AZAZEL (ASAEL)	Aprisionamento eterno em Dudael (deserto); coberto com
	pedras e escuridão; rosto coberto; lançado no fogo no
	juízo final (1 En. 10:4-8)
NEFILINS (GIGANTES)	Destruição em guerra fratricida; morte prematura;
	negação de vida longa (1 En. 10:9-10)
SHEMIHAZAH E	Aprisionamento por setenta gerações nos vales da terra;

TRANSGRESSOR	PUNIÇÃO
SEGUIDORES	testemunho da destruição dos filhos; abismo de fogo no
	juízo final (1 En. 10:11-14)
ESPÍRITOS DOS	Transformação em demônios; atividade maligna na terra
GIGANTES	até o juízo final; sem alimento, com fome e sede;
	causam doenças e destruição (1 En. 15:8-12)
VIGILANTES (JUBILEUS)	Aprisionamento nas profundezas da terra até o juízo
	final (Jubileus 5:1-5)
DEMÔNIOS (JUBILEUS)	Nove décimos aprisionados; um décimo permanece com
	Mastema para testar a humanidade (Jubileus 10:1-14)
GRIGORI (2 ENOQUE)	Julgamento divino; punição no grande dia do Senhor;
	possibilidade de arrependimento para alguns
	(2 Enoque 18:3-4)

7.13 CONCLUSÃO — O JULGAMENTO COMO RESTAURAÇÃO DA ORDEM CÓSMICA

O julgamento dos Vigilantes, conforme descrito em 1 Enoque 10-16, Jubileus 5-10 e 2 Enoque 18, é muito mais do que uma simples punição de anjos caídos. É uma teologia do juízo divino que estabelece os fundamentos para a compreensão do mal, da justiça e da restauração no judaísmo e cristianismo posteriores.

Várias características teológicas do julgamento dos Vigilantes merecem destaque:

1. Proporcionalidade: Cada transgressor recebe uma punição adequada à natureza de seu pecado. Azazel, que corrompeu a humanidade através do conhecimento, é condenado ao aprisionamento eterno. Shemihazah, que se uniu carnalmente com mulheres, é aprisionado por um período determinado. Os Nefilins, que trouxeram violência à Terra, são destruídos pela violência.

2. Gradualidade: O julgamento não é executado de uma só vez, mas em etapas. Primeiro, os Nefilins são destruídos; depois, Azazel e Shemihazah são aprisionados; finalmente, no juízo final, todos serão lançados no fogo.
3. Teleologia: O julgamento não é um fim em si mesmo, mas um meio para a restauração da criação. A purificação da Terra prepara o caminho para uma nova era de justiça e paz.
4. Cosmicidade: O julgamento não se limita aos transgressores humanos ou angelicais, mas afeta toda a criação. A Terra, corrompida pelos Vigilantes, é curada e restaurada.
5. Mediação: O julgamento envolve a mediação de figuras justas (os arcanjos, Enoque) que intercedem pela humanidade e executam a justiça divina.

O julgamento dos Vigilantes também estabelece um paradigma escatológico que será profundamente influente: o mal será julgado, os justos serão recompensados, e a criação será restaurada. Este paradigma, articulado pela primeira vez no Livro dos Vigilantes, tornou-se um dos pilares do pensamento apocalíptico ocidental, influenciando desde os textos do Novo Testamento até a teologia cristã posterior e as tradições ocultas.

A pesquisa acadêmica continua a lançar nova luz sobre o julgamento dos Vigilantes, revelando suas conexões com as tradições mesopotâmicas (especialmente o ritual do bode expiatório e a demonologia Utukkū Lemnūtu), sua evolução textual através das múltiplas tradições linguísticas (aramaico, grego, ge'ez, eslavo), e sua recepção em múltiplos contextos culturais e religiosos. O estudo cuidadoso deste julgamento, em suas diversas versões e tradições, é essencial para uma compreensão completa da tradição dos Vigilantes e de seu significado duradouro na história das ideias religiosas.

VIGILANTES · PARTE VIII

VIII

O PAPEL DE ENOQUE — INTERCESSOR E MENSAGEIRO / E AS VISÕES DE ENOQUE (1 ENOQUE 12-36)

8.0 INTRODUÇÃO — ENOQUE COMO PONTE ENTRE O CÉU E A TERRA

Após a narrativa da queda dos Vigilantes e o pronunciamento do julgamento divino (1 Enoque 6-11), o Livro dos Vigilantes introduz uma figura que se tornará central para toda a tradição enoquiana: o próprio Enoque. Os capítulos 12-36 descrevem a transição de Enoque de uma figura enigmática mencionada brevemente em Gênesis 5:24 ("Enoque andou com Deus; e não foi mais visto, porque Deus o tomou") para o papel de intercessor celestial, mensageiro divino e explorador cósmico.

Esta seção do Livro dos Vigilantes é composta por duas partes principais:

1. A missão de intercessão (1 Enoque 12-16): Enoque é chamado pelos Vigilantes aprisionados para interceder por eles diante de Deus. Ele ascende ao céu, apresenta a petição dos anjos caídos e recebe a resposta divina: uma reafirmação do julgamento e a negação de paz e perdão.
2. As jornadas celestiais (1 Enoque 17-36): Enoque é conduzido por anjos em uma série de viagens visionárias através da terra, do submundo e dos reinos celestiais, onde testemunha a geografia do além, os lugares de punição dos transgressores e as moradas dos justos.

A pesquisa acadêmica tem demonstrado que estas duas seções — embora agora integradas no Livro dos Vigilantes — podem ter tido origens literárias independentes. Enquanto os capítulos 12-16 enfatizam o papel de Enoque como intercessor e sua ascensão ao trono divino, os capítulos 17-36 introduzem o motivo da jornada cósmica com um guia angelical. A análise das versões gregas das duas jornadas (1 En. 17-19 e 20-36) revela diferenças significativas no vocabulário de "ver" e "ir", indicando que as jornadas foram traduzidas para o grego por tradutores diferentes e provavelmente circularam como obras independentes antes de serem incorporadas ao Livro dos Vigilantes.

O papel de Enoque como intercessor é particularmente significativo porque estabelece um paradigma que será influente em tradições posteriores: o justo que tem acesso ao trono divino e pode interceder em favor dos pecadores. No entanto, no caso dos Vigilantes, a intercessão de Enoque é rejeitada, sublinhando a irreversibilidade da queda dos anjos.

8.1 A MISSÃO DE INTERCESSÃO — ENOQUE COMO ESCRIBA DE JUSTIÇA (1 EN. 12-13)

Os capítulos 12-13 do Livro dos Vigilantes introduzem Enoque como o "escriba de justiça" que é chamado pelos Vigilantes para ser seu mensageiro e intercessor.

8.1.1 O OCULTAMENTO DE ENOQUE (1 EN. 12:1-2)

O texto começa com uma declaração enigmática: "Antes destas coisas, Enoque estava escondido, e nenhum dos filhos dos homens sabia onde ele estava escondido, e onde ele habitava, e o que tinha acontecido com ele" (1 Enoque 12:1). Este "ocultamento" ecoa a descrição de Gênesis 5:24 e estabelece Enoque como uma figura que transcende as fronteiras normais da existência humana.

O texto continua: "E as suas atividades tinham a ver com os Vigilantes, e os seus dias eram com os santos" (1 Enoque 12:2). Esta declaração estabelece a dupla lealdade de Enoque: ele pertence tanto ao mundo humano quanto ao mundo celestial, tornando-o o intermediário ideal entre os dois reinos.

8.1.2 O CHAMADO DOS VIGILANTES (1 EN. 12:3-4)

Os Vigilantes, agora aprisionados e desesperados, chamam Enoque:

"E eu, Enoque, estava abençoando o Senhor da majestade e o Rei dos séculos, e eis que os Vigilantes me chamaram — Enoque, o escriba — e me disseram: 'Enoque, tu, escriba de justiça, vai, declara aos Vigilantes do céu que deixaram o alto céu, o lugar santo e eterno, e se contaminaram com mulheres...'" (1 Enoque 12:3-4).

A designação de Enoque como "escriba de justiça" (em grego: γραμματεὺς τῆς δικαιοσύνης) é significativa. Ela estabelece Enoque não apenas como um mensageiro, mas como um escriba celestial que tem autoridade para registrar e transmitir a palavra divina. Esta designação antecipa a transformação de Enoque em Metatron, o "escriba celestial", na tradição posterior (3 Enoque).

8.1.3 A MENSAGEM DE CONDENAÇÃO (1 EN. 12:5-6)

A mensagem que Enoque deve transmitir aos Vigilantes é uma mensagem de condenação:

"'Vós haveis causado grande destruição sobre a terra: E não tereis paz nem perdão do pecado... Os assassinos dos seus amados verão, e sobre a destruição dos seus filhos lamentarão, e farão súplica por toda a eternidade, mas misericórdia e paz não alcançareis'" (1 Enoque 12:5-6).

A frase "não tereis paz" (em hebraico: אין שלום, 'ên šālôm) é repetida várias vezes ao longo dos capítulos 12-16 (12:5, 12:6, 13:1, 16:4). Esta repetição enfatiza a irrevogabilidade da sentença divina. A pesquisa de Jonathan Paige Sisson demonstrou que a negação de paz aos Vigilantes está enraizada em uma polêmica mais ampla contra o sacerdócio em Jerusalém, refletindo tensões entre diferentes grupos no Judaísmo do Segundo Templo.

8.1.4 A PETIÇÃO DOS VIGILANTES (1 EN. 13:1-6)

Ao ouvir a mensagem de condenação, os Vigilantes ficam aterrorizados e imploram a Enoque que escreva uma petição em seu favor:

"Então responderam e disseram-me: 'Todas as tuas palavras nós ouvimos; e agora escreve para nós uma petição ao Senhor dos séculos, para que nos seja dado perdão'" (1 Enoque 13:4).

Enoque concorda e escreve "uma oração em favor deles" (1 Enoque 13:6). No entanto, a petição dos Vigilantes é marcada por uma ironia trágica: eles que ensinaram conhecimento proibido à humanidade agora dependem de um humano para interceder por eles perante Deus.

A solicitação dos Vigilantes é a ocasião imediata para a ascensão de Enoque ao céu e sua comissão profética. A visão do trono em 1 Enoque 14-16 é introduzida em conexão com o papel de Enoque como intercessor.

8.2 A VISÃO DO TRONO — A ASCENSÃO DE ENOQUE AO CÉU (1 EN. 14)

O capítulo 14 do Livro dos Vigilantes descreve a ascensão visionária de Enoque ao céu e sua visão do trono divino. Esta visão é um dos textos mais importantes da literatura apocalíptica antiga e estabelece o paradigma para descrições posteriores do trono celestial.

8.2.1 A ASCENSÃO VISIONÁRIA (1 EN. 14:1-7)

Enoque descreve sua ascensão em termos vívidos:

"E eis que uma nuvem me chamou, e o vento me levantou e me transportou para o fim dos céus. E eu vi uma visão, e eis que eu vi uma habitação construída com cristais de gelo, e no meio daqueles cristais havia línguas de fogo vivo" (1 Enoque 14:8-9).

A ascensão de Enoque combina elementos de tempestade teofânica (nuvem, vento) com imagens de fogo e gelo que evocam a majestade e o terror da presença divina. Esta visão é paralela às teofanias do Antigo Testamento (Ezequiel 1, Isaías 6) e estabelece Enoque como um profeta que teve acesso direto à presença de Deus.

A pesquisa recente (2024) de M.J. Bokhorst reexaminou a visão do templo celestial em 1 Enoque 14:8-25, argumentando por uma nova compreensão da evidência textual e de sua interpretação clássica.

8.2.2 O TEMPLO CELESTIAL E O TRONO (1 EN. 14:8-25)

Enoque descreve o templo celestial em detalhes meticulosos:

"E eu entrei naquela habitação, e era quente como fogo e frio como gelo; e não havia nela nenhum prazer de vida. O temor me cobriu e o tremor me tomou" (1 Enoque 14:13-14).

O templo celestial é descrito como uma estrutura de fogo e gelo, com um trono de chamas e rodas de fogo vivo. Esta descrição ecoa a visão do trono em Ezequiel 1 e estabelece o templo celestial como o arquétipo do templo terreno.

Enoque então vê o trono divino:

"E eu vi um trono elevado, e a sua aparência era como cristal, e as suas rodas como o sol brilhante, e a visão dos querubins" (1 Enoque 14:18-20).

A visão do trono é o clímax da ascensão de Enoque. Ele é admitido à presença divina — um privilégio que os Vigilantes perderam através de sua transgressão. Esta admissão estabelece a superioridade de Enoque sobre os anjos caídos e antecipa sua exaltação posterior.

8.2.3 A REAÇÃO DE ENOQUE (1 EN. 14:13-14)

A reação de Enoque à visão do trono é de temor e tremor:

"E caí sobre o meu rosto, e todo o meu corpo se derreteu, e os meus espíritos se dissolveram" (1 Enoque 14:14).

Esta reação é típica das teofanias bíblicas (Isaías 6:5, Ezequiel 1:28, Daniel 10:8-9) e estabelece a transcendência e o terror da presença divina. Enoque, embora justo, não é imune ao temor diante da majestade de Deus.

8.3 A REJEIÇÃO DA INTERCESSÃO — A RESPOSTA DIVINA (1 EN. 15-16)

Nos capítulos 15-16, Deus responde à petição de Enoque em favor dos Vigilantes. A resposta é uma reafirmação do julgamento e uma negação de paz e perdão.

8.3.1 A CONDEMNAÇÃO DOS VIGILANTES (1 EN. 15:1-7)

A resposta divina começa com uma pergunta retórica que estabelece a natureza da transgressão dos Vigilantes:

"Por que deixastes o alto céu santo e eterno, e vos deitastes com as mulheres, e vos contaminastes com as filhas dos homens, e tomastes esposas para vós, e fizestes como os filhos da terra, e gerastes filhos gigantes?" (1 Enoque 15:3).

A condenação dos Vigilantes é baseada em dois argumentos:

1. Violação da natureza: Os Vigilantes eram espíritos imortais que não deveriam ter se unido a seres mortais.
2. Transgressão deliberada: Os Vigilantes conheciam a vontade de Deus e a desobedeceram conscientemente.

A resposta divina enfatiza que os Vigilantes, como seres espirituais, não deveriam ter se envolvido com a carne: "Vós, espíritos, que viveis para sempre, em todos os séculos da eternidade, e por isso não vos foi dado poder sobre as mulheres" (1 Enoque 15:6).

8.3.2 A ORIGEM DOS DEMÔNIOS (1 EN. 15:8-12)

Um dos desenvolvimentos teológicos mais importantes dos capítulos 15-16 é a explicação da origem dos demônios como os espíritos dos gigantes mortos:

"E agora, os gigantes, que são produzidos dos espíritos e da carne, serão chamados espíritos malignos sobre a terra, e na terra será a sua habitação" (1 Enoque 15:8).

Esta passagem estabelece uma ontologia demonológica distinta:

1. Os demônios são os espíritos dos gigantes mortos, não anjos caídos.
2. Eles são de natureza híbrida — "produzidos dos espíritos e da carne".
3. Sua habitação é a terra, não o céu.
4. Eles são "espíritos malignos" por natureza que "afligem, oprimem, destroem, atacam, guerreiam e causam destruição na terra" (1 Enoque 15:11).

8.3.3 A NEGAÇÃO DE PAZ (1 EN. 16:1-4)

A resposta divina conclui com uma negação final de paz aos Vigilantes:

"Vós não tereis paz" (1 Enoque 16:4).

A pesquisa de Sisson demonstrou que a negação de paz aos Vigilantes está enraizada em uma tradição polêmica mais ampla contra o sacerdócio em Jerusalém. A frase "não tereis paz" ('ên šālôm) é usada em Ezequiel e Terceiro Isaías como parte de uma polêmica contra os profetas cultuais e os ímpios. No Livro dos Vigilantes, esta fórmula é adaptada para condenar os anjos caídos, estabelecendo a irreversibilidade de sua queda.

A intercessão de Enoque, portanto, falha. Em vez de "perdão e longevidade" (1 Enoque 13:6), ele recebe uma reafirmação do julgamento original. Esta falha sublinha a gravidade da transgressão dos Vigilantes e a impossibilidade de sua redenção.

8.4 AS JORNADAS DE ENOQUE — VISÕES CÓSMICAS (1 EN. 17-36)

Os capítulos 17-36 do Livro dos Vigilantes descrevem as jornadas visionárias de Enoque através da terra, do submundo e dos reinos celestiais. Estas jornadas são divididas em duas partes principais:

1. Primeira jornada (1 Enoque 17-19): Enoque é levado aos confins da terra e do céu, onde vê os lugares de punição dos Vigilantes e das estrelas transgressoras.
2. Segunda jornada (1 Enoque 20-36): Enoque é conduzido através de uma série de locais celestiais e terrestres, incluindo o jardim da justiça, a árvore da vida e os sete montes de pedras preciosas.

A pesquisa de Martha Himmelfarb (2026) demonstrou que as duas jornadas (1 En. 17-19 e 20-36) foram traduzidas para o grego por tradutores diferentes, indicando que provavelmente circularam como obras independentes antes de serem incorporadas ao Livro dos Vigilantes. Esta descoberta tem implicações significativas para a compreensão do processo de redação do Livro dos Vigilantes.

As jornadas de Enoque são caracterizadas por uma ênfase espacial. Tanto a jornada celestial (1 En. 12-16) quanto as duas jornadas terrestres aos confins da terra (1 En. 17-36) implicam o espaço como categoria central de revelação. O espaço é usado para demarcar fronteiras entre o sagrado e o profano, entre o lugar designado para os justos e o espaço amaldiçoado para os transgressores.

8.4.1 A PRIMEIRA JORNADA — LUGARES DE PUNIÇÃO (1 EN. 17-19)

A primeira jornada de Enoque o leva aos confins da terra e do céu, onde ele testemunha os lugares de punição dos transgressores.

O texto de 1 Enoque 17:1-3 descreve o início da jornada:

"E eles me levaram a um lugar onde aqueles que estavam lá eram como fogo ardente, e, quando quiseram, pareciam como homens. E eles me levaram a um lugar de tempestade, e a uma montanha, cujo ponto atingia o céu" (1 Enoque 17:1-3).

Enoque é conduzido por anjos (chamados de "anjos de luz" em algumas tradições) através de uma paisagem cósmica que inclui:

- Montanhas de trevas de inverno (1 Enoque 17:4-6)
- O lugar de onde todas as águas do abismo fluem (1 Enoque 17:7-8)
- As bocas de todos os rios da terra e a boca do abismo (1 Enoque 17:8)
- A prisão dos anjos (1 Enoque 18:11-16)
- A prisão das estrelas e do exército do céu (1 Enoque 18:14-16)

A visão da prisão dos anjos é particularmente significativa:

"E eu vi um lugar que não tinha céu acima dele, e nenhuma terra firmemente fundada abaixo dele; e não havia água sobre ele, e nenhuma ave, mas era um lugar desolado e terrível" (1 Enoque 18:12-13).

Este lugar de punição é descrito como um espaço liminar — nem céu nem terra, mas um vazio desolado onde os transgressores são confinados. A descrição ecoa a sentença de aprisionamento dos Vigilantes em 1 Enoque 10.

8.4.2 A SEGUNDA JORNADA — REINOS CELESTIAIS (1 EN. 20-36)

A segunda jornada de Enoque (1 Enoque 20-36) é mais extensa e detalhada, levando-o através de uma série de locais celestiais e terrestres.

8.4.2.1 *OS SETE ANJOS SANTOS (1 EN. 20)*

O capítulo 20 do Livro dos Vigilantes apresenta uma lista dos sete anjos santos que vigiam sobre a criação. Esta lista é significativa porque inclui alguns nomes que também aparecem entre os Vigilantes caídos (como Sariel), demonstrando a ambivalência da angelologia enoquiana:

1. Uriel — "que está sobre o mundo e sobre o Tártaro"
2. Rafael — "que está sobre os espíritos dos homens"
3. Raguel — "que executa a vingança sobre o mundo dos luminares"
4. Miguel — "que está sobre a melhor parte da humanidade e sobre o caos"
5. Saraqael (Sariel) — "que está sobre os espíritos que pecam no espírito"
6. Gabriel — "que está sobre o Paraíso e sobre as serpentes e os Querubins"
7. Remiel — "a quem Deus estabeleceu sobre aqueles que ressuscitam"

8.4.2.2 *OS SETE MONTES E A ÁRVORE DA VIDA (1 EN. 24-25)*

Uma das visões mais importantes da segunda jornada é a visão dos sete montes de pedras preciosas e da árvore da vida (1 Enoque 24-25).

O texto descreve os montes como feitos de pedras preciosas:

"E vi sete montes magníficos, cada um diferente do outro, e as suas pedras eram preciosas e belas; e todos eles eram excelentes em glória e em aparência e em beleza" (1 Enoque 24:2).

No sétimo monte, Enoque vê a árvore da vida:

"E no meio daqueles montes vi um lugar, uma bela árvore, e o seu perfume era como o de incenso, e o seu fruto era como o de uvas doces" (1 Enoque 24:4).

A árvore da vida é descrita como tendo um perfume que "se espalha por toda a terra" e um fruto que "dá vida àqueles que o comem" (1 Enoque 25:4-5). A visão da árvore da vida estabelece uma conexão entre Enoque e as tradições do jardim do Éden, e antecipa a promessa de vida eterna para os justos.

8.4.2.3 *O JARDIM DA JUSTIÇA (1 EN. 32)*

O capítulo 32 descreve o jardim da justiça, um paraíso onde os justos habitam:

"E vi uma terra muito bela, e ali vi árvores muito belas, e árvores de sabedoria, que produzem fruto" (1 Enoque 32:3-4).

O jardim da justiça é o lugar designado para os justos, em contraste com os lugares de punição dos transgressores. Esta dualidade — lugares de bênção para os justos e lugares de maldição para os ímpios — é uma característica fundamental da geografia escatológica do Livro dos Vigilantes.

8.4.2.4 *OS QUATRO VENTOS E OS DEPÓSITOS CÓSMICOS (1 EN. 33-36)*

Os capítulos finais da segunda jornada (1 Enoque 33-36) descrevem os quatro ventos e os depósitos cósmicos que sustentam a ordem da criação:

"E vi os depósitos de todos os ventos, e vi que por eles Deus havia adornado toda a criação" (1 Enoque 34:1).

Enoque testemunha a estrutura do cosmos: os portões do céu, os depósitos do sol, da lua e das estrelas, e as portas através das quais os corpos celestes entram e saem. Esta visão cosmológica estabelece a ordem e a regularidade da criação, em contraste com a desordem e a transgressão dos Vigilantes.

8.5 A REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS 12-36

A pesquisa acadêmica sobre a composição dos capítulos 12-36 do Livro dos Vigilantes revela uma história textual complexa, com múltiplas camadas de composição e redação.

8.5.1 A ESTRUTURA EM TRÊS JORNADAS

O estudioso Pieter M. Venter propôs que os capítulos 12-36 podem ser compreendidos como três jornadas de Enoque:

1. A jornada celestial (1 En. 12-16): Enoque ascende ao céu, vê o trono divino e recebe a resposta à sua intercessão pelos Vigilantes.
2. A primeira jornada terrestre (1 En. 17-19): Enoque é levado aos confins da terra, onde vê os lugares de punição.
3. A segunda jornada terrestre (1 En. 20-36): Enoque é conduzido através de uma série de locais celestiais e terrestres.

Esta estrutura tripartite reflete uma progressão espacial que vai do céu (1 En. 12-16) para a terra (1 En. 17-36), e do leste para o oeste.

8.5.2 A HIPÓTESE DA COMPOSIÇÃO INDEPENDENTE

A pesquisa de Himmelfarb (2026) demonstrou que as duas jornadas terrestres (1 En. 17-19 e 20-36) foram traduzidas para o grego por tradutores diferentes. Esta descoberta sugere que as jornadas circularam como obras independentes antes de serem incorporadas ao Livro dos Vigilantes.

Além disso, a pesquisa sugere que os capítulos 12-16 podem ter sido originalmente independentes dos capítulos 6-11. Enquanto os capítulos 6-11 não mencionam Enoque e podem ter se originado como uma história sobre Noé, os capítulos 12-16 introduzem Enoque como uma figura central.

8.5.3 O PROCESSO DE REDAÇÃO

O processo de redação que produziu o Livro dos Vigilantes (1 En. 1-36) envolveu a integração de múltiplas tradições independentes:

1. A introdução (1 En. 1-5)
2. A história da queda dos Vigilantes (1 En. 6-11)
3. A missão de intercessão de Enoque (1 En. 12-16)
4. A primeira jornada terrestre (1 En. 17-19)
5. A segunda jornada terrestre (1 En. 20-36)

A análise das versões gregas sugere que as etapas finais da redação do Livro dos Vigilantes podem ter ocorrido em grego. Isto tem implicações significativas para a compreensão da história textual da obra e de sua recepção no mundo helenístico.

8.6 A INFLUÊNCIA DOS CAPÍTULOS 12-36 NAS TRADIÇÕES POSTERIORES

Os capítulos 12-36 do Livro dos Vigilantes exerceram uma influência profunda sobre as tradições apocalípticas, místicas e ocultas posteriores.

8.6.1 A INFLUÊNCIA NA MÍSTICA MERKAVAH

A visão do trono em 1 Enoque 14 tornou-se um texto fundacional para a mística Merkavah, que buscava, através de jejum, meditação e encantamento, ascender ao trono celestial e experienciar o "Trono-Carro" (מרכבה, Merkavah). A visão de Enoque estabeleceu o paradigma para a ascensão mística e a visão da glória divina.

Em 3 Enoque, Enoque é transformado no anjo Metatron, e os líderes angelicais Uzza, Azza e Azael (nomes reminiscentes dos Vigilantes) curvam-se diante dele. Esta tradição representa a culminação da exaltação de Enoque que começou em 1 Enoque 12-16.

8.6.2 A INFLUÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO

A visão do trono em 1 Enoque 14 influenciou descrições do trono celestial no Novo Testamento, especialmente no Apocalipse de João (Apocalipse 4). A imagem do trono de fogo, dos querubins e da adoração celestial ecoa a visão de Enoque.

A figura de Enoque como intercessor também influenciou a cristologia do Novo Testamento, onde Cristo é apresentado como o sumo sacerdote que intercede pelos crentes diante de Deus (Hebreus 7:25).

8.6.3 A INFLUÊNCIA NA LITERATURA APOCALÍPTICA POSTERIOR

As jornadas de Enoque através do cosmos estabeleceram o paradigma para a literatura de viagens celestiais que floresceu no judaísmo e cristianismo posteriores. Obras como o Apocalipse de Pedro, o Apocalipse de Paulo e a Divina Comédia de Dante devem muito à tradição das jornadas de Enoque.

8.6.4 A INFLUÊNCIA NO OCULTISMO OCIDENTAL

A visão de Enoque do trono divino e sua ascensão ao céu influenciaram a magia enoquiana de John Dee e Edward Kelley (século XVI), que buscava invocar anjos e acessar a sabedoria celestial. A figura de Enoque como o "escriba de justiça" tornou-se um arquétipo para o mago que busca conhecimento divino.

8.7 TABELA CRONOLÓGICA DOS CAPÍTULOS 12-36

CAPÍTULO	EVENTO / CONTEÚDO
1 Enoque 12:1-2	Ocultamento de Enoque; suas atividades com os Vigilantes
1 Enoque 12:3-4	Chamado dos Vigilantes; Enoque como "escriba de justiça"
1 Enoque 12:5-6	Mensagem de condenação: "Não tereis paz"
1 Enoque 13:1-6	Petição dos Vigilantes; Enoque escreve uma oração
1 Enoque 14:1-7	Ascensão visionária de Enoque ao céu
1 Enoque 14:8-25	Visão do templo celestial e do trono divino
1 Enoque 15:1-7	Condenação dos Vigilantes por violação da natureza
1 Enoque 15:8-12	Origem dos demônios como espíritos dos gigantes
1 Enoque 16:1-4	Negação final de paz aos Vigilantes
1 Enoque 17-19	Primeira jornada: lugares de punição
1 Enoque 20	Lista dos sete anjos santos
1 Enoque 21-23	Visão dos lugares de punição das estrelas e dos anjos
1 Enoque 24-25	Visão dos sete montes e da árvore da vida
1 Enoque 26-27	Visão de Jerusalém e do vale da maldição
1 Enoque 28-31	Visão de lugares de bênção e maldição
1 Enoque 32	Visão do jardim da justiça
1 Enoque 33-36	Visão dos quatro ventos e dos depósitos cósmicos

8.8 TABELA COMPARATIVA DAS TRÊS JORNADAS DE ENOQUE

JORNADA	CARACTERÍSTICAS
Jornada Celestial (1 En. 12-16)	Ascensão ao céu; visão do trono divino; intercessão pelos Vigilantes; negação de paz
Primeira Jornada Terrestre (1 En. 17-19)	Viagem aos confins da terra; visão dos lugares de punição; prisão dos anjos e das estrelas

JORNADA	CARACTERÍSTICAS
Segunda Jornada	Viagem através de locais celestiais e terrestres;
Terrestre	árvore da vida; jardim da justiça; depósitos cósmicos
(1 En. 20-36)	

8.9 CONCLUSÃO — ENOQUE COMO ARQUÉTIPO DO JUSTO

Os capítulos 12-36 do Livro dos Vigilantes estabelecem Enoque como o arquétipo do justo que tem acesso ao trono divino e que serve como intermediário entre o céu e a terra. Várias características deste retrato de Enoque merecem destaque:

1. Enoque como escriba: Enoque é designado como "escriba de justiça" (1 Enoque 12:4), estabelecendo-o como uma autoridade textual e celestial.
2. Enoque como intercessor: Enoque intercede pelos Vigilantes, mas sua intercessão é rejeitada, sublinhando a irreversibilidade da queda dos anjos.
3. Enoque como visionário: Enoque ascende ao céu e vê o trono divino, estabelecendo o paradigma para a visão apocalíptica.
4. Enoque como explorador cósmico: Enoque é conduzido através dos confins da terra e do céu, testemunhando a geografia do além.
5. Enoque como figura de autoridade: Enoque tem acesso ao trono divino que os Vigilantes perderam, estabelecendo sua superioridade sobre os anjos caídos.

A pesquisa acadêmica continua a lançar nova luz sobre os capítulos 12-36 do Livro dos Vigilantes. A descoberta de que as jornadas foram traduzidas para o grego por tradutores diferentes, a análise da ênfase espacial nas narrativas de revelação, e a compreensão da negação de paz como parte de uma polêmica mais ampla — todos estes avanços contribuem para uma compreensão mais profunda da composição, teologia e recepção desta seção fundamental do Livro dos Vigilantes.

O retrato de Enoque nos capítulos 12-36 estabelece as bases para sua transformação em Metatron na tradição posterior (3 Enoque) e para sua importância duradoura na literatura apocalíptica, mística e oculta. Enoque não é apenas um personagem em uma história antiga; ele é um arquétipo que continua a ressoar através dos milênios como o modelo do justo que busca a face de Deus.

VIGILANTES · PARTE IX

IX

OS VIGILANTES EM 2 ENOQUE — A TRADIÇÃO DE SATANAIL

9.0 INTRODUÇÃO — UMA TRADIÇÃO DISTINTA DOS VIGILANTES

O Segundo Livro de Enoque (2 Enoque), também conhecido como Enoque Eslavo, Os Segredos de Enoque ou o Apocalipse Eslavo de Enoque, apresenta uma versão da história dos Vigilantes que difere significativamente da narrativa clássica encontrada em 1 Enoque. Enquanto o Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36) descreve a queda de 200 anjos liderados por Shemihazah e Asael (Azazel), 2 Enoque introduz uma figura completamente diferente como líder dos anjos caídos: Satanail (Satanael).

Esta transferência de liderança não é um mero erro de transmissão ou um descuido dos autores eslavos. A pesquisa acadêmica, particularmente os trabalhos de Andrei A. Orlov, tem demonstrado que esta mudança representa uma intenção teológica deliberada — uma tentativa de integrar a tradição adâmica (a história de Adão e Eva) no quadro da narrativa enoquiana. Como Orlov observa, "a transferência da liderança sobre os Vigilantes de Shemihazah e Asael para Satanail representa não um deslize acidental da caneta ou um sinal de falta de conhecimento da tradição autêntica, mas uma tentativa intencional de introduzir o desenvolvimento adâmico no quadro da história enoquiana".

2 Enoque é particularmente importante para o estudo dos Vigilantes porque foi preservado integralmente apenas em eslavo eclesiástico — ao contrário de 1 Enoque, que sobreviveu em ge'ez — embora fragmentos coptas tenham sido identificados em 2009. A obra é geralmente datada do século I d.C., o que a coloca em um período posterior ao Livro dos Vigilantes, mas ainda dentro do período do Segundo Templo.

A tradição dos Vigilantes em 2 Enoque é caracterizada por várias peculiaridades que a distinguem de 1 Enoque:

1. A liderança de Satanail — O príncipe dos Grigori não é Shemihazah, mas Satanail.
2. O quinto céu — Os Vigilantes são encontrados no quinto céu, não na Terra.

3. A possibilidade de arrependimento — Alguns Grigori são persuadidos por Enoque a retomar seu serviço litúrgico.
4. A ausência do motivo da transmissão ilícita de conhecimento — Ao contrário de 1 Enoque, 2 Enoque não enfatiza os ensinamentos proibidos dos Vigilantes.
5. A conexão com a tradição adâmica — Satanail é o "príncipe" dos Grigori, vinculando a queda dos anjos à queda de Adão.

Estas diferenças não são acidentais. Elas refletem uma evolução teológica da tradição dos Vigilantes, onde a história dos anjos caídos é reinterpretada à luz da história de Adão e da queda de Satã.

9.1 O TERMO "GRIGORI" EM 2 ENOQUE — ORIGEM E SIGNIFICADO

O termo "Grigori" (eslavo: Григори, Грнгорн), que se tornou uma das designações mais populares para os Vigilantes, tem sua origem precisamente na tradição eslava de 2 Enoque.

9.1.1 A TRANSLITERAÇÃO DO GREGO

A palavra eslava "Grigori" é uma transliteração direta do grego "Gregoroi" (Γρήγοροι, Ἐγρήγοροι), que por sua vez deriva do verbo grego ἐγρήγοροι (egregoroi), significando "os que vigiam" ou "os que estão despertos". Robert Henry Charles foi o primeiro estudioso a esclarecer o fundo terminológico da palavra eslava "Grigori", observando que "estes são os Vigilantes, os εγρήγοροι".

9.1.2 A PRESERVAÇÃO DO TERMO TÉCNICO

É intrigante que os autores da tradução eslava de 2 Enoque tenham decidido manter esta palavra em sua forma fonética grega, em vez de traduzi-la para o eslavo. Isto sugere que eles envisionavam "Grigori" como um termo técnico para uma categoria específica de seres angelicais, distinta de outras designações angelológicas.

O termo "Grigori" aparece em 2 Enoque 18:3:

"Estes são os Grigori, que com o seu príncipe Satanail rejeitaram o Senhor da luz".

9.1.3 A DISTINÇÃO ENTRE GRIGORI E OUTROS ANJOS

Em 2 Enoque, os Grigori são distinguidos de outras categorias angelicais. Eles são descritos como "muitos e incontáveis soldados, chamados Grigori, de aparência humana". Sua aparência é humana, mas seu tamanho é maior do que o de "grandes gigantes". Eles são caracterizados por rostos abatidos e silêncio perpétuo, e não há liturgia no quinto céu onde eles habitam.

Esta descrição enfatiza a condição caída dos Grigori. Eles não são mais os seres gloriosos que foram criados para ser; eles são prisioneiros de sua própria transgressão, condenados ao silêncio e à melancolia.

9.2 SATANAIL — O PRÍNCIPE DOS GRIGORI

A figura mais distintiva da tradição dos Vigilantes em 2 Enoque é Satanail, o "príncipe" dos Grigori.

9.2.1 O NOME "SATANAIL"

O nome "Satanail" (eslavo: Сатанаилъ) é composto por "Satan" (שָׂטָן, "adversário" em hebraico) e o sufixo teofórico angelical "-el" (אֵל, "Deus"). A terminação "-el" sublinha o status angélico original de Satanail. Diferentemente de "Satanás" no Novo Testamento, que é um título ("o adversário") sem o sufixo divino, "Satanail" indica que esta figura ainda é vista como um anjo — um anjo caído, mas ainda um anjo.

A pesquisa de Orlov observa que a tradição de Satanail em 2 Enoque não é uma invenção dos autores eslavos, mas tem raízes em tradições gregas e eslavas anteriores. O nome "Satanail" aparece em várias tradições cristãs orientais, incluindo a literatura apocalíptica e os textos místicos.

9.2.2 SATANAIL COMO LÍDER DOS VIGILANTES

Em 2 Enoque 18:3, Satanail é explicitamente identificado como o líder dos Grigori:

"Estes são os Grigori, que com o seu príncipe Satanail rejeitaram o Senhor da luz".

Esta designação representa uma ruptura significativa com a tradição de 1 Enoque, onde os líderes dos Vigilantes são Shemihazah e Asael. A transferência de liderança não é acidental; ela reflete uma reinterpretação teológica da história dos Vigilantes à luz da tradição adâmica.

Como observa Orlov, "a referência à figura do protagonista negativo da história adâmica parece não ser coincidência". A introdução de Satanail como líder dos Vigilantes estabelece uma conexão direta entre a queda dos anjos e a queda de Adão, criando uma narrativa unificada do mal que abrange tanto o evento celestial quanto o evento terreno.

9.2.3 SATANAIL E A TRADIÇÃO ADÂMICA

A tradição de Satanail em 2 Enoque está profundamente enraizada na tradição adâmica. A história de Adão ocupa um lugar surpreendentemente proeminente em 2 Enoque, permeando todas as seções do livro. Nestes materiais, Adão é retratado como um "ser angelical glorioso", predestinado por Deus para ser o governante da terra.

Satanail, nesta tradição, é o adversário de Adão — a figura que causou sua queda. Ao tornar Satanail o líder dos Vigilantes, os autores de 2 Enoque criam uma genealogia do mal que conecta a queda dos anjos (os Vigilantes) à queda da humanidade (Adão). O mal não é mais um evento isolado, mas uma força contínua que opera tanto no céu quanto na terra.

A pesquisa mais recente tem demonstrado que 2 Enoque "serve como um texto de transição que influencia desenvolvimentos místicos judaicos posteriores, especialmente no Hekhalot". A figura de Satanail em 2 Enoque antecipa o papel de Satã na literatura mística posterior.

9.3 OS GRIGORI NO QUINTO CÉU — O ENCONTRO DE ENOQUE

Em 2 Enoque, Enoque encontra os Grigori não na Terra, mas no quinto céu durante sua ascensão celestial.

9.3.1 A DESCRIÇÃO DOS GRIGORI NO QUINTO CÉU

O texto de 2 Enoque 18 (recensão mais curta) descreve o encontro de Enoque com os Grigori:

"E os homens me levaram de lá e me levaram ao quinto céu. E vi ali muitos exércitos e Grigori. E sua aparência era como a aparência de um ser humano, e seu tamanho era maior do que o de grandes gigantes. E seus rostos estavam abatidos, e o silêncio de suas bocas... E não havia liturgia no quinto céu".

A descrição enfatiza a condição caída dos Grigori: rostos abatidos, bocas silenciosas, ausência de liturgia. Eles não são mais os seres celestiais que foram criados para adorar a Deus; eles são prisioneiros de sua transgressão, condenados ao silêncio e à melancolia.

9.3.2 A PERGUNTA DE ENOQUE

Enoque, ao ver os Grigori, pergunta aos seus guias angelicais:

"Por que eles estão tão abatidos, e seus rostos miseráveis, e suas bocas silenciosas? E por que não há liturgia neste céu?".

Esta pergunta é significativa porque estabelece Enoque como um observador crítico que não aceita passivamente a condição dos Grigori. Ele questiona a ausência de liturgia — a atividade central da adoração celestial — e busca uma explicação para a condição dos anjos caídos.

9.3.3 A RESPOSTA DOS GUIAS

Os guias angelicais respondem com uma explicação que resume a história dos Grigori:

"Estes são os Grigori, 200 príncipes dos quais se desviaram, 200 andando em sua comitiva, e eles desceram à terra, e quebraram a promessa no ombro do Monte Hermon, para se contaminarem com esposas humanas. E, quando se contaminaram, o Senhor os condenou. E estes choram por seus irmãos e pela transgressão que aconteceu".

Esta explicação confirma vários elementos da tradição dos Vigilantes: o número de 200, a descida ao Monte Hermon, a união com mulheres humanas, e a condenação divina. No entanto, introduz um elemento novo: os Grigori no quinto céu choram "por seus irmãos" — ou seja, pelos Vigilantes que foram aprisionados em outros lugares, possivelmente no segundo céu.

9.3.4 A DISTINÇÃO ENTRE DOIS GRUPOS DE VIGILANTES

Uma característica única da tradição de 2 Enoque é a distinção entre dois grupos de Vigilantes:

1. Os Grigori no quinto céu — Aqueles que estão "abatidos" e "silenciosos", mas ainda não foram aprisionados. Eles são capazes de ouvir a exortação de Enoque e retomar seu serviço litúrgico.
2. Os Vigilantes aprisionados no segundo céu — Aqueles que foram condenados "debaixo da terra até que o céu e a terra se acabem". Estes são "aqueles que são mantidos em grande escuridão no segundo céu".

Esta distinção é significativa porque sugere que a punição dos Vigilantes é graduada. Alguns são aprisionados imediatamente (no segundo céu), enquanto outros são deixados em liberdade limitada (no quinto céu) até que Enoque os persuade a se arrepender.

9.4 O ARREPENDIMENTO DOS GRIGORI — A INTERVENÇÃO DE ENOQUE

Uma das características mais distintivas da tradição dos Vigilantes em 2 Enoque é a possibilidade de arrependimento para os Grigori.

9.4.1 A EXORTAÇÃO DE ENOQUE

Enoque, ao ver a condição dos Grigori no quinto céu, não se contenta em observá-los passivamente. Ele os exorta a retomar seu serviço litúrgico:

"Eu disse aos Grigori: 'Eu, eu vi seus irmãos e entendi seus feitos e conheci suas orações; e orei por eles. E agora o Senhor os sentenciou debaixo da terra até que o céu e a terra se acabem. Mas por que vocês esperam por seus irmãos? E por que vocês não realizam a liturgia diante da face do Senhor? Comecem a antiga liturgia. Realizem a liturgia em nome do fogo, para que não irritem o Senhor vosso Deus (para que) ele vos lance deste lugar'".

A exortação de Enoque é notável por várias razões:

1. Enoque já orou pelos irmãos dos Grigori — ele é um intercessor experimentado.
2. Enoque conhece o destino dos irmãos dos Grigori — eles foram condenados "debaixo da terra".
3. Enoque exorta os Grigori a retomar a liturgia — ele não os condena, mas os chama de volta ao serviço divino.
4. Enoque os adverte sobre as consequências — se eles não realizarem a liturgia, podem ser lançados do quinto céu.

9.4.2 A RESPOSTA DOS GRIGORI

Os Grigori respondem positivamente à exortação de Enoque:

"E eles atenderam à seriedade da minha recomendação, e se levantaram em quatro regimentos no céu. E eis que, enquanto eu estava de pé, eles soaram quatro trombetas em uníssono, e os Grigori começaram a realizar a liturgia como com uma só voz. E suas vozes subiram à presença do Senhor".

Esta resposta é surpreendente. Ao contrário de 1 Enoque, onde a intercessão de Enoque pelos Vigilantes é rejeitada e a queda é definitiva, em 2 Enoque os Grigori se arrependem e retomam seu serviço litúrgico. Eles são restaurados à sua função celestial — pelo menos parcialmente.

9.4.3 O SIGNIFICADO TEOLÓGICO DO ARREPENDIMENTO

O arrependimento dos Grigori em 2 Enoque reflete uma teologia diferente da de 1 Enoque. Enquanto 1 Enoque enfatiza a irreversibilidade da queda dos anjos, 2 Enoque oferece uma visão mais esperançosa, onde o arrependimento é possível mesmo para os anjos caídos.

Esta diferença teológica pode refletir o contexto histórico e religioso diferente em que 2 Enoque foi produzido. Enquanto 1 Enoque pode refletir as tensões e crises do período dos Macabeus, 2 Enoque pode ter sido composto em um ambiente onde a possibilidade de arrependimento era mais enfatizada.

9.5 A COMPARAÇÃO ENTRE 1 ENOQUE E 2 ENOQUE — CONTRASTES TEOLÓGICOS

A comparação entre as tradições dos Vigilantes em 1 Enoque e 2 Enoque revela contrastes teológicos significativos.

9.5.1 LIDERANÇA DOS VIGILANTES

1 ENOQUE: Shemihazah e Asael (Azazel) — líderes humanos (nomes com -el) 2 ENOQUE: Satanail — líder celestial com nome teofórico

9.5.2 LOCALIZAÇÃO DOS VIGILANTES

1 ENOQUE: Na Terra (Monte Hermon) e no deserto (Dudael); aprisionados em lugares subterrâneos. 2 ENOQUE: No quinto céu; alguns no segundo céu, outros no quinto céu.

9.5.3 TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

1 ENOQUE: Ênfase na transmissão ilícita de conhecimento; Vigilantes ensinam metalurgia, cosméticos, magia. 2 ENOQUE: Ausência do motivo da transmissão ilícita; sem ênfase nos ensinamentos.

9.5.4 ARREPENDIMENTO

1 ENOQUE: Intercessão de Enoque rejeitada; queda definitiva. 2 ENOQUE: Grigori se arrependem e retomam a liturgia; possibilidade de restauração.

9.5.5 CONEXÃO COM A TRADIÇÃO ADÂMICA

1 ENOQUE: Conexão limitada com Adão; foco na transgressão angélica. 2 ENOQUE: Forte conexão com a tradição adâmica; foco na conexão entre queda angélica e queda humana.

9.5.6 A INTERPRETAÇÃO DE ORLOV

Andrei Orlov, o principal estudioso da tradição de Satanail em 2 Enoque, argumenta que a transferência da liderança dos Vigilantes de Shemihazah e Asael para Satanail foi "uma tentativa intencional de introduzir o desenvolvimento adâmico no quadro da história enoquiana". Esta integração das tradições adâmica e enoquiana reflete um esforço teológico para unificar diferentes narrativas de origem do mal em uma única história coerente.

A pesquisa de Orlov também observa que a tradição de Satanail em 2 Enoque pode já estar presente em 2 Enoque 7, onde os anjos aprisionados são descritos como "tendo se desviado com seu príncipe". Esta referência implícita a Satanail sugere que a tradição do "príncipe" dos anjos caídos estava presente em toda a obra, não apenas no capítulo 18.

9.6 AS RECENSÕES DE 2 ENOQUE E A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

2 Enoque sobrevive em múltiplas recensões, que apresentam variações significativas na descrição dos Vigilantes.

9.6.1 A RECENSÃO MAIS CURTA E A RECENSÃO MAIS LONGA

Os manuscritos de 2 Enoque testemunham duas recensões principais, geralmente conhecidas como a recensão mais longa e a recensão mais curta. Alguns estudiosos distinguem quatro recensões: muito longa, longa, curta e muito curta.

A recensão mais curta é geralmente considerada mais próxima do texto original. A recensão mais longa contém muitas interpolações feitas por dois revisores. No entanto, a recensão mais longa parece preservar algumas tradições antigas que não estão presentes na recensão mais curta.

9.6.2 VARIAÇÕES NA DESCRIÇÃO DOS GRIGORI

As diferentes recensões apresentam variações na descrição dos Grigori:

- Alguns manuscritos falam sobre 200 Vigilantes que se desviaram.
- Outros falam sobre 200 miríades (dois milhões) de Vigilantes que se desviaram.

Esta variação no número dos Vigilantes reflete a amplificação da tradição em algumas recensões. A expansão do número de 200 para 200 miríades pode ter sido influenciada pela visão de Enoque no quinto céu, onde ele vê "muitos exércitos e Grigori".

9.6.3 A RECENSÃO MAIS CURTA DE 2 ENOQUE 18

A recensão mais curta de 2 Enoque 18 (como citada acima) é particularmente importante porque preserva a tradição dos Grigori em sua forma mais antiga:

"Estes são os Grigori, 200 príncipes dos quais se desviaram, 200 andando em sua comitiva".

Esta formulação enfatiza a estrutura hierárquica dos Grigori: 200 príncipes (equivalentes aos 20 líderes de 1 Enoque 6:7) e 200 andando em sua comitiva (totalizando 200). A estrutura é semelhante à de 1 Enoque, mas com uma terminologia diferente.

9.7 OS FRAGMENTOS COPTAS DE 2 ENOQUE — NOVAS PERSPECTIVAS

A descoberta de fragmentos coptas de 2 Enoque em 2009 representou um avanço significativo na pesquisa sobre esta obra.

9.7.1 A DESCOBERTA DOS FRAGMENTOS

Os fragmentos coptas de 2 Enoque foram identificados em Núbia. Eles representam a primeira testemunha do texto em uma língua além do eslavo, confirmando que 2 Enoque circulou no Egito cristão.

A descoberta dos fragmentos coptas levou a uma reavaliação da obra, resultando na publicação de New Perspectives on 2 Enoch: No Longer Slavonic Only (Brill, 2012), editado por Andrei Orlov e Gabriele Boccaccini.

9.7.2 IMPLICAÇÕES PARA A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

Os fragmentos coptas confirmam que a tradição dos Vigilantes em 2 Enoque não é uma invenção eslava tardia, mas tem raízes em tradições mais antigas. A presença de 2 Enoque em copta sugere que a obra circulou no mundo cristão oriental e que sua tradição dos Vigilantes era conhecida e valorizada em múltiplos contextos culturais.

A descoberta dos fragmentos coptas também apoia a prioridade da recensão mais curta, que é a que preserva a tradição mais antiga dos Grigori e de Satanail.

9.8 A INFLUÊNCIA DE 2 ENOQUE NAS TRADIÇÕES POSTERIORES

A tradição dos Vigilantes em 2 Enoque exerceu uma influência significativa sobre tradições posteriores, incluindo o misticismo judaico (Hekhalot) e a literatura apocalíptica cristã.

9.8.1 A INFLUÊNCIA NO HEKHALOT E EM 3 ENOQUE

2 Enoque "serve como um texto de transição que influencia desenvolvimentos místicos judaicos posteriores, especialmente no Hekhalot". A tradição dos Grigori que se curvam diante de Enoque e são persuadidos por ele a retomar a liturgia antecipa a tradição em 3 Enoque, onde os anjos Uzza, Azza e Azael se curvam diante de Enoque-Metatron.

A pesquisa de Orlov observa que "a tradição de anjos se curvando diante de Enoque encontrada em 3 Enoque parece ter raízes em tradições pseudepigráficas antigas". 2 Enoque serve como um elo entre a tradição dos Vigilantes em 1 Enoque e a tradição mística de Enoque-Metatron em 3 Enoque.

9.8.2 A INFLUÊNCIA NA LITERATURA APOCALÍPTICA CRISTÃ

A tradição dos Grigori em 2 Enoque influenciou a literatura apocalíptica cristã, incluindo o Apocalipse de Pedro e outras obras que descrevem os lugares de punição dos anjos caídos.

A visão de Enoque dos Grigori no quinto céu, abatidos e silenciosos, estabeleceu um paradigma para a geografia do além que seria desenvolvido em tradições posteriores. A distinção entre diferentes níveis de punição para diferentes categorias de transgressores também influenciou a escatologia cristã.

9.8.3 A INFLUÊNCIA NA TRADIÇÃO ESLAVA E ORTODOXA ORIENTAL

A tradição dos Grigori em 2 Enoque teve uma influência particularmente forte na tradição eslava e na Igreja Ortodoxa Oriental. O termo "Grigori" tornou-se a designação padrão para os Vigilantes na tradição eslava, e a história dos Grigori que se arrependem e retomam a liturgia tornou-se um tema importante na espiritualidade ortodoxa oriental.

9.9 TABELA COMPARATIVA — 1 ENOQUE × 2 ENOQUE × 3 ENOQUE

CARACTERÍSTICA	1 ENOQUE	2 ENOQUE	3 ENOQUE
LÍDER DOS VIGILANTES	Shemihazah e Asael	Satanail	Uzza, Azza, Azael

CARACTERÍSTICA	1 ENOQUE	2 ENOQUE	3 ENOQUE
LOCALIZAÇÃO DOS VIGILANTES	Terra, deserto, lugares subterrâneos	Quinto céu	Subordinados a Enoque-Metatron
TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO	Enfatizada	Ausente	Não relevante
ARREPENDIMENTO	Rejeitado	Possível	Não relevante
CONEXÃO ADÂMICA	Limitada	Forte	Presente (Enoque como Metatron)
ENOQUE	Intercessor	Intercessor e liturgo	Metatron (anjo divino)
DATAÇÃO	séc. III a.C.	séc. I d.C.	séc. V-VII d.C.

9.10 A TRADIÇÃO DE SATANAIL NA PESQUISA ACADÊMICA CONTEMPORÂNEA

A pesquisa acadêmica sobre a tradição de Satanail em 2 Enoque tem se desenvolvido significativamente nas últimas décadas.

9.10.1 A OBRA DE ANDREI ORLOV

Andrei A. Orlov é o principal estudioso da tradição de Satanail em 2 Enoque. Seu estudo fundamental, "The Watchers of Satanail: The Fallen Angels Traditions in 2 (Slavonic) Enoch", examina a presença e o significado de Satanail nas tradições de anjos caídos em 2 Enoque.

Orlov argumenta que a transferência da liderança dos Vigilantes de Shemihazah e Asael para Satanail reflete uma estratégia teológica deliberada que vincula a tradição adâmica à tradição enoquiana. A integração das tradições adâmicas, particularmente no contexto dos objetivos teológicos do texto, sugere um esforço deliberado dos autores do apocalipse eslavo para entrelaçar estas narrativas.

9.10.2 O VOLUME "NEW PERSPECTIVES ON 2 ENOCH"

O volume New Perspectives on 2 Enoch: No Longer Slavonic Only (Brill, 2012), editado por Orlov e Gabriele Boccaccini, reexaminou 2 Enoque à luz dos fragmentos coptas recentemente identificados. O volume inclui contribuições de vários estudiosos sobre a tradição dos Vigilantes em 2 Enoque.

Uma das lições metodológicas importantes do volume é o reconhecimento de que as tradições adâmica e melquisedequiana, as correntes mediadoras que desempenham um papel importante no apocalipse, são centrais para a compreensão do universo simbólico do texto.

9.10.3 "DARK MIRRORS" — AZAZEL E SATANAIL

O livro Dark Mirrors: Azazel and Satanael in Early Jewish Demonology (SUNY Press) examina as duas figuras demonológicas mais infames do período do Segundo Templo: Satã e Azazel. O livro dedica três capítulos ao papel de Satã em 2 Enoque.

Orlov traça o desenvolvimento de cada figura e suas origens até as histórias de Adão e Eva no Éden e dos anjos rebeldes que descem à terra no tempo de Enoque. A pesquisa demonstra que a tradição de Satanail em 2 Enoque está profundamente enraizada nas tradições adâmicas e enoquianas anteriores.

9.11 TABELA DE MANUSCRITOS DE 2 ENOQUE COM TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

MANUSCRITO	CONTEÚDO / OBSERVAÇÃO
Codex Belgradensis	Recensão mais longa; contém a tradição dos Grigori no quinto céu
Codex Chludovianus	Recensão mais curta; preserva a forma mais antiga da tradição dos Grigori
Codex Vindobonensis	Contém variantes significativas na descrição dos
Slavonicus 125	Grigori
Fragmentos Coptas (Núbia)	Descobertos em Núbia (2009); confirmam a circulação de 2 Enoque no Egito cristão

9.12 CONCLUSÃO — 2 ENOQUE COMO UMA REINTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA

A tradição dos Vigilantes em 2 Enoque representa uma reinterpretação teológica significativa da história dos anjos caídos. Ao introduzir Satanail como o líder dos Grigori, vincular a queda dos anjos à tradição adâmica, e oferecer a possibilidade de arrependimento, os autores de 2 Enoque criaram uma versão da história dos Vigilantes que é teologicamente distinta da de 1 Enoque.

Várias características da tradição dos Vigilantes em 2 Enoque merecem destaque:

1. A liderança de Satanail — A transferência da liderança de Shemihazah e Asael para Satanail reflete uma tentativa de integrar a tradição adâmica no quadro da história enoquiana.
2. A localização no quinto céu — Os Grigori não são encontrados na Terra, mas no quinto céu, enfatizando sua condição celestial caída.
3. A possibilidade de arrependimento — Ao contrário de 1 Enoque, onde a queda é definitiva, em 2 Enoque os Grigori podem se arrepender e retomar seu serviço litúrgico.

4. A ausência do motivo da transmissão ilícita — 2 Enoque não enfatiza os ensinamentos proibidos dos Vigilantes, focando em vez disso no tropo da fronteira violada.
5. A conexão com a tradição adâmica — Satanail é o "príncipe" dos Grigori, vinculando a queda dos anjos à queda de Adão.

A pesquisa acadêmica, particularmente os trabalhos de Andrei Orlov, tem demonstrado que estas diferenças não são acidentais, mas refletem uma evolução teológica deliberada da tradição dos Vigilantes. 2 Enoque serve como um elo crucial entre a tradição dos Vigilantes em 1 Enoque e as tradições místicas posteriores (Hekhalot, 3 Enoque).

A descoberta dos fragmentos coptas de 2 Enoque e a publicação de novas perspectivas sobre a obra continuam a lançar nova luz sobre esta tradição fascinante. O estudo cuidadoso de 2 Enoque, em suas múltiplas recensões e tradições textuais, é essencial para uma compreensão completa da evolução da tradição dos Vigilantes e de seu significado duradouro na história das ideias religiosas.

VIGILANTES · PARTE X

X

PERSPECTIVAS OCULTAS DOS VIGILANTES

10.0 INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NA TRADIÇÃO ESOTÉRICA OCIDENTAL

Para além da narrativa canônica do Livro dos Vigilantes e das tradições teológicas do judaísmo e cristianismo primitivo, os Vigilantes ocupam um lugar central em múltiplas correntes do ocultismo ocidental. A figura do anjo caído que traz conhecimento proibido à humanidade — uma narrativa que, no texto original, é apresentada como uma tragédia e uma corrupção — é reinterpretada em diferentes sistemas esotéricos como um ato de libertação, um catalisador evolutivo, ou uma manifestação das próprias forças cósmicas que regem o universo.

Estas reinterpretações não são meramente especulativas; elas estão enraizadas em tradições textuais, práticas rituais e cosmologias que se desenvolveram ao longo de séculos, desde a magia enoquiana de John Dee no século XVI até as tradições luciferianas e de Caminho da Mão Esquerda do século XXI. Cada uma destas perspectivas oferece uma lente única através da qual os Vigilantes são compreendidos — não como meros transgressores, mas como arquétipos de forças cósmicas, agentes de evolução espiritual, ou guardiões das energias telúricas da própria Terra.

A presente seção examina quatro perspectivas ocultas principais sobre os Vigilantes, cada uma representando uma corrente distinta do pensamento esotérico:

1. As Torres de Vigia Enoquianas — Os Vigilantes como guardiões dos quadrantes elementais do universo, na tradição da magia enoquiana de John Dee e Edward Kelley.
2. Catalisadores Evolutivos — Os Vigilantes como agentes de despertar da autoconsciência e da evolução espiritual, na tradição luciferiana e de Caminho da Mão Esquerda.
3. Correntes Cósmicas — Os Vigilantes como manifestações da entropia, do caos ordenado e da gravidade estelar, na cosmologia esotérica contemporânea.

4. Consciência Telúrica — Os Vigilantes como espíritos do lugar (genius loci) e guardiões das energias ancestrais da Terra, na bruxaria tradicional e nas tradições geomânticas.

Estas quatro perspectivas, embora distintas, compartilham uma característica comum: todas reinterpretam a narrativa da queda dos Vigilantes não como uma história de corrupção e julgamento, mas como uma história de poder, conhecimento e transformação. Os Vigilantes, nesta leitura, não são meros transgressores; são arquétipos de forças que, embora perigosas, são essenciais para o desenvolvimento espiritual e a compreensão do cosmos.

10.1 TORRES DE VIGIA ENOQUIANAS — OS GUARDIÕES DOS QUADRANTES

Na tradição da magia enoquiana, os Vigilantes (ou, mais precisamente, os "Vigilantes" como uma categoria angelical) assumem um papel fundamental como guardadores da estrutura do próprio universo. Este sistema, desenvolvido no século XVI pelo matemático, astrólogo e ocultista inglês John Dee (1527-1608/9) e seu vidente Edward Kelley (1555-1597), reinterpreta a tradição dos Vigilantes através de uma lente cosmológica e ritualística.

10.1.1 JOHN DEE, EDWARD KELLEY E A REVELAÇÃO ENOQUIANA

O sistema de magia enoquiana foi recebido por Dee e Kelley durante sessões de clarividência que começaram em 1582, utilizando uma bola de cristal e outros instrumentos. Dee documentou meticulosamente estas comunicações em seus manuscritos, como os Five Books of Mystery, que revelaram uma linguagem angelical primordial chamada Enoquiana, juntamente com tabelas, sigilos e invocações complexas destinadas a facilitar o contato com entidades espirituais e acessar conhecimento oculto.

De acordo com os diários de Dee, os dois homens invocaram um anjo, que Kelley viu em um pequeno cristal de clarividência; Dee registrou as revelações que Kelley narrava. Entre os registros sobreviventes das Operações Angélicas está "A Book of Supplications and Invocations" que "trata da Invocação dos Anjos que presidem os Quatro Quartos da esfera Terrestre".

A recepção do sistema enoquiano ocorreu em várias etapas, com os anjos dirigindo Dee e Kelley a produzir várias tábuas contendo quadrados, com uma letra em cada quadrado. Estas tábuas incluíam "as Quatro Tábuas das Torres de Vigia e a Tábua da União".

10.1.2 A GRANDE MESA E AS TORRES DE VIGIA

O componente central da magia enoquiana é a "Grande Mesa" (Great Table), também conhecida como as Tábuas Elementais ou Torres de Vigia. Cada quadrante na Grande Mesa é conhecido como uma Torre de Vigia.

As Torres de Vigia são quatro tabuletas contendo grades de letras. Cada Torre de Vigia consiste em uma grade de 12 X 13 quadrados, cada um contendo uma letra, totalizando 156 letras por Torre de Vigia. Há uma Torre de Vigia para cada um dos quatro Elementos clássicos: Fogo, Ar, Água e Terra. Estas são governadas por um quinto quadrado menor de 4 X 5, totalizando 20 letras, chamado de Tábua da União, representando o Elemento do Espírito (ou Consciência).

Cada Torre de Vigia é subdividida em quatro subseções relacionadas às subdivisões de seu Elemento. Um grande número de nomes é extraído dos padrões de letras, fornecendo uma hierarquia para comandar os poderes dos Elementos. A estrutura das Torres de Vigia reflete uma cosmologia onde as forças elementais se misturam e se combinam para criar a realidade:

- Torre de Vigia do Fogo — dividida em Fogo do Fogo (calor radiante), Água do Fogo (vapores e fusão), Ar do Fogo (fumaça e transmissão de calor) e Terra do Fogo (substância sólida endurecida).

- Torres de Vigia do Ar, Água e Terra — seguem o mesmo padrão de subdivisões.

10.1.3 AS TORRES DE VIGIA NA ORDEM DA GOLDEN DAWN

As Torres de Vigia formaram a base da utilização da magia enoquiana pela Golden Dawn, a ordem ocultista fundada em 1887-1888. Se a Heptarchia Mystica é a versão enoquiana da magia planetária, então as Torres de Vigia são a versão enoquiana da magia elemental.

Os Anjos Heptárquicos representam as forças que se movem através do cosmos, criando mudança e estabelecendo ordem; as Torres de Vigia representam a própria substância do cosmos, a matéria da qual nós e nosso mundo somos feitos.

No sistema da Golden Dawn, as quatro Tábuas Angélicas/Enoquianas se tornaram as quatro Torres de Vigia. Cada Torre de Vigia foi atribuída a uma direção e a um elemento, com associações de cores e reinos espirituais:

- Torre de Vigia da Terra — Preto — Norte — Etérico
- Torre de Vigia da Água — Azul — Oeste — Astral
- Torre de Vigia do Ar — Amarelo — Leste — Mental
- Torre de Vigia do Fogo — Vermelho — Sul — Causal

10.1.4 OS VIGILANTES COMO TUTELARES DOS QUADRANTES

Uma torre de vigia ou guardião na tradição da magia cerimonial é um espírito tutelar de um dos quatro pontos cardeais ou quadrantes. Em muitas tradições mágicas, eles são entendidos como anjos enoquianos ou os Arcanjos Uriel, Rafael, Miguel e Gabriel.

As Chaves (ou Chamados) abrem os Portais das cidades dos anjos cujos nomes estão escritos nas Torres de Vigia. Os rituais envolviam designs evocativos complexos.

As Torres de Vigia são invocadas durante o ritual de lançamento de um círculo mágico. Alternativamente, "Torres de Vigia" pode se referir especificamente às moradas dos Guardiões, com os próprios guardiões sendo chamados de "Vigilantes" ou simplesmente "Guardas".

Nesta tradição, os Vigilantes não são anjos caídos no sentido da narrativa enoquiana original, mas sim guardas celestiais que protegem as fronteiras do cosmos e governam as forças elementais que constituem a realidade física.

10.1.5 A HERANÇA ENOQUIANA NA MAGIA CONTEMPORÂNEA

O sistema enoquiano continuou a evoluir através dos séculos. Foi preservado através de coleções de manuscritos por figuras como Elias Ashmole (1617-1692) e revivido no século XIX por ocultistas como Francis Barrett em The Magus (1801) e Frederick Hockley, cujas cópias influenciaram grupos posteriores.

Adaptações subsequentes por Aleister Crowley, que explorou o sistema dos 30 Aethyrs em The Vision and the Voice (1911), moldaram ainda mais seu legado no ocultismo do século XX. A magia enoquiana é hoje considerada um elemento fundacional da magia cerimonial, apesar dos debates acadêmicos sobre sua autenticidade.

10.2 CATALISADORES EVOLUTIVOS — O DESPERTAR DA AUTOCONSCIÊNCIA

Em vertentes luciferianas e de Caminho da Mão Esquerda, a narrativa dos Vigilantes assume um significado radicalmente diferente. O que no texto original é uma história de corrupção e transgressão é reinterpretado como uma história de libertação, evolução e despertar da consciência.

10.2.1 A VISÃO LUCIFERIANA DOS VIGILANTES

Na tradição esotérica luciferiana, o mito de trazerem conhecimento proibido à humanidade é interpretado como o despertar da autoconsciência, da ciência, das artes e da magia, agindo como uma força natural de evolução e quebra de estagnação.

Os Anjos Vigilantes eram uma ordem especial de elite de seres angelicais criados por Deus para serem pastores terrenos dos primeiros humanos primitivos. Eles foram confinados pelo mandato divino de não interferir na evolução humana. Infelizmente, eles decidiram ignorar. Como punição por dar à humanidade tanto conhecimento secreto...

10.2.2 O CONHECIMENTO PROIBIDO COMO CATALISADOR

Os Vigilantes são vistos não como corruptores, mas como agentes de evolução consciente. O conhecimento que trouxeram — metalurgia, escrita, magia, astrologia — são as ferramentas que permitiram à humanidade transcender seu estado primitivo e desenvolver civilização, arte e ciência.

Nesta perspectiva, os Vigilantes agem como uma força que rompe a estagnação espiritual e intelectual. Eles introduzem a resistência necessária para forjar força, sabedoria e autorrealização. A tradição luciferiana apresenta o "conhecimento proibido" como um portal em camadas para a filosofia racional e a iluminação.

10.2.3 A LIBERTAÇÃO ATRAVÉS DO CONHECIMENTO

O ato dos Vigilantes de ensinar conhecimento proibido é reinterpretado como um ato de libertação — uma tentativa de despertar a humanidade de sua ignorância e capacitá-la a se tornar cocriadora de seu próprio destino. Este é o "pecado" que os torna heróis trágicos na tradição luciferiana: eles pagaram com sua própria queda para elevar a humanidade.

Na tradição luciferiana, a Rebelião Luciferiana é vista como um evento evolutivo necessário, um momento em que a humanidade foi desafiada a transcender suas limitações e abraçar seu potencial divino. Os Vigilantes, como agentes desta rebelião, são figuras de resistência e transformação.

10.2.4 OS VIGILANTES NA TRADIÇÃO DE MICHAEL W. FORD

O autor luciferiano Michael W. Ford, em sua obra Fallen Angels: Watchers and the Witches Sabbat (2017), explora o simbolismo e significado do Caminho da Mão Esquerda para o luciferiano prático. A obra inclui:

- História, tradição e estudos acadêmicos dos nomes dos Anjos Caídos ou Vigilantes do Livro de Enoque.
- Estudo profundo do simbolismo associado a este culto sombrio de anjos.
- Ritos sombrios do Sabá das Bruxas e o Caminho de Caim como Bafomé.
- Chaves para a Jornada dos Sonhos em direção à Reunião dos Espíritos.
- Métodos e invocações dos Vigilantes e dos Nefilins.

O conhecimento e simbolismo do Deus Cornífero, Bafomé, o Adversário, Caim, Lilith, Os Djinn, Hécate, bem como os Ritos do Sabá do Diabo, apresentam um portal em camadas para o conhecimento proibido e a filosofia racional do Luciferianismo.

Em Adversarial Light: Magick of the Nephilim (2009), Ford introduz a ideologia, estrutura e prática da Magia Luciferiana a partir da Máscara Défica de Lúcifer, Azazel, Belial, Shemiyaza e muitos outros Anjos Caídos. A obra é apresentada como um grimório completo de auto-iniciação prática na tradição mágica da Bruxaria Luciferiana.

10.2.5 A TRADIÇÃO DE AZAZEL COMO MENTOR PROMETEICO

Na obra Magia de Azazel de Tesla di Murbox (Frater Sauthenerom), a figura do líder dos Vigilantes (Grigori) descrita no Livro de Enoque é resgatada, afastando-se de dogmas adulterados e apresentando Azazel como um mentor prometeico que ensinou à humanidade as artes proibidas da forja, da guerra, da adivinhação. O manual é focado no despertar da Chama Negra e na gnose de Azazel, o Alto Príncipe das Trevas.

10.3 CORRENTES CÓSMICAS — ENTROPIA, CAOS ORDENADO E GRAVIDADE ESTELAR

Uma terceira perspectiva oculta sobre os Vigilantes os interpreta como manifestações de forças cósmicas fundamentais — entropia, caos ordenado e gravidade estelar — funcionando como engrenagens impessoais do cosmos que testam o ocultista para que ele possa evoluir.

10.3.1 OS VIGILANTES COMO GUARDIÕES CÓSMICOS

Investigações acadêmicas demonstram que os primeiros relatos enoquianos contêm um panorama complexo da corrupção da criação de Deus pelos Vigilantes, incluindo sua violação dos mandamentos da lei cosmológica ou da "lei das estrelas". O artigo "Worthless Secrets: Corruption of Cosmological Knowledge in the Enochic Tradition" explora os segredos cosmológicos dos Vigilantes caídos e sua conexão com a lei cosmológica ou a "lei das estrelas".

Argumenta-se que a perícia cosmológica dos Vigilantes está intimamente conectada com seus papéis em relação à "lei". O Livro dos Vigilantes reflete esta concepção do malfeito das estrelas em 1 Enoque 18:14. O livro também fornece uma ilustração vívida de que tipo de caos a violação das "leis" das estrelas pode infligir à ordem cosmológica.

10.3.2 OS VIGILANTES COMO GUARDIÕES DA ORDEM CÓSMICA

Helge Kvanvig propõe que "os Vigilantes eram os guardiões da ordem cósmica, tanto dos corpos celestes, fenômenos meteorológicos, naturais e culturais". "Os Vigilantes estavam encarregados da ordem cósmica o tempo todo".

O artigo "Watchers and the Weavers Shaping the Heavens" descreve como os Vigilantes, como Barkayal e Kokabel, entregaram os segredos das estrelas. Era uma astronomia avançada e oculta ligada ao destino, ao encantamento e à manipulação das energias celestiais. Ao dar aos humanos a capacidade de ler e potencialmente influenciar as engrenagens complexas e ocultas do relógio cósmico, os Vigilantes injetaram incerteza e discórdia no relacionamento entre a Terra e os céus.

10.3.3 A COSMOLOGIA DOS VIGILANTES — BURACOS NEGROS E ARQUITETURA DO UNIVERSO

O livro The Watchers: Black Holes, Angels, and the Hidden Architecture of the Universe (autor não especificado) é uma exploração cósmico-teológica que redefine os anjos não como figuras míticas suaves, mas como seres reais, dimensionais que habitam e moldam o próprio tecido do universo. O livro propõe que os buracos negros — aquelas misteriosas singularidades gravitacionais — não são meras anomalias celestiais, mas tronos literais da presença angelical.

10.3.4 A "LEI DAS ESTRELAS" E A ORDEM CÓSMICA

O conceito da "lei das estrelas" é central para esta perspectiva. Os Vigilantes eram os guardiões originais desta lei cósmica, encarregados de manter a ordem dos corpos celestes, fenômenos meteorológicos e processos naturais. Sua transgressão não foi apenas moral, mas cosmológica — eles violaram a própria estrutura do universo.

A ação das estrelas em se desviar de seu caminho ordenado, mudando seus cursos e ações, está relacionada à rebelião dos anjos caídos. Esta conexão entre a desordem celestial e a transgressão angélica é uma característica fundamental da cosmologia enoquiana.

10.3.5 ENTROPIA E CAOS ORDENADO

Os Vigilantes, nesta perspectiva, representam a tensão entre ordem e caos — a estrutura impessoal do cosmos que, quando violada ou compreendida, pode levar tanto à iluminação quanto à destruição. Eles são agentes de entropia criativa — forças que introduzem desordem no sistema cósmico, mas que, paradoxalmente, são necessárias para a evolução e transformação.

O caos que os Vigilantes introduzem não é caos destrutivo, mas caos ordenado — a desordem que permite novas configurações de ordem emergirem. Esta é uma visão profundamente influenciada pela cosmologia contemporânea e pela física quântica, onde a entropia não é meramente destrutiva, mas uma força criativa fundamental.

10.4 CONSCIÊNCIA TELÚRICA — O GENIUS LOCI E AS ENERGIAS ANCESTRAIS

Uma quarta perspectiva sobre os Vigilantes, enraizada na bruxaria tradicional e nas tradições geomânticas, os associa ao genius loci (o espírito do lugar) e às correntes de energia ancestrais que habitam locais selvagens, governando os ciclos naturais de vida, morte e regeneração.

10.4.1 OS VIGILANTES E O ESPÍRITO DO LUGAR

Historicamente, o conceito de "egregore" referia-se a seres angelicais, ou Vigilantes, e aos rituais e práticas específicas associados a eles, principalmente dentro das tradições enoquianas. O termo "egregore" está ligado à tradição dos Vigilantes, os pais dos Nefilins.

O Genius Loci é uma entidade sobrenatural ligada a um lugar e era objeto de culto na religião romana como protetor do lugar e de todos aqueles que o habitavam. As Eggregori, ou Aqueles que Vigilam, são, segundo o Livro de Enoque, os anjos guardiões dos pontos cardeais.

10.4.2 A CONEXÃO TELÚRRICA

Em várias tradições de bruxaria — incluindo a Wicca Britânica, a Bruxaria Italiana e a Bruxaria Tradicionalista Céltica — os Vigilantes são vistos como entidades ligadas à terra. Eles não são apenas seres celestiais caídos, mas também espíritos da terra que guardam os lugares selvagens e as correntes de energia telúrica.

Os Vigilantes são associados a antigos guardiões — espíritos do lugar, correntes telúricas e as inteligências geomânticas que os gregos chamavam de Daimones da Terra. Os gregos tinham o Genius Loci, o espírito de uma localidade que podia ser consultado para orientação.

10.4.3 CICLOS DE VIDA, MORTE E REGENERAÇÃO

Os Vigilantes, nessa perspectiva, governam os ciclos naturais. Eles não são apenas seres de conhecimento, mas também forças da própria terra — entidades que presidem o nascimento, a morte e o renascimento. A descida dos Vigilantes à Terra é vista como uma fusão do céu com a terra, criando uma linhagem de consciência telúrica que ainda permeia lugares selvagens e sítios de poder antigos.

10.4.4 A ENERGIA ANCESTRAL

A tradição dos Vigilantes está ligada a correntes de energia ancestrais. A Bruxaria Luciferiana é o próprio resultado da feitiçaria que emergiu em culturas antigas. Os Vigilantes e os caídos, liderados por Azazel — Lúcifer, mais tarde chamado Iblis — representam uma linhagem espiritual que conecta o ocultista moderno às forças primordiais da terra e do sangue ancestral.

10.4.5 O LEGADO DOS VIGILANTES NA CONSCIÊNCIA COLETIVA

Alguns teóricos contemporâneos sugerem que os Vigilantes podem ser entendidos como "inteligências hiperdimensionais" que uma vez cruzaram para o nosso mundo através de portais de consciência, deixaram uma marca em nossos mitos, e podem ainda persistir nas bordas de nossos limiares neuroelétricos hoje.

Nesta visão, os Vigilantes não são meramente figuras históricas ou mitológicas, mas forças ativas que continuam a interagir com a humanidade através de estados de consciência alterados, sonhos e experiências visionárias. Eles são "inteligências embutidas" no campo da consciência coletiva, capazes de "fasear" entre diferentes níveis de realidade.

10.5 GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS ASSOCIADOS AOS VIGILANTES

A tradição dos Vigilantes gerou uma rica literatura de grimórios e sistemas mágicos, desde o século XVI até o presente. Estes textos variam desde manuscritos medievais atribuídos a Vigilantes específicos até grimórios contemporâneos que reinterpretam a tradição enoquiana para o ocultismo moderno.

10.5.1 O GRIMÓRIO SECRETO DE TURIEL

O Secret Grimoire of Turiel é um dos grimórios mais enigmáticos associados à tradição dos Vigilantes. Foi publicado pela primeira vez em latim por volta de 1518, embora possa ter sido copiado de algo mais antigo.

O grimório veio à tona em 1927, quando foi supostamente vendido a Marius Malchus na Espanha por um padre expulso, que o traduziu para o inglês a partir do latim original (agora perdido).

No entanto, a autenticidade do grimório é controversa. Nenhuma referência à obra apareceu em qualquer lugar antes de 1960 (data da publicação original). A história do padre e do manuscrito perdido é considerada uma ficção para encobrir a origem moderna do texto. A obra plagia material de A.E. Waite (The Book of Black Magic and of Pacts, 1898) e da introdução de MacGregor Mathers à edição de 1888 de A Chave de Salomão. Está, em última análise, relacionado a um manuscrito de Frederick Hockley de meados do século XIX intitulado The Complete Book of Magical Science.

Apesar de sua autenticidade duvidosa, o grimório é significativo como um documento da tradição ocultista. O grimório divide-se em duas partes:

- Primeira Parte: Orações, bênçãos, consagrações e exorcismos para cada dia da semana.
- Segunda Parte: Invocações e rituais da coorte de espíritos.

O grimório, apesar de sua brevidade, constitui um sistema completo de Magia Cerimonial, permitindo ao usuário conjurar e comunicar-se com os Espíritos Olímpicos. Inclui orações, bênçãos, consagrações, exorcismos, figuras planetárias diagramáticas com perfumes apropriados para cada dia.

Turiel (ou Tûrêl; aramaico: טוריאל; grego: Τουριήλ) é o 18º Vigilante dos 20 líderes dos 200 anjos caídos mencionados no Livro de Enoque. O nome provém de tuwr ("rocha") e El ("Deus"), significando "Rocha de Deus".

10.5.2 O SISTEMA DE MAGIA DE AZAZEL

A obra Magia de Azazel de Tesla di Murbox (Frater Sauthenerom) é um manual prático e interdisciplinar focado no despertar da Chama Negra e na gnose de Azazel, o Alto Príncipe das Trevas. O autor apresenta Azazel como um mentor prometeico que ensinou à humanidade as artes proibidas da forja, da guerra, da adivinhação.

O sistema inclui múltiplas ferramentas e técnicas: - Visualização, Meditação, Pathworking - Mônada — conceito central da tradição hermética - Adivinhação — múltiplos sistemas divinatórios - Incensos, Velas, Chás, Cálice, Cristais - Convocações e Ritos Híbridos

10.5.3 "FALLEN ANGELS: WATCHERS AND THE WITCHES SABBAT" (MICHAEL W. FORD)

Este grimório de 2017 explora o simbolismo e significado do Caminho da Mão Esquerda para o luciferiano prático. O conteúdo inclui:

- História, tradição e estudos acadêmicos dos nomes dos Anjos Caídos ou Vigilantes do Livro de Enoque.
- Estudo profundo do simbolismo associado a este culto sombrio de anjos.
- Ritos sombrios do Sabá das Bruxas.
- O Caminho de Caim como Bafomé.
- Chaves para a Jornada dos Sonhos em direção à Reunião dos Espíritos.
- Métodos e invocações dos Vigilantes e dos Nefilins.
- Conhecimento e simbolismo do Deus Cornífero, Bafomé, o Adversário, Caim, Lilith e mais.

10.5.4 "THE BOOK OF AZAZEL: GRIMOIRE OF THE DAMNED" (E.A. KOETTING)

Este grimório de 2012 (atualizado em 2021) documenta um pacto de sangue de 90 dias com o Porteiro Demoníaco, Azazel. O livro revela a "primeira hierarquia demoníaca sob autoridade infernal do próprio Azazel". A obra é apresentada como a totalidade do que o autor aprendeu com o Demônio durante uma jornada de noventa dias pelo inferno, com Azazel como seu guia.

10.5.5 "ADVERSARIAL LIGHT: MAGICK OF THE NEPHILIM" (MICHAEL W. FORD)

Este grimório de 2009 introduz a ideologia, estrutura e prática da Magia Luciferiana a partir da Máscara Défica de Lúcifer, Azazel, Belial, Shemiyaza e muitos outros Anjos Caídos. A obra é apresentada como um grimório completo de auto-iniciação prática na tradição mágica da Bruxaria Luciferiana.

10.5.6 "ENOCH'S BOOK OF SIGILS" (ENOCH B. PETRUCELLY)

Este guia prático de adivinhação por sigilos é voltado tanto para o ocultista avançado quanto para o neófito. O livro fornece os significados para os sigilos dos anjos caídos conhecidos como os Vigilantes, bem como os significados dos 13 Sigilos do Desejo criados por Enoch. A obra é dedicada "a todos aqueles que ousam trilhar o Caminho da Mão Esquerda sem arrependimento".

10.5.7 OUTROS GRIMÓRIOS E OBRAS ASSOCIADAS

Além das obras acima, a tradição dos Vigilantes gerou uma vasta literatura ocultista:

- "AZAZEL: Steal Fire From The Gods" (S. Connolly) — explora a figura de Azazel como um Prometeu demoníaco.
- "The Grimoire of Azazel" (autor desconhecido) — continuação do trabalho de Koetting.

- "The Forbidden Knowledge of the Book of Enoch" (Harold Roth, 2024) — um estudo acadêmico da influência da tradição dos Vigilantes na magia e no ocultismo ocidentais.
- "Paths to Power" — grimório anônimo de magia cerimonial.
- "The Book of the Watchers: YHVH..." (Ars Aurora) — grimório de invocação dos Vigilantes.
- "Pathworking of The Watchers" (Ashan, Churaki) — técnicas de pathworking com os Vigilantes.
- "The Book of Dark Angels" (Ciara Doyle) — explora a tradição dos anjos caídos.

10.6 OFERENDAS E ASSOCIAÇÕES PRÁTICAS

Na tradição ocultista prática, associa-se a cada Vigilante dias da semana, elementos e oferendas específicas.

10.6.1 DIAS DA SEMANA

Para melhores resultados, recomenda-se meditar, realizar rituais, invocações ou feitiços para a entidade no dia da semana a que estão associados. Cada Vigilante é tradicionalmente associado a um dia planetário específico, refletindo sua natureza cósmica.

10.6.2 OFERENDAS

A melhor oferenda para um Vigilante é tomilho seco deixado em pequeno monte (equivalente a uma colher de chá) no parapeito da janela que recebe mais luz lunar. O tomilho, na tradição hermética, é uma erva associada à coragem, à purificação e à comunicação com os reinos espirituais.

10.6.3 ASSOCIAÇÕES ELEMENTAIS

Cada Vigilante é associado a um dos quatro elementos e a uma direção cardeal, refletindo sua função como guardião dos quadrantes do universo. Estas associações são fundamentais para a prática da magia enoquiana e para a invocação dos Vigilantes em rituais cerimoniais.

10.7 TABELA COMPARATIVA DAS PERSPECTIVAS OCULTAS

PERSPECTIVA	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS
Torres de Vigia	Vigilantes como guardiões dos quadrantes elementais;
Enoquianas	sistema de John Dee e Edward Kelley; quatro tabuletas
	(Fogo, Ar, Água, Terra); Tábua da União; 48 Chamados;
	influência na Golden Dawn e Crowley
Catalisadores	Vigilantes como agentes de evolução consciente;
Evolutivos	conhecimento proibido como catalisador; tradição
(Luciferiana)	luciferiana e de Caminho da Mão Esquerda; Michael W.
	Ford, Tesla di Murbox; Azazel como mentor prometeico
Correntes Cósmicas	Vigilantes como manifestações de entropia e caos
	ordenado; "lei das estrelas"; guardiões da ordem
	cósmica; buracos negros como tronos angelicais;
	cosmologia esotérica contemporânea
Consciência	Vigilantes como espíritos do lugar (genius loci);
Telúrica	correntes de energia ancestrais; ciclos de vida, morte e
	regeneração; bruxaria tradicional e geomancia;
	egregores como Vigilantes

10.8 TABELA DE GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS ASSOCIADOS

OBRA	AUTOR / EDITOR / ANO
The Secret Grimoire of Turiel	Anônimo (atrib. 1518)
Fallen Angels: Watchers and the	Michael W. Ford (2017)
Witches Sabbat	
The Book of Azazel: Grimoire of the	E.A. Koetting (2012/2021)
Damned	
AZAZEL: Steal Fire From The Gods	S. Connolly
The Grimoire of Azazel	Desconhecido
Magia de Azazel	Tesla di Murbox (Frater Sauthenerom)
The Forbidden Knowledge of the	Harold Roth (2024)
Book of Enoch	
Enoch's Book Of Sigils	Enoch B. Petrucelly (2016)
Paths to Power	Desconhecido
The Book of the Watchers: YHVH...	Ars Aurora
Pathworking of The Watchers	Ashan, Churaki
Adversarial Light: Magick of the	Michael W. Ford (2009)
Nephilim	
The Book of Dark Angels	Ciara Doyle

10.9 CONCLUSÃO — OS VIGILANTES COMO ARQUÉTIPOS OCULTOS

As quatro perspectivas ocultas sobre os Vigilantes — as Torres de Vigia Enoquianas, os Catalisadores Evolutivos, as Correntes Cósmicas e a Consciência Telúrica — oferecem interpretações radicalmente diferentes da narrativa original do Livro dos

Vigilantes. No entanto, todas compartilham uma característica comum: reinterpretam a queda dos Vigilantes não como uma história de corrupção e julgamento, mas como uma história de poder, conhecimento e transformação.

Em cada uma destas tradições, os Vigilantes funcionam como arquétipos — padrões primordiais que organizam a experiência humana e a compreensão do cosmos. Eles representam:

- A fronteira entre o conhecido e o desconhecido — o conhecimento que é proibido porque é poderoso demais para ser possuído sem transformação.
- A tensão entre ordem e caos — a força que rompe a estagnação e permite a evolução.
- A conexão entre o celestial e o terreno — a ponte entre o divino e o humano, entre o espírito e a matéria.
- A natureza ambivalente do poder — o conhecimento que pode tanto corromper quanto libertar.

A reinterpretação dos Vigilantes em tradições ocultas não é meramente especulativa; é uma prática espiritual que busca acessar o poder e o conhecimento que os Vigilantes representam. Através da invocação, da visualização, do pathworking e do ritual, o ocultista busca entrar em contato com estas forças arquetípicas e integrá-las em sua própria jornada espiritual.

A tradição dos Vigilantes continua a evoluir no ocultismo ocidental contemporâneo. Novos grimórios, sistemas mágicos e interpretações teológicas surgem regularmente, cada um oferecendo uma nova lente através da qual os Vigilantes são compreendidos. O que começou como um texto apocalíptico do judaísmo do Segundo Templo tornou-se um arquétipo duradouro que continua a ressoar através dos séculos, adaptando-se a novos contextos culturais e espirituais.

A duradoura ressonância da tradição dos Vigilantes no ocultismo ocidental testemunha o poder e a profundidade deste mito ancestral. Os Vigilantes não são meras figuras históricas ou literárias; são forças vivas que continuam a desafiar, inspirar e transformar aqueles que buscam compreender os mistérios do cosmos e da consciência humana.

VIGILANTES · PARTE XI

XI

GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS ASSOCIADOS

11.0 INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NA TRADIÇÃO GRIMORIAL

A tradição dos Vigilantes, para além de sua importância na literatura apocalíptica do Segundo Templo e no desenvolvimento da angelologia e demonologia judaico-cristã, exerceu uma influência profunda e duradoura sobre o ocultismo ocidental. Do Renascimento ao século XXI, a figura do anjo caído que trouxe conhecimento proibido à humanidade — uma narrativa que no texto original é apresentada como uma tragédia e uma corrupção — foi reinterpretada em múltiplos sistemas mágicos como um arquétipo de poder, conhecimento e transformação.

Esta seção cataloga e analisa os principais grimórios e sistemas mágicos associados à tradição dos Vigilantes, desde o enigmático Secret Grimoire of Turiel (atribuído ao século XVI) até as obras contemporâneas da tradição luciferiana e de Caminho da Mão Esquerda. Cada uma destas obras representa uma tentativa de acessar o poder e o conhecimento que os Vigilantes supostamente transmitiram à humanidade, reinterpretando a narrativa da queda através de uma lente ritualística e iniciática.

A pesquisa acadêmica, particularmente os trabalhos de Harold Roth (2024), tem demonstrado que "a tradição dos anjos Vigilantes é uma parte importante e frequentemente negligenciada das tradições judaica e cristã que exerce uma forte influência sobre a magia e o ocultismo ocidentais". Roth argumenta que os textos complicados como os livros de Enoque e Jubileus, juntamente com tradições como a mística Merkavah e a demonologia cristã, estão conectados à magia prática de uma forma que tem sido frequentemente negligenciada pela pesquisa acadêmica.

Os grimórios associados aos Vigilantes variam desde manuscritos de autenticidade duvidosa até obras contemporâneas que buscam reviver e reinterpretar a tradição enoquiana para o ocultista moderno. O que todos compartilham, no entanto, é uma

visão dos Vigilantes não como meros transgressores, mas como fontes de poder e conhecimento que podem ser acessadas através de rituais, invocações e práticas espirituais específicas.

11.1 O GRIMÓRIO SECRETO DE TURIEL — THE SECRET GRIMOIRE OF TURIEL

O Secret Grimoire of Turiel (O Grimório Secreto de Turiel) é um dos grimórios mais enigmáticos e controversos associados à tradição dos Vigilantes. Sua história textual é marcada por alegações de antiguidade, autenticidade contestada e plágio literário, tornando-o um caso fascinante para o estudo da tradição grimorial ocidental.

11.1.1 HISTÓRIA E ALEGAÇÕES DE AUTENTICIDADE

O grimório foi publicado pela primeira vez em latim por volta de 1518, embora possa ter sido copiado de algo mais antigo. De acordo com a editora original, a obra foi encontrada por Marius Malchus em 1927 depois de comprar uma tradução em inglês de um original latino agora perdido de um padre exonerado, que ele copiou antes de descartar. A obra foi posteriormente traduzida para o inglês a partir do latim original.

Apesar destas alegações, a autenticidade do grimório é altamente controversa. Nenhuma referência à obra apareceu em qualquer lugar antes de 1960, quando a obra foi originalmente publicada. A história do padre destituído e do manuscrito perdido é considerada uma ficção destinada a encobrir por que o autor não conseguiu produzir cópias anteriores ao século XX.

A análise textual revela que a obra plagia e refaz o material da obra de 1898 de A. E. Waite, The Book of Black Magic and of Pacts (particularmente sua tradução de Arbatel de magia veterum) e a introdução de Samuel Liddell MacGregor Mathers à

edição de 1888 de A Chave de Salomão. Em última análise, está relacionado a (se não baseado em) um manuscrito de meados do século XIX de Frederick Hockley intitulado The Complete Book of Magic Science, do qual várias cópias existiam em diferentes bibliotecas.

11.1.2 CONTEÚDO E ESTRUTURA

Apesar de sua brevidade, o grimório constitui um sistema completo de Magia Cerimonial, permitindo ao usuário conjurar e comunicar-se com os Espíritos Olímpicos. O grimório divide-se em duas partes:

- Primeira Parte: Orações, bênçãos, consagrações e exorcismos para cada dia da semana.
- Segunda Parte: Invocações e rituais da coorte de espíritos.

O grimório inclui figuras planetárias diagramáticas com perfumes apropriados para cada dia. A edição em inglês foi publicada por S. Weiser em 1971, com 42 páginas e ilustrações. A obra é descrita como "um sistema de magia cerimonial, sendo um manuscrito do século XVI".

11.1.3 TURIEL COMO VIGILANTE

Turiel (ou Tûrêl; aramaico: טוריאל; grego: Τουριήλ) é um Vigilante caído no antigo texto apócrifo conhecido como o Livro de Enoque. Em traduções posteriores, ele é um dos 20 líderes de 200 anjos caídos, mencionados em décimo oitavo lugar. O nome é acreditado ter se originado de tuwr, "rocha" e El, "Deus", significando "Rocha de Deus".

O grimório que leva seu nome supostamente contém instruções sobre como entrar em contato com Turiel, refletindo a crença de que os Vigilantes individuais podem ser invocados para transmitir conhecimento e poder.

11.1.4 SIGNIFICADO NA TRADIÇÃO OCULTISTA

Apesar de sua autenticidade duvidosa, o Secret Grimoire of Turiel é significativo como um documento da tradição ocultista ocidental. Ele representa uma tentativa de conectar a tradição dos Vigilantes com a magia cerimonial renascentista, especificamente com o sistema dos Espíritos Olímpicos do Arbatel.

A obra também ilustra um padrão comum na tradição grimorial: a atribuição de textos a figuras antigas ou a fontes perdidas para conferir autoridade e antiguidade. Este padrão, que remonta à pseudepigrafia do período do Segundo Templo, continua a ser uma característica da literatura ocultista até o presente.

11.2 O SISTEMA DE MAGIA DE AZAZEL — MAGIA DE AZAZEL (TESLA DI MURBOX)

A obra Magia de Azazel, de Tesla di Murbox (também conhecido como Frater Sauthenerom), é um manual prático e interdisciplinar da tradição ocultista contemporânea, focado no despertar da Chama Negra e na gnose de Azazel, o Alto Príncipe das Trevas.

11.2.1 O AUTOR E SUA TRADIÇÃO

Tesla di Murbox pratica magia desde 1992 e trilhou caminhos de diferentes vertentes, desde Cabala, hermetismo, paganismo, Umbanda, afro-brasileiras, cigana, alquímica, orientais e tântricas, entre outras. Esta diversidade de influências reflete a abordagem sincrética da obra, que não se limita a uma única tradição, mas busca integrar múltiplas fontes de poder e conhecimento.

O autor afirma estar "longe da dualidade entre bem e mal", enfatizando uma abordagem que transcende as categorias morais convencionais. Esta perspectiva é característica da tradição de Caminho da Mão Esquerda, que rejeita a dicotomia entre "bem" e "mal" em favor de uma visão mais complexa do poder espiritual.

11.2.2 CONTEÚDO E FERRAMENTAS

O sistema de Magia de Azazel inclui múltiplas ferramentas e técnicas:

- Visualização, Meditação, Pathworking — técnicas de manipulação da consciência e da imaginação.
- Mônada — conceito central da tradição hermética, representando a unidade fundamental do ser.
- Adivinhação — múltiplos sistemas divinatórios para acessar conhecimento oculto.
- Incensos, Velas, Chás, Cálice, Cristais — ferramentas materiais para a prática ritualística.
- Convocações e Ritos Híbridos — técnicas de invocação que combinam diferentes tradições.

11.2.3 AZAZEL COMO MENTOR PROMETEICO

A obra apresenta Azazel não como um demônio ou um anjo caído no sentido tradicional, mas como um mentor prometeico que ensinou à humanidade as artes proibidas da forja, da guerra, da adivinhação. Esta reinterpretação resgata a figura do líder dos Vigilantes (Grigori) descrita no Livro de Enoque, afastando- se de dogmas adulterados e apresentando Azazel como uma fonte de conhecimento e poder.

O foco no "despertar da Chama Negra" — um conceito central na tradição luciferiana — reflete a ênfase na auto-iniciação e no desenvolvimento espiritual individual, em contraste com a dependência de autoridades externas ou instituições religiosas.

11.2.4 CONTEXTO NA TRADIÇÃO OCULTISTA BRASILEIRA

Magia de Azazel insere-se no contexto da tradição ocultista brasileira, que combina influências europeias (Cabala, hermetismo, magia cerimonial) com tradições afro-brasileiras (Umbanda) e outras fontes sincréticas. Esta hibridização é característica da espiritualidade brasileira contemporânea e reflete a capacidade da tradição dos Vigilantes de se adaptar a novos contextos culturais.

11.3 FALLEN ANGELS: WATCHERS AND THE WITCHES SABBAT (MICHAEL W. FORD)

A obra Fallen Angels: Watchers and the Witches Sabbat (2017), de Michael W. Ford, é um grimório que explora o simbolismo e significado do Caminho da Mão Esquerda para o luciferiano prático.

11.3.1 O AUTOR E SUA TRADIÇÃO

Michael W. Ford é descrito como um "visionário luciferiano e praticante do Caminho da Mão Esquerda". Sua obra é parte de um projeto mais amplo de revivificação da tradição luciferiana, que combina elementos da magia cerimonial, da bruxaria tradicional e da filosofia do Caminho da Mão Esquerda.

A obra de Ford não se limita à teoria; ela apresenta "ritos sombrios do Sabá das Bruxas e o Caminho de Caim como Bafomé" com "chaves para a Jornada dos Sonhos em direção à Reunião dos Espíritos". Esta ênfase na prática ritualística é característica da abordagem de Ford, que busca tornar a tradição luciferiana acessível e aplicável para o praticante contemporâneo.

11.3.2 CONTEÚDO DA OBRA

O grimório explora:

- História, tradição e estudos acadêmicos dos nomes dos Anjos Caídos ou Vigilantes do Livro de Enoque.
- Estudo profundo do simbolismo associado a este culto sombrio de anjos.
- Os ritos sombrios do Sabá das Bruxas.
- O Caminho de Caim como Bafomé.
- Chaves para a Jornada dos Sonhos em direção à Reunião dos Espíritos.

- Métodos e invocações dos Vigilantes e dos Nefilins.
- Conhecimento e simbolismo do Deus Cornífero, Bafomé, o Adversário, Caim, Lilith e mais.

11.3.3 A TRADIÇÃO LUCIFERIANA E OS VIGILANTES

Na tradição luciferiana de Ford, os Vigilantes são vistos não como corruptores, mas como agentes de evolução consciente. O conhecimento que trouxeram — metalurgia, escrita, magia, astrologia — são as ferramentas que permitiram à humanidade transcender seu estado primitivo e desenvolver civilização, arte e ciência.

O ato dos Vigilantes de ensinar conhecimento proibido é reinterpretado como um ato de libertação — uma tentativa de despertar a humanidade de sua ignorância e capacitá-la a se tornar cocriadora de seu próprio destino. Este paradigma é central para a tradição luciferiana, que vê a rebelião contra a ordem estabelecida como um ato de evolução espiritual.

11.4 THE BOOK OF AZAZEL: GRIMOIRE OF THE DAMNED (E.A. KOETTING)

The Book of Azazel: Grimoire of the Damned (2012/2021), de E.A. Koetting, é um grimório que documenta um pacto de sangue de 90 dias com o "Porteiro Demoníaco" Azazel.

11.4.1 O AUTOR E SUA TRADIÇÃO

E.A. Koetting é um autor prolífico na tradição da magia demoníaca contemporânea, com 47 livros publicados. Sua obra é caracterizada por uma abordagem prática e direta, que enfatiza a experiência pessoal e a efetividade ritualística em detrimento da teoria abstrata.

Koetting afirma que o livro revela a "primeira hierarquia demoníaca sob autoridade infernal do próprio Azazel", posicionando Azazel como uma figura central na cosmologia demoníaca que ele apresenta.

11.4.2 CONTEÚDO E PRÁTICA

O grimório inclui um rito de invocação que requer que o praticante se sente dentro do "Círculo de Pactos" com velas ao redor e cante "alah tad al'ash". A obra descreve um pacto de sangue de 90 dias, sugerindo um compromisso de longo prazo com a entidade invocada.

O livro foi publicado pela Nephilim Press em 2012 em uma edição de capa dura com 184 páginas, encadernação em tecido preto com letras douradas e um "Círculo de Pactos" dourado na capa. Uma edição atualizada e revisada foi publicada em 2021.

11.4.3 AZAZEL COMO PORTEIRO DEMONÍACO

A designação de Azazel como "Porteiro Demoníaco" (Demonic Gatekeeper) reflete uma visão de Azazel como uma figura liminar que guarda a fronteira entre o mundo humano e o mundo espiritual. Esta visão ecoa a tradição original de Azazel como o Vigilante que ensinou conhecimento proibido, mas a reinterpreta através de uma lente demonológica.

A ênfase no "pacto de sangue" reflete a tradição grimorial ocidental, onde o sangue é visto como um meio de estabelecer um vínculo entre o praticante e a entidade invocada. Esta prática, embora controversa, tem raízes em tradições antigas de sacrifício e oferenda.

11.5 THE FORBIDDEN KNOWLEDGE OF THE BOOK OF ENOCH (HAROLD ROTH, 2024)

A obra The Forbidden Knowledge of the Book of Enoch: The Watchers, Nephilim, Fallen Angels, and the End of the World (2024), de Harold Roth, representa uma abordagem acadêmica e prática à tradição dos Vigilantes.

11.5.1 ABORDAGEM ACADÊMICA E PRÁTICA

Roth aborda textos complicados como os livros de Enoque e Jubileus, juntamente com tradições como a mística Merkavah e a demonologia cristã, e, em linguagem clara, oferece "o exame mais claro e melhor dos Vigilantes e dos Nefilins que já encontrei", segundo Jason Miller.

O livro identifica e elucida as conexões entre a tradição dos Vigilantes e a magia prática. Roth argumenta que "o conhecimento proibido está no centro do Livro de Enoque" e que seu texto "capturou e comandou interesse pelos últimos dois mil anos".

11.5.2 INFLUÊNCIA NA MAGIA E NO OCULTISMO

Roth traça a influência do Livro de Enoque "desde a magia renascentista do Dr. John Dee e os primeiros textos apocalípticos cristãos, até teorias da conspiração contemporâneas e angelologia mágica moderna". A obra busca preencher uma lacuna nas abordagens anteriores ao Livro de Enoque: "tentativas reais de encontrar não apenas o que está no centro dessas histórias, mas também suas conexões com a magia".

11.5.3 A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES NA WEISER ENOCHIAN LIBRARY

A obra de Roth faz parte da Weiser Enochian Library, uma série dedicada à exploração da tradição enoquiana e sua influência na magia e no ocultismo ocidentais. Esta série reflete o interesse renovado pela tradição dos Vigilantes no ocultismo contemporâneo, que busca recuperar e reinterpretar os textos enoquianos para a prática mágica moderna.

11.6 OUTROS GRIMÓRIOS E OBRAS ASSOCIADAS

Além das obras acima, a tradição dos Vigilantes gerou uma vasta literatura ocultista, incluindo:

- "AZAZEL: Steal Fire From The Gods" (S. Connolly) — explora a figura de Azazel como um Prometeu demoníaco.
- "The Grimoire of Azazel" (autor desconhecido) — continuação do trabalho de Koetting.
- "Enoch's Book Of Sigils" (Enoch B. Petrucelly, 2016) — um guia prático de adivinhação por sigilos, voltado tanto para o ocultista avançado quanto para o neófito, fornecendo os significados para os sigilos dos anjos caídos conhecidos como os Vigilantes, bem como os significados dos 13 Sigilos do Desejo.
- "Paths to Power" (autor desconhecido) — grimório anônimo de magia cerimonial.
- "The Book of the Watchers: YHVH..." (Ars Aurora) — grimório de invocação dos Vigilantes.
- "Pathworking of The Watchers" (Ashan, Churaki) — técnicas de pathworking com os Vigilantes.
- "The Book of Dark Angels" (Ciara Doyle) — explora a tradição dos anjos caídos.
- "Adversarial Light: Magick of the Nephilim" (Michael W. Ford, 2009) — introduz a ideologia, estrutura e prática da Magia Luciferiana a partir da Máscara Défica de Lúcifer, Azazel, Belial, Shemiyaza e muitos outros Anjos Caídos.
- Liber Razielis Archangeli (Sefer Raziel HaMalakh) — um grimório da Cabala atribuído ao arcanjo Raziel, que contém ensinamentos sobre anjos e magia.

11.7 A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES NA PESQUISA ACADÊMICA CONTEMPORÂNEA

A pesquisa acadêmica sobre a tradição dos Vigilantes e sua influência na magia e no ocultismo tem se desenvolvido significativamente nas últimas décadas.

11.7.1 A OBRA DE ORLOV SOBRE OS VIGILANTES DE SATANAIL

Andrei A. Orlov, em seu estudo "The Watchers of Satanail: The Fallen Angels Traditions in 2 Enoch", examina a presença e o significado de Satanail nas tradições de anjos caídos em 2 Enoque. Orlov argumenta que a transferência da liderança dos Vigilantes de Shemihazah e Asael para Satanail reflete uma estratégia teológica deliberada que vincula a tradição adâmica à tradição enoquiana.

11.7.2 O ESTUDO DOS MANUSCRITOS DE QUMRAN

A pesquisa sobre os manuscritos aramaicos de Enoque e a literatura relacionada de Qumran examina a origem da tradição angelical dos Vigilantes, a relação textual e literária dos pergaminhos aramaicos com o Livro dos Vigilantes, e a culpabilidade da humanidade na propagação do mal na terra de acordo com o mito dos anjos caídos.

11.7.3 A EVOLUÇÃO TEXTUAL DA TEOFANIA ENOQUIANA

A monografia de Alexander McCarron (2024), Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9, demonstra que a teofania enoquiana evoluiu e cresceu à medida que foi traduzida e transmitida em novos e

cambiantes contextos sociolinguísticos e sociorreligiosos. Esta pesquisa tem implicações significativas para a compreensão da história textual do Livro dos Vigilantes e de sua recepção em diferentes tradições.

11.8 TABELA COMPARATIVA DOS GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS

OBRA	AUTOR / EDITOR / ANO
The Secret Grimoire of Turiel	Anônimo (atrib. 1518)
Fallen Angels: Watchers and the	Michael W. Ford (2017)
Witches Sabbat	
The Book of Azazel: Grimoire of the	E.A. Koetting (2012/2021)
Damned	
AZAZEL: Steal Fire From The Gods	S. Connolly
The Grimoire of Azazel	Desconhecido
Magia de Azazel	Tesla di Murbox (Frater Sauthenerom)
The Forbidden Knowledge of the	Harold Roth (2024)
Book of Enoch	
Enoch's Book Of Sigils	Enoch B. Petrucelly (2016)
Paths to Power	Desconhecido
The Book of the Watchers: YHVH...	Ars Aurora
Pathworking of The Watchers	Ashan, Churaki
Adversarial Light: Magick of the	Michael W. Ford (2009)
Nephilim	
The Book of Dark Angels	Ciara Doyle
Liber Razielis Archangeli	Atribuído ao arcanjo Raziel

11.9 OFERENDAS E ASSOCIAÇÕES PRÁTICAS NA TRADIÇÃO GRIMORIAL

Na tradição ocultista prática, associa-se a cada Vigilante dias da semana, elementos e oferendas específicas.

11.9.1 DIAS DA SEMANA

Para melhores resultados, recomenda-se meditar, realizar rituais, invocações ou feitiços para a entidade no dia da semana a que estão associados. Cada Vigilante é tradicionalmente associado a um dia planetário específico, refletindo sua natureza cósmica.

11.9.2 OFERENDAS

A melhor oferenda para um Vigilante é tomilho seco deixado em pequeno monte (equivalente a uma colher de chá) no parapeito da janela que recebe mais luz lunar. O tomilho, na tradição hermética, é uma erva associada à coragem, à purificação e à comunicação com os reinos espirituais.

11.9.3 ASSOCIAÇÕES ELEMENTAIS

Cada Vigilante é associado a um dos quatro elementos e a uma direção cardeal, refletindo sua função como guardião dos quadrantes do universo. Estas associações são fundamentais para a prática da magia enoquiana e para a invocação dos Vigilantes em rituais cerimoniais.

11.10 A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES E A MAGIA ENOQUIANA DE JOHN DEE

Embora abordada em detalhe na Parte X, é importante notar que a magia enoquiana de John Dee e Edward Kelley (século XVI) representa uma das influências mais significativas da tradição dos Vigilantes no ocultismo ocidental. O sistema de Dee,

que inclui as Quatro Tábuas das Torres de Vigia e a Tábua da União, reinterpreta a tradição dos Vigilantes através de uma lente cosmológica e ritualística, estabelecendo um paradigma que influenciou profundamente a magia cerimonial posterior.

A pesquisa de Roth observa que "o Livro de Enoque tem sido influente em muitas tradições espirituais e religiosas" desde a magia renascentista de Dee até as teorias da conspiração contemporâneas e a angelologia mágica moderna.

11.11 CONCLUSÃO — OS GRIMÓRIOS COMO RECEPÇÃO DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

Os grimórios e sistemas mágicos associados aos Vigilantes representam uma recepção dinâmica e criativa da tradição enoquiana. Longe de serem meras repetições do texto original, estas obras reinterpretam a narrativa da queda dos anjos à luz de diferentes contextos culturais, teológicos e práticos.

Várias características da tradição grimorial dos Vigilantes merecem destaque:

1. Reinterpretação da queda: Os Vigilantes são vistos não como transgressores condenados, mas como fontes de poder e conhecimento que podem ser acessadas através de rituais específicos.
2. Ênfase na prática: Ao contrário da abordagem acadêmica ou teológica, os grimórios enfatizam a prática ritualística e a experiência pessoal.
3. Sincretismo: Os grimórios frequentemente combinam elementos de diferentes tradições — Cabala, hermetismo, magia cerimonial, bruxaria — criando sistemas híbridos que transcendem as fronteiras tradicionais.
4. Controvérsia e autenticidade: Muitos grimórios associados aos Vigilantes têm autenticidade contestada, refletindo a natureza marginal e frequentemente controversa da tradição ocultista.

5. Continuidade e inovação: Embora enraizados em tradições antigas, os grimórios dos Vigilantes continuam a evoluir, adaptando-se a novos contextos culturais e espirituais.

A tradição dos Vigilantes, portanto, não é um fenômeno estático do passado, mas uma tradição viva que continua a inspirar, desafiar e transformar aqueles que buscam acessar o conhecimento proibido e o poder que os Vigilantes representam. Dos manuscritos duvidosos do século XVI aos grimórios contemporâneos da tradição luciferiana, os Vigilantes permanecem como figuras centrais no imaginário ocultista ocidental.

VIGILANTES · PARTE XII

XII

FONTES ACADÊMICAS E ESTUDOS RECENTES (2024-2026)

12.0 INTRODUÇÃO — O RENASCIMENTO DOS ESTUDOS ENOQUIANOS

O estudo acadêmico dos Vigilantes e do Livro de Enoque experimentou uma transformação notável nas últimas décadas, impulsionada por descobertas arqueológicas, avanços na crítica textual e novas abordagens interdisciplinares. A pesquisa contemporânea sobre a tradição dos Vigilantes não se limita mais à teologia ou à história das religiões; ela abrange filologia, arqueologia, estudos comparativos de religiões, análise literária, e até mesmo física e cosmologia.

O período de 2024 a 2026 tem sido particularmente fértil para os estudos enoquianos, com a publicação de monografias fundamentais, artigos inovadores e novas edições críticas dos manuscritos. Este capítulo oferece um panorama abrangente das pesquisas acadêmicas mais recentes sobre os Vigilantes, organizado por áreas temáticas e com referência detalhada às publicações mais significativas.

A pesquisa contemporânea sobre os Vigilantes pode ser dividida em várias áreas principais:

1. Crítica Textual e História da Transmissão — Estudos sobre a evolução dos manuscritos, as relações entre as diferentes tradições linguísticas (aramaico, grego, ge'ez, eslavo, latim, siríaco), e o processo de redação do Livro dos Vigilantes.
2. Estudos Comparativos e Contexto Histórico — Análise das conexões entre a tradição dos Vigilantes e as tradições mesopotâmicas, egípcias e cananeias, e sua inserção no contexto do Judaísmo do Segundo Templo.
3. Análise Literária e Teológica — Estudos sobre a estrutura narrativa, a teologia, a angelologia e a demonologia do Livro dos Vigilantes.
4. Recepção e Influência — Investigações sobre a influência da tradição dos Vigilantes no cristianismo primitivo, no judaísmo rabínico, no ocultismo e na cultura contemporânea.

5. Novas Descobertas e Métodos — Publicações de novos fragmentos manuscritos, aplicação de novas metodologias (como a análise computacional de textos), e abordagens interdisciplinares.

12.1 ESTUDOS DE CRÍTICA TEXTUAL E HISTÓRIA DA TRANSMISSÃO (2024-2026)

A crítica textual do Livro dos Vigilantes continua a ser uma área de pesquisa intensa, com novos estudos lançando luz sobre a complexa história da transmissão do texto através de múltiplas línguas e tradições manuscritas.

12.1.1 A MONOGRAFIA DE MCCARRON (2024/2025)

Alexander McCarron publicou, em 2024, a monografia Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9 (Brill, Supplements to the Journal for the Study of Judaism, volume 219). A obra demonstra que a teofania enoquiana (1 Enoque 1:1-9) — a passagem de abertura do Livro dos Vigilantes — não era uma composição fixa ou estática, mas um texto dinâmico que se desenvolveu em diálogo com as estruturas interpretativas das comunidades que o transmitiram e receberam.

McCarron argumenta que as versões grega, etíope e latina da teofania não devem ser vistas como janelas diretas para um "original" aramaico do Livro dos Vigilantes do período do Segundo Templo. Em vez disso, devem ser abordadas como parceiras de diálogo, ajudando a lançar luz sobre um discurso teofânico judaico antigo mais amplo e sua revitalização em contextos hermenêuticos cristãos posteriores.

McCarron não tenta reconstruir um único "urtexto" ou "texto inicial" da teofania enoquiana. Em vez disso, ele destaca os diversos contextos sociolinguísticos, sociorreligiosos e hermenêuticos que moldaram a transmissão, tradução e recepção do texto. A obra foi publicada em 2024 pela Brill e recebeu uma resenha no Journal of Jewish Studies em outubro de 2025.

12.1.2 O ESTUDO DE HIMMELFARB SOBRE AS JORNADAS GREGAS (2025)

Martha Himmelfarb publicou, em 2025, o artigo "The Greek Translation of Enoch's Journeys to the Ends of the Earth and the Redaction of the Book of the Watchers" no periódico Dead Sea Discoveries. O estudo argumenta por uma nova compreensão do processo de redação que produziu o Livro dos Vigilantes (1 En. 1-36).

A análise se baseia nas diferenças significativas entre o vocabulário grego para "ver" e "ir" nas duas jornadas aos confins da terra (1 En. 17-19 e 1 En. 20-36). Himmelfarb demonstra que estas duas jornadas foram traduzidas para o grego por tradutores diferentes, indicando que provavelmente circularam como obras independentes antes de serem incorporadas ao Livro dos Vigilantes. Esta descoberta tem implicações significativas para a compreensão da história da redação do Livro dos Vigilantes.

12.1.3 O ESTUDO DE JACOBUS SOBRE O CODEX PANOPOLITANUS (2026)

Helen R. Jacobus publicou, em 2026, o artigo "The influence of ancient Jewish scribal practices on Codex Panopolitanus (the Akhmim Fragment): Links between the Book of the Watchers in 1 Enoch, the Gospel of Peter and the Apocalypse of Peter" no periódico Journal for the Study of the Pseudepigrapha.

O estudo examina a estrutura do Codex Panopolitanus (também conhecido como o Fragmento de Akhmim), que contém a mais importante e substancial versão grega do Livro dos Vigilantes. O codex é altamente incomum: é a única versão em todo o corpus de 1 Enoque que está encadernada juntamente com textos pseudepígrafos cristãos (o Evangelho de Pedro e o Apocalipse de Pedro).

Jacobus demonstra que o Livro dos Vigilantes no codex foi copiado por dois escribas, com o segundo continuando a partir do primeiro. O primeiro escriba (e editor) também copiou um extrato separado consistindo de dois capítulos (conhecido como o "texto duplicado"), que foi encadernado no início do livreto de Enoque. O estudo propõe que os começos e finais nas seções de Enoque foram harmonizados com temas semelhantes no corpus petrino. A pesquisa é importante para compreender como grupos judaicos e cristãos desenvolveram e adaptaram a literatura apocalíptica.

12.1.4 O ESTUDO FILOLÓGICO DOS NOMES DOS VIGILANTES (2025)

Sebastián Hernández-Valencia e Juan publicaram, em 2025, o artigo "¿Qué hay en los nombres de los vigilantes henóquicos? Aproximación a su función" na revista Teología y Vida (v. 66, n. 2). O estudo revisita os trabalhos de Milik, Knibb, Schmidt e Langlois para apresentar uma síntese dos problemas filológicos relacionados à tradição manuscrita dos Vigilantes, especialmente as duas listas de Vigilantes encontradas em 1 Enoque 6:7 e 1 Enoque 69:2.

O artigo defende que as divindades astrológicas do panteão cananeu e sumério foram adaptadas para criticar possíveis conflitos sociais e políticos do Judaísmo do Segundo Templo através da linguagem e das imagens mitológicas. Esta abordagem oferece uma nova perspectiva sobre a função dos nomes dos Vigilantes dentro dos sistemas narrativos míticos dos quais emergem.

12.2 ESTUDOS COMPARATIVOS E CONTEXTO HISTÓRICO (2024-2026)

A pesquisa comparativa entre a tradição dos Vigilantes e as tradições mesopotâmicas antigas tem sido uma das áreas mais frutíferas dos estudos enoquianos recentes.

12.2.1 A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES COMO CONTRA-NARRATIVA MESOPOTÂMICA (2024)

Em agosto de 2024, um estudo fundamental foi publicado na revista Religions (MDPI) sob o título "The Story of the Watchers as a Counter Narrative: Enochic Responses to the Authority of Mesopotamian Sages". O artigo demonstra que os textos existentes do judaísmo enoquiano apresentam relatos sobre a história primitiva da humanidade que utilizam motivos familiares da historiografia mesopotâmica antiga.

A pesquisa argumenta que as diferentes versões da história judaica dos Vigilantes se originam como contra-narrativas sobre os sábios antediluvianos, ou apkallus, conhecidos da literatura cuneiforme. O mito de Adapa em acádio oferece uma versão da narrativa em que o sábio foi promovido no céu a um status divino, conceito corroborado por uma entrada no compêndio cuneiforme Tintir e na Crônica de Esagila.

Na forma de uma contra-narrativa, os textos enoquianos do judaísmo atribuíram a assunção celestial a Enoque e apresentaram os Vigilantes como as entidades demoníacas subordinadas a ele. A queda dos Vigilantes, a promoção de Enoque e a batalha primordial contra as forças do mal são retratadas no Apocalipse dos Animais de 1 Enoque 85-90. Um cenário muito semelhante é encontrado na Crônica de Esagila, que descreve a história primitiva da humanidade a partir da perspectiva babilônica.

12.2.2 A CONEXÃO COM A TRADIÇÃO DOS SÁBIOS MESOPOTÂMICOS (2026)

Em janeiro de 2026, foi publicado no Zenodo o estudo "The Watchers, the Sages, and the Firewall: A Comparative Structural-Physics Reading of Enochic Watchers as Mesopotamian Counter-Narrative". Este artigo apresenta uma análise comparativa da tradição bíblica dos Vigilantes — mais proeminentemente atestada em Daniel 4 e 1 Enoque (Livro dos Vigilantes) — em relação às tradições de sábios primordiais mesopotâmicos.

A pesquisa aplica uma abordagem interdisciplinar que combina análise estrutural e conceitos da física para iluminar as conexões entre as duas tradições, oferecendo uma nova perspectiva sobre a função cosmológica dos Vigilantes.

12.2.3 A RECEPÇÃO DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES EM CONTEXTOS CRISTÃOS

O estudo de Jacobus (2026) também contribui para a compreensão da recepção da tradição dos Vigilantes em contextos cristãos. Ao examinar o Codex Panopolitanus como uma coleção que inclui tanto textos enoquianos quanto petrinos, Jacobus demonstra como grupos cristãos na Antiguidade Tardia adaptaram e harmonizaram a tradição dos Vigilantes com suas próprias preocupações teológicas.

12.3 ESTUDOS DE ANÁLISE LITERÁRIA E TEOLÓGICA (2024-2026)

A análise literária e teológica do Livro dos Vigilantes continua a ser uma área vibrante de pesquisa, com novos estudos explorando a estrutura, a teologia e a função social do texto.

12.3.1 DEUS E CORTE NO LIVRO DOS VIGILANTES (2026)

Em 2026, foi publicada a obra God's Court and Courtiers in the Book of the Watchers: Re-Interpreting Heaven in 1 Enoch 1–36. A pesquisa argumenta que a bolsa de estudos existente, que pressupõe o "judaísmo" como o quadro apropriado, vê o céu enoquiano como um reflexo do templo em Jerusalém, com a casa de Deus replicando sua arquitetura e os anjos e Enoque funcionando como sacerdotes.

A obra propõe uma reinterpretação do céu no Livro dos Vigilantes, oferecendo uma nova compreensão da função de Enoque e dos anjos na corte celestial. Esta abordagem tem implicações significativas para a compreensão da teologia do Livro dos Vigilantes e sua relação com as tradições sacerdotais do Judaísmo do Segundo Templo.

12.3.2 ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM DOS MISTÉRIOS NA LITERATURA ENOQUIANA

Um estudo publicado em 2024 examina o emprego das figuras retóricas de metáfora e alegoria na literatura enoquiana antiga. O corpus, graças à sua rica variedade de imagens e narrativas simbólicas, oferece um campo fértil para a análise da linguagem dos mistérios, especialmente no Livro dos Vigilantes e no Apocalipse dos Animais.

12.3.3 ESTUDOS SOBRE A DEMONOLOGIA ENOQUIANA

Pesquisas recentes continuam a explorar a demonologia única do Livro dos Vigilantes, onde os demônios são apresentados como os espíritos dos gigantes mortos, e não como anjos caídos. Estudos textuais-críticos de passagens como 1 Enoque 19:2 continuam a lançar luz sobre a evolução desta tradição demonológica.

12.4 ESTUDOS SOBRE A RECEPÇÃO E INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

A influência da tradição dos Vigilantes em diferentes contextos culturais e religiosos continua a ser uma área de pesquisa ativa.

12.4.1 A INFLUÊNCIA NA RECEPÇÃO VALENTINIANA

Um estudo publicado em 2024 examina a recepção valentiniana da tradição literária enoquiana. A pesquisa traça a tradição textual que germina do relato do perverso apaixonamento dos anjos pelas filhas dos homens, narrativamente germinado no Livro dos Vigilantes. O estudo argumenta que a leitura cristológica e alegórica do mito dos Vigilantes marcará o caráter eminentemente cristão do gnosticismo como um todo.

12.4.2 A INFLUÊNCIA NA MAGIA E NO OCULTISMO

A pesquisa sobre a influência da tradição dos Vigilantes na magia e no ocultismo ocidentais continua a se expandir. Harold Roth publicou, em 2024, The Forbidden Knowledge of the Book of Enoch: The Watchers, Nephilim, Fallen Angels, and the End of the World, que examina as conexões entre a tradição dos Vigilantes e a magia prática, desde a magia renascentista de John Dee até as teorias da conspiração contemporâneas.

12.4.3 A INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MORAL

Um estudo publicado em 2025 busca compreender a influência da narrativa apocalíptica do Livro dos Vigilantes na construção da identidade moral e do superego na comunidade judaica enoquiana através da hermenêutica analógica. Esta abordagem psicológica e sociológica oferece uma nova perspectiva sobre a função social da tradição dos Vigilantes.

12.5 NOVAS DESCOBERTAS E MÉTODOS (2024-2026)

A pesquisa sobre os Vigilantes continua a ser enriquecida por novas descobertas manuscritas e pela aplicação de novas metodologias.

12.5.1 O CODEX PANOPOLITANUS E AS PRÁTICAS ESCRIBAIS

O estudo de Jacobus (2026) representa um avanço significativo na compreensão do Codex Panopolitanus e das práticas escribais da Antiguidade Tardia. Ao comparar as tradições escribais encontradas no Papiro Nash e no corpus de Qumran, Jacobus oferece novas perspectivas sobre como grupos judaicos e cristãos desenvolveram e adaptaram a literatura apocalíptica.

12.5.2 ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES

A pesquisa de 2026 sobre os Vigilantes como contra-narrativa mesopotâmica aplica uma abordagem interdisciplinar que combina análise estrutural e conceitos da física. Esta abordagem inovadora oferece novas perspectivas sobre a função cosmológica dos Vigilantes e sua relação com as tradições de sábios primordiais mesopotâmicos.

12.5.3 O ESTUDO DOS NOMES DOS VIGILANTES

O estudo filológico dos nomes dos vinte Vigilantes continua a se desenvolver, com novas pesquisas explorando sua função e significado dentro dos sistemas narrativos míticos dos quais emergem. A pesquisa de Hernández-Valencia (2025) oferece uma síntese dos problemas filológicos relacionados à tradição manuscrita.

12.6 ESTUDOS EM LÍNGUAS PORTUGUESA E ESPANHOLA (2024-2026)

A pesquisa sobre os Vigilantes em língua portuguesa e espanhola tem crescido significativamente, com novos estudos publicados em periódicos acadêmicos da América Latina e da Península Ibérica.

12.6.1 ESTUDOS EM PORTUGUÊS

Uma dissertação publicada na Academia.edu propõe analisar o problema do mal a partir do Livro dos Vigilantes, obra apocalíptica etíope atribuída ao patriarca bíblico Enoque. Esta abordagem oferece uma perspectiva teológica sobre a função da tradição dos Vigilantes na compreensão do mal.

A revista Estudos Bíblicos (São Paulo, v. 41, n. 152, 2026) publicou sua lista de avaliadores ad hoc para 2025, indicando o contínuo interesse acadêmico pela pesquisa bíblica e pseudepígrafa no Brasil.

12.6.2 ESTUDOS EM ESPANHOL

O artigo de Hernández-Valencia (2025), publicado na revista chilena Teología y Vida, representa uma contribuição significativa para o estudo filológico dos nomes dos Vigilantes em língua espanhola. O estudo revisita os trabalhos de Milik, Knibb, Schmidt e Langlois, oferecendo uma síntese dos problemas filológicos relacionados à tradição manuscrita dos Vigilantes.

Outro estudo publicado em 2025 busca compreender a influência da narrativa apocalíptica do Livro dos Vigilantes na construção da identidade moral e do superego na comunidade judaica enoquiana através da hermenêutica analógica.

12.7 ESTUDOS EM FRANCÊS, ALEMÃO E ITALIANO (2024-2026)

A pesquisa sobre os Vigilantes em outras línguas europeias continua a ser uma área ativa de investigação.

12.7.1 ESTUDOS EM FRANCÊS

O Livre des Veilleurs (Livro dos Vigilantes) continua a ser objeto de estudo na França, com novas edições e análises sendo publicadas. O texto é reconhecido como uma das seções mais importantes da literatura apocalíptica judaica antiga.

12.7.2 ESTUDOS EM ALEMÃO

O Buch der Wächter (Livro dos Vigilantes) é estudado no contexto da literatura pseudepígrafa do Antigo Testamento. A pesquisa alemã continua a explorar a teologia, a cosmologia e a escatologia do texto.

12.7.3 ESTUDOS EM ITALIANO

O Libro dei Vigilanti continua a ser objeto de estudo na Itália, com novas pesquisas explorando a recepção valentiniana da tradição literária enoquiana. O estudo examina a tradição textual que germina do relato do perverso apaixonamento dos anjos pelas filhas dos homens.

Um estudo publicado em 2025 examina o emprego das figuras retóricas de metáfora e alegoria na literatura enoquiana antiga. O corpus, graças à sua rica variedade de imagens e narrativas simbólicas, oferece um campo fértil para a análise da linguagem dos mistérios.

12.8 ESTUDOS EM LÍNGUAS ORIENTAIS (2024-2026)

A pesquisa sobre os Vigilantes em línguas orientais, particularmente em hebraico e árabe, continua a ser uma área importante de investigação.

12.8.1 ESTUDOS EM HEBRAICO

A pesquisa sobre os manuscritos de Qumran e a tradição textual do Livro dos Vigilantes em hebraico continua a se desenvolver. A edição crítica mais recente dos manuscritos aramaicos de Enoque foi publicada por Henryk Drawnel em 2019 (Qumran Cave 4: The Aramaic Books of Enoch), estabelecendo a base para novas pesquisas filológicas.

12.8.2 ESTUDOS EM ÁRABE

A tradição dos Vigilantes no Islã continua a ser objeto de estudo, com pesquisas explorando as conexões entre a figura de Harut e Marut no Alcorão e a tradição dos anjos caídos no Livro dos Vigilantes.

12.9 RECURSOS E BIBLIOTECAS DIGITAIS PARA PESQUISA

A pesquisa sobre os Vigilantes tem sido significativamente facilitada pelo desenvolvimento de recursos digitais e bibliotecas online.

12.9.1 A 4ENOCH.ORG — THE ENOCH SEMINAR ONLINE

O site 4enoch.org mantém uma categoria dedicada aos Estudos Enoquianos (2020s), com referências a pesquisadores e publicações recentes. O site serve como um recurso central para a comunidade acadêmica interessada na tradição enoquiana.

12.9.2 BANCOS DE DADOS ACADÊMICOS

Bancos de dados como o IxTheo (Index Theologicus) oferecem acesso a registros bibliográficos detalhados de publicações sobre o Livro dos Vigilantes. O Semantic Scholar e o MDPI fornecem acesso a artigos acadêmicos recentes sobre a tradição dos Vigilantes.

12.10 TABELA CRONOLÓGICA DOS ESTUDOS RECENTES (2024-2026)

ANO	PUBLICAÇÃO
2024	McCarron, Textual Evolution and Growth of the Enochic
	Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9 (Brill)
2024	"The Story of the Watchers as a Counter Narrative"
	(Religions, MDPI)
2024	Estudo sobre a linguagem dos mistérios na literatura
	enoquiana
2024	Estudo sobre a recepção valentiniana da tradição
	enoquiana
2024	Roth, The Forbidden Knowledge of the Book of Enoch
	(Weiser Enochian Library)
2025	Himmelfarb, "The Greek Translation of Enoch's Journeys"
	(Dead Sea Discoveries)
2025	Hernández-Valencia, "¿Qué hay en los nombres de los
	vigilantes henóquicos?" (Teología y Vida)

ANO	PUBLICAÇÃO
2025	Estudo sobre a influência do Livro dos Vigilantes na
	construção da identidade moral
2025	Nova edição acadêmica do Livro dos Vigilantes
	(Booktopia)
2026	Jacobus, "The influence of ancient Jewish scribal
	practices on Codex Panopolitanus"
2026	"The Watchers, the Sages, and the Firewall" (Zenodo)
2026	God's Court and Courtiers in the Book of the Watchers

12.11 PRINCIPAIS PESQUISADORES E INSTITUIÇÕES (2024-2026)

A pesquisa sobre os Vigilantes é conduzida por uma comunidade acadêmica global, com pesquisadores em instituições na Europa, América do Norte, América Latina e Ásia.

12.11.1 PESQUISADORES DESTAQUE

- Alexander McCarron — Universidade de Tübingen, Alemanha. Especialista em crítica textual e história da transmissão do Livro dos Vigilantes.
- Martha Himmelfarb — Especialista em literatura apocalíptica judaica antiga, com foco no Livro dos Vigilantes.
- Helen R. Jacobus — Especialista em manuscritos antigos e práticas escribais, com foco no Codex Panopolitanus.
- Andrei A. Orlov — Universidade de Marquette, EUA. Especialista em 2 Enoque e na tradição de Satanail.
- Harold Roth — Especialista na influência da tradição dos Vigilantes na magia e no ocultismo.

- Sebastián Hernández-Valencia — Pesquisador chileno, especialista em filologia dos nomes dos Vigilantes.

12.11.2 INSTITUIÇÕES DESTAQUE

- Universidade de Tübingen (Alemanha) — Centro de pesquisa em literatura pseudepígrafa e estudos enoquianos.
- Universidade de Tartu (Estônia) — Pesquisa sobre a tradição dos Vigilantes como contra-narrativa mesopotâmica.
- Universidade de Exeter (Reino Unido) — Pesquisa em literatura pseudepígrafa e estudos enoquianos.
- Universidade de Marquette (EUA) — Pesquisa em 2 Enoque e tradições de anjos caídos.

12.12 CONCLUSÃO — O FUTURO DOS ESTUDOS ENOQUIANOS

O período de 2024 a 2026 tem sido extraordinariamente produtivo para os estudos sobre os Vigilantes, com avanços significativos em múltiplas frentes de pesquisa. A publicação da monografia de McCarron sobre a evolução textual da teofania enoquiana, o estudo de Himmelfarb sobre a redação das jornadas gregas, a pesquisa de Jacobus sobre o Codex Panopolitanus, e o estudo sobre a tradição dos Vigilantes como contra-narrativa mesopotâmica representam contribuições fundamentais para a compreensão do Livro dos Vigilantes.

Várias tendências emergem da pesquisa contemporânea sobre os Vigilantes:

1. Ênfase na história textual: A pesquisa recente tem demonstrado que o Livro dos Vigilantes não é um texto fixo, mas uma tradição em constante evolução, com diferentes versões refletindo diferentes contextos sociolinguísticos e sociorreligiosos.

2. Abordagem interdisciplinar: A pesquisa sobre os Vigilantes está se tornando cada vez mais interdisciplinar, combinando filologia, arqueologia, estudos comparativos, análise literária e até mesmo física.
3. Contexto mesopotâmico: A compreensão da tradição dos Vigilantes como uma contra-narrativa às tradições mesopotâmicas dos apkallus continua a se aprofundar.
4. Recepção e influência: A pesquisa sobre a recepção da tradição dos Vigilantes em diferentes contextos — cristianismo primitivo, judaísmo rabínico, gnosticismo, ocultismo — continua a se expandir.
5. Novas metodologias: A aplicação de novas metodologias, incluindo análise computacional de textos e abordagens interdisciplinares, está abrindo novas fronteiras para a pesquisa.

O futuro dos estudos enoquianos promete ser igualmente fértil, com novas descobertas manuscritas, abordagens inovadoras e colaborações interdisciplinares continuando a lançar luz sobre esta tradição fascinante. A pesquisa sobre os Vigilantes, que começou com a descoberta dos manuscritos etíopes no século XVIII e foi revolucionada pelas descobertas de Qumran no século XX, continua a evoluir no século XXI, oferecendo novas perspectivas sobre a história do judaísmo, do cristianismo e das tradições espirituais ocidentais.

VIGILANTES · PARTE XIII

XIII

FONTES, BIBLIOGRAFIA E RECURSOS PARA PESQUISA

13.0 INTRODUÇÃO — UM GUIA PARA O ESTUDO DOS VIGILANTES

Ao longo das doze partes anteriores deste compêndio, percorremos um caminho exaustivo através da tradição dos Vigilantes: desde sua estrutura hierárquica e fontes primárias, passando pela narrativa da queda, a catalogação dos 20 líderes, os segredos proibidos, o julgamento divino, o papel de Enoque como intercessor, as perspectivas ocultas e os grimórios associados, até os mais recentes estudos acadêmicos. Esta décima terceira e última parte tem um propósito distinto: servir como um guia completo de referência para todos aqueles que desejam aprofundar seus estudos sobre os Vigilantes.

A tradição dos Vigilantes é um campo de pesquisa extraordinariamente rico e multidisciplinar. Ela abrange a crítica textual, a filologia semítica, a história das religiões, a arqueologia, os estudos do Segundo Templo, a patrística, a história do ocultismo e a cultura popular contemporânea. Navegar por este vasto oceano de fontes e interpretações pode ser desafiador, especialmente para aqueles que se iniciam no tema.

Esta seção, portanto, oferece um mapa bibliográfico cuidadosamente organizado, cobrindo fontes primárias, edições críticas e traduções, comentários e estudos acadêmicos, estudos recentes (2024-2026), recursos online e bibliotecas digitais, livros recomendados para diferentes níveis de interesse, e um índice remissivo para localizar rapidamente informações específicas ao longo do compêndio.

13.1 FONTES PRIMÁRIAS — OS TEXTOS FUNDAMENTAIS

A tradição dos Vigilantes está preservada em um conjunto de textos que abrangem diferentes línguas, épocas e tradições religiosas.

13.1.1 1 Enoque (Livro dos Vigilantes) — Capítulos 1-36

O Livro dos Vigilantes é a fonte primária por excelência da tradição dos Vigilantes. Ele sobrevive em três tradições textuais principais:

- Tradição Ge'ez (Etíope): O texto completo de 1 Enoque sobreviveu integralmente apenas em ge'ez, o antigo idioma litúrgico da Igreja Ortodoxa Etíope. Existem cerca de 150 cópias manuscritas em ge'ez da obra, datadas do século XV ao XX.
- Tradição Aramaica (Qumran): Fragmentos aramaicos de 1 Enoque foram descobertos em Qumran, representando onze manuscritos diferentes (4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206, 4Q207, 4Q212). Estes fragmentos são geralmente datados entre os séculos I e III a.C.
- Tradição Grega: O texto grego de 1 Enoque sobrevive em várias testemunhas, incluindo o Papiro de Gizeh (Codex Panopolitanus), os Excerpta de George Syncellus, e o Papiro Chester Beatty XII.

13.1.2 2 Enoque (Enoque Eslavo ou Segredos de Enoque)

O 2 Enoque foi preservado integralmente apenas em eslavo eclesiástico, embora fragmentos coptas tenham sido identificados em 2009. A obra é geralmente datada do século I d.C. e apresenta uma versão distinta da tradição dos Vigilantes, com Satanail como líder dos Grigori.

13.1.3 3 ENOQUE (ENOQUE HEBRAICO OU APOCALIPSE HEBRAICO DE ENOQUE)

O 3 Enoque é um texto da tradição mística Merkavah, originalmente escrito em hebraico e datado do século V ao VII d.C. Nesta obra, Enoque é transformado no anjo Metatron.

13.1.4 LIVRO DOS JUBILEUS

O Livro dos Jubileus (século II a.C.) apresenta uma versão paralela da narrativa dos Vigilantes, com a figura de Mastema como líder dos espíritos malignos.

13.1.5 LIVRO DOS GIGANTES

Fragmentos aramaicos do Livro dos Gigantes foram encontrados em Qumran (1Q19, 1Q20, 2Q26, 4Q203, 4Q530-533, 6Q8). Esta obra expande a narrativa dos Vigilantes, focando na prole híbrida.

13.1.6 GÊNESIS 6:1-4 (BASE BÍBLICA)

O episódio bíblico dos "filhos de Deus" que tomaram as "filhas dos homens" é a base textual da narrativa dos Vigilantes.

13.2 EDIÇÕES CRÍTICAS E TRADUÇÕES

Para o estudo acadêmico da tradição dos Vigilantes, é essencial recorrer a edições críticas confiáveis que levem em consideração todas as tradições textuais disponíveis.

13.2.1 1 ENOQUE — EDIÇÕES CRÍTICAS

- Nickelsburg, George W.E., and James C. VanderKam. 1 Enoch: A New Translation, based on the Hermeneia Commentary. Minneapolis: Fortress Press, 2004. Esta é a tradução inglesa mais confiável de 1 Enoque, baseada no comentário crítico

Hermeneia e levando em consideração todas as evidências textuais disponíveis (ge'ez, grego e aramaico de Qumran).

- Nickelsburg, George W.E. 1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1-36; 81-108. Hermeneia—A Critical and Historical Commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress Press, 2001. O volume completo do comentário sobre o Livro dos Vigilantes, com análise textual e teológica aprofundada.
- Nickelsburg, George W.E., and James C. VanderKam. 1 Enoch: The Hermeneia Translation. Revised Edition. Minneapolis: Fortress Press, 2012. A versão revisada da tradução, publicada em conjunto com a conclusão da série Hermeneia.
- Charles, Robert Henry. The Book of Enoch: Translated from Professor Dillmann's Ethiopic Text. Oxford: Clarendon Press, 1893. A tradução clássica que estabeleceu a base para os estudos enoquianos modernos.
- Knibb, Michael A. The Ethiopic Book of Enoch: A New Edition in the Light of the Aramaic Dead Sea Fragments. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1978. Uma edição crítica importante que incorpora os fragmentos de Qumran.

13.2.2 2 ENOQUE — EDIÇÕES CRÍTICAS

- Orlov, Andrei A., and Gabriele Boccaccini, eds. New Perspectives on 2 Enoch: No Longer Slavonic Only. Studia Judaeoslavica 4. Leiden: Brill, 2012. Esta coletânea revolucionou o estudo de 2 Enoque, incorporando os fragmentos coptas recentemente descobertos.
- Charles, Robert Henry, and W.R. Morfill. The Book of the Secrets of Enoch. Oxford: Clarendon Press, 1896. A tradução clássica de 2 Enoque a partir do eslavo.

13.2.3 3 ENOQUE — EDIÇÕES CRÍTICAS

- Odeberg, Hugo. 3 Enoch or The Hebrew Book of Enoch. Cambridge: Cambridge University Press, 1928. A edição crítica padrão de 3 Enoque.
- Alexander, P. "3 Enoch." In The Old Testament Pseudepigrapha, edited by James H. Charlesworth, vol. 1, 223-315. Garden City, NY: Doubleday, 1983. A tradução mais acessível de 3 Enoque.

13.2.4 FRAGMENTOS DE QUMRAN

- Milik, Józef Tadeusz. The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford: Clarendon Press, 1976. A edição fundamental dos fragmentos aramaicos de Enoque.
- Drawnel, Henryk. Qumran Cave 4: The Aramaic Books of Enoch, 4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206, 4Q207, 4Q212. Discoveries in the Judaean Desert. Oxford: Oxford University Press, 2019. A edição crítica mais recente dos manuscritos aramaicos.

13.3 COMENTÁRIOS E ESTUDOS ACADÊMICOS

A literatura acadêmica sobre os Vigilantes é vasta. Abaixo estão listadas as obras mais importantes para a compreensão da tradição.

13.3.1 COMENTÁRIOS SOBRE 1 ENOQUE

- Nickelsburg, George W.E. 1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1-36; 81-108. Hermeneia. Minneapolis: Fortress Press, 2001. O comentário mais completo e autoritativo sobre o Livro dos Vigilantes.
- VanderKam, James C. Enoch: A Man for All Generations. Columbia: University of South Carolina Press, 1995. Uma introdução acessível à figura de Enoque e à tradição enoquiana.
- Black, Matthew. The Book of Enoch or I Enoch: A New English Edition with Commentary and Textual Notes. Studia in Veteris Testamenti Pseudepigrapha 7. Leiden: Brill, 1985. Um comentário importante com ênfase na crítica textual.

13.3.2 ESTUDOS SOBRE A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

- Reed, Annette Yoshiko. Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. Um estudo fundamental sobre a recepção da tradição dos Vigilantes no judaísmo e cristianismo.

- Orlov, Andrei A. Divine Mysteries in the Enochic Tradition. Berlin: De Gruyter, 2023. Explora os mistérios divinos na tradição enoquiana, incluindo a tradição dos Vigilantes.
- Boccaccini, Gabriele, ed. Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection. Grand Rapids: Eerdmans, 2005. Examina as conexões entre a tradição enoquiana e a comunidade de Qumran.
- Fröhlich, Ida. The Figures of the Watchers in the Enochic Tradition (1-3 Enoch). Henoch 33 (2011). Um estudo detalhado das figuras dos Vigilantes nas três tradições enoquianas.
- Stuckenbruck, Loren T. 1 Enoch: A New Translation. Minneapolis: Fortress Press, forthcoming. Uma nova tradução com comentário.

13.3.3 ESTUDOS SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO

- Bhayro, Siam. The Shemihazah and Asael Narrative of 1 Enoch 6-11: Introduction, Text, Translation and Commentary with Reference to Ancient Near Eastern and Biblical Antecedents. Münster: Ugarit-Verlag, 2005. Um estudo aprofundado da narrativa central dos Vigilantes.
- Kvanvig, Helge S. Primeval History: Babylonian, Biblical, and Enochic: An Intertextual Reading. Leiden: Brill, 2011. Examina as conexões entre a história primitiva babilônica, bíblica e enoquiana.
- Himmelfarb, Martha. The Apocalypse: A Brief History. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. Contextualiza o Livro dos Vigilantes na tradição apocalíptica.

13.3.4 ESTUDOS SOBRE DEMONOLOGIA E ANGELOLOGIA

- Orlov, Andrei A. Dark Mirrors: Azazel and Satanael in Early Jewish Demonology. Albany: SUNY Press, 2011. Um estudo comparativo das duas figuras demonológicas mais infames do período do Segundo Templo.
- Stuckenbruck, Loren T. The Myth of the Rebellious Angels: Studies in Second Temple Judaism and New Testament Texts. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. Examina o mito dos anjos rebeldes em contextos judaicos e cristãos primitivos.

13.3.5 ESTUDOS SOBRE A RECEPÇÃO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

- Lee, Timothy A. "The Citation from the Book of the Watchers (1 Enoch 1.9) in Jude 14–15." Journal for the Study of the Pseudepigrapha 34, no. 3 (2025). Argumenta que a citação em Judas é de uma edição grega previamente não identificada de Enoque.

13.4 ESTUDOS RECENTES (2024-2026)

O período de 2024 a 2026 tem sido extraordinariamente produtivo para os estudos sobre os Vigilantes.

13.4.1 MONOGRAFIAS (2024-2026)

- McCarron, Alexander. Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9. Supplements to the Journal for the Study of Judaism 219. Leiden: Brill, 2024. Demonstra que a teofania enoquiana não era uma composição fixa, mas um texto dinâmico que evoluiu em diferentes contextos sociolinguísticos e sociorreligiosos.
- Orlov, Andrei A. Cursed Creation in the Book of Job and the Book of the Watchers. Leiden: Brill, 2026. Um estudo comparativo inovador que demonstra semelhanças impressionantes entre o Livro de Jó e o Livro dos Vigilantes em suas representações da corrupção e restauração da criação de Deus.
- The Fallen Angels Traditions: Second Temple Developments and Reception History (2026). Uma coletânea que apresenta novas pesquisas em angelologia, com atenção especial aos Vigilantes.
- God's Court and Courtiers in the Book of the Watchers: Re-Interpreting Heaven in 1 Enoch 1–36 (2026). Uma reinterpretação do céu no Livro dos Vigilantes, oferecendo uma nova compreensão da função de Enoque e dos anjos.

13.4.2 ARTIGOS (2024-2026)

- Himmelfarb, Martha. "The Greek Translation of Enoch's Journeys to the Ends of the Earth and the Redaction of the Book of the Watchers." Dead Sea Discoveries (2025). Argumenta por uma nova compreensão do processo de redação do Livro dos Vigilantes, baseada em diferenças significativas no vocabulário grego das duas jornadas (1 En. 17-19 e 20-36).
- Jacobus, Helen R. "The influence of ancient Jewish scribal practices on Codex Panopolitanus (the Akhmim Fragment): Links between the Book of the Watchers in 1 Enoch, the Gospel of Peter and the Apocalypse of Peter." Journal for the Study of the Pseudepigrapha (2026). Examina a estrutura do Codex Panopolitanus e sua relação com o corpus petrino.
- "The Watchers, the Sages, and the Firewall: A Comparative Structural-Physics Reading of Enochic Watchers as Mesopotamian Counter-Narrative." Zenodo (January 2026). Apresenta uma análise comparativa da tradição dos Vigilantes em relação às tradições de sábios primordiais mesopotâmicos.
- "The Story of the Watchers as a Counter Narrative: Enochic Responses to the Authority of Mesopotamian Sages." Religions (MDPI) (August 2024). Demonstra que a história dos Vigilantes se origina como uma contra-narrativa aos sábios antediluvianos mesopotâmicos (apkallus).
- Hernández-Valencia, Sebastián. "¿Qué hay en los nombres de los vigilantes henóquicos? Aproximación a su función." Teología y Vida 66, no. 2 (2025). Uma síntese dos problemas filológicos relacionados à tradição manuscrita dos Vigilantes.
- "The Structure of the Book of the Watchers (1 Enoch 1-36)." Laurentianum 65 (2024). Uma análise da estrutura literária do Livro dos Vigilantes.
- "On the Sins of the Watchers in 1 Enoch 12-16" (2024). Um estudo em hebraico sobre os pecados dos Vigilantes.
- "Influence of the Enochic tradition on Qumran: reception and adaptation of the Watchers and Giants as a case study" (2024). Analisa a influência da tradição enoquiana em Qumran.

13.4.3 NOVAS EDIÇÕES

- Clifton, Toshi, ed. The Book of Enoch: The Book of the Watchers. The Book of Enoch Series, vol. 1. 2025. Uma edição acadêmica autoritativa do Livro dos Vigilantes, incorporando os mais recentes insights dos Manuscritos do Mar Morto.

13.5 RECURSOS ONLINE E BIBLIOTECAS DIGITAIS

A pesquisa sobre os Vigilantes é significativamente facilitada por recursos digitais e bibliotecas online.

13.5.1 SITES ACADÊMICOS ESPECIALIZADOS

- 4enoch.org — O Enoch Seminar Online. Mantém uma categoria dedicada aos Estudos Enoquianos, com referências a pesquisadores e publicações recentes.
- Orion Center for the Study of the Dead Sea Scrolls — Oferece uma bibliografia especializada sobre os fragmentos de Qumran, incluindo o Livro dos Vigilantes.

13.5.2 BANCOS DE DADOS ACADÊMICOS

- Semantic Scholar — Oferece acesso a artigos acadêmicos recentes sobre a tradição dos Vigilantes.
- IxTheo (Index Theologicus) — Oferece registros bibliográficos detalhados de publicações sobre o Livro dos Vigilantes.
- MDPI (Religions) — Publica artigos acadêmicos sobre a tradição dos Vigilantes.
- Zenodo — Repositório de pesquisas científicas com publicações sobre a tradição dos Vigilantes, incluindo estudos interdisciplinares.

13.5.3 MANUSCRITOS DIGITALIZADOS

- Codex Panopolitanus (Akhmim Fragment) — A versão grega mais importante do Livro dos Vigilantes, disponível em fac-símile digital.

- Fragments of Qumran — Os fragmentos aramaicos de 1 Enoque estão disponíveis em imagens digitais através do Leon Levy Dead Sea Scrolls Digital Library.

13.5.4 RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS

- 4enoch.org — Category:Enochic Studies--2020s — Lista de publicações recentes sobre estudos enoquianos.
- Orion Bibliography — Biblioteca especializada em Manuscritos do Mar Morto com seção dedicada a 1 Enoque.

13.6 LIVROS RECOMENDADOS — UMA SELEÇÃO CURADA

Para diferentes níveis de interesse e aprofundamento, aqui está uma seleção cuidadosamente curada de livros sobre os Vigilantes e a tradição enoquiana.

13.6.1 PARA INICIANTES (INTRODUÇÕES ACESSÍVEIS)

- VanderKam, James C. Enoch: A Man for All Generations. Columbia: University of South Carolina Press, 1995. Uma introdução acessível e abrangente à figura de Enoque e à tradição enoquiana.
- Lumpkin, Joseph B. The Books of Enoch: The Angels, the Watchers and the Nephilim. 2011. Inclui os três livros de Enoque com comentário extensivo.
- Alberino, Timothy. The Book of Enoch: With Commentary & Concept Art on the Book of the Watchers. 2023. Uma edição completa com comentário e arte conceitual.

13.6.2 PARA ESTUDANTES AVANÇADOS (EDIÇÕES E COMENTÁRIOS)

- Nickelsburg, George W.E., and James C. VanderKam. 1 Enoch: The Hermeneia Translation. Revised Edition. Minneapolis: Fortress Press, 2012. A tradução mais confiável de 1 Enoque.

- Nickelsburg, George W.E. 1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1-36; 81-108. Hermeneia. Minneapolis: Fortress Press, 2001. O comentário mais completo sobre o Livro dos Vigilantes.
- Charles, Robert Henry. The Book of Enoch: Translated from Professor Dillmann's Ethiopic Text. Oxford: Clarendon Press, 1893. A tradução clássica, ainda útil para referência.

13.6.3 PARA PESQUISADORES (ESTUDOS ESPECIALIZADOS)

- Reed, Annette Yoshiko. Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. O estudo fundamental sobre a recepção da tradição dos Vigilantes.
- Orlov, Andrei A. Divine Mysteries in the Enochic Tradition. Berlin: De Gruyter, 2023. Explora os mistérios divinos na tradição enoquiana.
- Orlov, Andrei A. Dark Mirrors: Azazel and Satanael in Early Jewish Demonology. Albany: SUNY Press, 2011. Um estudo comparativo de Azazel e Satanael.
- Boccaccini, Gabriele, ed. Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection. Grand Rapids: Eerdmans, 2005. Examina as conexões entre Enoque e Qumran.

13.6.4 PARA OCULTISTAS E PRATICANTES (GRIMÓRIOS E SISTEMAS MÁGICOS)

- Ford, Michael W. Fallen Angels: Watchers and the Witches Sabbat. 2017. Explora o simbolismo e significado do Caminho da Mão Esquerda para o luciferiano prático.
- Koetting, E.A. The Book of Azazel: Grimoire of the Damned. 2012/2021. Documenta um pacto de sangue de 90 dias com Azazel.
- Di Murbox, Tesla (Frater Sauthenerom). Magia de Azazel. Um manual prático focado no despertar da Chama Negra e na gnose de Azazel.
- Roth, Harold. The Forbidden Knowledge of the Book of Enoch: The Watchers, Nephilim, Fallen Angels, and the End of the World. Weiser Enochian Library, 2024. Examina as conexões entre a tradição dos Vigilantes e a magia prática.

13.6.5 PARA ESTUDOS RECENTES (2024-2026)

- McCarron, Alexander. Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9. Supplements to the Journal for the Study of Judaism 219. Leiden: Brill, 2024.
- Orlov, Andrei A. Cursed Creation in the Book of Job and the Book of the Watchers. Leiden: Brill, 2026.
- Clifton, Toshi, ed. The Book of Enoch: The Book of the Watchers. 2025.
- The Fallen Angels Traditions: Second Temple Developments and Reception History. 2026.

13.7 ÍNDICE REMISSIVO DE REFERÊNCIAS

Este índice serve como um guia para localizar rapidamente informações específicas ao longo das treze partes deste compêndio.

A: Anjos (ver Vigilantes); Apkallus (tradição mesopotâmica): IV.10; Araqiel (Arakiel): V.5.3.2; VI.10; Arcanjos (Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel): I.9; IV.6; VII.7.1-7.4; Armaros: V.5.3.11; VI.3; Artefoph (Arteqoph): VI.15; Asael (ver Azazel); Asbeel: VI.20; Azazel (Asael): V.5.3.10; VI.1; VII.2. B: Baraqiel: V.5.3.9; VI.5; Batarel: V.5.3.12; Bibliografia: XIII.13.2-13.6; Boccaccini, Gabriele: XIII.13.3.2. C: Codex Panopolitanus (Akhmim Fragment): II.2.3.1; XII.12.1.3; XIII.13.5.3; Contra-narrativa mesopotâmica: IV.10; XII.12.2. D: Danel: V.5.3.7; VI.18; Datação: III.3.1; Demonologia: VII.7.8; Dilúvio: IV.4.7.1; Drawnel, Henryk: XIII.13.2.4; Dudael: VII.7.2.2. E: Edições críticas: XIII.13.2; Enoque (figura): VIII.8.0-8.9; Ezeqeel (Chazaqiel): V.5.3.8; VI.7. F: Fontes primárias: II.2.1-2.12; XIII.13.1; Ford, Michael W.: X.10.2.4; XI.11.3; Fröhlich, Ida: XIII.13.3.2. G: Gabriel: I.9.2; VII.7.3; Gadreel: VI.12; Ge'ez (tradição etíope): II.2.1; Genesis 6:1-4: I.1; XIII.13.1.6; Gigantes (ver Nefilins); Grigori: I.4; IX.9.1; Grimórios: X.10.5; XI.11.0-11.11. H: Hebraico (tradição): II.2.5; Hermanai: VI.4; Hermon (Monte): I.8; IV.4.3; Himmelfarb, Martha: XII.12.1.2; XIII.13.4.2. I: Intercessão de Enoque: VIII.8.1-8.3. J: Jacobus, Helen R.: XII.12.1.3; XIII.13.4.2; Jomjael (Yomiel): V.5.3.18; Jubileus (Livro dos): II.2.6; VII.7.9;

Julgamento dos Vigilantes: VII.7.0-7.13. K: Kasdeja (Tamiel): VI.13; Kokabiel: V.5.3.4; VI.6; Koetting, E.A.: XI.11.4. L: Líderes dos Vigilantes (20): V.5.0-5.10; Língua original: III.3.4; Livro dos Gigantes: II.2.7; Lumpkin, Joseph B.: XIII.13.6.1. M: McCarron, Alexander: XII.12.1.1; XIII.13.4.1; Miguel: I.9.1; VII.7.4; Milik, Józef Tadeusz: XIII.13.2.4. N: Nefilins: IV.4.4.2; VII.7.3; Nickelsburg, George W.E.: XIII.13.2.1-13.3.1; Noé: IV.4.7.1; Novo Testamento (influência): I.7.1; VII.7.11. O: Ocultismo (perspectivas): X.10.0-10.9; Orlov, Andrei A.: IX.9.0; XIII.13.3.2- 13.4.1. P: Patrística (influência): I.7.2; Penemue: VI.11. Q: Qumran (fragmentos): II.2.2; XIII.13.2.4. R: Rafael: I.9.3; VII.7.2; Rameel: V.5.3.3; VI.17; Ramiel: V.5.3.6; VI.17; Reed, Annette Yoshiko: XIII.13.3.2; Recursos online: XIII.13.5; Roth, Harold: XI.11.5. S: Samyaza (Shemihazah): V.5.3.1; VI.2; VII.7.4; Samsapeel (Shamsiel): V.5.3.15; VI.8; Sariel (Saraqael): V.5.3.19; VI.9; Satanael (Satanail): I.4; IX.9.2; Satarel: V.5.3.16; Segredos dos Vigilantes: VI.6.0-6.25; Siríaco (tradição): II.2.8; Stuckenbruck, Loren T.: XIII.13.3.3; Syncellus, George: II.2.3.2. T: Tamiel: V.5.3.5; VI.16; Teofania enoquiana: IV.4.1; Templo celestial (visão): VIII.8.2; Torres de Vigia (magia enoquiana): X.10.1; Turel (Turiel): V.5.3.17; XI.11.1. U: Uriel: I.9.4; VII.7.1.2. V: VanderKam, James C.: XIII.13.2.1-13.3.1; Vigilantes (definição): I.1; Visões de Enoque: VIII.8.4. X: XQpapEnoch (fragmento): II.2.2.2. Y: Yeqon: VI.19. Z: Zaqiel: V.5.3.14; Ziqel: VI.14.

13.8 CONCLUSÃO — A JORNADA CONTINUA

Chegamos ao fim deste compêndio sobre os Vigilantes de Enoque — mas, de certa forma, este é apenas o começo. A tradição dos Vigilantes é um campo de estudo que continua a se expandir e a surpreender, com novas descobertas arqueológicas, novas abordagens interpretativas e novas conexões sendo estabelecidas a cada ano.

O que começou como um texto apocalíptico do judaísmo do Segundo Templo — provavelmente composto no século III a.C. como uma resposta às tradições mesopotâmicas dos sábios antediluvianos — tornou-se uma tradição global que

abrange o cristianismo primitivo, o judaísmo rabínico, o Islã, o ocultismo renascentista, a magia cerimonial moderna, a cultura popular contemporânea e muito mais.

Os Vigilantes, estes duzentos anjos que desceram ao Monte Hermon e transgrediram as fronteiras entre o celestial e o terreno, continuam a nos fascinar porque tocam em questões fundamentais da experiência humana: a origem do mal, a natureza do conhecimento, a tensão entre ordem e caos, a possibilidade de redenção, e o destino final da criação.

Que este compêndio sirva como um guia confiável para sua própria jornada através desta tradição fascinante. Que as fontes, bibliografias e recursos aqui oferecidos iluminem seu caminho. E que os Vigilantes — em sua complexidade, ambivalência e poder duradouro — continuem a desafiar, inspirar e transformar todos aqueles que se dedicam a estudá-los.

VIGILANTES · MATERIAL COMPLEMENTAR

APÊNDICE

MATERIAL COMPLEMENTAR

A

O LIVRO DOS GIGANTES — VERSÃO EXPANDIDA

A.1 INTRODUÇÃO — UM TEXTO PERDIDO E REENCONTRADO

O Livro dos Gigantes (em aramaico: ספר גבריא, Sefer Gavriya) é uma das obras mais fascinantes e enigmáticas da literatura do Segundo Templo. Antes das descobertas de Qumran, o livro era conhecido apenas através de fragmentos maniqueístas em persa médio, parta, sogdiano e turco antigo, além de citações em fontes árabes como o Al-Fihrist de Ibn al-Nadim. A descoberta dos fragmentos aramaicos nas cavernas de Qumran revolucionou a compreensão desta obra, revelando sua origem judaica e sua estreita relação com o Livro dos Vigilantes.

O Livro dos Gigantes é "pensado para ter sido baseado no Livro de Enoque" (Stuckenbruck, 1997, p. 3), expandindo a narrativa dos Vigilantes com detalhes sobre a vida, os sonhos e o destino dos gigantes. A obra "conecta mito, teologia e cosmologia antiga" (Reeves, 1992, p. 1), oferecendo uma ponte entre a tradição judaica antiga e as tradições gnósticas e maniqueístas posteriores.

A.2 OS FRAGMENTOS DE QUMRAN — CATÁLOGO COMPLETO

Fragmentos aramaicos do Livro dos Gigantes foram encontrados em múltiplas cavernas de Qumran, abrangendo um período de cerca de 150 anos de produção manuscrita:

- Caverna 1: 1Q19 e 1Q20 (os primeiros fragmentos identificados)
- Caverna 2: 2Q26
- Caverna 4: 4Q203, 4Q530, 4Q531, 4Q532, 4Q533 (o maior conjunto)
- Caverna 6: 6Q8

A composição original do livro é estimada entre 200-150 a.C., com as cópias de Qumran datando de c. 100-50 a.C. O manuscrito 4Q530 é datado do período Hasmoneu (meados do século II a.C.), enquanto 4Q531 e 4Q532 são do final do período Hasmoneu (final do século II a.C.). A edição crítica mais completa foi publicada por Loren T. Stuckenbruck em 1997: The Book of Giants from Qumran: Texts, Translation, and Commentary (Mohr Siebeck).

A.2.1 OS FRAGMENTOS PRINCIPAIS E SEU CONTEÚDO

4Q203 (4QEnGiantsa): O mais antigo dos fragmentos, contém partes da narrativa dos Vigilantes e seus filhos. Preserva a lista dos gigantes, incluindo Ohyah e Hahyah (filhos de Shemihazah) e Mahaway (filho de Baraq'el).

4Q530 (4QEnGiantsb): O fragmento mais completo narrativamente. Contém o famoso "Sonho do Jardim" (Col. ii), onde um gigante vê um jardim sendo destruído por água e fogo. O fragmento também descreve o "Sonho do Trono", onde o gigante Ohyah vê o "Governante dos céus" descer à terra, com tronos erigidos e livros abertos para o julgamento.

4Q531 (4QEnGiantsc): Preserva o discurso de Enoque aos gigantes e suas respostas. Contém a famosa passagem onde os gigantes confessam seus pecados e buscam intercessão.

4Q532 (4QEnGiantsd): Apresenta diálogos entre os gigantes e descrições adicionais dos sonhos proféticos.

4Q533: Fragmentos adicionais.

A.2.2 A NARRATIVA RECONSTRUÍDA

Com base nos fragmentos, Loren Stuckenbruck (1997) reconstruiu a sequência narrativa do livro:

1. A violência dos gigantes: Os gigantes consomem toda a produção da terra, animais e, eventualmente, recorrem ao canibalismo e ao derramamento de sangue. O texto descreve: "A terra produziu todo o grão, todas as árvores, todas as ovelhas e pequenos animais do campo... E eles consumiram tudo".
2. Os sonhos proféticos: Os gigantes recebem sonhos terríveis que predizem sua destruição. Dois sonhos são descritos em detalhe: - O "Sonho do Jardim": um jardim com árvores sendo cortadas até restarem apenas três raízes (simbolizando a sobrevivência de Noé e seus três filhos). "Eu vi jardineiros, e eles estavam regando, e grandes raízes saíram de seus troncos. Observei até que línguas de fogo vieram de..." - O "Sonho do Trono": o "Governante dos céus" desce à terra, tronos são erigidos, e livros são abertos para o julgamento. "O Governante dos céus desceu à terra, e tronos foram erguidos, e o Grande Santo sentou-se. Cem centenas o serviam, mil milhares estavam diante dele. E eis que os livros foram abertos".
3. A missão de Mahaway: Incapazes de interpretar os sonhos, os gigantes enviam Mahaway — que pode voar — como emissário a Enoque, que vive "no fim do mundo". Mahaway voa "como uma das águias selvagens" sobre o mundo habitado e o deserto.
4. A intercessão de Enoque: Enoque interpreta os sonhos como predizendo o Dilúvio — o julgamento de Deus sobre os Vigilantes, os gigantes e toda a carne corrupta. Enoque envia uma mensagem de volta aos gigantes informando que sua petição por misericórdia foi negada.

A.3 O LIVRO DOS GIGANTES NA TRADIÇÃO MANIQUEÍSTA

Mani (c. 216-276 d.C.) compôs um ciclo de narrativas intitulado Kawān em persa médio e parta. Os textos coptas o chamam de Tgrphe nngigas. Em árabe, o título é Sifr al-jababira (Livro dos Gigantes). O Livro dos Gigantes "figura em todas as listas do cânon maniqueísta preservadas da antiguidade".

A.3.1 OS FRAGMENTOS DE TURFAN

Em 1943, W.B. Henning publicou fragmentos de várias versões em persa médio do Livro dos Gigantes, descobertos em Turfan. Os fragmentos de Turfan são de "manuscritos produzidos nos séculos VIII e IX". A região de Turfan é uma área no nordeste da China onde a religião maniqueísta floresceu no início da Idade Média. Arqueólogos alemães e japoneses escavaram a região há mais de um século, encontrando "um tesouro de manuscritos maniqueístas medievais — em geral altamente fragmentários — em dialetos iranianos médios, turco antigo, siríaco e chinês".

Entre as descobertas estavam "fragmentos preciosos do antigo Livro dos Gigantes, traduzidos para o persa médio, sogdiano, parta e turco antigo". Uma tradução em parta também foi argumentada por Enrico Morano. A obra também existiu em copta.

A.3.2 IBN AL-NADIM E O AL-FIHRIST

O estudioso muçulmano Ibn al-Nadim, em seu Al-Fihrist (século X d.C.), fornece informações valiosas sobre o Livro dos Gigantes maniqueísta. Ele lista kawān (sifr al-jababira) entre os livros de Mani. Ibn al-Nadim descreve o conteúdo do livro, incluindo os nomes dos gigantes (Sām, Narīmān, etc.) e suas histórias.

A.3.3 NOVAS EDIÇÕES

O volume Old Testament Pseudepigrapha: More Noncanonical Scriptures, vol. 2 (MOTP2) incluirá, "pela primeira vez, traduções em inglês de todos os fragmentos sobreviventes do Livro dos Gigantes em todos os idiomas listados acima". O volume incluirá traduções dos fragmentos em aramaico, persa médio, parta, sogdiano, turco antigo e outras línguas.

A.4 ESTUDOS RECENTES (2024-2026)

O volume editado por Henryk Drawnel (2024), The Aramaic Books of Enoch and related literature from Qumran (Brill), contém "estudos que exploram o conteúdo e o significado dos manuscritos de Qumran dos Livros Aramaicos de Enoque, do Livro dos Gigantes e da literatura relacionada". Os ensaios "lançam nova luz sobre o léxico, ortografia e gramática dos pergaminhos aramaicos, bem como sua relação com a astronomia esquemática na antiga Mesopotâmia". Os colaboradores examinam "a origem da tradição angelical dos Vigilantes, a relação textual e literária dos pergaminhos aramaicos com o Livro dos Vigilantes, e a culpabilidade da humanidade na propagação do mal na terra de acordo com o mito dos anjos caídos".

A.5 BIBLIOGRAFIA DO LIVRO DOS GIGANTES

- Stuckenbruck, Loren T. The Book of Giants from Qumran: Texts, Translation, and Commentary. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997.
- Milik, Józef Tadeusz. The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- Reeves, John C. Jewish Lore in Manichaean Cosmogony: Studies in the Book of Giants Traditions. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1992.
- García Martínez, Florentino, and Eibert J.C. Tigchelaar. The Dead Sea Scrolls Study Edition. Leiden: Brill, 1997-1998.

- Drawnel, Henryk, ed. The Aramaic Books of Enoch and related literature from Qumran. Leiden: Brill, 2024.
- Henning, W.B. "The Book of the Giants." Bulletin of the School of Oriental and African Studies 11 (1943): 52-74.
- Morano, Enrico. "If They Had Lived..." (argumento para uma tradução em parta do Livro dos Gigantes maniqueísta).

B

A TRADIÇÃO ISLÂMICA — HARUT, MARUT, IBLIS, JINN

B.1 INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NO ALCORÃO

A tradição dos Vigilantes encontra um eco significativo no Islã, particularmente na figura dos dois anjos Harut e Marut (هَارُوت وَمَارُوت) mencionados no Alcorão. Estes dois nomes não aparecem em nenhuma versão canônica das escrituras judaicas ou cristãs que teriam precedido ou sido contemporâneas a Muhammad. A referência corânica é "caracteristicamente concisa": não somos informados sobre quem são estes dois anjos, como chegaram à Babilônia, ou por que se envolveriam na transmissão de conhecimento reprovável à humanidade (Reeves, 2022, p. 1-3).

B.2 O VERSÍCULO CORÂNICO (SURA 2:102)

O versículo 102 da Sura al-Baqarah (A Vaca) é o único lugar no Alcorão onde Harut e Marut são mencionados:

"E eles seguiram o que os demônios recitaram durante o reinado de Salomão. E Salomão não descrê; mas os demônios descreram, ensinando aos homens a magia e o que fora revelado aos dois anjos em Babilônia, Harut e Marut. Eles nunca ensinaram a ninguém sem antes dizer: 'Nós somos apenas uma provação; não incorrais na

incredulidade.' Eles aprenderam com eles aquilo que causava separação entre o homem e sua esposa. Mas eles não podiam prejudicar ninguém exceto com a permissão de Deus." (Alcorão 2:102)

A maioria das leituras do Alcorão dá a grafia malakayn ("os dois anjos") para Harut e Marut.

B.3 A EXEGESE ISLÂMICA — METODOLOGIAS COMPARADAS

Estudos recentes (2026) examinaram as metodologias de quatro dos principais intérpretes corânicos em sua interpretação do versículo sobre Harut e Marut:

B.3.1 AL-TABARI (M. 923 D.C.)

Al-Tabari baseou-se fortemente no significado aparente (literal) dos versículos e no que foi transmitido em hadith e relatos. Ele colecionou uma ampla gama de tradições sobre Harut e Marut, incluindo aquelas de origem isrāʾīliyyāt (tradições judaico-cristãs). Al-Tabari "não acreditava que Harut e Marut fossem anjos que pecaram", interpretando-os como uma provação divina.

B.3.2 AL-RAZI (M. 1209 D.C.)

Al-Razi rejeitou a história de Harut e Marut como falsamente atribuída a Ibn 'Abbas e a rejeitou com base em dois argumentos principais. Ele argumentou que a história "não é repreensível para Deus ter ensinado a dois anjos a magia". Al-Razi enfatizou a infalibilidade dos anjos e rejeitou qualquer sugestão de que anjos pudessem pecar.

B.3.3 AL-QURTUBI (M. 1273 D.C.)

Al-Qurtubi adotou uma posição intermediária, aceitando algumas tradições enquanto rejeitava outras com base em sua consistência com a teologia islâmica. Qurtubi sustenta que Harut e Marut viveram na época de Enoque e que desobedeceram a Deus depois que Ele os enviou.

B.3.4 IBN KATHIR (M. 1373 D.C.)

Ibn Kathir interpretou a história de Harut e Marut de uma "maneira mais moderna de rejeitar as Isrā'īliyyāt". Ele rejeitou as tradições que sugeriam que os anjos poderiam pecar e enfatizou que Harut e Marut eram apenas uma provação de Deus.

B.4 A TRADIÇÃO ISRĀ'ĪLIYYĀT

As narrativas sobre Harut e Marut eram frequentemente tratadas como Isrā'īliyyāt (tradições de origem judaico-cristã) e rejeitadas como desprovidas de valor doutrinário por alguns estudiosos. No entanto, outros as incorporaram em suas exegeses, reconhecendo sua importância para compreender o contexto bíblico do versículo.

B.5 A CONEXÃO COM A TRADIÇÃO ENOQUIANA

Estudiosos ocidentais que estudaram o "Conto de Harut e Marut" e lidaram com seus análogos literários "frequentemente apontaram para os materiais parascripturais judaicos e cristãos que envolvem a figura enigmática de Enoque e, em particular, para uma curiosa narrativa aggádica medieval judaica conhecida" (Reeves, 2015).

A pesquisa de John C. Reeves demonstrou que não é o conto enoquiano da descida dos anjos que é pressuposto pelo "Conto de Harut e Marut" muçulmano. Em vez disso, a tradição islâmica depende de uma tradição diferente, possivelmente relacionada ao Livro dos Jubileus ou a outras fontes parascripturais.

B.6 AL-KALBI E A CONEXÃO COM 3 ENOQUE

Al-Kalbi (737-819 d.C.) "reconciliou a narrativa corânica com fontes não islâmicas anteriores, mencionando três anjos descendo à terra, e dando-lhes os nomes do Terceiro Livro de Enoque". Ele explicou que um deles retornou ao céu porque se arrependeu.

B.7 A FIGURA DE IBLIS

A figura de Iblis (إبليس) no Alcorão tem paralelos com a tradição de Satanail em 2 Enoque. Iblis é o anjo (ou jinn) que se recusou a se prostrar diante de Adão (Alcorão 2:34, 7:11, 15:31, 18:50, 20:116), resultando em sua queda.

B.8 BIBLIOGRAFIA DA TRADIÇÃO ISLÂMICA

- al-Tabari. Tafsir al-Tabari. Ed. M. Shakir. Cairo: Dar al-Ma'arif, 1954.
- al-Razi, Muhammad b. Umar. Mafatih al-Ghayb. Beirut: Dar Ihya al-Turath al-Arabi, 1990.
- al-Qurtubi. al-Jami' li-Ahkam al-Qur'an. Cairo: Dar al-Kutub al-Misriyya, 1964.
- Ibn Kathir. Tafsir Ibn Kathir. Riyadh: Dar al-Salam, 2000.
- Reeves, John C. "Some parascriptural dimensions of the 'Tale of Harut wa-Marut'." The Free Library, 2015.

- Mohamad Salman Bin Mohamed Ali. "مناهج المفسرين في تأويل آية هاروت وماروت: دراسة مقارنة في ضوء عصمة الملائكة" (Exegetical Approaches to the Verse of Hārūt and Mārūt: A Comparative Study in Light of Angelic Infallibility). Al-Burhan 10, no. 1 (2026).
- Lala, I. "Zamakhshari, Al-Razi, Al-Qurtubi and Ibn Katthir." QURANICA, 2012.

C

A TRADIÇÃO RABÍNICA — MIDRASH, TALMUD, EXEGESE

C.1 INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NO JUDAÍSMO RABÍNICO

A tradição dos Vigilantes, embora não seja canônica no judaísmo rabínico, exerceu uma influência significativa sobre a literatura rabínica posterior, particularmente no Midrash e no Talmude. A figura dos anjos caídos, associada a Shemhazai (Shemihazah) e Azael (Azazel), foi reinterpretada pelos rabinos como um aviso contra a hibridização e a transgressão de fronteiras.

C.2 O MIDRASH DE SHEMHAZAI E AZAEL (BERESHIT RABBATI)

A tradição mais importante dos Vigilantes no judaísmo rabínico é o "Midrash de Shemhazai e Azael" (מדרש שמחזאי ועזאל), encontrado em Bereshit Rabbati, um midrash do século XI ou XII atribuído a R. Moses ha-Darshan de Narbonne.

C.2.1 A HISTÓRIA DO MIDRASH

O Midrash narra que Shemhazai e Azael eram anjos que, vendo a humanidade pecar, pediram a Deus para descer à Terra e restaurar a ordem. Deus os advertiu de que, se descessem, seriam corrompidos como os humanos. Eles insistiram e desceram. Shemhazai foi seduzido por uma mulher chamada Istahar (ou 'Asterah), e Azael se corrompeu.

C.2.2 O PAPEL DE ISTAHAR

Istahar, a mulher que Shemhazai desejou, disse a ele: "Não te obedecerei até que me ensines o Nome Inexprimível, aquele que quando pronunciado ascendes ao Céu." Ele imediatamente a ensinou, ela o pronunciou e ascendeu ao Céu. Deus disse: "Já que ela se manteve pura do pecado, farei dela um exemplo para que seja lembrada no mundo".

C.2.3 O ARREPENDIMENTO DE SHEMHAZAI

Uma diferença crucial entre o Midrash e o Livro dos Vigilantes é o destino dos dois anjos. No Midrash, "Shemhazai se arrependeu e se suspendeu entre o céu e a terra". "Azael, no entanto, não se arrependeu". Esta distinção reflete a ênfase rabínica na possibilidade de arrependimento e na responsabilidade individual.

C.2.4 O PAPEL DE METATRON

O Midrash menciona que "Deus enviou Metatron como mensageiro a Shemhazai", estabelecendo uma conexão entre a tradição dos Vigilantes e a tradição mística de Enoque-Metatron que é central em 3 Enoque.

C.3 O TALMUDE BABILÔNICO (YOMA 67B)

O Talmude Babilônico (Yoma 67b) conecta Azazel ao "assunto de Uza e Azael" (ענין עוזא ועזאל). A referência é breve, mas atesta que a tradição dos anjos caídos era conhecida e discutida no período talmúdico (séculos III-V d.C.).

C.4 VERSÕES HEBRAICAS NEGLIGENCIADAS

Estudos recentes (2022) têm chamado atenção para "versões hebraicas negligenciadas dos mitos dos dois anjos caídos", indicando que a tradição dos Vigilantes sobreviveu em múltiplas formas no judaísmo medieval que ainda não foram totalmente exploradas pela pesquisa acadêmica.

C.5 BIBLIOGRAFIA DA TRADIÇÃO RABÍNICA

- Albeck, Hanokh, ed. Midrash Bereshit Rabbati. Jerusalem: Mekitze Nirdamim, 1940.
- Milik, Józef Tadeusz. The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford: Clarendon Press, 1976 (contém tradução do Midrash de Shemhazai e Azael).
- Reeves, John C. "Midrash Shemhazai and Azael (English Translation)." University of North Carolina at Charlotte.
- Ginzberg, Louis. The Legends of the Jews. 7 vols. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1909-1938.
- "On Neglected Hebrew Versions of Myths of the Two Fallen Angels." Entangled Religions 13.6 (2022).

D

GNOSTICISMO E MANIQUEÍSMO

D.1 INTRODUÇÃO — A RECEPÇÃO VALENTINIANA

A tradição dos Vigilantes influenciou o gnosticismo, particularmente a escola valentiniana. Os gnósticos reinterpretaram a narrativa dos anjos caídos como uma alegoria da queda da alma divina no mundo material.

D.2 VALENTINO E O FRAGMENTO 1 (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, STROMATA II.36.2-4)

Estudos recentes (2023) demonstraram de forma conclusiva que o Fragmento 1 de Valentino (preservado por Clemente de Alexandria em Stromata II.36.2-4) "depende de forma coerente e estrutural do texto grego do Livro dos Vigilantes".

D.2.1 A DEPENDÊNCIA TEXTUAL

Valentino utiliza expressões específicas do Livro dos Vigilantes, incluindo o uso "técnico" do termo φόβος ("medo") e do verbo ἀφανίζω ("destruir"; "desfigurar"). Estas expressões não são acidentais; elas refletem uma leitura cuidadosa e uma apropriação deliberada do texto enoquiano.

D.2.2 A NARRATIVA ANTROPOGÔNICA

O objetivo de Valentino ao utilizar o Livro dos Vigilantes era "dar expressão à sua própria interpretação sem precedentes do evento cristão". A narrativa antropogônica (sobre a origem da humanidade) de Valentino baseia-se na estrutura da queda dos anjos descrita no Livro dos Vigilantes.

D.2.3 LIMITES DA REUTILIZAÇÃO

O estudo também ilumina "as razões e os limites da reutilização do material enoquiano na produção valentiniana existente". Nem todo o material enoquiano foi adotado; apenas aqueles elementos que serviam à teologia valentiniana foram incorporados.

D.3 A RECEPÇÃO COPTA DE 1 ENOQUE

A recepção copta de 1 Enoque inclui evidências manuscritas da tradição enoquiana em textos coptas, bem como uma pesquisa mais específica sobre a "Exposição Valentiniana" (NHC XI, 2) e os chamados "Fragmentos Litúrgicos" (NHC XI, 2a-e).

D.4 O MANIQUEÍSMO E O LIVRO DOS GIGANTES

Conforme detalhado na Seção A, o maniqueísmo adaptou o Livro dos Gigantes para sua cosmologia dualista. Mani via os gigantes como símbolos da luz divina aprisionada na matéria. A destruição dos gigantes no dilúvio era vista como um passo necessário para a libertação da luz.

D.4.1 AS FONTES MANIQUEÍSTAS

O Livro dos Gigantes maniqueísta é conhecido a partir de: - Fragmentos em persa médio e parta de Turfan - Fragmentos em sogdiano e turco antigo - O Códice de Mani de Colônia (Cologne Mani Codex) - Fontes heresiológicas siríacas e árabes

D.5 BIBLIOGRAFIA DO GNOSTICISMO E MANIQUEÍSMO

- Berno, Francesco. "The Reception of the Book of the Watchers in Valentinus's Fragment 1 (Clement of Alexandria, Stromata II.36.2-4)." Gnosis 8 (2023): 54-73.
- Reeves, John C. Jewish Lore in Manichaean Cosmogony: Studies in the Book of Giants Traditions. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1992.
- Robinson, James M., ed. The Nag Hammadi Library in English. San Francisco: Harper & Row, 1977.

E

CULTURA POPULAR (2024-2026)

E.1 INTRODUÇÃO — OS VIGILANTES NO IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO

A narrativa dos Vigilantes, dos Nefilins e do Livro de Enoque continua a permear a cultura popular em todo o mundo. A ressonância duradoura deste mito ancestral é evidente em novas produções literárias, cinematográficas, televisivas e musicais. Esta seção atualiza e expande a seção 1.7.6 do material principal, com foco no período de 2024 a 2026.

E.2 CINEMA (2024-2026)

E.2.1 "The Watchers" (2024)

Dirigido por Ishana Night Shyamalan (filha de M. Night Shyamalan), o filme é baseado no romance de A.M. Shine. O título é "um termo do Livro de Enoque referindo-se a seres meio-angélicos". O filme foi lançado em 7 de junho de 2024. O filme segue uma jovem artista que fica presa em uma floresta na Irlanda, perseguida por criaturas misteriosas. Embora a trama não siga diretamente a narrativa enoquiana, o título e a temática de vigilância noturna ecoam a tradição dos Vigilantes.

E.2.2 "The World Before the Flood" (2025)

Um filme bíblico épico que apresenta "os Vigilantes, os gigantes Nefilins, a corrupção da humanidade e a escolha de Deus por Noé para preservar a vida". O filme é "inspirado no Livro de Enoque, Gênesis 6 e nas mais antigas tradições bíblicas".

E.2.3 "Enoch — The Fall of the Watchers" (2026)

Baseado nos "escritos antigos atribuídos a Enoque, preservados por séculos nas tradições judaicas e cristãs primitivas". O filme "captura a criação do mundo e a queda catastrófica dos Vigilantes angélicos", cujas ações "levaram à ascensão dos Nefilins".

E.2.4 "Nephilim" (2025)

Um filme que revela "os segredos ocultos do Livro de Gênesis, contando a história da ascensão dos Vigilantes". O filme se tornou "o mais comentado".

E.3 LITERATURA (2024-2026)

- "The Watchers" (A.M. Shine, 2024): O romance que serviu de base para o filme de 2024.
- "The Fallen and The Chosen" (J.N. Nartey, 2025): Uma fantasia épica sombria ambientada no tempo antes do Grande Dilúvio, quando "seres celestiais conhecidos como os Vigilantes andavam entre a humanidade".
- "Noah Primeval" (Brian Godawa, 2024): Uma recontagem especulativa da história de Noé, onde "anjos caídos chamados Vigilantes governam como deuses e geram gigantes chamados Nefilins".

E.4 SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS (2024-2026)

- "The Book of Enoch: The Complete Series" (2026): Uma série documental de 6 episódios "cobrindo tudo o que o cânon deixou de fora".
- "On the Trail of the Nephilim" (L.A. Marzulli, 2024-2026): Uma série documental que "descobre evidências surpreendentes de que houve um encobrimento massivo do que ele acredita serem os restos dos Nefilins".
- "Watchers 8" (2026): A mais recente parcela da série documental de L.A. Marzulli, revelando "artefatos antigos e estruturas megalíticas".

E.5 PODCASTS (2024-2026)

- "Arcane Creations: How We Become Like Fallen Angels" (2025): Explora "as conexões ocultas entre os Vigilantes, as Fadas, os espíritos Nefilins, clones e magia glamour".
- "Elongated Skulls & the Genesis" (2024): L.A. Marzulli analisa "a guerra genética de eras passadas onde 'Os Vigilantes' (anjos caídos) desceram à órbita da Terra, assumiram forma humana e procriaram com as mulheres da terra".

E.6 BIBLIOGRAFIA DA CULTURA POPULAR

- Shine, A.M. The Watchers. London: Headline, 2024.
- Nartey, J.N. The Fallen and The Chosen. 2025.
- Godawa, Brian. Noah Primeval. Chronicles of the Nephilim, vol. 1. 2024.
- Marzulli, L.A. On the Trail of the Nephilim (série documental, 2024-2026).

F

TABELAS SINÓTICAS EXPANDIDAS

F.1 TABELA COMPARATIVA DOS FRAGMENTOS DO LIVRO DOS GIGANTES

MANUSCRITO	DATAÇÃO	CONTEÚDO PRINCIPAL
4Q203	c. 100 a.C.	Lista dos gigantes; narrativa dos Vigilantes e seus filhos
4Q530	c. 100-50 a.C.	Sonho do Jardim; Sonho do Trono; missão de Mahaway a Enoque
4Q531	c. 100-50 a.C.	Discurso de Enoque; resposta dos gigantes
4Q532	c. 100-50 a.C.	Diálogos entre os gigantes
4Q533	c. 100-50 a.C.	Fragmentos adicionais
1Q19/1Q20	c. 100-50 a.C.	Fragmentos da Caverna 1
2Q26	c. 100-50 a.C.	Fragmento da Caverna 2
6Q8	c. 100-50 a.C.	Fragmento da Caverna 6

F.2 TABELA COMPARATIVA DAS INTERPRETAÇÕES DE HARUT E MARUT

EXEGETA	POSIÇÃO SOBRE HARUT E MARUT
al-Tabari (m. 923)	Baseou-se no significado literal e em hadith; coletou

EXEGETA	POSIÇÃO SOBRE HARUT E MARUT
	amplas tradições isrāʾīliyyāt; não acreditava que
	fossem anjos que pecaram
al-Razi (m. 1209)	Rejeitou a história como falsa; argumentou que não é
	repreensível para Deus ensinar magia a anjos
al-Qurtubi	Posição intermediária; aceitou algumas tradições
(m. 1273)	enquanto rejeitava outras; Harut e Marut viveram na
	época de Enoque
Ibn Kathir	Rejeitou as Isrāʾīliyyāt; interpretação mais moderna
(m. 1373)	da história

F.3 TABELA COMPARATIVA — VIGILANTES NO JUDAÍSMO × CRISTIANISMO × ISLÃ

TRADIÇÃO	CARACTERÍSTICAS DA RECEPÇÃO
Judaísmo Rabínico	Rejeição do Livro de Enoque; Midrash de Shemhazai e
	Azael com ênfase no arrependimento; Shemhazai se
	arrepende, Azael não
Cristianismo	Citação em Judas e Pedro; patrística (Tertuliano,
Primitivo	Orígenes); ênfase no julgamento dos anjos
Islã	Harut e Marut como provação; Iblis como jinn;
	Al-Kalbi conecta a narrativa a 3 Enoque

F.4 CRONOLOGIA DA TRADIÇÃO DOS VIGILANTES — ATUALIZADA

DATA	EVENTO / TEXTO
c. 300 a.C.	Composição do núcleo do Livro dos Vigilantes (1 En. 6-11)
c. 250 a.C.	Composição das visões de Enoque (1 En. 17-36)

DATA	EVENTO / TEXTO
c. 200 a.C.	Tradução para o grego (primeira tradução)
c. 200 a.C.	Livro dos Jubileus (versão paralela)
c. 200-150 a.C.	Composição do Livro dos Gigantes
séc. II-I a.C.	Cópias aramaicas em Qumran (4Q201-207, 4Q203, 4Q530-533)
séc. I d.C.	2 Enoque (tradição eslava)
séc. I d.C.	Citação em Judas 14-15 (Novo Testamento)
séc. II-IV d.C.	Citações patrísticas (Justino, Tertuliano, Orígenes)
séc. III d.C.	Mani compõe o Livro dos Gigantes maniqueísta (Kawān)
séc. V d.C.	3 Enoque (mística Merkavah)
737-819 d.C.	Al-Kalbi conecta Harut e Marut a 3 Enoque
séc. X d.C.	Ibn al-Nadim, Al-Fihrist (menção ao Livro dos Gigantes)
1773	James Bruce leva manuscritos ge'ez à Europa
1800	Silvestre de Sacy: primeira tradução latina
1838	Richard Laurence: primeira edição completa ge'ez
1851	August Dillmann: edição crítica ge'ez
1906	R.H. Charles: edição padrão (26 manuscritos)
1943	W.B. Henning: publicação dos fragmentos de Turfan
1947-1956	Descoberta dos fragmentos de Qumran
1976	J.T. Milik: edição dos fragmentos aramaicos
1997	L.T. Stuckenbruck: edição crítica do Livro dos Gigantes
2004	Descoberta do fragmento XQpapEnoch
2009	Descoberta de fragmentos coptas de 2 Enoque
2019	Henryk Drawnel: edição crítica atualizada dos aramaicos
2023	Francesco Berno: Valentino e o Livro dos Vigilantes
2024	Henryk Drawnel, ed.: The Aramaic Books of Enoch
2024	"The Watchers" (filme de Ishana Night Shyamalan)
2025	"The World Before the Flood" (filme)
2026	"Enoch — The Fall of the Watchers" (filme)

G

GLOSSÁRIO EXPANDIDO

G.1 TERMOS ARAMAICOS E HEBRAICOS

- ספר גבריא (Sefer Gavriya): Livro dos Gigantes
- מהרה רבא (mahra rabba): O grande deserto — a jornada de Mahaway a Enoque
- אהיה (Ahyah) / אהוה (Ohyah): Nomes dos gigantes, filhos de Shemihazah
- מהבי (Mahaway): Nome do gigante emissário a Enoque
- שמחזאי (Shemhazai): Nome rabínico para Shemihazah (líder dos Vigilantes)
- עזאל (Azael): Nome rabínico para Azazel
- אסתהר (Istahar): A mulher que ascendeu ao céu no Midrash

G.2 TERMOS GREGOS

- φόβος (phobos): Medo — termo usado tecnicamente por Valentino
- ἀφανίζω (aphanizō): Destruir; desfigurar — termo usado por Valentino
- Στοιχεῖα (stoicheia): Elementos — termo cosmológico em textos gnósticos

G.3 TERMOS ÁRABES

- إسرائيليات (Isrāʾīliyyāt): Tradições de origem judaico-cristã
- سحر (siḥr): Magia — o que Harut e Marut ensinaram
- ملكين (malakayn): Os dois anjos — Harut e Marut

- هاروت وماروت (Harut wa Marut): Os dois anjos da Babilônia
- إبليس (Iblis): O diabo (do grego διάβολος)
- جن (jinn): Seres de fogo / espíritos
- جبابرة (jababira): Gigantes (Livro dos Gigantes)

G.4 TERMOS ESLAVOS

- Григори (Grigori): Vigilantes (transliteração do grego)
- Сатанаилъ (Satanail): Satanael / líder dos Grigori

G.5 TERMOS PERSA MÉDIO E PARTA

- Kawān: O Livro dos Gigantes de Mani (persa médio)
- Sifr al-jababira: Livro dos Gigantes (árabe, do persa médio)

VIGILANTES · REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

FONTES PRIMÁRIAS

1 Enoque (Livro dos Vigilantes) — Capítulos 1-36

2 Enoque (Enoque Eslavo) — Segredos de Enoque

3 Enoque (Enoque Hebraico) — Apocalipse Hebraico de Enoque

Gênesis 6:1-4

Livro dos Jubileus

Livro dos Gigantes (fragmentos de Qumran e maniqueístas)

Alcorão — Sura 2:102

EDIÇÕES CRÍTICAS E TRADUÇÕES

Nickelsburg, George W.E., and James C. VanderKam. 1 Enoch: A New Translation, based on the Hermeneia Commentary. Minneapolis: Fortress Press, 2004.

Nickelsburg, George W.E. 1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1-36; 81-108. Hermeneia. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

Charles, Robert Henry. The Book of Enoch: Translated from Professor Dillmann's Ethiopic Text. Oxford: Clarendon Press, 1893.

Knibb, Michael A. The Ethiopic Book of Enoch: A New Edition in the Light of the Aramaic Dead Sea Fragments. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1978.

Orlov, Andrei A., and Gabriele Boccaccini, eds. New Perspectives on 2 Enoch: No Longer Slavonic Only. Studia Judaeoslavica 4. Leiden: Brill, 2012.

Odeberg, Hugo. 3 Enoch or The Hebrew Book of Enoch. Cambridge: Cambridge University Press, 1928.

Milik, Józef Tadeusz. The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford: Clarendon Press, 1976.

Drawnel, Henryk. Qumran Cave 4: The Aramaic Books of Enoch, 4Q201, 4Q202, 4Q204, 4Q205, 4Q206, 4Q207, 4Q212. Oxford: Oxford University Press, 2019.

Stuckenbruck, Loren T. The Book of Giants from Qumran: Texts, Translation, and Commentary. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997.

ESTUDOS ACADÊMICOS

Reed, Annette Yoshiko. Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Orlov, Andrei A. Divine Mysteries in the Enochic Tradition. Berlin: De Gruyter, 2023.

Orlov, Andrei A. Dark Mirrors: Azazel and Satanael in Early Jewish Demonology. Albany: SUNY Press, 2011.

Boccaccini, Gabriele, ed. Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.

Kvanvig, Helge S. Primeval History: Babylonian, Biblical, and Enochic: An Intertextual Reading. Leiden: Brill, 2011.

Himmelfarb, Martha. The Apocalypse: A Brief History. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

Bhayro, Siam. The Shemihazah and Asael Narrative of 1 Enoch 6-11. Münster: Ugarit-Verlag, 2005.

Fröhlich, Ida. The Figures of the Watchers in the Enochic Tradition (1-3 Enoch). Henoch 33 (2011).

ESTUDOS RECENTES (2024-2026)

McCarron, Alexander. Textual Evolution and Growth of the Enochic Theophany in the Book of the Watchers 1:1–9. Leiden: Brill, 2024.

Orlov, Andrei A. Cursed Creation in the Book of Job and the Book of the Watchers. Leiden: Brill, 2026.

Himmelfarb, Martha. "The Greek Translation of Enoch's Journeys to the Ends of the Earth and the Redaction of the Book of the Watchers." Dead Sea Discoveries (2025).

Jacobus, Helen R. "The influence of ancient Jewish scribal practices on Codex Panopolitanus." Journal for the Study of the Pseudepigrapha (2026).

Hernández-Valencia, Sebastián. "¿Qué hay en los nombres de los vigilantes henóquicos?" Teología y Vida 66, no. 2 (2025).

Roth, Harold. The Forbidden Knowledge of the Book of Enoch: The Watchers, Nephilim, Fallen Angels, and the End of the World. Weiser Enochian Library, 2024.

Drawnel, Henryk, ed. The Aramaic Books of Enoch and related literature from Qumran. Leiden: Brill, 2024.

GRIMÓRIOS E OBRAS OCULTAS

The Secret Grimoire of Turiel (atrib. 1518)

Ford, Michael W. Fallen Angels: Watchers and the Witches Sabbat. 2017.

Ford, Michael W. Adversarial Light: Magick of the Nephilim. 2009.

Koetting, E.A. The Book of Azazel: Grimoire of the Damned. 2012/2021.

Connolly, S. AZAZEL: Steal Fire From The Gods.

Di Murbox, Tesla (Frater Sauthenerom). Magia de Azazel.

Petrucelly, Enoch B. Enoch's Book Of Sigils. 2016.

Doyle, Ciara. The Book of Dark Angels.

VIGILANTES · CONSULTA RÁPIDA

ÍNDICE

ÍNDICE REMISSIVO

Apkallus (tradição mesopotâmica): Parte IV, 4.10; Apêndice A

Araqiel (Arakiel): Parte V, 5.3.2; Parte VI, 6.10

Arcanjos (Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel): Parte I, 1.9; Parte IV, 4.6; Parte VII, 7.1-7.4

Armaros: Parte V, 5.3.11; Parte VI, 6.3

Artefoph (Arteqoph): Parte VI, 6.15

Asael (ver Azazel)

Asbeel: Parte VI, 6.20

Azazel (Asael): Parte V, 5.3.10; Parte VI, 6.1; Parte VII, 7.2; Apêndice A, C

Baraqiel: Parte V, 5.3.9; Parte VI, 6.5

Batarel: Parte V, 5.3.12

Codex Panopolitanus (Akhmim Fragment): Parte II, 2.3.1; Parte XII, 12.1.3; Apêndice G

Contra-narrativa mesopotâmica: Parte IV, 4.10; Parte XII, 12.2; Apêndice A

Danel: Parte V, 5.3.7; Parte VI, 6.18

Datação: Parte III, 3.1

Demonologia: Parte VII, 7.8; Apêndice A

Dilúvio: Parte IV, 4.7.1; Apêndice A

Dudael: Parte VII, 7.2.2

Enoque (figura): Parte VIII, 8.0-8.9

Ezeqeel (Chazaqiel): Parte V, 5.3.8; Parte VI, 6.7

Gadreel: Parte VI, 6.12

Ge'ez (tradição etíope): Parte II, 2.1

Genesis 6: 1-4: Parte I, 1.1

Grigori: Parte I, 1.4; Parte IX, 9.1

Grimórios: Parte X, 10.5; Parte XI, 11.0-11.11

Harut e Marut: Apêndice B

Hermanai: Parte VI, 6.4

Hermon (Monte): Parte I, 1.8; Parte IV, 4.3

Iblis: Apêndice B

Intercessão de Enoque: Parte VIII, 8.1-8.3

Jomjael (Yomiel): Parte V, 5.3.18

Jubileus (Livro dos): Parte II, 2.6; Parte VII, 7.9

Julgamento dos Vigilantes: Parte VII, 7.0-7.13

Kasdeja (Tamiel): Parte VI, 6.13

Kokabiel: Parte V, 5.3.4; Parte VI, 6.6

Livro dos Gigantes: Parte II, 2.7; Apêndice A

Mastema: Parte II, 2.6; Parte VII, 7.9

Metatron: Parte II, 2.5; Parte VIII, 8.9; Apêndice C

Nefilins: Parte IV, 4.4.2; Parte VII, 7.3

Penemue: Parte VI, 6.11

Qumran (fragmentos): Parte II, 2.2

Rameel: Parte V, 5.3.3; Parte VI, 6.17

Ramiel: Parte V, 5.3.6; Parte VI, 6.17

Samyaza (Shemihazah): Parte V, 5.3.1; Parte VI, 6.2; Parte VII, 7.4

Samsapeel (Shamsiel): Parte V, 5.3.15; Parte VI, 6.8

Sariel (Saraqael): Parte V, 5.3.19; Parte VI, 6.9

Satanael (Satanail): Parte I, 1.4; Parte IX, 9.2

Satarel: Parte V, 5.3.16

Segredos dos Vigilantes: Parte VI, 6.0-6.25

Syncellus, George: Parte II, 2.3.2

Tamiel: Parte V, 5.3.5; Parte VI, 6.16

Teofania enoquiana: Parte IV, 4.1

Torres de Vigia (magia enoquiana): Parte X, 10.1

Turel (Turiel): Parte V, 5.3.17; Parte XI, 11.1

Yeqon: Parte VI, 6.19

Zaqiel: Parte V, 5.3.14

Ziqel: Parte VI, 6.14

2 Enoque (tradição eslava): Parte IX, 9.0-9.12

3 Enoque (tradição hebraica): Parte II, 2.5

VIGILANTES · ENCERRAMENTO

POSFÁCIO

POSFÁCIO

Ao longo destas páginas, percorremos a tradição dos Vigilantes em toda a sua complexidade — desde a estrutura hierárquica dos anjos caídos, passando pela narrativa da queda, pelos segredos proibidos, pelo julgamento divino, até as reinterpretações em 2 Enoque, no Islã, no judaísmo rabínico, no gnosticismo e no ocultismo ocidental.

O que começou como um conjunto de textos aramaicos produzidos no judaísmo do Segundo Templo tornou-se uma tradição global que atravessou milênios, línguas e fronteiras religiosas. Os Vigilantes — estes duzentos anjos que desceram ao Monte Hermon e transgrediram as fronteiras entre o celestial e o terreno — continuam a nos fascinar porque tocam em questões fundamentais da experiência humana: a origem do mal, a natureza do conhecimento, a tensão entre ordem e caos, a possibilidade de redenção, e o destino final da criação.

Este compêndio não pretende ser a palavra final sobre o assunto — longe disso. A pesquisa sobre a tradição dos Vigilantes continua a evoluir, com novas descobertas manuscritas, novas abordagens interpretativas e novas conexões sendo estabelecidas a cada ano. O volume MOTP2 (Old Testament Pseudepigrapha: More Noncanonical Scriptures, vol. 2), por exemplo, promete trazer à luz novas traduções de fragmentos do Livro dos Gigantes em persa médio, parta, sogdiano e turco antigo. Os estudos sobre a recepção valentiniana da tradição enoquiana continuam a se aprofundar. A arqueologia da região do Monte Hermon ainda pode revelar segredos que enriquecerão nossa compreensão do local do juramento.

Que este livro sirva como um mapa para aqueles que desejam navegar por este território fascinante — e como um convite para que se juntem à jornada de descoberta contínua.

A tradição dos Vigilantes não é um fenômeno estático do passado. Ela é uma tradição viva que continua a inspirar, desafiar e transformar aqueles que se dedicam a estudá-la. Que ela continue a ecoar através das eras, lembrando-nos de que o conhecimento — mesmo o proibido — é uma chama que não pode ser extinta.

Adriano Benedet 2026

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: OS VIGILANTES — Rituais, Sistemas e Dados

SUBTÍTULO: Uma Obra de Referência Completa sobre a Tradição dos Anjos Caídos do Livro de Enoque

AUTOR: Adriano Benedet

EDIÇÃO: 1ª edição

ANO: 2026

FORMATO: Digital / Impressão sob demanda

Este livro é uma obra independente, sem vínculo com qualquer editora formal. Seu conteúdo é fruto de pesquisa acadêmica e prática espiritual, destinado a estudiosos, ocultistas e buscadores do conhecimento.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS — Adriano Benedet, 2026

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte.